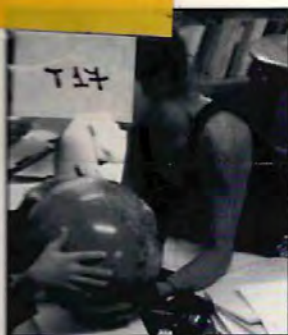


Ana Paula Portella
Taciana Gouveia

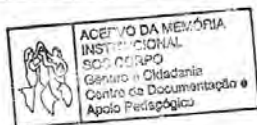


Idéias e dinâmicas
para trabalhar com gênero

Centro de Documentação e
Apoio Pedagógico
SOS Corpo Gênero e Cidadania
Rua Real da Torre, 593
Madalena - Recife - PE
CEP: 50810-000 Fone: 4402686

DADOS DO SDI

Registro entrada _____
Registro documento 1507
Classificação PA 1.1.1



Ana Paula Portella
Taciana Gouveia

Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero



Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero

Edição

SOS Corpo Gênero e Cidadania
Rua Real da Torre, 593 Madalena Recife PE
Tel: 081-445.2086 / Fax: 081-445.1905
e-mail: sos@soscorpo.org.br

Conselho Editorial

Maria Betânia Ávila, Solange Rocha e Taciana Gouveia

Revisão

Fátima Ferreira

Produção Executiva

Fátima Ferreira

Fotos da Capa

Ana Dourada

(Reunião do Women's Health Centers Network, Recife 1992)

Projeto Gráfico

Celiana Araújo

Editoração Eletrônica

Ute Feldmann

Impressão

GCL Gráfica Ltda. e Editora Ltda.

Tiragem

800 exemplares

Apoio

Fundação Ford

NOVIB

DED

2ª Edição

Recife, dezembro 1999

Índice

Apresentação	5
Introdução: Feminismo, Educação e Gênero	11
Exercícios	
01. A Árvore	31
02. A Primeira Opressão a Gente Nunca Esquece...	33
03. Análise de Indicadores Sociais	35
04. Anjos Protetores	39
05. Avaliação de Atividade	41
06. Avaliação de Conteúdo	43
07. Avaliando a Nossa Oficina	44
08. Cerimônias de Casamento	47
09. Como é a Minha Organização?	51
10. Conhecendo a Nossa Identidade	55
11. Construindo a Identidade Coletiva	57
12. Cotidiano	59
13. Credenciamento Coletivo	63
14. Duas ou Três Coisas que Eu Sei sobre Elas e Eles	65
15. Escute Essa Canção...	69
16. Estava Escrito	71
17. Expectativas, Recelos e Desejos	77
18. Gênero e Família	79
19. Gênero de Instituições Sociais	83
20. Imagens de Homens e Mulheres na Comunicação	85
21. Imagens de Mulheres e Homens	87
22. Incorporação da Abordagem de Gênero em Projetos	89
23. Já Trabalho com Mulheres e/ou com Gênero. E Daí?	91
24. Liberação x Repressão: Por Onde Caminha a Sexualidade?	93
25. Linha da Vida Institucional	97
26. Linha da Vida Política	99
27. Meninos e Meninas	101
28. Mulheres e Homens na Minha Comunidade	103
29. Na Boca do Povo	105
30. O Jogo do Censo	109
31. O Jogo do Compromisso	113
32. O Jogo do Diamante	117
33. O Jogo do Empoderamento	123
34. O Jogo do Sexo e do Gênero	127
35. Os Quatro Elementos	129
36. Para Não Dizer que Não Falamos das Flores e dos Espinhos	131
37. Participação Política das Mulheres	133
38. Pessoas que Admiro	135
39. Por Onde Começar um Trabalho com Mulheres?	137
40. Princípios e Atividades	139
41. Prioridades de Gênero e Mulheres	141
42. Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?	145

Apresentação

Este é o manual **Idéias e Dinâmicas para Trabalhar com Gênero** que reúne alguns dos materiais com os quais o SOS CORPO vem trabalhando nesta área ao longo de seus 18 anos de existência. O SOS CORPO Gênero e Cidadania é uma organização da sociedade civil brasileira fundada em 1981 com a finalidade de promover a cidadania das mulheres. Oriunda do movimento feminista e localizada no Nordeste do Brasil, o SOS CORPO fundamenta sua intervenção social nos valores do feminismo e tem na educação, pesquisa, comunicação e articulação política, os seus principais tipos de atividades.

Este manual é o resultado de diferentes intervenções educativas desenvolvidas nestes últimos anos, especialmente junto às mulheres de baixa renda, mas também junto a adolescentes, grupos mistos ligados a movimentos sociais diversos, profissionais de saúde e equipes técnicas de ONGs em todo Brasil. Estes processos foram - e são - muito variados. Trabalhamos com atividades pontuais, através de oficinas de um a três dias, com ciclos de capacitação de médio prazo e assessorias para a formação de longo prazo, especialmente nos campos de gênero e desenvolvimento e da saúde reprodutiva. Neste percurso experimentamos muito. Utilizamos referências de grupos feministas latino-americanos, manuais de treinamento de feministas européias e norte-americanas e aprendemos muito com a experiência de grupos populares de mulheres aqui mesmo no Brasil. A partir destas fontes fomos, pouco a pouco, criando uma forma própria de fazer educação com mulheres que, no entanto, não estava organizada em lugar algum e registrada apenas de modo fragmentado nos muitos relatórios e apostilas que espalhamos por aí. Este manual é uma forma de organizar e disponibilizar um pouco da nossa experiência nesta área.

Por ser resultado de uma experiência não é possível indicar, de modo inequívoco, uma autoria para este manual. O seu conteúdo foi construído a partir das ações das equipes de educação, saúde e direitos reprodutivos e gênero e desenvolvimento do SOS CORPO. Por estas equipes passaram muitas profissionais, de 1981 até hoje, e a elas agradecemos a sua imensa contribuição. Além disso, algumas idéias e dinâmicas nos foram apresentadas pelos grupos com os quais trabalhamos e não conseguimos identificar a sua origem com clareza. Nestes casos, indicamos a pessoa que nos apresentou a dinâmica. Em outros casos, adaptamos ou apresentamos dinâmicas retiradas de outros manuais, disponíveis no Brasil apenas em inglês ou espanhol; aqui também indicamos as fontes. Ainda assim, é possível que algum/a leitor/a identifique neste manual alguma dinâmica ou técnica utilizada por ele/ela mesmo/a ou por outras pessoas a quem não agradecemos devidamente nem indicamos a fonte de origem. Se isto ocorrer, pedimos encarecidamente que comuniquem-se conosco para que possamos fazer as devidas correções.

Este material dirige-se a educadores/as que preocupam-se com a situação das mulheres e que compreendem a desigualdade entre mulheres e homens como uma questão social e política que deve ser superada. Pode ser útil, portanto, para todos/as aqueles/as que reconhecem no seu próprio trabalho a necessidade de dar atenção às questões específicas das mulheres, de legitimar as mulheres enquanto grupo destinatário de ações educativas e de legitimar as questões de gênero enquanto questões do debate e da ação social e política. É, por isso, uma ferramenta que busca traduzir, de modo muito prático, as questões e os dilemas colocados no atual debate sobre gênero e, em especial, sobre gênero e desenvolvimento.

As idéias e dinâmicas contidas aqui pretendem auxiliar o planejamento e a execução de oficinas e cursos, formatos estes que utilizamos com mais frequência em nosso trabalho. Isto não impede, contudo, que sejam utilizadas em outros formatos. Como você verá na próxima sessão, o eixo orientador de qualquer atividade educativa é a finalidade política mais geral do trabalho com um grupo específico

Apresentação

e ela deve ser planejada de acordo com os interesses e as especificidades do grupo em questão. Isto que dizer que, de modo geral, todas as dinâmicas podem e devem ser adaptadas aos seus propósitos específicos. Sinta-se à vontade, portanto, para mexer nas nossas sugestões. No item *Comentários* de cada dinâmica, apresentamos observações importantes que devem ser consideradas se forem feitas adaptações. Se, por acaso, estas modificações lhes trouxer experiências interessantes e melhores resultados, por favor, nos informe para que possamos incluir suas sugestões em edições futuras.

O manual está organizado em seis partes:

- Esta *Apresentação*, onde você encontrará orientações gerais sobre o uso do manual.
- Uma *Introdução*, onde apresentamos os fundamentos teóricos e políticos da abordagem feminista de educação.
- Uma sessão denominada *Dinâmicas*, onde reunimos 50 exercícios e técnicas com abordagem de gênero apresentados de modo descritivo e acompanhados de comentários.
- Uma sessão *Textos de Apoio*, que consta de 14 pequenos textos que auxiliam diretamente a realização de alguns exercícios e técnicas.
- Uma sessão *Transparências*, com quatro conjuntos de material ilustrativo que podem ser copiados em transparências para apoiar a execução de alguns exercícios e técnicas.
- E, finalmente, uma *Bibliografia Seleccionada*, organizada por temas, onde indicamos alguns textos básicos e outros suplementares para a compreensão das questões de gênero, do feminismo e da educação.

Na *Introdução* você encontrará a nossa concepção mais geral sobre os processos educativos. Ela consta de uma primeira parte histórica, onde localizamos as origens da metodologia e suas inflexões teórico-políticas com outras teorias e disciplinas. Esta síntese histórica é acompanhada de uma apresentação dos fundamentos da metodologia e dos princípios que norteiam a sua aplicação prática. Sugerimos que, ao planejar suas atividades educativas, dedique muita atenção à leitura desta introdução, pois é aqui que você encontrará as orientações mais gerais para desenvolver atividades educativas. Ou seja, nesta sessão chamamos a atenção para as questões que não podem ser deixadas de lado quando se realizam atividades educativas. Estas questões dão o pano de fundo para a seleção das dinâmicas que apresentamos na sessão seguinte. A *Introdução* é encerrada com uma discussão sobre Oficinas, o formato de atividade educativa mais utilizado no campo da educação com mulheres e/ou com abordagem de gênero.

Os exercícios contidos na sessão *Dinâmicas* estão organizados por ordem alfabética, o que certamente lhes faz perder um pouco em praticidade. Esta decisão decorreu do fato de que a grande maioria destes exercícios e técnicas se presta a muitas adaptações, podendo um mesmo exercício ser trabalhado com diferentes temas e públicos. Cada uma das dinâmicas obedece a uma mesma ordem de apresentação, como se segue:

- *Tipo de dinâmica*: Aqui indicamos os diferentes processos de aprendizagem e/ou situação pedagógica proporcionado pela dinâmica, assim classificados: apresentação, integração, apresentação de novos conteúdos, aplicação de novos conteúdos, produção de informação, produção de reflexão e avaliação (veja na *Introdução* como definimos cada uma destas categorias). Com esta informação é possível montar a grade geral de uma oficina ou curso.
- *Objetivo*: Refere-se ao propósito da dinâmica, ou seja, o que se obtém com a sua utilização em uma oficina ou curso, tanto do ponto de vista dos temas debatidos quando das habilidades exercitadas.

- *Material:* Indicamos aqui os materiais básicos a serem utilizados na dinâmica. Você verá que a grande maioria - senão a totalidade - das dinâmicas aqui apresentadas são muito simples, necessitando apenas de um conjunto de materiais baratos e muito acessíveis, como, por exemplo, papel pardo, pincéis atômicos, fitas adesivas, sucata etc. A possibilidade de adaptação e substituição de materiais é também bastante grande: a ausência destes materiais não inviabiliza a realização das dinâmicas, desde que você seja criativo/a o suficiente para construir alternativas.
- *Material de apoio:* Diferentemente dos anteriores, estes materiais são imprescindíveis para a execução das dinâmicas. Trata-se de fichas de trabalho, jogos de cartelas, transparências, textos de trabalho etc. que dão a base da própria dinâmica. Oferecemos estes materiais em folhas separadas, de modo que você possa copiá-los na quantidade necessária para o seu grupo. Os jogos de cartelas devem ser copiados, recortados e plastificados, para se tornarem material permanente. O mesmo se aplica às transparências, que já apresentamos no seu formato final para que sejam copiadas no acetato.
- *Orientações:* Aqui indicamos os passos necessários para o desenvolvimento da dinâmica. Este é o item que deve ser observado com mais cuidado, uma vez que alterações na ordem ou mesmo modo de realização podem levar a resultados diferentes daqueles propostos no objetivo da dinâmica.
- *Tempo:* Neste item, apresentamos o tempo total necessário para a realização de cada uma das dinâmicas, baseadas na nossa experiência. Esse tempo, contudo, pode variar de acordo com a experiência e as habilidades do/a educador/a, de acordo com o tamanho do grupo, com o grau de escolaridade e/ou de conhecimento sobre o tema e, mesmo, de acordo com as condições de infraestrutura para a realização da oficina. Ao planejar sua oficina, leve estas questões em consideração para calcular os tempos finais de cada dinâmica em seu grupo específico.
- *Nº de participantes:* Indicamos aqui o número médio ideal de participantes para a execução de cada dinâmica. Em algumas dinâmicas este número pode ser bastante flexível; quando isso acontecer, fazemos a indicação no item *Comentários*.
- *Comentários:* Aqui apresentamos algumas observações, advindas da nossa prática educativa, que consideramos importantes para a realização das dinâmicas. É fundamental que este item seja lido com cuidado antes de você planejar a sua oficina. Estes comentários são de diferentes ordens e objetivam qualificar o uso da dinâmica, reduzindo as possibilidades de insucesso com relação aos objetivos.

Os *Textos de Apoio* são subsídios fundamentais para algumas dinâmicas, mas sugerimos que sejam lidos integralmente, independente de você pensar em utilizá-los. No seu conjunto, eles oferecem uma visão geral dos principais temas trabalhados neste manual. São textos sintéticos, em sua maior parte adaptados de textos maiores mas, por isso mesmo, podem lhe oferecer uma base segura para leituras mais aprofundadas, sugeridas na *Bibliografia Seleccionada*. As *Transparências* e a *Bibliografia Seleccionada* encontram-se descritas acima. Acrescentamos apenas que os textos indicados na *Bibliografia* encontram-se disponíveis para empréstimo ou fotocópia no Centro de Documentação do SOS CORPO.



INTRODUÇÃO

Introdução: Feminismo, Educação e Gênero

Ana Paula Portella & Taciana Gouveia

De Que Falamos Quando Falamos de Metodologia?

Um dos conceitos de metodologia é o formulado por Cecília Minayo (1996): "entendemos por metodologia um caminho e um instrumental próprios para a abordagem da realidade. Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias sociais, pois ela é parte intrínseca da visão social do mundo veiculada na teoria. (...) a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto das técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do/a pesquisador/a e/ou educador/a".

Uma outra definição de metodologia é aquela que a compreende como sendo o par concepção e processo. Ou seja, a metodologia é, ao mesmo tempo, a concepção que temos sobre um determinado fenômeno - no nosso caso, a educação - e o próprio processo em que esta educação se dá. As técnicas que permitem a execução da metodologia são parte tanto da concepção quanto do processo.

Pensando no campo da educação e da intervenção social, retiramos da definição acima que:

1. A metodologia não se refere apenas às técnicas, dinâmicas ou exercícios. É um processo mais amplo onde a nossa visão teórico-política articula e define o sentido da nossa intervenção em um contexto específico;
2. conjunto de técnicas e instrumentos deriva das concepções teórico-políticas e, por isso, técnicas e instrumentos não são neutros. Com isso queremos dizer que nem sempre é possível utilizar qualquer técnica ou instrumento em qualquer contexto de formação, é necessário que estejam articulados à visão teórico-política que informa as nossas ações de formação. É importante que tenhamos claro quais são as concepções que embasam os diferentes instrumentos educativos para que possamos identificar quais os mais próximos de nossas concepções e que, por isso, permitem uma compreensão e intervenção na realidade social mais próxima de nossos objetivos políticos mais amplos;
3. conhecimento teórico e o domínio perfeito de técnicas não garantem, por si só, o bom resultado de uma intervenção político-educativa. A capacidade do/a educador/a para entender os processos interpessoais e sociais, a disponibilidade para ver e ouvir o que se passa num dado contexto de trabalho e o reconhecimento de que a realidade é sempre maior que qualquer técnica ou teoria são elementos fundamentais para que um trabalho educativo cumpra a sua função.

Neste manual reunimos um conjunto de técnicas e instrumentos que estão informados por uma concepção político-teórica feminista. Compreendemos o feminismo como uma teoria e uma prática política que se preocupa com a condição das mulheres e que está comprometida com a transformação das relações de gênero e dos sistemas de dominação em direção à justiça e igualdade entre homens e mulheres. Esta definição implica no questionamento de todas as relações de poder e hierarquia e no compromisso geral de alcançar justiça social. Implica ainda no reconhecimento de que o movimento

de mulheres, pensado como a ação política das mulheres em torno de diferentes questões, nem sempre pode ser definido como feminista no sentido que descrevemos aqui e que a própria definição de feminismo pode variar de acordo com diferentes contextos culturais e nacionais (Petchesky, 1998). Antes de iniciar a descrição das técnicas propriamente ditas, apresentamos a seguir um breve resumo dos fundamentos da concepção feminista de educação, tal como vêm sendo pensados e trabalhados por feministas brasileiras.

Atividades Político-Educativas com Mulheres: Fundamentos Históricos e Políticos

O movimento feminista no Brasil tem suas origens no final do século XIX, com as lutas das mulheres pelo direito à educação e ao voto. Embora tenhamos registros de lutas de mulheres em períodos bem anteriores a este - como é o caso de mulheres negras que lutaram pelo direito à família e que estiveram envolvidas nas rebeliões escravas - é apenas no século XIX que o termo feminista passa a significar o conjunto de preocupações e ações políticas que procuram alcançar uma maior igualdade social, política e econômica para as mulheres. Deste período até o início dos anos 60, no entanto, as ações feministas possuíam um caráter muito mais político, no sentido de que procuravam mobilizar mulheres para modificação de leis e normas e, ainda, de que a conscientização das mulheres a respeito de sua condição subordinada se dava através da própria participação na luta política. Assim, não podemos falar, neste período, da existência de uma preocupação com metodologias educativas ou mesmo com uma ação especificamente educativa voltada para as mulheres.

Na década de 60, acontece no mundo ocidental¹ o que se chamou de eclosão do novo feminismo, cujas principais características são:

1. Uma análise mais cuidadosa e aprofundada dos fundamentos da opressão feminina, especialmente no campo da cultura, mas revelando suas fortes consequências nas relações sociais, políticas e econômicas. Estas análises foram divulgadas amplamente através de livros, publicações específicas, artigos em revistas, palestras e seminários.
2. Um grande poder de mobilização, que provocou grandes manifestações de rua e passeatas, com atos simbólicos importantes, como a famosa "queima dos sutiãs" que queria significar um basta das mulheres à opressão patriarcal.
3. A ampliação dos temas de debate político, trazendo para a cena política, e politizando-as, as questões do corpo, da sexualidade, das relações amorosas e familiares, da saúde, do trabalho doméstico e da educação das crianças.
4. Ao colocar estas questões como centrais para a compreensão e transformação das relações de gênero, era preciso pensar também em novas formas de ação que poderiam levar à mudança social. É aqui que a educação, e as metodologias educativas, se instalam como preocupação feminista.

¹PETCHESKY, Rosalind. in IRRRAG - International Reproductive Rights Research Action Group/Petchesky, R. & Judd, K. (Ed.). *Negotiating Reproductive Rights: Women's Perspectives across Countries and Cultures*. Londres, Zed Press, 1998.

²Especialmente, na Europa e nos Estados Unidos, mas também em muitos países da América Latina (entre eles, o Brasil) e da Ásia.

5. Finalmente, e como consequência do anterior, diversifica-se também os modos de ação política. As manifestações públicas guardavam a força característica dos períodos anteriores, mas a elas se somaram atividades culturais como o teatro e a literatura e, principalmente, as atividades educativas, tanto sob a forma de grupos de reflexão como sob a forma de grupos de formação.

No Brasil este “novo feminismo” se institui na segunda metade dos anos 70, período cujas principais características político-econômicas eram⁴:

- Um veloz crescimento econômico que, entretanto, acentuou a desigualdade social e com efeitos ecológicos que já começavam a se tornar evidentes;
- O desenvolvimento induzido dos anos precedentes havia suscitado intensa migração, urbanização acelerada, mudanças na vida cotidiana e nos padrões de comportamentos culturais, observando-se um evidente aumento da participação das mulheres na força de trabalho. Estes fenômenos têm lugar no interior de um processo de concentração de riqueza e de políticas de contenção salarial.
- Do ponto de vista político, embora a ditadura militar já não estivesse em seu período mais duro, as liberdades democráticas permaneciam cerceadas. A atividade política, no plano da sociedade, se restringia à rede institucional da Igreja Católica, aos partidos parlamentares institucionalizados (MDB e ARENA) e às células clandestinas de esquerda que haviam sobrevivido à bruta repressão dos anos precedentes. Os dissidentes políticos haviam sido assassinados ou exilados e os direitos humanos elementares eram largamente desrespeitados.

O contexto feminista, por sua vez, apresentava os seguintes elementos:

- Circulação livre de publicações e artigos sobre condição feminina, a vida das mulheres, desigualdade de direitos etc., tanto traduzidos de autoras européias e norte-americanas quanto produzidos por autoras brasileiras. Estes artigos, no entanto, por tratarem de temas, até então percebidos como não-políticos, podiam circular facilmente no ambiente intelectual, cultural e político, produzindo o interesse sobre a questão das mulheres e a consciência sobre a importância política desta questão para a transformação global da sociedade.
- O Ano Internacional da Mulher (1975), instituído pela ONU, gerou manifestações e eventos político-culturais que reuniram não apenas mulheres, mas também ativistas liberais e de esquerda. Com isso, ressurgiram as idéias relativas à igualdade de gênero, associadas no Brasil à luta pela democracia.
- Os conceitos e reivindicações feministas possuíam uma dimensão internacionalista, herdeira da rebelião dos anos 60 e que era enfatizada no Brasil pela volta das exiladas no final dos anos 70, que mantiveram estreito contato especialmente com o feminismo europeu.
- Tanto as feministas como os vários setores anti-ditadura possuíam um forte compromisso com a democratização do país e tinham como prioridade atingir as bases populares da sociedade. Este elemento confere uma particularidade bastante interessante ao feminismo brasileiro destas últimas décadas, que é a articulação entre os sistemas de dominação de classe e de gênero, tanto no campo analítico quanto no campo da ação política. Diferentemente de outros países, o feminismo

⁴Boa parte destas informações e análises foram adaptadas de Sonia Corrêa em *Gênero: Reflexões Conceituais, Pedagógicas e Estratégicas*. Recife, SOS CORPO, 1994.

Introdução: Feminismo, Educação e Gênero

brasileiro teve como preocupação importante as mulheres pobres e não as mulheres de classe média, enquanto destinatárias de suas ações.

- O processo de democratização e os processos de formação do feminismo no Brasil começaram ambos no nível das relações interpessoais. Ou seja, a mobilização para a proteção de perseguidos e torturados era feita de modo clandestino, baseando-se nas relações de confiança pessoais e familiares. Isto permitiu a construção de redes de apoio e solidariedade que, mais tarde, geraram, à margem dos partidos políticos, as grandes mobilizações em favor da democracia. Entre as feministas, os grupos de auto-reflexão e ajuda reuniam mulheres para refletirem sobre suas próprias vidas para que, juntas, encontrassem formas de modificá-las. Nestes grupos, gestou-se a ideia da educação como prática transformadora também das relações de gênero e constituiu-se a base de uma metodologia para se trabalhar com mulheres.

São características das metodologias político-educativas desenvolvidas pelas feministas neste período:

Similaridades com a educação popular, baseada na pedagogia do oprimido, criada por Paulo Freire. Duas décadas antes, o educador pernambucano Paulo Freire havia desenvolvido a sua pedagogia, que vinha sendo aplicada em diferentes contextos, especialmente na educação de adultos em contextos informais e de mobilização política, mas também na educação formal através de escolas-modelo para crianças. Sua pedagogia parte da crítica ao modelo tradicional de educação, compreendido por ele não apenas como ineficaz do ponto de vista da aprendizagem, mas sobretudo como desumanizante, na medida em que desconsidera o sujeito central da relação pedagógica (o/a aluno/a). Ao fazer isto, a educação tradicional, denominada de "bancária" pelo educador⁸, ignora a experiência de vida dos/as alunos/as assim como os contextos em que vivem, tornando-se uma educação dissociada da realidade e das pessoas. É uma educação que não educa, na medida em que não permite a apropriação do conhecimento que leva à formação de sujeitos nem a transformação da realidade em que estes sujeitos vivem. Contra tudo isto, Paulo Freire elabora uma pedagogia libertadora: porque é centrada no sujeito e em sua experiência, permite a apropriação do conhecimento, humaniza o processo educativo e porque leva à transformação das relações sociais.

Desenvolvidas num processo de "fazendo e aprendendo". As metodologias feministas não foram gestadas em contextos acadêmicos. Foi a prática dos grupos de reflexão e ajuda e os desafios trazidos pela necessidade de levar esta reflexão até as mulheres de baixa renda que obrigaram ao desenvolvimento de métodos e técnicas que fossem, ao mesmo tempo, apropriados aos contextos destas mulheres e úteis para a realização dos propósitos feministas, qual seja, o questionamento das relações de dominação de gênero e sua subsequente transformação. Estas técnicas foram criadas e testadas no dia a dia da ação dos grupos e vêm sendo modificadas e aperfeiçoadas até hoje, respondendo a novos desafios e impasses.

Inspiração central: conceitos de discriminação feminina e emancipação das mulheres. A metodologia feminista parte da ideia, vital para o próprio feminismo, de que as mulheres são discriminadas - em diferentes graus e de diferentes formas - em todas as sociedades conhecidas. Os sistemas de gênero, que organizam e valorizam lugares, papéis, comportamentos e atitudes de homens e mulheres, concedendo-lhes valores diferenciados, reserva às mulheres as posições de menor valor na sociedade. Isto tem consequências práticas na vida das mulheres: dupla jornada de trabalho, ausência de mulheres em posições de poder, déficit de rendimentos com relação aos homens, sobrevalorização dos papéis de mãe e esposa, que dificulta a construção de outras alternativas de vida etc. A transformação

⁸ Este termo tentava representar o ato, realizado pelo/a professor/a em aula de aula, de depositar conhecimentos em alunos/as passivos/as.

deste quadro se daria através da emancipação das mulheres. Ou seja, as mulheres tomariam consciência de sua opressão, iniciariam um processo de auto-valorização e de politização destas questões e, através da ação coletiva, chegariam à mudança das relações de gênero na direção de uma maior igualdade entre mulheres e homens, tanto no plano institucional, político e econômico, quanto no campo da cultura e da vida privada.

A metodologia feminista, na sua origem, e a pedagogia do oprimido possuíam semelhanças e diferenças importantes. Listamos a seguir aquelas que consideramos centrais:

1. Semelhanças:

- Priorizavam o trabalho de formação de consciência nas bases. Era preciso iniciar a formação a partir de baixo, lá onde a situação de carência é aguda e onde a necessidade de mudança é mais premente. A educação é um processo fundamental para ajudar estes sujeitos a iniciarem o processo de mudança em suas vidas.
- Em diferentes graus, tanto a metodologia feminista quanto a pedagogia freiriana, inspiravam-se no referencial marxista. De modo bastante simples e incompleto, podemos dizer que ambas compartilhavam da idéia de que a sociedade está fundada em relações de dominação e conflito entre grupos sociais. É a disputa entre diferentes projetos políticos, que organizam diferentes interesses, o que movimenta a sociedade.
- Criticavam radicalmente os vários sistemas de exploração econômica, tendo como referências tanto o contexto nacional quanto o internacional. Isto quer dizer que a situação de um determinado país ou região só pode ser compreendida em conexão com a situação internacional.
- Apontavam para a necessidade urgente de transformações estruturais, enfatizando as dimensões econômicas e a centralidade do conflito junto aos setores populares. Não seria possível, portanto, pensar que um determinado contexto sócio-político pode ser transformado apenas com mudanças culturais ou sociais. É necessário mexer na estrutura das relações econômicas e sociais para que uma transformação real se efetive.
- Estavam baseadas na "ética da pobreza", ou seja, na idéia de que há uma ética dos pobres que se contrapõe à anti-ética das elites e do capitalismo, que privilegiam o interesse pessoal, a busca do lucro e de vantagens sociais e econômicas e do progresso à custa da destruição das tradições culturais. A ética dos pobres, ao contrário, seria baseada na solidariedade, na busca da coesão social e na manutenção das tradições.
- Como decorrência do anterior, expressavam um grande respeito pelas expressões da cultura popular e a constante adaptação de instrumentos educativos às circunstâncias dos grupos alvos, valorizando suas condições concretas de existência e suas formas específicas de saber.

2. O que as feministas criticaram na educação popular baseada na pedagogia de Paulo Freire:

- O economicismo, que é um aspecto central da análise marxista da sociedade⁶. Nesta concepção, a base da opressão e da dominação está na exploração econômica, sendo todas as demais rela-

⁶É importante ressaltar que algumas destas questões sofreram alterações importantes no interior do próprio pensamento marxista. Apresentamos desta forma "clássica" porque estamos nos referindo ao período de constituição da metodologia feminista, anos 70, onde estes princípios eram assim definidos.

Introdução: Feminismo, Educação e Gênero

ções de dominação e opressão uma decorrência desta primeira exploração. A consequência deste tipo de raciocínio é a sobrevalorização do conflito de classes e a priorização das lutas econômicas como motor da transformação política. No caso das mulheres, esta análise é insuficiente para clarificar e mudar a sua situação, já que as relações de gênero estão fortemente baseadas na cultura e reverberam de modo intenso nas relações sociais e políticas.

- A idéia de que há um sujeito único da história. Este é também um fundamento marxista clássico, decorrente do economicismo. Ao compreender a exploração econômica como a relação central para a compreensão dos fenômenos históricos e sociais e a luta de classes como o motor da sociedade, o foco da ação política estará necessariamente no grupo economicamente explorado: a classe trabalhadora, compreendida de modo homogêneo. As mulheres, no entanto, mesmo sendo trabalhadoras, têm reivindicações específicas diferentes das dos homens trabalhadores, têm direito à palavra e à constituição de projetos políticos próprios e demandam teorias próprias de análise de sua condição e interesses.
- O princípio da relação sujeito/objeto no processo de aprendizagem (compreendido como conscientização). Para o marxismo, a conscientização é um processo que parte do sujeito alienado, em si, para o sujeito consciente, para si. Este processo é mediado pela análise dos objetos do mundo externo e suas relações. Ou seja, é através da compreensão do mundo exterior e de suas complexas relações, entendido como o objeto da aprendizagem, que a conscientização do sujeito se dá. Para as feministas, este processo (e a própria constituição dos sujeitos) depende de transformações interiores aos próprios sujeitos envolvidos. Trata-se, portanto, de uma relação sujeito/sujeito em lugar de uma relação sujeito/objeto. A relação de aprendizagem - ou o processo de conscientização - envolve três elementos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e o mundo subjetivo das vivências pessoais.
- O significado do conflito como o elemento deflagrador das mudanças históricas. Para o marxismo, é o conflito entre a classe trabalhadora e a burguesia que poderá levar à mudança real. Mais do que isso, a transformação efetiva só se daria com a eliminação da burguesia pela classe trabalhadora, instaurando-se um novo modo de produção que, por sua vez, constituiria a nova sociedade. O antagonismo entre homens e mulheres, por sua vez, não pode ser pensado como uma relação em que um dos pólos seria eliminado o que é, por razões óbvias, impossível. Contrapondo-se à idéia de antagonismo, as feministas inserem aqui as noções de outro e alteridade, associadas às noções de autonomia e heteronomia, para tratar do conflito social e político.

Além disso, as perspectivas feministas:

- Enfatizam processos e conteúdos relacionados à individuação dos sujeitos, notadamente aos processos de formação da identidade, onde as questões de gênero ocupam um lugar primário. Nisto difere dos processos de conscientização que acontecem nos círculos da esquerda, onde o ponto de partida e chegada é a formação da identidade social e coletiva. No feminismo, enfatiza-se a interrelação constante entre identidade pessoal, social e coletiva. Isto tem como base a idéia de que a identidade pessoal é fortemente informada pelos padrões de gênero que, por sua vez, irá influir de modo decisivo no modo como se constituem as identidades social e coletiva das mulheres.
- Por isso, privilegia-se as microdimensões sociais sem perder de vista a sua relação com a dimensão macrosocial. Os conteúdos da esfera privada merecem atenção especial desde aqueles que se referem à educação das crianças até às relações na esfera doméstica, familiar e conjugal. O campo dos afetos, da sexualidade e das relações de parentesco é pensado como um lugar onde relações de poder estão presentes e devem ser tratadas politicamente.

- Desenvolvem uma análise severa da tradição e das normas culturais e guardam uma distância crítica com relação à ciência e à tecnologia. A tradição e a cultura, assim como a ciência e a tecnologia, não são neutras, mas articulam e reforçam determinados padrões de gênero presentes em contextos sociais específicos. Identificar e criticar estes padrões, apontando para as suas consequências para a vida cotidiana de mulheres e homens, bem como para as suas possibilidades de transformação, tem sido uma tarefa permanente das perspectivas feministas.

O pensamento feminista não se constitui propriamente enquanto uma teoria tampouco como uma disciplina. Por ser uma análise gestada no cruzamento entre movimento social e diferentes perspectivas acadêmicas, o feminismo tem se valido tanto de diferentes fontes teóricas - como o marxismo, o estruturalismo, o pós-estruturalismo ou o funcionalismo - como do instrumental de diferentes disciplinas acadêmicas - como a sociologia, a antropologia, a psicanálise, a pedagogia, a psicologia e a filosofia, por exemplo.

No que se refere às práticas político-educativas, o feminismo trabalha - na maior parte das vezes de modo crítico - com alguns conteúdos que são originários das seguintes fontes disciplinares:

- No campo da **pedagogia** as feministas trabalham com os seguintes temas, entre outros: o processo de aprendizagem, relação pedagógica, didática, uso de recursos audiovisuais, metodologias de avaliação.
- Na **psicologia** e na **psicanálise** são centrais os temas das relações interpessoais, do processo de aprendizagem, da formação da subjetividade, da construção de identidade, da afetividade e sexualidade e as técnicas de psicodrama, sociodrama e dinâmica de grupo.
- A **sociologia** e a **antropologia** oferecem às feministas um campo útil e vasto de conhecimentos: as relações sociais e as relações de parentesco, os processos de simbolização, a questão da ideologia e das representações sociais, as metodologias e técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa, o uso de diagnósticos, os levantamentos de dados secundários.

A partir destas análises, alguns conteúdos tornam-se centrais nas atividades político-educativas feministas, como indicamos a seguir:

- **Corpo:** Tenta desfazer a identificação da mulher com a natureza, em contraposição à identificação dos homens com a cultura. Na prática educativa, o seu objetivo é desnaturalizar o corpo, revelando o seu papel como suporte de representações sociais, discursos e práticas sociais. Além disso, as primeiras experiências humanas - como a aprendizagem e a socialização - têm um registro corporal e é aí que estão as raízes da razão humana. Ao tratar do tema 'corpo', enfatiza-se o desconhecimento que as mulheres possuem sobre o seu próprio corpo e as consequências que isso traz para a auto-estima, o comportamento social e para a sua saúde. Ao mesmo tempo, este desconhecimento é um dos fatores que permite que outras pessoas tenham autoridade sobre o corpo feminino e decidam sobre questões que são muito caras às mulheres como, por exemplo, interrupção ou manutenção de uma gravidez, esterilização, uso de contraceptivos etc. e atuando diretamente sobre a sua autonomia. Neste mesmo campo, a sexualidade e o desejo são também questões importantes. O exercício da sexualidade feminina é marcado pela ignorância com relação ao corpo e ao desejo e, sobretudo, pelo protagonismo dos homens que, muitas vezes, tem na violência - justificada e legitimada culturalmente - o seu principal elemento.

Indicamos estas fontes como uma orientação para aprofundamento na elaboração e execução de atividades político-educativas.

Introdução: Feminismo, Educação e Gênero

- Os afetos: Também aqui tenta-se desfazer a relação entre paixão, natureza e mulheres e razão, cultura e homens, ao mesmo tempo em que se enfatiza a relação entre política, paixão e afeto. Este tema é um desdobramento do anterior. Trata da subjetividade e do modo como ela é constituída na cultura e, portanto, informada pelos padrões de gênero. Na atividade educativa, busca revelar a construção social da subjetividade e facilitar a emergência de novos sentimentos e práticas sociais menos associados aos padrões de gênero e mais conectados aos interesses e desejos reais das mulheres. É neste campo que se trabalha, na prática educativa, a valorização da razão como atributo das mulheres e a prática da negociação e do enfrentamento positivo dos conflitos.
- As dimensões normativa e simbólica. Objetiva o desvendamento de representações sociais veladas que perpetuam as desigualdades entre mulheres e homens. De acordo com Joan Scott (1994)⁸, estas são duas das dimensões onde as relações de gênero se constituem e se perpetuam na sociedade. Identificar, revelar e criticar estas representações sociais e suas consequências práticas para a vida de mulheres e homens é um dos fios condutores mais permanentes do trabalho político-educativo feminista.
- O público e o privado. A esfera privada, tradicionalmente considerada como não política, adquire um novo significado na perspectiva feminista. Considera-se que não é possível pensar a sociedade de modo global se não se articula as suas diferentes esferas. As feministas, portanto, trazem para a análise e para o debate político as relações que se constituem na esfera privada, chamando a atenção não apenas para o quanto esta esfera é perpetuadora da subordinação de gênero mas, sobretudo, para o modo como está interrelacionada com a esfera pública. Além disso, questões cruciais para as mulheres são identificadas com a esfera privada - como a reprodução, o trabalho doméstico, a educação dos filhos - e como esta esfera é tradicionalmente entendida como não-política, estas questões permaneceram intocadas por muito tempo. Ao trazê-las para a esfera pública e para o campo da disputa e da negociação política, as feministas não apenas politizam o privado como também trazem um novo significado para a própria esfera pública e para ação política propriamente dita. Com isso, chama-se a atenção para a necessidade de regulação pública e estatal das relações que acontecem na esfera privada. Na prática educativa, trata-se de revelar esta articulação e seus significados e de possibilitar a construção de novas formas de resolução de conflitos que dirijam-se à superação das desigualdades de gênero.

A Abordagem de Gênero nos Processos Educativos

Atualmente, as teorias de gênero passam a constituir-se em referenciais importantes - e, em muitos casos, no próprio conteúdo de muitas atividades educativas⁹ - para o desenvolvimento de metodologias e ações educativas. O pensamento feminista esteve sempre voltado para uma análise das relações de gênero em diferentes contextos e épocas, mas é apenas na década de 80 que o termo "gênero" passa a ocupar o lugar que hoje conhecemos, instituindo-se como uma categoria importante para a análise das relações sociais. De acordo com Corrêa¹⁰, podemos identificar as origens deste movimento já nas décadas de 60 e 70, em meio à crise das ciências sociais, quando ocorre a crítica ao historicismo e às teorias estruturais da transformação social (que têm no marxismo o seu paradigma), como indicamos acima. Neste contexto, as feministas buscaram respostas para vários problemas: Como se constituem

⁸ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife, SOS CORPO, 1994.

⁹ Este é o caso das atividades desenvolvidas junto a organizações mistas ou a movimentos de mulheres que demandam uma maior compreensão do que é gênero. Gênero passou a ser, portanto, conteúdo e referência orientadora da ação educativa.

¹⁰ Corrêa, Sonja. Palestra no Workshop Relações de Gênero, Rio de Janeiro, ABONG, 1997.

os homens e as mulheres como identidade? O que é sexualidade? Como a sexualidade ancora a desigualdade entre homens e mulheres? Estas questões complexas não ofereciam respostas fáceis e tampouco as teorias disponíveis traziam maiores contribuições para explicá-las. Foi em meio a esse impasse que se concebeu a noção de gênero como categoria teórica e analítica. Corrêa cita Gayle Rubin, antropóloga feminista, na afirmação, de 1975, que é talvez, a origem desta nova perspectiva: *Se de fato as feministas querem transformar as relações entre os homens e as mulheres e superar as desigualdades, tendo como referências as teorias que estão usando, elas estão frente a um impasse. Tendo como referência o conceito de patriarcado - tal como está construído - a única solução seria eliminar fisicamente os homens como os próletários fizeram com os capitalistas. Como eu acho que essa não é uma solução viável e tampouco desejável, vou procurar um outro caminho.*" (Corrêa, 1997)¹¹.

Em meados dos anos 80, a historiadora inglesa Joan Scott elabora uma definição de gênero enquanto categoria de análise de fenômenos históricos e sociais que tem sido basilar para muitas das atividades educativas desenvolvidas por feministas a partir de então. Para ela, gênero é "um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder" (Scott, 1995)¹². Esta definição contém alguns pressupostos metodológicos que objetivam "clarificar e concretizar como se deve pensar e concretizar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais"¹³. Isto se dá na medida em que a conceituação de gênero proposta por Scott articula quatro dimensões da vida por onde constituem-se e dinamizam-se as relações de gênero: a simbólica, a normativa, a institucional e/ou organizativa e a subjetiva.

Num outro plano, ao articular as relações de gênero ao poder, trabalha-se com dois campos interligados e fundamentais: o conflito e o reconhecimento de uma estrutura desigual de poder que, historicamente, tem sido bastante desfavorável às mulheres. Assim, trabalhar com a perspectiva de gênero no sentido de uma ação político-educativa transformadora é trabalhar com o reconhecimento de que as mulheres detêm reduzido poder na sociedade e de que isso se constitui em uma injustiça social. A atividade educativa, portanto, se apresenta como um dos meios para se alcançar o empoderamento das mulheres e, conseqüentemente, maior justiça social.

Estes elementos trazem implicações práticas importantes para o planejamento e a execução de uma atividade educativa. As quatro dimensões constituintes das relações de gênero são trabalhadas durante a atividade, não apenas no que se refere à exposição teórica das mesmas, mas também, e principalmente, como elementos que estruturam a identidade, o pensamento, o cotidiano, as organizações e a vida sócio-política das pessoas e grupos ali presentes. Dá-se especial atenção aos núcleos de resistência presentes no grupo, trabalhando-os de modo equilibrado para que não se configurem em entraves para o processo de reflexão e construção de conhecimento, nem levem a uma desestruturação no campo pessoal.

¹¹ Este texto de Gayle Rubin é um marco para a constituição das teorias do gênero no campo feminista, seu título é *Traffic on Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex*, in Reiter, Rayna. Ed. *Towards an Anthropology of Women*. New York, Columbia U. P., 1979, pp. 157-210.

¹² Para maiores esclarecimentos sobre esta proposição ver Scott, Joan. *Gênero: Uma Categoria útil para Análise Histórica*, 1995. SOS CORPO e também Gouveia, Taciana & Portella, Ana Paula. *Oficinas de Capacitação: Gênero e Desenvolvimento*. Módulo 1 - Gênero: Aspectos Político-Conceituais. Recife, SOS CORPO, 1997.

¹³ Meyer, Dagmar. "Do Poder ao Gênero: uma articulação teórico-analítica" In Lopes, Meyer e Waldow. *Gênero e Saúde*, 1996. Porto Alegre, Artes Médicas.

As questões simbólicas e subjetivas são tratadas nas atividades educativas sem que, necessariamente, se recorra a vivências estritamente pessoais, através de técnicas e exercícios que tratem do campo da subjetividade e das representações e que aproximem-se das vivências cotidianas das pessoas e/ou grupos. Neste campo, as definições sobre simbólico e representações sociais são particularmente importantes. O simbólico reporta-se à noção de cultura, que pode ser definida como "sendo o real humano, que se constrói a partir da relação ser humano/natureza. Desta relação emerge um universo de símbolos e sentidos que se referem não apenas à compreensão do real, mas sim à sua própria fundação. (...) É o ato de gerar significações, simbolizar, matriz primeira de todos os sentidos possíveis. É exatamente esta capacidade de simbolização que permite a constante criação, elaboração e transformação dos produtos humanos". Já a representação social é a reconstrução do real humano, não sendo uma cópia estrita desse real. As representações sociais têm a função de fazer com que os indivíduos ou grupos se apropriem da realidade a partir das suas carências e vivências (...) [as representações] organizam as formas de ação e determinação dos espaços a partir dos quais os indivíduos e/ou grupos interpretam os acontecimentos e atuam na realidade"¹⁴. Possibilitar a identificação entre pessoas e situações e, a partir daí levar à reflexão, é um caminho eficiente e seguro no trabalho com o tema das relações de gênero.

A tematização do poder e do conflito são elementos centrais no trabalho educativo com perspectiva de gênero e, especialmente no trabalho com grupos mistos, é um fator que determina e configura as relações que se estabelecem no próprio grupo. Assim como no caso da subjetividade, alguns cuidados são necessários também aqui. As atividades educativas não se propõem a trabalhar nem implodir de modo irresponsável as relações que se estabelecem no grupo e na vida das pessoas, mas elas não podem ser ignoradas. Há casos, por exemplo, em que as mulheres têm mais dificuldades em se expressar no grupo e, por isso, conduz-se a dinâmica de modo que seja facilitado às mulheres o direito à fala. A preferência pelos trabalhos com grupos menores não é casual: este formato permite uma maior expressão dos grupos que detêm menos poder e uma condução atenta e cuidadosa por parte do/a facilitador/a, produzindo, por isso, ótimos resultados. Facultar a fala às mulheres¹⁵, contudo, não implica em se assumir uma posição paternalista ou vitimizadora das mulheres. Falar, perguntar, opinar, debater são atitudes compreendidas como um direito de todos os sujeitos e não uma concessão feita pelo/a educador/a.

Do ponto de vista da elaboração e utilização de técnicas e dinâmicas, trabalha-se com exercícios, textos, dados e demais instrumentos que contenham informações demonstrativas das situações de injustiça e exclusão a que estão submetidas as mulheres, ao mesmo tempo em que se aponta a importância da ação das mulheres como sujeitos políticos ao longo da história, suas lutas e conquistas. Trabalhar com este tipo de informação e análise exige do/a educador/a preparação para enfrentar os conflitos que daí advêm, pois de nada adianta ter metodologias e técnicas aprimoradas se não há uma convicção política do acerto e justiça destas proposições.

Em resumo, o movimento feminista criou uma metodologia para a ação educativa, atualmente fortemente ancorada na perspectiva de gênero, que pode ser assim descrita: ênfase nas atividades de grupo, no formato participativo e no uso de metodologias que articulam subjetividade e racionalidade, experiência pessoal e conhecimento teórico e técnico. No Brasil, esta metodologia

¹⁴Gouveia, Taciara. *Repensando Alguns Conceitos*, 1993, PIMES/UFPPE, Recife.

¹⁵Isto se aplica a qualquer grupo ou pessoa em situação minoritária no grande grupo, desde que esta posição esteja relacionada a relações de subordinação na sociedade como é o caso de mulheres diante de homens, negros/as diante de brancos/as, homossexuais diante de heterossexuais etc.

está bastante disseminada e vem sendo utilizada por grupos de mulheres dos mais variados tipos e inserções. Por ser uma metodologia gestada e repassada na prática política, possui poucos traços de homogeneidade e o seu sucesso depende em grande medida da capacidade teórica e técnica de quem a utiliza. Por isso, alertamos para alguns dos perigos na utilização destas metodologias¹⁶:

1. Por trabalhar com o tema da subjetividade, articulado com dinâmicas que permitem a fala das mulheres e a expressão de experiências pessoais íntimas, corremos o risco de **quebrar os limites entre educação e terapia**. Este risco é grave por, pelo menos, duas razões. A maioria de nós não é terapeuta, mas educador/a. Por isso, não temos competência para lidar com conflitos pessoais e intersubjetivos que possam surgir nos grupos de formação. É preciso compreender e respeitar os processos pessoais e o sofrimento que pode surgir se alguma questão for tratada de modo inadequado. Em segundo lugar, o trabalho político-educativo é, como o próprio termo indica, educativo. Reforçar os aspectos terapêuticos nos desvia de nosso objetivo central e pode fazer com que a educação simplesmente não aconteça.
2. **Circunscrição à subjetividade e à esfera privada**. Culturalmente, as mulheres vêm sendo impedidas de falar sobre si mesmas e sobre aquilo que lhes aflige e encanta. Há, na sociedade, pouquíssima escuta para a fala das mulheres. As oficinas e os grupos de formação oferecem essa escuta de um modo solidário e gentil, que é vivido por muitas mulheres como seguro e reconfortante e, por isso, pode se tornar o dasaguadero de muitos anos de idéias e emoções represadas. É importante que as mulheres sejam ouvidas e que falem a seu modo, trazendo para o grupo as questões que lhes parecem fundamentais. Mas é preciso também que o/a educador/a tenha clareza sobre a importância de se articular estas questões com uma análise mais geral do contexto em que elas emergem. O trabalho educativo objetiva facilitar a formação de sujeitos sociais e políticos. O fortalecimento dos sujeitos individuais é fundamental e sem ele dificilmente conseguiremos chegar aos outros processos, mas ele não é suficiente.
3. **Construção de nichos ou guetos**. Este é um risco que apenas se apresenta em movimentos ou organizações mistas, quando há algum tipo de trabalho específico junto às mulheres. Tem sido relativamente comum encontrar nestes movimentos e organizações um interesse e até mesmo o incentivo ao trabalho educativo com mulheres. De modo geral, estes trabalhos se iniciam com oficinas onde se tematiza a questão da identidade feminina e algumas questões geralmente associadas às mulheres como, por exemplo, saúde e sexualidade. O risco que se corre aqui é justamente o de se permanecer nestas questões e de se manter o trabalho isolado do resto da organização e do movimento. Com isso, constitui-se um nicho das "questões das mulheres" que corre à margem das preocupações centrais do movimento ou organização que se apresenta como portadora das "questões gerais". Assim, a hierarquia do movimento permanece intocada, já que as questões gerais, por dizerem respeito - ao menos em tese - a homens e mulheres, são mais valorizadas do que as "questões das mulheres". Uma outra consequência desta situação é manter as mulheres alijadas das discussões políticas centrais ao movimento não lhes possibilitando, portanto, uma participação real e efetiva na vida pública.
4. **Vitimização das mulheres**. Este é um risco muito mais interno ao trabalho educativo e articula-se ao risco 2. De modo geral, quando as mulheres começam a participar de alguma atividade educativa há um momento inicial onde são feitas muitas queixas e onde dores passadas são atualizadas. A descoberta de que não se está sozinha e de que há razões materiais e lógicas para o sofrimento¹⁷ e, portanto, pode haver solução para ele, é um momento muito importante para as

¹⁶ Esses riscos foram identificados na nossa própria prática educativa e de nossas parceiras ao longo das últimas duas décadas.

¹⁷ Para algumas mulheres este é o momento em que descobrem que não estão e nunca estiveram loucas, o que é, para nós, um forte indicativo da importância deste momento nos processos educativos.

mulheres. Aqui corremos o risco de considerar que as mulheres são apenas sofredoras e que ~~sejam~~ sempre oprimidas por outras pessoas em geral e pelo homem em particular. Com isso, as mulheres são compreendidas como vítimas históricas e a posição de vítima é particularmente paralisante. Do ponto de vista educativo, é muito importante identificar estes momentos e encontrar formas de atravessá-los sem desqualificar a experiência e a descoberta das mulheres, mas valorizando a sua posição de sujeito tanto na construção quanto na superação da subordinação.

Com base nestes fundamentos é possível indicar nove princípios que orientam a prática político-educativa feminista:

Princípio 1: A ação educativa é também política, porque objetiva mudar as relações de injustiça presentes na vida das mulheres e reduzir as desigualdades sociais.

Deste princípio decorre a necessidade de se definir a finalidade política da ação antes de planejar a atividade educativa. É importante que, enquanto educador/a, se tenha clareza sobre a situação que se deseja transformar e em que direção esta transformação deverá se dar. Isto se realiza através de debates entre a equipe de educação e, de preferência, com representantes dos sujeitos que participam do processo educativo sobre quais são os interesses de cada um na ação. A discussão sobre empoderamento¹⁸ é fundamental aqui: afinal, com esta ação queremos possibilitar o empoderamento de quem e para quê? Se este princípio não for considerado antes de se iniciar qualquer planejamento, corremos o risco de, com a nossa ação, reforçar e perpetuar relações de desigualdade.

Princípio 2: A ação político-educativa é um processo, que não se inicia nem se encerra com uma atividade específica.

Com isso queremos dizer que a ação político-educativa não se reduz à realização de uma oficina ou de um ciclo de formação. Ela envolve a relação do grupo educador com o grupo que participará da ação, o que integra tanto parcerias políticas quanto outros tipos de ações conjuntas. Daí decorre a necessidade de se planejar as atividades considerando a história anterior dos grupos envolvidos, seus objetivos de longo prazo e o conjunto de ações que desenvolvem no momento. Isto pode ser feito através de análises de contexto político-econômico e sócio-cultural, diagnósticos e diálogo entre a equipe e o grupo alvo. Se este princípio não for considerado corremos o risco de comprometer os resultados da aprendizagem, planejando atividades inadequadas e avaliando resultados sem considerar todos os fatores envolvidos. Pode ainda ocorrer a frustração da equipe, ao esperar atingir grandes objetivos apenas com atividades político-educativas. É importante considerar que os processos de formação são processos de longo prazo que dependem, sim, das atividades educativas, mas necessitam de tempo de maturação e da experiência cotidiana que permite a aplicação prática dos conteúdos da formação.

Princípio 3: O processo político-educativo parte da realidade dos sujeitos, o que inclui as relações de subordinação em que estão inseridos.

Esta é uma premissa básica do método de Paulo Freire. É preciso conhecer os sujeitos e seus contextos antes de planejar a atividade educativa e durante o processo educativo este conhecimento deve ser enriquecido pelos próprios sujeitos. No caso das mulheres, o reforço à autonomia e ao empoderamento é um elemento central do próprio processo educativo. Isto se faz através de diagnósticos, levantamentos, estudos, da própria experiência prática com os grupos-alvo e através de processos coletivos de

¹⁸Nos textos de apoio você encontrará algumas indicações importantes sobre empoderamento. Na bibliografia recomendada há mais material sobre o assunto.

produção de informação durante as atividades político-educativas (exercícios, diagnósticos participativos, depoimentos, exposições dos/as participantes). O planejamento das atividades deve levar em conta as informações produzidas nestes levantamentos. A não consideração deste princípio leva-nos ao risco de planejar atividades que não se adequam aos sujeitos, cujos resultados poderão ser inúteis. Ou seja, a formação pode simplesmente não acontecer porque o processo não permitiu que o sujeito se reconhecesse nos conteúdos tratados, o que tem como consequência a não apropriação dos conteúdos pelos sujeitos.

Princípio 4: Os/as educandos/as não são uma página em branco, pois já têm conhecimento e experiência acumulada. Todas as pessoas têm uma história pessoal e coletiva e um conhecimento sobre a sua realidade que é muito maior do que o dos/das educadores/as.

Este princípio decorre do anterior e nos leva a trabalhar a identidade dos sujeitos, recolhendo informações que componham o escopo mais geral da atividade e planejando atividades que considerem a fonte de conhecimento que são os próprios sujeitos. Pode-se garantir a realização deste princípio através da participação dos sujeitos nas atividades e utilização real de suas informações e experiências como conteúdos da atividade. Exercícios em grupo, debates, depoimentos são algumas das atividades que nos levam a isso. Ignorar estes elementos nos leva a estabelecer uma relação de aprendizagem que é de mão única - apenas do/a educador/a para o grupo - cujos resultados são muito mais precários do que a relação de mão dupla, que permite a identificação dos sujeitos com os conteúdos e a apropriação dos conteúdos pelos sujeitos.

Princípio 5: Os/as educadores/as também possuem conhecimento acumulado.

Este princípio tenta evitar o risco de se construir processos educativos apenas baseados na experiência do grupo educando e se relaciona com a valorização da ética da pobreza, como já indicamos acima. A experiência e o conhecimento acumulado do grupo é, sim, o ponto de partida e um dos eixos orientadores do processo educativo. Mas a experiência e o saber do/a educador/a são centrais neste processo. Além de trazer para o grupo um conjunto de informações e análises sistematizadas, é ele/a quem orienta e garante o bom andamento do processo, coordenando o grupo e as atividades e articulando de modo significativo as informações produzidas durante a ação educativa. Com isso, estabelece-se a relação pedagógica entre educador/a e educandos/as, com igual valorização para ambos, que permite com que o grupo se aproprie do conhecimento trabalhado na atividade. Isto se realiza através de exposições, acompanhamentos de atividades em pequenos grupos, facilitação de debates, sistematização de resultados de trabalho em grupo, monitorias a atividades extra-classe e assessorias específicas, também extra-classe. Ignorar o conhecimento acumulado do/a educador/a dificulta o acesso do grupo a conteúdos a que, por razões sócio-econômicas, dificilmente tem acesso. Como consequência, se reforça situações de desigualdade e subordinação.

Princípio 6: As ações político-educativas devem possibilitar o acesso dos grupos ao conhecimento acumulado e sistematizado nos diversos campos temáticos.

Este princípio é um desdobramento do anterior e vai além da capacidade técnica e teórica do/a educador/a, uma vez que prevê a inclusão no planejamento de conteúdos informativos e teóricos relacionados aos temas de interesse do sujeito. Pode-se tratar de qualquer questão tomando por base, pelo menos, duas linhas orientadoras: a experiência e a opinião dos grupos ou análises e informações oriundas de centros de pesquisa e universidades. O que sugerimos aqui é a articulação entre estas duas linhas em toda e qualquer atividade educativa. Temos que lembrar que, de modo geral, os/as educandos/as são pessoas com baixo grau de escolaridade e que não têm acesso à educação formal nem a informações mais sofisticadas sobre o mundo. As atividades educativas são um momento

precioso para que eles/as se aproximem destes conteúdos e se instrumentalizem para o diálogo na vida pública. Para as mulheres, especialmente, esta é uma questão decisiva. Isto pode ser feito através de exposições, leituras, disponibilização de referências bibliográficas, utilização de recursos audiovisuais e estatísticos. Sem isso, corremos o risco de não democratizar o acesso e a apropriação do conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa e de produzir uma aprendizagem parcial, localizada, que termina por manter os sujeitos no mesmo patamar de conhecimento e informação em que sempre estiveram.

Princípio 7: O processo político-educativo é um processo de troca entre diferentes saberes e experiências.

Se consideramos com a mesma importância as fontes de conhecimento que são educador/a e educandos/as, a condução das atividades deve ser democrática, com espaço para que todos se manifestem, opinem e contribuam efetivamente para o processo. Podemos fazer isto possibilitando o diálogo entre educadores/as e grupo-alvo, mesclando atividades onde se utilize as duas fontes de informação e reflexão. Os trabalhos em grupo e os debates são importantes aqui. Desconsiderar estes aspectos pode levar a empobrecimento dos conteúdos e dos resultados, com consequências na própria aprendizagem.

Princípio 8: No processo político-educativo sempre estão em jogo relações de poder, algumas das quais baseadas em relações sociais.

Este princípio indica a necessidade de se considerar – e não escamotear ou tentar homogeneizar – as diferenças sexuais, de classe, de raça e etárias na própria composição do grupo e entre educadores/as e educandos/as. Isto pode ser feito através da articulação e do confronto das diferenças de modo positivo (sem incentivar enfrentamentos) analisando-as constantemente durante a atividade educativa. Pode-se mesclar atividades em grupo que juntem e separem, em diferentes momentos, as diferentes identidades presentes no grande grupo. Especial atenção deve ser dada aos grupos em situação de subordinação: mulheres diante de homens, negros diante de brancos ou mestiços, pobres diante de ricos, não escolarizados diante de escolarizados etc. O risco que se corre ao não fazer isto é empoderar mais o grupo que já é poderoso e, consequentemente, perpetuar as relações de desigualdade.

Princípio 9: A aprendizagem envolve os sujeitos por inteiro e não apenas intelectualmente.

A história pessoal, as crenças, os afetos e desejos também estão presentes durante a atividade educativa e devem ser considerados quando do seu planejamento e realização. Isto se faz incluindo atividades que levem à reflexão pessoal ou que trabalhem conteúdos da esfera privada, da vida emocional e subjetiva. Pode-se trabalhar os indivíduos nas atividades de preparação, apresentação e avaliações de meio-termo, considerando seus desejos e interesses na condução dos processos e na produção dos resultados. Não levar isto em conta pode dificultar a identificação dos sujeitos com os conteúdos e limitar a apropriação dos conteúdos e resultados pelos sujeitos. No caso de mulheres e negros, especialmente, pode-se com isso excluir os lugares centrais onde a experiência de subordinação e injustiça é vivida: a subjetividade e a vida privada. Com isso, perpetua-se também relações de desigualdade.

As Oficinas

No campo feminista, as atividades político-educativas desenvolvem-se basicamente através de oficinas. Mas é importante lembrar que também estão incluídos neste conjunto cursos e ciclos de forma-

ção que podem envolver tanto oficinas quanto círculos de debate, seminários ou mini-cursos. Como as oficinas são o formato mais disseminado deste tipo de ação, apresentamos a seguir algumas observações sobre a sua realização.

É sempre muito interessante dar uma olhada no dicionário quando queremos entender alguma coisa. Afinal, o significado das palavras sempre nos diz coisas importantes sobre como uma dada sociedade produz e pensa a realidade. Quando procuramos o verbete *oficina* no dicionário encontramos duas definições interessantes:

“lugar onde se exerce um ofício”
“lugar onde se dão grandes transformações (fig)”

Quando pensamos em oficina imediatamente nos vem à cabeça um lugar de trabalho, onde coisas são produzidas ou consertadas. Assim, a oficina é um espaço dinâmico, onde as coisas entram de um jeito e saem de outro. Oficina é processo. Daí se origina a segunda definição - que tem um sentido figurativo - que aponta para os processos de criação e transformação.

Ao trabalharmos com a estrutura de oficinas estamos nos colocando numa concepção metodológica que pressupõe o processo de aprendizagem como algo que se constrói e não apenas se transmite. **As oficinas são processos de trabalho onde a participação e reflexão de todos/as são requisitos fundamentais para a compreensão dos conteúdos e para a construção do conhecimento.** Neste sentido, as oficinas se diferenciam dos processos mais tradicionais ou formais de aprendizagem (aulas, seminários, palestras) por serem processos mais horizontais e democráticos, onde nada acontece se não houver participação direta de todos/as os/as envolvidos/as.

Contudo, é importante destacar que um grau maior de democracia e uma estrutura de aprendizagem menos rígida não implica em dizer que as oficinas não tenham método, rigor, sequência lógica, objetivos a serem cumpridos nem conteúdos a serem transmitidos. A preparação e execução de uma oficina requer experiência, bom domínio das informações e conteúdos a serem trabalhados, além de capacidade para trabalhar com grupos. É necessário também que se detenha informações básicas sobre o grupo a ser trabalhado.

Além disso, nas oficinas as dimensões individual e coletiva são tratadas como de igual importância. Dependendo do objetivo do trabalho, uma ou outra pode ser mais ou menos enfatizada, mas jamais desarticuladas ou hierarquizadas. Isto é decorrente de dois princípios:

- a) A experiência da realidade se dá, num primeiro momento, de modo individual;
- b) Todos os processos de transformação implicam e acarretam em modificações pessoais.

Tomando a oficina como um lugar onde se produz e transforma uma dada realidade, quais são os objetivos que o trabalho com oficinas se propõe a cumprir?

- Possibilitar um espaço para a reflexão que leve em conta e articule as vivências individuais e coletivas;
- Disponibilizar informações, articulando a teoria com a experiência concreta dos sujeitos;
- Favorecer a apropriação¹⁸, pelos sujeitos, destas informações;
- Elaborar coletiva e articuladamente novos conhecimentos.

¹⁸Apropriação, em seu sentido literal e filosófico, é a ação, o movimento em que algo se torna meu, faz parte da minha vida, tem utilidade e possibilita a transformação. É o que me torna sujeito e não objeto das ações dos outros.

Preparação e execução de oficinas

Para montarmos uma oficina existem alguns pré-requisitos sem os quais o trabalho não funciona. Vamos analisá-los:

- **É preciso ter muita clareza sobre o objetivo que se pretende atingir.** Mesmo sendo um método de trabalho que se presta para os mais variados processos de aprendizagem, não significa que serve para tudo. Não se pode propor algo para um determinado público que não vai se cumprir. Por exemplo, se o objetivo de uma atividade é deliberar sobre tal ou qual processo político, não cabe realizar uma oficina, já que para isto não é necessário nenhum aprofundamento reflexivo no campo subjetivo. Do mesmo modo, nem todos os processos formativos podem ser substituídos por oficinas. Se o objetivo de uma dada atividade é aprofundar o conhecimento teórico em tal ou qual âmbito, o melhor caminho é grupos de estudos, palestras, seminários etc. O objetivo define também os tempos e limites da atividade:
 - Até onde pretendemos chegar?
 - Qual o grau de aprofundamento reflexivo que desejamos atingir?
 - A atividade será desdobrada?
 - O quanto de aprofundamento e/ou elaboração de conhecimento será necessário?
- **Conhecer, o melhor possível, quem são as pessoas, qual o perfil do grupo com que se vai trabalhar.** Este requisito não significa que precisamos conhecer as pessoas, cada uma, mas sim as características do grupo em termos de composição sexual (misto, só mulheres, só homens), faixa etária, composição étnica e racial, inserção rural ou urbana, escolaridade, formação profissional, instituição que trabalham, tipo de atividades que desenvolvem, áreas e temas prioritários e/ou de interesse. Este conjunto de informações é o que possibilitará a estruturação e o manejo da oficina no que se refere à adequação das dinâmicas, instrumentos, linguagem, possíveis focos de resistência e até mesmo do tempo gasto em cada atividade. Além de ser um elemento que contribui bastante para que se consiga resultados positivos, é também, e este é um ponto fundamental, uma atitude de respeito para com as pessoas que trabalham conosco.
- **Nível de conhecimento e/ou grau de aproximação do grupo com relação ao tema.** É preciso que tenhamos sempre claro o quanto o grupo/pessoas com quem iremos trabalhar conhecem o tema que será objeto da oficina.
 - É o primeiro contato?
 - Qual o interesse/objetivo em trabalhar esse tema?
 - Se já conhecem, como foi construído o processo de acúmulo temático?
 - Quais as fontes deste conhecimento?
 - Que experiências realizaram?

O significado prático deste pré-requisito é muito simples, ou seja, é o que propiciará a definição adequada de temas e conteúdos a serem enfocados na oficina.

- **Capacidade instalada dos/as educadores/as.** De nada adiante ter um bom domínio do manejo de técnicas e dinâmicas se não há acúmulo teórico-político nos campos temáticos. Como já afirmamos anteriormente, as oficinas não são espaços apenas de reflexão, e muito menos espaços terapêuticos, mas sim de produção de conhecimento. O inverso também é verdadeiro, de nada adianta um excelente domínio do campo do conhecimento teórico se não há por parte das/os facilitadores/as experiência acumulada no trabalho com oficinas ou grupos. É importante tam-

bem que tenhamos clareza dos nossos limites e potencialidades nos vários campos teórico-políticos, assumindo apenas aqueles nos quais realmente temos condições de acrescentar alguma coisa.

Estrutura Básica de uma Oficina

Apresentação: Tem dois objetivos: possibilitar a integração do grupo e conhecer as expectativas e receios dos/as participantes, criando um clima favorável e democrático para a realização dos trabalhos.

Desenvolvimento: Aqui trabalha-se os conteúdos propriamente ditos. É importante se ter em conta o caráter processual da construção de conhecimento. Os conteúdos a serem trabalhados devem se estruturar do mais simples ao mais complexo; do mais próximo da realidade do grupo ao mais distante. É fundamental intercalar exercícios, exposições e debates, não apenas para dinamizar o trabalho, tornando-o mais leve, mas principalmente por ser esta uma sequência que se fundamenta no princípio de que a construção e apropriação do conhecimento é algo que tem que partir da realidade dos sujeitos.

Avaliação: É o retorno do trabalho, no sentido de se ouvir dos/as participantes e educadores/as a respeito da adequação metodológica. Aqui não se avalia o que foi aprendido, ou não, pelo grupo. O momento final de uma oficina envolve múltiplos sentimentos que, geralmente, impedem uma avaliação mais rigorosa do processo que foi vivido. Por outro lado, a aprendizagem é melhor avaliada depois de algum tempo, quando o grupo retorna às suas atividades cotidianas e tem condições de observar a validade e importância dos conhecimentos adquiridos e das reflexões produzidas nas oficinas para o seu trabalho e sua vida. No entanto, a opinião do grupo sobre o formato, conteúdo e metodologia de trabalho das oficinas é fundamental para o melhor planejamento das atividades de seguimento.

Há um vasto repertório de técnicas e dinâmicas que podem ser utilizadas em oficinas, provenientes tanto do feminismo quanto de outros campos disciplinares, como a psicologia, por exemplo. A seleção das técnicas e dinâmicas irá depender do objetivo da oficina e do perfil do grupo que será trabalhado. Não é fácil classificar os tipos de técnicas e dinâmicas. Estabelecer critérios definidores para uma classificação deste tipo é uma tarefa árdua e nem sempre bem sucedida. Sugerimos aqui uma classificação baseada no objetivo de aprendizagem das técnicas e dinâmicas. Estamos certas de que esta classificação é insuficiente e que devem existir outras mais abrangentes, mas a apresentamos aqui como orientação para a montagem de oficinas

- **Apresentação e integração:** como o próprio nome diz, objetivam apresentar as pessoas umas às outras e integrar o grupo entre si e com o conteúdo do trabalho. As dinâmicas de apresentação são realizadas no início da oficina e podem ser articuladas com os conteúdos do programa, o que potencializa a aprendizagem e já funciona como atividade de integração. As dinâmicas de integração devem ser realizadas também no início, mas sugerimos que sejam também utilizadas durante todo o processo, de modo a estreitar os laços no grupo.
- **Compreensão de novos conteúdos:** são dinâmicas que objetivam levar as pessoas a compreenderem um conteúdo que lhes é desconhecido.
- **Aplicação de novos conteúdos:** aqui objetiva-se desenvolver a capacidade de aplicação dos novos conteúdos apresentados. De certa forma, estas dinâmicas funcionam como pequenas avaliações de aprendizagem realizadas durante toda a oficina.

- **Produtoras de informação:** são dinâmicas que buscam levantar informações e conhecimentos do próprio grupo que serão articulados com os conteúdos teóricos e técnicos trazidos pelo/a educador/a. São fundamentais em uma oficina e devem ser realizadas na primeira metade do trabalho, quando se coleta o máximo de informações sobre o tema trabalhado.
- **Psicossociais:** indicamos aqui este tipo de dinâmica apenas porque elas são utilizadas por algumas organizações de mulheres em processos de longa duração. Estas dinâmicas objetivam trabalhar aspectos subjetivos das relações interpessoais de modo a fortalecer a auto-estima das mulheres e provocar mudanças significativas em suas atitudes e comportamentos. São recomendáveis apenas quando o/a educador/a tem formação específica para isso, ou seja, na área de psicologia ou psicanálise.
- **Avaliação:** como o próprio nome indica, estas dinâmicas objetivam avaliar os resultados do processo educativo. Devem estar dirigidas aos resultados da aprendizagem e à condução do processo, incluindo uma avaliação do/a educador/a e do grupo, dos conteúdos e materiais, das relações no grupo e das condições de infra-estrutura. Podem ser realizadas no meio do processo quando se trabalha em oficinas de mais de três dias. E devem ser realizadas, em todos os casos, no final da oficina. Especial atenção deve ser dada ao modo como se avaliará a aprendizagem, aspecto geralmente esquecido nos processos político-educativos. Nem sempre a avaliação de aprendizagem pode ser feita durante a oficina. Muitas vezes, é mais adequado e eficaz realizar esta avaliação algum tempo depois quando as pessoas tiverem tempo de maturar os conteúdos e aplicá-los em sua vida pessoal, profissional e política.

Nas próximas sessões apresentamos algumas técnicas e dinâmicas que utilizamos no nosso trabalho, com exceção das psicossociais, com as quais não trabalhamos. Antes de proceder a uma escolha de técnicas e dinâmicas para planejamento de oficinas, recomendamos a releitura da apresentação deste manual.

01. A Árvore

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão e Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo:

Introduzir o debate sobre a estrutura das relações de gênero e seus modos de construção e desconstrução.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco ou *flipchart*, canetas, pincéis atômicos, cartelas em cores variadas (dependendo da quantidade de grupos que serão formados), fita crepe ou adesiva no caso de não se ter *flipchart*.

Material de apoio:

Roteiro de questões

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero- Taciana Gouveia/Silvia Camurça)

Orientações:

1. Previamente, desenhe uma árvore em cartolina (em tamanho grande, em torno de 1m de altura) e afixe-a na parede
2. Peça para que se formem pequenos grupos, distribua o roteiro de questões e peça para que as pessoas discutam e anotem os resultados da discussão em cartelas.
3. Cada grupo deverá apresentar o resultado de seu trabalho do seguinte modo, justificando as suas opiniões:
Respostas à questão I são afixadas nas raízes da árvore;
Respostas à questão II são afixadas no tronco;
Respostas à questão III são afixadas na copa da árvore.
4. Comente brevemente o resultado geral do trabalho e faça uma exposição sobre o tema.

Tempo:

04 horas

Nº de participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Recomendamos que a cada grupo corresponda uma cor de cartelas, pois isto facilita a visualização.
2. É importante enfatizar que as respostas dos três níveis devem estar articuladas, ou seja, os valores colocados em I são expressos e organizados em II e tem tais consequências em III.
3. Também é fundamental acentuar o aspecto dinâmico destas relações, trabalhando as mudanças sócio-históricas e a interrelação dos níveis em todas as direções.
4. Um acréscimo interessante é pedir aos grupos, ou aos/as participantes, que indiquem onde se situa sua ação profissional ou política, ou seja, se atua no campo dos valores, das instituições ou dos comportamentos, ou em todos.
5. Este exercício pode ser realizado, individualmente, ou em grupos de até 5 pessoas.

Roteiro de Questões para os Grupos

1. Quais são os valores e as atitudes da nossa cultura com relação aos homens e às mulheres?
2. Quais as instituições e as práticas que constroem e perpetuam estes valores e atitudes?
3. Quais são as consequências práticas na vida das mulheres e homens, decorrentes destes valores e atitudes, das práticas sociais e das ações institucionais que identificamos anteriormente?

02. A Primeira Opressão a Gente Nunca Esquece...

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão e Introdução de Novos Conteúdos

Objetivos:

Trabalhar conteúdos referentes ao movimento de mulheres e à construção e ação de sujeitos coletivos.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco ou *flipchart*, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe (no caso de não usar o *flipchart*), papel ofício, canetas.

Material de Apoio:

Modelo de quadro para registro dos resultados dos grupos

Texto para trabalho em grupo (**Texto de Apoio 03** - As Mulheres como Sujeitos Políticos, de Taciana Gouveia)

Vídeo “Retrato de Mulher” (Direção: Carmen Barroso, Produção: Fundação Carlos Chagas)²⁰

Orientações:

Formato individual:

1. Distribua papel ofício e caneta para cada participante e peça para que cada um/a recorde quando e como percebeu pela primeira vez a situação de desigualdade vivida pelas mulheres com relação aos homens. A situação deve ser escrita na folha de papel, com o máximo de detalhes possível, como se fosse uma história onde os sentimentos experimentados na ocasião sejam contemplados.
2. Coloque na parede o quadro para registro dos resultados (com cerca de 2m x 1m).
3. Cada participante narra para o grupo a sua história, enquanto você registra as informações nas colunas correspondentes. É importante estimular os/as participantes para obter detalhes significativos de cada experiência narrada.
4. Quando o quadro estiver completo, resgate os pontos comuns de cada experiência e as diferenças significativas entre elas.
5. Distribua o texto “As Mulheres como Sujeitos Políticos” para todos/as os/as participantes para que, após a leitura, tenham comentários com o grupo.
6. Abra um pequeno debate para articular os conteúdos do texto com os resultados do quadro.
7. Apresente o vídeo “Retrato de Mulher” e, em seguida, faça uma pequena exposição sintetizando todos os conteúdos trabalhados na atividade.

Formato pequenos grupos:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (de 4 a 7 pessoas).
2. Distribua papel ofício e caneta para cada grupo e peça para que cada um/a recorde quando e como percebeu pela primeira vez a situação de desigualdade vivida pelas mulheres com relação aos homens.
3. Cada grupo escolhe uma única situação para ser apresentada ao grande grupo. A situação deve ser escrita na folha de papel, com o máximo de detalhes possível, como se fosse uma história.

²⁰Este vídeo está disponível em acervos de muitas ONGs, incluindo o SOS CORPO. Para quem desenvolve atividades sistemáticas nesta área, é fundamental ter uma cópia do mesmo.

02. A Primeira Opressão a Gente Nunca Esquece...

onde os sentimentos experimentados na ocasião sejam contemplados. A partir daqui, as instruções são as mesmas do formato individual.

Tempo:

Formato individual: 06 horas

Formato pequenos grupos: 08 horas

Nº de Participantes:

Formato individual: Até 10 pessoas

Formato pequenos grupos: Até 20 pessoas

Comentários:

1. Pode-se utilizar esta dinâmica com qualquer tipo de público, desde que seja alfabetizado.
2. É necessário ter muita habilidade na condução desta dinâmica, pois as vivências narradas podem ter significados e sentimentos pessoais muito fortes. É preciso atenção e delicadeza com os aspectos subjetivos e o cuidado para que o exercício não se transforme em reflexão psicológica.
3. Deve-se pontuar com ênfase os contextos e instituições sociais presentes nos processos de opressão identificados, bem como as reflexões que os/as participantes fizeram sobre as situações narradas.
4. Este exercício pode ser utilizado tanto na introdução de processos de sensibilização, quanto em estágios intermediários, quando se faz importante trabalhar conteúdos relacionados ao movimento de mulheres e a sujeitos coletivos. Em ambos os casos, ele é indicado para grupos que têm articulação, trabalhos e parcerias diretas com os movimentos sociais, bem como para grupos de mulheres.
5. Pode ser utilizado sem o vídeo "Retrato de Mulher", se o grupo tiver informações suficientes sobre o movimento de mulheres no Brasil. Mas recomendamos a utilização do vídeo porque o seu conteúdo possibilita um reconhecimento da participação das mulheres nos processos de formação e na dinâmica da sociedade brasileira. Proporciona ainda um fechamento dos trabalhos de forma bonita e positiva. Se não for possível utilizar o vídeo, recomendamos o uso da música Maria, Maria (Milton Nascimento e Fernando Brant) para o encerramento da dinâmica.
6. A leitura e análise do texto de apoio deve ser feita de modo que os/as participantes articulem o conteúdo do mesmo com as histórias narradas.

Modelo de quadro para registro dos resultados dos grupos

A Situação (características gerais da situação narrada)	Protagonista(s) (indicar quem foram as pessoas que participaram da situação)	O que aconteceu (descrição da história, com os principais detalhes)	Sentimentos (do/a narrador/a no momento em que a situação aconteceu)	Reflexão (do/a narrador/a no momento em que a situação aconteceu e atualmente)

03. Análise de Indicadores Sociais

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Exercitar a leitura de indicadores sócio-econômicos e sócio-demográficos, a partir da variável de sexo.

Construir as bases para uma leitura da realidade a partir da abordagem de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, retroprojektor.

Material de apoio:

Jogos de cartelas com indicadores sócio-econômicos e sócio-demográficos

Roteiro de questões

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (de 4 a 7 pessoas).
2. Distribua um jogo de cartelas e o roteiro de questões para cada grupo e peça para que as pessoas comencem livremente o conteúdo das tabelas, levantando questões e tirando dúvidas sobre as mesmas. Acompanhe a discussão, tirando eventuais dúvidas dos grupos.
3. Em seguida, peça para que respondam ao roteiro de questões e anatem os resultados da discussão em um cartaz para ser apresentado ao grande grupo.
4. Comente os resultados e abra o debate.
5. Faça uma breve exposição sobre condições de vida das mulheres e desigualdade social.

Tempo:

04 horas

Nº de participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Esta dinâmica é adequada a equipes técnicas de ONGs e/ou projetos de desenvolvimento e a lideranças de movimentos sociais, que precisam elaborar e implementar projetos e planos de ação tendo por base uma análise da realidade de mulheres e homens em seus contextos de atuação.
2. O jogo de cartelas traz exemplos de tipos de dados que podem ser utilizados com melhores resultados. Recomendamos que sejam sempre adaptados e atualizados para a realidade que será trabalhada. Há muitas fontes para estes dados, por exemplo: FIBGE, materiais governamentais, pesquisas específicas sobre a realidade das mulheres.
3. Trabalhar com séries históricas, que apresentam dados para diferentes anos, possibilita uma análise mais dinâmica da realidade, na medida em que aponta para os processos sócio-históricos e suas mudanças. A constatação de que a mudança social é possível é um importante fator para a sensibilização para as questões de gênero.
4. Este é um exercício indicado para grupos familiarizados com informações estatísticas, requerendo ainda a capacidade de articulação entre dados e contexto sócio-histórico.
5. Em determinados grupos pode funcionar como um exercício de introdução e/ou sensibilização para o tema das relações de gênero.

Roteiro de questões para o grupo

Observem atentamente cada uma das cartelas e respondam as questões:

1. que estes indicadores revelam a respeito da vida de homens e mulheres?
2. Há diferenças entre homens e mulheres nos diversos aspectos apresentados?
3. Qual a relevância destas diferenças para a vida de homens e mulheres?
4. Como vocês explicariam estas diferenças?

Jogo de Cartelas com Indicadores Sociais

Tabela 1 População Residente - 1991

	Total	Urbana	Rural
Brasil	146.825.475,00	110.990.990	35.834.485
		75,6%	24,4%
Nordeste	42.497.540	25.776.279	16.721.261
	28,07%*	60,7%	39,3%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1995. FIBGE

* Em relação ao Brasil

Tabela 2 Idade Mediana da População Residente, por Sexo, 1991

	Homens	Mulheres
Brasil	21,2	22,2
Nordeste	18,0	19,04

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1995. FIBGE

Tabela 3 Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais, segundo regiões, sexo e grupos de anos de estudo, 1995

Anos de Estudo	Brasil			Nordeste		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Sem instrução-1 ano	16,2	15,8	16,7	30,1	26,8	33,7
1 a 3 anos	21,1	20,3	21,8	26,1	25,3	27,0
4 a 7 anos	34,8	34,9	34,8	25,3	27,2	23,2
8 a 10 anos	12,3	12,4	12,2	8,0	8,5	7,3
11 anos ou mais	15,4	16,4	14,4	10,5	12,1	8,7

Fonte: PNAD 1995

Tabela 4 Participação de Mulheres e Homens na PEA, 1990 e 1995

Brasil			Nordeste		
Ano	Mulheres	Homens	Ano	Mulheres	Homens
1990	35,5%	65,5%	1990	34,4%	65,6%
1995	40,4%	59,6%	1995	40,5%	59,5%

Fonte: PNAD 1990, 1995

03. Análise de Indicadores Sociais

Tabela 5 Chefia da Família, 1990 e 1995

Brasil			Nordeste		
Ano	Mulheres	Homens	Ano	Mulheres	Homens
1990	20,3%	79,7%	1990	21,8%	78,2%
1995	22,9%	77,1%	1995	24,4%	75,6%

Fonte: PNAD, 1990, 1995

Tabela 6 Rendimento Mensal dos Chefes de Domicílios Particulares Permanentes por Situação de Domicílio e Sexo, 1991

				Urbana			Rural		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Brasil	3,42	3,68	2,22	3,99	4,39	2,43	1,39	1,43	0,79
Nordeste	1,89	2,04	1,27	2,48	2,77	1,55	0,91	0,95	0,62

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1995. FIBGE

Tabela 7 Rendimento médio mensal real, em salários mínimos, das pessoas de 10 anos ou mais, segundo sexo e regiões, 1985-1995

Ano	Brasil			Nordeste			Sudeste		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
85	2,0	0,9	3,1	1,1	0,5	1,7	2,4	1,1	3,8
86	2,8	1,3	4,4	1,5	0,7	2,4	3,5	1,6	5,5
87	2,2	1,0	3,4	1,2	0,6	1,8	2,7	1,3	4,2
88	2,1	1,0	3,3	1,1	0,5	1,8	2,7	1,3	4,2
89	2,5	1,2	4,0	1,3	0,6	2,1	3,2	1,5	5,0
90	2,1	1,1	3,1	1,1	0,6	1,6	2,6	1,3	3,9
92	1,8	1,0	2,7	1,0	0,6	1,4	2,2	1,2	3,3
93	2,0	1,1	2,9	1,1	0,6	1,5	2,4	1,3	3,5
95	2,5	1,5	3,7	1,4	0,9	1,9	3,2	1,8	4,7

Fonte: PNAD, 1995

Tabela 8 Diferenças de rendimento, segundo sexo e regiões, 1985-1995

Ano	Sexo e Regiões	
	Mulheres NE/SE	Homens NE/SE
1985	54,4	55
1995	47,3	59,6

Fonte: PNAD, 1995

04. Anjos Protetores²¹

Tipo de Dinâmica: Integração.

Objetivo:

Criar um clima agradável, de cuidados e gentilezas entre todos/as os/as participantes do grupo.

Material:

Papel, lápis coloridos, fita adesiva, revistas, cola, tesouras e o que tiver disponível no grupo. Jogo de cartelas, cada uma com o nome de um/a dos/as participantes do grupo e com desenhos de anjos.

Material de Apoio:

Não é necessário.

Orientações:

1. No início dos trabalhos, geralmente depois da apresentação e das primeiras dinâmicas de integração, peça para que cada pessoa retire uma cartela do jogo e não a revele para ninguém. Cada pessoa será o anjo protetor da pessoa cujo nome estiver na cartela que retirou do jogo.
2. A partir deste momento, cada anjo tem a tarefa de proteger o seu protegido da maneira que achar melhor: sendo gentil, enviando-lhe mensagens, preparando-lhe pequenos presentes, cartões, flores etc.
3. Um envelope grande, de preferência com desenhos, deve ser colocado em um lugar visível para funcionar como Correio Celestial, o lugar onde as pessoas depositam suas mensagens e presentes para seus protegidos. Uma vez ou duas ao dia as mensagens são lidas e entregues para os/as respectivos/as remetentes, junto com os presentes, se houver.
4. No último dia da atividade, anjos e protegidos/as são revelados/as através do jogo "Amigo/a Secreto/a", quando cada um/a dará um presente para o/a outro/a no grande grupo.

Tempo:

Acontece durante toda a atividade educativa, nos momentos de intervalo.

Nº de Participantes:

Mais de 20 pessoas.

Comentários:

1. É uma dinâmica excelente para oficinas de longa duração (mais de 3 dias). Promove atitudes de proteção e cuidado que não apenas integram o grupo continuamente como criam um clima de trabalho agradável, reduzindo a possibilidade de conflitos pessoais.

²¹ Agradecemos a Joana Santos Pereira, educadora da Escola Quilombo dos Palmares, por nos ter apresentado esta dinâmica durante o curso Metodologias Educativas com Abordagem de Gênero, coordenado por nós no período de 18 a 29 de maio de 1998.

05. Avaliação de Atividade

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivo:

Avaliar o desenvolvimento da atividade, de acordo com os objetivos propostos e as expectativas levantadas no início do trabalho.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos, papel ofício e canetas.

Material de Apoio:

Modelo de cartaz com as expectativas levantadas no início da atividade

Roteiro de avaliação

Orientações:

1. Coloque o cartaz das expectativas, elaborado no início da atividade, em um local visível para todo o grupo. Leia as expectativas em voz alta e chame a atenção para que as pessoas considerem-nas quando responderem o roteiro.
2. Distribua o roteiro de avaliação para cada uma das pessoas e peça-lhes que respondam as questões individualmente.
3. As respostas são apresentadas e debatidas no grande grupo.
4. Anote em cartazes os principais pontos da discussão, enfatizando lacunas a serem superadas e possíveis desdobramentos do trabalho.

Tempo:

45 minutos

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. É fundamental para qualquer atividade que tenha se iniciado com o levantamento de expectativas e receios dos/as participantes.
2. Em grupos com pouca escolaridade, o roteiro pode ser utilizado para a avaliação oral.

Roteiro de Avaliação

Individualmente, avalie:

1. A metodologia geral da oficina, incluindo preparação.
2. Os materiais utilizados e a forma de apresentação.
3. Os resultados imediatos do trabalho, no sentido da aprendizagem e da aplicação dos conteúdos ao seu trabalho.
4. Se as expectativas iniciais foram atendidas.

06. Avaliação de Conteúdo

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivo:

Avaliar a compreensão dos principais conteúdos tratados na atividade e identificar possíveis lacunas no tratamento dos temas.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos, papel ofício, canetas.

Material de Apoio:

Roteiro de avaliação.

Orientações:

1. Distribua o roteiro de avaliação para cada uma das pessoas e peça-lhes que respondam as questões individualmente.
2. As respostas são apresentadas e debatidas no grande grupo.
3. Anote em cartazes os principais pontos da discussão, enfatizando lacunas a serem superadas e possíveis desdobramentos do trabalho.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Esta é uma forma simples de avaliação, que pode ser utilizada no fechamento de blocos temáticos em processos formativos mais amplos, como avaliação de meio-termo.
2. É importante que seja agregada a avaliações de atividade que trabalhem a questão metodológica.
3. Para grupos com pouca escolaridade pode-se utilizar o mesmo roteiro para uma avaliação oral.

Roteiro de Avaliação

Individualmente, responder as seguintes questões:

1. Quais as principais questões levantadas por esta atividade?
2. Quais as dúvidas que precisam ser esclarecidas?
3. Que lacunas você identifica nesta discussão?
4. Que aspectos do tema você considera mais importantes para o seu trabalho?
5. De que maneira você acredita que a perspectiva aqui tratada poderia ser incorporada no seu trabalho?

07. Avaliando a Nossa Oficina

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivos:

Avaliar o grau de satisfação, recolher críticas e sugestões dos/as participantes com relação à atividade educativa.

Material:

Não é necessário.

Material de Apoio:

Ficha de avaliação

Orientações:

1. Explique o exercício e distribua uma ficha para que cada participante preencha e lhe devolva.
2. Os resultados da avaliação podem ser incluídos em relatório. Se houver tempo, se você contar com a ajuda de outra pessoa e se o grupo não for muito grande, é possível tabular o resultados e apresentar para o grupo ainda durante a atividade.

Tempo:

30 minutos ou 1 hora e 30 minutos, se o resultado for apresentado na hora.

Nº de Participantes:

Qualquer número de pessoas.

Comentários:

1. Este exercício pode ser utilizado em todos os tipos de atividades, não importando sua duração.
2. É ideal para grupos grandes, onde não há tempo disponível para uma avaliação oral de todos os participantes e quando pode-se enviar o resultado da avaliação posteriormente.
3. Em grupos menores, recomenda-se que após o preenchimento individual, faça-se uma rodada de avaliação oral onde os/as participantes possam compartilhar suas opiniões.
4. É importante que você também faça a sua avaliação e comente a avaliação do grupo.
5. Em processos formativos mais extensos, recomendamos articular esta atividade com outros exercícios de avaliação.

Modelo de Ficha de Avaliação

1. Sexo () Feminino () Masculino

2. Registre o seu grau de satisfação com relação aos itens abaixo:

Objetivos do curso:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Conteúdo dos assuntos abordados:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Metodologia adotada:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Qualidade do material didático:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Aquisição de novos conhecimentos:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Possibilidade de aplicação prática dos novos conhecimentos:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Tempo de duração do curso:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Atuação da coordenação:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

Atuação dos/as participantes:

Excelente () Bom () Regular () Fraco ()

3. Use o espaço a seguir para indicar a/s atividade/s que você mais gostou e diga o porquê:

4. Dê sugestões de temas ou atividades para futuros trabalhos nessa área:

5. Use este espaço para fazer críticas, comentários ou sugestões sobre o curso:

08. Cerimônias de Casamento

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão

Objetivo:

Introduzir e analisar a construção histórico-cultural das relações de gênero.

Material:

No formato individual: não é necessário.

No formato de pequenos grupos: folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho com textos sobre cerimônias de casamento

Roteiro de questões

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero - Silvia Camurça e Taciana Gouveia)

Orientações:

A. Formato individual:

1. Distribua a ficha de trabalho com todos/as os/as participantes e peça-lhes para que leiam os textos com atenção, detendo-se nas diferentes posições e funções de homens e mulheres em cada um dos rituais de casamento.
2. Cada participante expõe para o grupo o seu resultado.
3. Anote e comente os resultados, fazendo uma breve exposição sobre o tema.

B. Formato pequenos grupos:

1. Neste formato, a única diferença é que os grupos, entre 4 e 7 pessoas, preparam um cartaz com o resultado da discussão, para ser apresentado ao grande grupo.

Tempo:

A. Formato individual: 02 horas

B. Formato pequenos grupos: 03 horas

Nº de participantes:

A. Formato individual: até 10 pessoas.

B. Formato pequenos grupos: até 25 pessoas

Comentários:

1. É importante deixar claro que não há quaisquer julgamentos de valor sobre os rituais. O fundamental é que as pessoas possam perceber semelhanças e diferenças na estrutura e dinâmica das relações de gênero, enfatizando-se também a importância que os símbolos têm nessas relações e nas nossas vidas.

Ficha de Trabalho: Rituais de Casamento²²

A. Hare Krishna

O casamento é arranjado pelo mestre espiritual, a quem cabe decidir sobre os casais. A união conjugal deve vir após uma vida dedicada aos estudos até os 25 anos, só então o celibatário decidirá com o seu mestre se deverá buscar ou não o casamento. Se decidir pelo casamento, o mestre recomenda a noiva, que geralmente é aceita. A união de uma mulher com um homem é vista como a soma de esforços para o aperfeiçoamento espiritual.

Trajes: tanto o noivo como a noiva devem vestir o sarī. O dele na cor branca, indicando a intenção de ingressar na vida matrimonial; o dela, em vermelho e verde, cores que simbolizam a fertilidade. O cabelo da noiva deve estar sempre amarrado e dividido ao meio, o que é sinal de castidade, e só o marido pode vê-los. As mulheres que usam cabelos soltos e repartidos de lado são identificadas como prostitutas.

Juramento: do noivo: "Prometo guardá-la e protegê-la em consciência de Krisna por toda minha vida. Não haverá separação".

Juramento da noiva: "Prometo aceitá-lo como esposo, servi-lo e segui-lo em consciência com Krisna para toda minha vida. Não haverá separação".

B. Islâmico

Um aperto de mão entre as testemunhas - em geral os pais dos noivos - selam o contrato de casamento (Nikah), que descreve principalmente as obrigações dos homens para com o sustento da família, estipula o dote da noiva e concede permissão para que o marido pratique ou não a poligamia. Os noivos ficam sentados ouvindo os versículos do Alcorão específicos para o momento:

"Se temerdes não ser injusto para com órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver entre as mulheres. Mas se temerdes não ser equitativo com elas casai com uma só."

C. Judeu Chacídico

Na semana que antecede ao casamento os noivos não se vêem nem se falam, protegendo-se de uma fase atribulada e considerada propícia às discussões. Nos círculos chacídicos os noivos não têm nenhuma intimidade física até se casarem. A atração espiritual é considerada mais importante que a atração física. Depois do casamento a noiva usará para sempre uma peruca, ocultando os seus cabelos que são considerados símbolos da atração física e demarcando o seu papel de esposa.

A noiva veste um vestido branco tradicional e o noivo uma camisa branca semelhante a uma mortalha, lembrando para ele a sua mortalidade e que o casamento deve durar até a morte. O noivo cobre o rosto com um véu branco não transparente, o que significa seguir Deus cegamente.

O noivo entra no local da cerimônia junto com os outros homens e a noiva com as mulheres. O contrato de casamento tem 10 itens que tratam da responsabilidade do noivo, entre as quais o sustento total da esposa. O noivo não usa aliança e durante a festa as mulheres são separadas dos homens através de panos.

²²Fonte: Revista Marie Claire, 1994, N° 36.

Roteiro de Questões

1. Existem diferenças na posição do homem e da mulher durante o ritual? Quais são?
2. Como você analisa e explica estas diferenças?
3. Quais as funções desempenhadas pelo homem e pela mulher? Você acha que há diferenças importantes entre elas? Por que?
4. Quais as diferenças entre estes rituais e o ritual de casamento em nossa cultura, no que se refere ao lugar do homem e da mulher?

09. Como é a Minha Organização?

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivos:

Propiciar uma análise de gênero de alguns dos contextos de intervenção de ONGs.

Produzir elementos para a identificação de campos de ação na área de gênero e desenvolvimento.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Roteiro de Trabalho

Orientações:

1. Em pequenos grupos, divididos por ONG, projeto ou movimento social, peça para que as pessoas respondam as questões do roteiro de trabalho, anotando as respostas em um cartaz para apresentar no grande grupo.
2. Comente os resultados chamando a atenção para os trabalhos com mulheres e/ou com abordagem de gênero que já são realizados e para as linhas de intervenção que apresentam maior potencial de ação na área de gênero e desenvolvimento. Estas conclusões devem ser anotadas, pois servirão de subsídios para a formulação da política de gênero das ONGs, projetos ou movimentos sociais presentes.

Tempo:

08 horas

Nº de Participantes:

Até 3 equipes, ONGs ou movimentos sociais, não importando o número de pessoas.

Comentários:

1. Este exercício é uma variante mais detalhada da Linha da Vida Institucional e, portanto, adequada às organizações ou movimentos sociais que pretendem incorporar a abordagem de gênero em seus programas e projetos. Por isso, os seus resultados são muito úteis para o/a facilitador/a ou para quem estiver realizando assessoria nesta área, que terá informações importantes, produzidas de modo participativo, para dar continuidade ao processo de incorporação da abordagem de gênero. Vale a pena lembrar que este processo não pode ser reduzido a uma oficina. De modo geral, oficinas são momentos específicos e pontuais deste processo que se inicia antes e continua depois de cada uma delas. Pode-se ainda pedir que o diagnóstico seja feito antes da oficina, utilizando-se o momento coletivo apenas para o debate.
2. Com este diagnóstico é possível identificar o modo como estão distribuídas as funções, responsabilidades e atividades entre homens e mulheres na organização ou movimento em questão, o que permite uma boa introdução para a discussão sobre relações de gênero na sociedade. Mais especificamente, este exercício permite uma visão ampla e detalhada sobre o modo como cada organização ou movimento está compreendendo as relações de gênero, as mulheres enquanto destinatárias de sua ação e a questão de gênero enquanto elemento dos processos de desenvolvimento.

09. Como é a Minha Organização?

3. É importante que você utilize os resultados dos grupos como subsídio para exposições sobre gênero e desenvolvimento. Deste modo, a exposição torna-se mais viva e mais próxima da realidade do grupo, perdendo um pouco da sua aridez característica.
4. Por se tratar de um exercício comparativo, é importante estar atento/a para que não se estabeleçam disputas estéreis no grupo, embora o confronto de opiniões seja salutar. Por isso, chame a atenção para as semelhanças entre os grupos, mais do que para as diferenças.
5. Com mais de 3 grupos, o exercício torna-se muito cansativo, pela quantidade de informações socializada.

Roteiro de Trabalho

1. Nome da instituição
2. Ano de fundação
3. Origem da instituição
4. Âmbito geográfico da ação
5. Nº de funcionários: diferenciar por sexo
6. Estrutura de decisão
7. Estrutura de produção (técnica)
8. Alocação de pessoas na estrutura de decisão: identificar cargos e sexo de seus ocupantes
9. Alocação de pessoas na estrutura de produção (técnica, administrativa e de apoio): identificar cargos e/ou funções e o sexo de seus ocupantes
10. Horário de trabalho dos/as funcionários/as
11. Formação técnica, acadêmica e/ou política da equipe: identificar por sexo
12. Estrutura salarial por funções e sexo dos ocupantes
13. Fontes dos recursos financeiros
14. Orçamento anual (ou trienal, se for o caso)
15. Percentual de recursos próprios aportados
16. Missão ou finalidades da instituição
17. Visão de futuro ou futuro desejado no seu campo de atuação
18. Valores e crenças que informam o trabalho institucional
19. Temas centrais para o trabalho da instituição
20. Parcerias: identificar por campo de atuação e nos diferentes níveis (político, financeiro, técnico etc.)
21. Programas de trabalho
22. Projetos em curso
23. Repertório geral de atividades
24. Público beneficiário
25. Forma de participação do público beneficiário nas ações institucionais
26. Atividades específicas com mulheres: origem, âmbito institucional (quantos projetos, quantas pessoas envolvidas etc.), principais resultados, principais problemas, perspectivas.
27. Atividades que envolvem a abordagem de gênero: origem, âmbito institucional (quantos projetos, quantas pessoas envolvidas etc.), principais resultados, principais problemas, perspectivas.

10. Conhecendo a Nossa Identidade

Tipo de Dinâmica: Integração
Introdução de Novos Conteúdos

Objetivos:

Promover a socialização do grupo

Produzir elementos para a discussão sobre identidade, com foco na identidade pessoal

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita crepe ou adesiva, pincéis atômicos.

Material de apoio:

01 cartaz com o título "Elementos Sócio-Demográficos"

01 cartaz com o título "Elementos Subjetivos"

Texto de apoio para o/a facilitador/a: **Texto de Apoio nº 09** - Gênero e Cotidiano, de Taciana Gouveia.

Orientações:

1. Em duplas, as pessoas conversam sobre si mesmas, procurando obter o máximo de informações possível sobre cada uma. Não é necessário escrever.
2. Coloque na parede os dois cartazes.
3. No grande grupo, forme um duplo círculo: um interno, formado por uma pessoa de cada dupla e um externo formado pelas outras pessoas de cada dupla.
4. As pessoas que estão atrás apresentam as que estão na frente, falando tudo que conseguiram absorver da primeira conversa. Quem está sendo apresentado fica em silêncio.
5. Anote as principais informações de cada apresentação, distribuindo-as pelos dois cartazes: no primeiro, coloque as informações sócio-demográficas (idade, estado civil, rendimento, escolaridade, profissão etc.) e no outro as informações pessoais (calada, expansiva, solidária, agressiva, detalhista etc.).
6. As apresentações prosseguem até que todas as pessoas do círculo interno tenham sido apresentadas.
7. Troca-se de lugar (quem estava no círculo interno passa para o externo e vice-versa) e repete-se o processo, até que todas as pessoas tenham sido apresentadas.
8. Volta-se para os lugares e você apresenta os quadros, chamando a atenção para os elementos sócio-demográficos comuns ao grupo, que configuram o perfil do grupo, e para as semelhanças e diferenças existentes em cada um dos quadros. Deve-se ressaltar aqueles elementos que dizem respeito às dimensões de gênero e que incidem diretamente sobre a formação da identidade. Estimule o debate.

Tempo:

03 horas

Nº de participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Durante as orientações, reforce a importância de se destacar os elementos subjetivos nas conversas em dupla (gostos, atitudes, sentimentos, etc).
2. Quando do momento dos comentários sobre semelhanças e diferenças sócio-demográficas e subjetivas é preciso atenção no modo de trabalhá-las, já que os dados sócio-demográficos forne-

10. Conhecendo a Nossa Identidade

cem o contexto social em que as pessoas se constituem, enquanto que dados subjetivos constituem a individualidade de cada um/a. Assim, recomendamos que neste momento você trabalhe as características subjetivas mais específicas de homens e de mulheres em nossa cultura, reforçando o seu caráter de construção sócio-histórica e relacionando-as aos dados sócio-demográficos. No entanto, seja cuidadoso/a para não homogeneizar as individualidades e a história pessoal dos/as participantes.

3. O exercício pode ser utilizado em grupos só de mulheres ou só de homens, seguindo a mesma estrutura.

11. Construindo a Identidade Coletiva

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivo:

Refletir sobre os processos de construção da identidade coletiva de grupos ou movimentos sociais.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Modelo do quadro de linha do tempo

Roteiro de trabalho

Orientações:

1. Peça para que, em pequenos grupos (entre 4 e 6 pessoas), as pessoas construam uma linha do tempo, identificando nela o momento em que começou a participar do grupo ou movimento do qual faz parte e marcando os principais momentos desta participação, de acordo com o roteiro de trabalho. Cada pessoa deve utilizar uma cor diferente para se identificar ou sinais específicos.
2. O cartaz da linha do tempo é apresentado e debatido no grande grupo
3. Comente os resultados articulando as diferentes informações tanto no tempo, quanto nos objetivos, conquistas e formas de atuação.
4. Faça uma breve exposição sobre identidade coletiva com foco na sua importância para o empoderamento das mulheres. Para isso, você pode utilizar como referência os textos sobre identidade que estão na sessão **Textos de Apoio**.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas

Comentários:

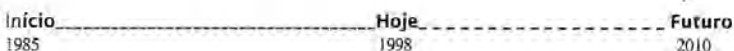
1. Este exercício permite uma maior integração das pessoas ao mesmo tempo que possibilita a coleta de informações sobre a trajetória do grupo, que funcionará como subsídios importantes para a continuidade do processo formativo.
2. Os resultados do trabalho funcionam como subsídios reais para a compreensão do processo de formação da identidade coletiva, facilitando a apreensão dos conteúdos teóricos.

Roteiro de Trabalho

Marcar na linha do tempo, com uma cor para cada pessoa, as seguintes informações:

1. Quando começou a participar de movimentos sociais? Indique o ano.
2. Listar todos os movimentos em que participou e participa, indicando o ano e o nome do movimento.
3. Quem fundou o movimento assinala de modo diferente.
4. Quais as principais conquistas destes movimentos até hoje? Indique o período em que aconteceram.
5. Na parte da linha reservada para o futuro, indique o que se quer alcançar com este movimento.
6. Ainda no futuro, como você acha que o seu movimento estará: maior, mais forte, com novas parcerias, com que tipo de atuação?
7. E você, como vai se sentir e o que vai fazer neste futuro que você imagina?
8. Em outro cartaz indique o que mudou em sua vida, e em você, por causa da participação em movimentos.

Modelo de linha do tempo



12. Cotidiano²³

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação
Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo:

Trabalhar a questão da produção e reprodução em unidades domésticas.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Ficha para identificação da família (ver exercício 18 - Gênero e Família)

Modelo de cartaz para apresentação dos resultados da família (ver exercício 18 - Gênero e Família)

Quadro "Cotidiano"

Modelo de quadro para apresentação dos resultados do Cotidiano

Textos de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** os seguintes: nº 07: Comentários sobre Tarefas Produtivas e Reprodutivas na Área Rural; nº 08: Doméstico, Público e Privado;

Alguns Esclarecimentos Conceituais; nº 10: Gênero e Família; nº 14: Relações de Gênero e Família).

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (de 5 a 8 pessoas) e distribua a ficha para identificação da família, junto com um modelo de cartaz para cada grupo. Durante mais ou menos 15 minutos as pessoas conversam um pouco sobre as suas famílias: tamanho da família, quem é o/a chefe da família, idade dos membros da família etc. Uma das famílias é então escolhida para ser trabalhada no exercício. Auxilie nesta escolha tentando garantir a diversidade entre os tipos de família escolhidos por cada grupo.
2. O grupo preenche a ficha de trabalho e prepara um cartaz para a apresentação dos resultados. Os resultados são apresentados para o grande grupo e você comenta a diversidade dos arranjos familiares, chamando a atenção para as questões de gênero (onde estão as mulheres, se há crianças pequenas, quem é o/a chefe etc.).
3. Volta-se para os pequenos grupos e você distribui o quadro "Cotidiano", para que as pessoas identifiquem, na família que eles já descreveram, quem são os/as dois/duas principais responsáveis pela manutenção e administração da casa. Os grupos preenchem a ficha das tarefas com as atividades de cada um dos responsáveis pela família (um em cada uma das colunas, identificando o sexo respectivo), no espaço de 24 horas, devendo incluir as horas de sono.
4. Os grupos lhe devolvem as fichas preenchidas e, enquanto fazem um intervalo, a equipe de apoio monta um grande cartaz, igual ao quadro "Cotidiano" preenchido pelos grupos, que inclui todos os dados levantados por cada um dos grupos. As tarefas são escritas com cores diferentes indicando os diferentes tipos de atividades: produtivas, reprodutivas, lazer/vida sexual, ação política, outras (descanso, comer etc.). O resultado é um quadro muito colorido, cheio de informações, que será interpretado coletivamente no grande grupo.
5. Afixe o cartaz em um lugar visível para todos e comente os dados do quadro, reforçando e aprofundando as noções de trabalho produtivo e reprodutivo, chamando a atenção para a forma como as relações sociais estão organizadas na família.

²³ Este exercício é utilizado por muitas autoras, em diferentes partes do mundo e com diferentes nomes. Indicamos aqui a referência de Suzanne, Williams (com Janet Seed e Adelina Myrta) no *The Oxford Gender Training Manual*, Oxford, 1995, onde encontramos a descrição melhor organizada, sob o título *The 24 Hour Day*.

12. Cotidiano

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. A parte inicial deste exercício é a mesma do "Gênero e Família". Portanto, valem aqui os mesmos comentários.
2. É importante que você tenha uma boa capacidade de registro de informações em quadros. O quadro final pode ficar bastante confuso se as informações não forem bem registradas.
3. O quadro final pode ser feito coletivamente. No grande grupo, anote os resultados ditos em voz alta pelos participantes no quadro afixado em lugar visível. É uma forma mais dinâmica de construir o quadro e resolve situações onde não é possível ter intervalo ou co-facilitador/a que auxilie na construção do quadro.

Quadro "Cotidiano"

1. Pensem na família que vocês escolheram e descreveram e identifiquem quem são os dois principais responsáveis pela manutenção e administração da casa.
2. Descrevam o que cada uma destas pessoas faz em cada hora do dia, mesmo quando dormem.
3. Se for um homem e uma mulher, façam as anotações nas colunas respectivas.
4. Se forem duas mulheres ou dois homens, anotem apenas em uma coluna, indicando em cima que são duas pessoas.

MULHER(ES)	HOMEM(ENS)
MEIA-NOITE	
	1h
	2h
	3h
	4h
	5h
	6h
	7h
	8h
	9h
	10h
	11h
	12h
	13h
	14h
	15h
	16h
	17h
	18h
	19h
	20h
	21h
	22h
	23h

13. Credenciamento Coletivo

Tipo de Dinâmica: Apresentação e Integração

Objetivos:

Vivenciar o trabalho de credenciamento em grupos mistos, geralmente feito por mulheres que não participam da atividade.

Apresentar as pessoas umas às outras.

Inscriver e credenciar os/as participantes na atividade.

Material:

Cartões de cartolina de tamanho adequado para os crachás, crachás, pincéis atômicos de várias cores, canetas.

Material de apoio:

Modelo de fichas de inscrição

Orientações:

1. Solicite às pessoas que sentem-se obedecendo a uma disposição que alterna homens e mulheres, um a um.
2. Distribua uma ficha de inscrição, uma caneta, um cartão, um crachá e um pincel atômico para cada participante. Individualmente, cada um preenche a sua ficha de inscrição.
3. Peça para que se formem duplas mistas, um homem e uma mulher, com o/a parceiro/a mais próximo/a, e para que troquem as fichas de inscrição.
4. Cada pessoa lê a ficha de inscrição de seu par e escreve no cartão o nome do par e o seu lugar de origem (ou organização a que pertence), entregando-lhe o crachá preenchido para que seja colocado na roupa.
5. Recolha as fichas de inscrição e peça para que cada participante apresente ao grande grupo o seu par.

Tempo:

30 minutos

Nº de participantes:

Grupos grandes (preferencialmente), com mais de 30 pessoas.

Comentários:

1. Recomendado para grupos mistos.
2. Você deve destacar o papel de "tarefeira" da secretária de encontros e eventos, sempre feito por mulheres, enfatizando a natureza cultural, e não natural, das tarefas.
3. As fichas de inscrição podem ser guardadas para ser utilizadas em atividades de construção do perfil do grupo, se isto estiver previsto para a oficina.
4. Pode-se fazer esta dinâmica sem a ficha de inscrição, apenas com uma conversa entre as duplas. A vantagem da ficha é que ela oferece mais informações sobre cada pessoa e é bastante útil no caso de se desejar trabalhar com o perfil do grupo.

Modelo de Ficha de Inscrição

Nome:	
Sexo:	Raça/cor:
Idade:	Estado Civil:
Escolaridade:	
Profissão:	
Estado de origem:	
Município/Localidade de residência:	
Organização a que pertence:	
Cargo que ocupa na sua organização:	
Nº De Filhos: _____ Homens _____ Mulheres	
Renda Familiar: R\$	
Renda Individual: R\$	

14. Duas ou Três Coisas Que Eu Sei Sobre Elas e Eles

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivo:

Identificar e debater estereótipos de gênero e classe.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho.

Auto-descrição da vida na comunidade dos grupos destinatários.

Orientações:

1. Forme pequenos grupos de 4 a 6 pessoas e distribua uma ficha de trabalho para cada grupo, pedindo para que as pessoas debatam sobre o grupo destinatário da sua ação e respondam as questões da ficha, transcrevendo os resultados da discussão em um cartaz para apresentação no grande grupo.
2. Comente os resultados e peça para que retornem aos grupos.
3. Distribua então a auto-descrição dos/as destinatários/as e peça para que as pessoas leiam e discutam o material, comparando-o com a descrição que fizeram anteriormente. Cada grupo apresenta oralmente os resultados do debate e discute-se as principais diferenças encontradas e as razões destas diferenças.
4. Faça uma breve exposição sobre estereótipos de gênero e classe e suas implicações no desenvolvimento de projetos e atividades políticas.

Tempo:

05 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas.

Comentários:

1. Este exercício possibilita um contraste entre as representações que técnicos/as e lideranças possuem a respeito do seu público e o modo como o próprio público se percebe e percebe a realidade que lhe cerca. Isto permite a análise dos estereótipos que estão na base das representações. De modo geral, as duas descrições são muito diferentes, o que permite chamar a atenção para a importância de se tratar das diferenças sócio-econômicas e culturais entre nós e o nosso público como um modo de qualificar a nossa ação.
2. Este exercício só funciona se você tiver uma auto-descrição do grupo destinatário, já realizada em atividades anteriores. Incluímos neste manual, como exemplo de material de apoio, duas auto-descrições de trabalhadores/as rurais produzidas em um dos cursos que realizamos para a Contag. Acreditamos que elas podem ser utilizadas nesta dinâmica se os/as participantes estiverem envolvidos com a questão rural.

Ficha de Trabalho

Descrevam o seu público destinatário, diferenciando homens e mulheres, de acordo com suas características físicas, psicológicas, sócio-políticas e culturais. Vocês podem se orientar pelas questões abaixo:

- a) Qual o aspecto corporal de homens e mulheres: estatura, peso, cor da pele, tipo de cabelo, tipo de roupa, postura corporal, higiene etc.?
- b) Como é o temperamento de homens e mulheres: tímidos, expansivos, alegres, curiosos, arredondados etc.?

Agora pensem na comunidade em que estas pessoas vivem e descrevam a vida nesta comunidade, de acordo com as seguintes questões:

- a) Que tipo de trabalho fazem as pessoas que moram lá?
- b) Quem faz que tipo de trabalho? As mulheres fazem o quê? E os homens? As crianças? Os velhos/as?
- c) Mais ou menos, quanto é que as pessoas tiram de dinheiro no final do mês? Têm diferenças entre homens e mulheres?
- d) Em que tipo de casa e terra as pessoas moram? Própria, alugada, arrendada, vila, barraco?
- e) Para populações rurais: as pessoas usam máquinas para trabalhar? Que tipo de máquinas? São dos patrões ou dos/as trabalhadores/as? As mulheres também usam as mesmas máquinas?
- f) Tem sindicato ou associação nesta comunidade? São fortes? As mulheres participam?

Exemplo de auto-descrição de grupos destinatários (feito com trabalhadores/as rurais)

a) *Que tipo de trabalho fazem as pessoas que moram lá?*

Assalariados do Nordeste: serviços gerais, desde o plantio até a colheita da cana. Animais: burro e boi.

Agricultura familiar moderna do Sul: preparo da terra e plantio de arroz, milho, feijão, soja, aipim, algodão etc. Leite. Suínos, bovinos, caprinos, avicultura, Artesanato, derivados do leite. costura e tecelagem.

b) *Quem faz que tipo de trabalho? As mulheres fazem o quê? E os homens? As crianças? Os velhos/as?*

Assalariados do Nordeste: Mulheres: limpam, cortam e semeiam a cana, adubam a terra.
Homens: serviços gerais.
Crianças: semeiam, cortam, limpam e adubam.
Velhos: serviços gerais.

Agricultura familiar moderna do Sul: Mulheres: preparam o solo, plantam, cultivam, colhem, armazenam.
Homens: o mesmo trabalho, só que em proporção maior.
Crianças: ajudam no plantio, cultivo e colheita.
Velhos: cuidam em parte dos animais e fazem trabalhos mais leves.

c) *Mais ou menos, quanto é que as pessoas tiram de dinheiro no final do mês? Têm diferenças entre homens e mulheres?*

Assalariados do Nordeste: Homens: um salário mínimo, mais produção.
Mulheres: depende da produção.

Agricultura familiar moderna do Sul: Homens: 2 salários mínimos.
Mulheres: a mesma coisa.

d) *Em que tipo de casa e terra as pessoas moram? Própria, alugada, arrendada, vila, barraco?*

Assalariados do Nordeste: Arruado de barro e tijolo, alojamento, sítio.

Agricultura familiar moderna do Sul: Terra e casa própria, de madeira, tijolo e telha.

e) *As pessoas usam máquinas para trabalhar? Que tipo de máquinas? São dos patrões ou dos/as trabalhadores/as? As mulheres também usam as mesmas máquinas?*

Assalariados do Nordeste: tratores, ferramentas fornecidas pelo patrão.

14. Duas ou Três Coisas Que Eu Sei Sobre Elas e Eles

Agricultura familiar moderna do Sul: trator, colheitadeira, pulverizador, grade, plantadeira manual. São dos homens e das mulheres, só que as mulheres usam em minoria.

f) *Tem sindicato ou associação nesta comunidade? São fortes? As mulheres participam?*

Assalariados do Nordeste: sindicato atuante, as mulheres participam desde a greve até a negociação.

Agricultura familiar moderna do Sul: sim, mais ou menos forte. As mulheres participam.

15. Escute Essa Canção...

Observação inicial:

Aqui vamos falar de um recurso que pode ser utilizado de muitas formas e que pode ser agregado a outras dinâmicas: a música. Sua apresentação neste manual, portanto, não obedecerá ao formato das outras dinâmicas. Sugerimos uma maneira de utilização da música, mas, a depender de sua criatividade, ela poderá ser utilizada de muitas outras formas.

Objetivo:

Presta-se aos mais diferentes objetivos. Pode funcionar como introdução a diferentes questões no campo de gênero: o conceito de gênero, relações de gênero, estereótipos e preconceitos e questões correlatas, como o trabalho doméstico, as relações amorosas, a violência etc.

Material:

Gravador e fita ou CD player e CD, folhas de papel madeira, pincéis atômicos, fita crepe ou adesiva, giz de cera ou hidrocores.

Material de Apoio:

Cópias das letras das músicas que se vai trabalhar (veja lista de indicações no final do exercício)

Texto de apoio: O que é Gênero - Silvia Camurça e Taciana Gouveia

Orientações:

1. Coloque a música e distribua a cópia da letra para cada pessoa. Escutem a música quantas vezes se quiser.
2. Pode-se trabalhar em pequenos grupos ou no grande grupo, com você pontuando as questões relativas ao tema da sessão. Estimule o debate e finalize a atividade ouvindo e cantando a música novamente.

Tempo:

1 hora.

Nº de Participantes:

Sem limite.

Comentários:

1. Recomendamos o uso deste exercício como uma forma de aquecer e integrar o grupo.
2. As músicas utilizadas devem ser, preferencialmente, conhecidas do grupo com quem se vai trabalhar.
3. É importante que haja uma adequação do perfil do grupo (rural/ urbano, adulto/ jovem etc) com o tema e estilo da música escolhida.
4. Pode-se utilizar as músicas como forma de comparação sócio-temporal, trabalhando as mudanças e permanências nas relações de gênero.

Sugestões de Músicas para Serem Trabalhadas em Oficinas

1. Para que mentir (Noel Rosa)
2. Resposta (Maysa)
3. Pra começar (Marina Lima)
4. Rosa (Pixinguinha)
5. Se você jurar (Francisco Alves/Ismael Silva/Milton Bastos)
6. Paraíba Masculina (Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga)
7. Lobobobo (Carlos Lyra/Ronaldo Boscoli)
8. Gatinha manhosa (Erasmio Carlos e Roberto Carlos)
9. Carolina (Chico Buarque)
10. Januária (Chico Buarque)
11. Angústia (Chico Buarque)
12. Domingo no Parque (Gilberto Gil)
13. Super Homem, a Canção (Gilberto Gil)
14. Olhos nos olhos (Chico Buarque)
15. Ponto de interrogação (Gonzaguinha)
16. Maria, Maria (Milton Nascimento e Fernando Brant)
17. Começar de novo (Gonzaguinha)
18. Atrevida (Ivan Lins)
19. Mulher e daí (Gonzaguinha)
20. Faz parte do meu show (Cazuza)
21. Cjume (Ultraje a rigor)
22. Eduardo e Mônica (Legião Urbana)
23. Mama África (Chico Cesar)
24. Como uma Onda (Lulu Santos)

16. Estava Escrito

Tipo de Dinâmica: Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo:

Analisar e criticar estereótipos e preconceitos de gênero presentes nos discursos científico, filosófico e religioso, comparando-os com idéias atuais.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, jornais, revistas, folhetos, cartazes diversos, tinta a dedo, cola, tesouras

Material de Apoio:

Cartelas com afirmações

Ficha de trabalho com quadros

Orientações:

1. Explique o exercício chamando a atenção para o fato de que as afirmativas contidas nas cartelas são reais e a maioria delas foram ditas por pessoas famosas e muito importantes em sua época.
2. Peça para que se formem pequenos grupos e distribua até cinco cartelas para cada um, junto com a ficha de trabalho com quadros. Percorra os grupos para esclarecer dúvidas quanto aos autores e autoras das afirmações. Peça para que as pessoas leiam e analisem as cartelas, identificando para cada cartela, as consequências destas afirmações para a vida de mulheres e homens e se houve mudança na atualidade. Peça para que construam argumentos para explicar as mudanças e identificar as consequências das mudanças para a vida de mulheres e homens.
3. Distribua os materiais e peça para que o grupo faça um cartaz com recortes, desenhos ou textos que sintetize a discussão e a mudança do passado para o presente. Paralelamente, os quadros da ficha de trabalho são preenchidos e apresentados ao grande grupo junto com o cartaz-síntese.
4. Comente os resultados e faça uma breve exposição sobre o tema.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Este exercício permite uma boa ilustração dos aspectos sócio-culturais das relações de gênero, bem como da articulação entre representações e práticas sociais. Para isso, é necessário que você tenha um bom conhecimento sobre o tema, sobre os/as autores/as das frases e do contexto em que eles/as viveram.
2. É possível trabalhar sem o cartaz-síntese, mas a sua utilização anima a atividade e o grupo.
3. Pode-se trabalhar ainda juntando as cartelas deste jogo com as cartelas do exercício nº 29, "Na Boca do Povo", fazendo uma comparação entre o pensamento erudito e o popular.

Jogo de Cartelas²⁴

AMOR

As mulheres são naturalmente inclinadas ao amor... É o desejo que elas têm de se preencher e de impedir o vazio que a Natureza odeia tanto. (VENETTE, SÉC. XVII)

BRIGA

A família e a sociedade exigem do menino e da menina comportamentos diferentes. O menino é naturalmente briguento, mais forte, empreendedor e mais atrevido, ele é mais brilhante nas matemáticas. A menina é mais suave, mais paciente, se dedica a trabalhos manuais (decoração, cozinha) e precisa de mais atenção e regularidade. (ENCICLOPÉDIA DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 1973, França)

CASA

As mulheres entendem melhor do que os homens a condução dos afazeres domésticos, o que prova, melhor do que longos raciocínios, que a natureza não as chama para dirigir os assuntos públicos. (BONALD, Louis, séc. XIX, francês)

EDUCAÇÃO 1

Quando uma mulher quer aprender, geralmente há alguma coisa errada no seu aparato sexual. (NIETZSCHE, séc. XIX, Alemanha)

EDUCAÇÃO 2

As mulheres devem aprender muitas coisas, mas somente aquelas que convêm saber... Precisa uma mãe de família de livros para criar seus filhos? Não tem ela o Livro da Natureza e seu coração...? (PRUDHOMME, séc. XVIII)

EDUCAÇÃO 3

Toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Agradá-lo, ser-lhe útil, fazer-se amada e respeitada por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes doce e agradável a vida; eis aí os deveres das mulheres, em todos os tempos, o que lhes deve ser ensinado desde o berço. (ROUSSEAU, Jean-Jacques, séc. XVIII.)

FRAQUEZA 1

Tudo que é pequeno chega mais rápido a seu fim, nas obras artificiais como nos organismos naturais... pois as fêmeas são por natureza mais fracas e mais frias, e há de considerar sua natureza como uma defeituosidade natural. (ARISTÓTELES)

²⁴Estas frases foram retiradas e adaptadas da pesquisa feita para a realização do cartaz O Cérebro das Baleias, de autoria de Christine Dabat, Regine Bandler e Ana Bosch e produzido pelo SOS CORPO, em 1994.

FRAQUEZA 2

A mulher é de temperamento melancólico, débil, frágil e mole. Sua natureza é imbecil e enfêrma. (WIER, Jean, séc. XVI, *Doutor em Medicina*)

FRAQUEZA 3

Qual é a qualidade que você aprecia mais?

Nas pessoas, a simplicidade; nos homens, a força; nas mulheres, a fraqueza. (Pergunta feita a KARL MARX, séc. XIX)

INTELIGENCIA 1

Uma mulher que exercita sua inteligência fica feia, louca e macaca. (PROUDHON, socialista, França, séc. XIX)

INTELIGENCIA 2

As mulheres são intelectualmente inferiores aos homens, já que sua fibra cerebral é mole e delicada, carecendo completamente da dureza, solidez, força e consistência da fibra cerebral masculina. Por isso, não só as matérias abstratas são praticamente incompreensíveis para as mulheres, como também elas são capazes de considerar os aspectos superficiais dos problemas, faltando completamente à sua imaginação o vigor e a riqueza necessários para penetrar no cerne das coisas. (MALEBRANCHE, séc. XVII, francês, padre católico e filósofo)

INTELIGENCIA 3

Existem, sem dúvida, algumas mulheres notáveis, muito superiores ao homem mediano, mas são tão excepcionais quanto o nascimento de qualquer monstruosidade como, por exemplo, de um gorila com duas cabeças; conseqüentemente, podemos ignorá-las por completo. (LE BON, Gustavo, psicólogo social na França, sécs. XIX e XX)

LIBERDADE

Art. 1. As mulheres assim como os homens, nascem membros livres e independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamadas a exercer, sem freios os seus direitos e deveres individuais. (MANIFESTO FEMINISTA da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, 1929)

MALDADE 1

A mulher é um animal que não é firme, nem estável, odiável, nutridor de maldade... Ela é a fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. (SANTO AGOSTINHO (334-430). "Pai" da Igreja Católica)

MALDADE 2

A mulher é má, lúbrica, tanto quanto a víbora escorregadia, tanto quanto a enguia e, além do mais, curiosa, indiscreta, impertinente. (ANÔNIMO - Sermão do Século XII)

Obediência 1

A mulher é feita para agradar e para ser subjugada. A mulher é feita para ceder ao homem e para suportar mesmo sua injustiça; você não reduziria nunca os meninos ao mesmo ponto. (ROUSSEAU, séc. XVII, França)

Obediência 2

Que as mulheres sejam submissas a seu marido, como ao Senhor; com efeito, o marido é chefe de sua mulher, como Cristo é chefe da Igreja, ele, o Salvador do corpo. Ora, a Igreja se submete a Cristo; as mulheres devem, portanto, e da mesma maneira, submeter-se, em tudo, a seus maridos. (SÃO PAULO)

Obediência 3

Se a mulher é fraca pela sua constituição mesma, a Natureza quis então fazê-la submissa e dependente na união sexual; ela nasceu então para a doçura, a ternura, e mesmo para a paciência, a docilidade; ela deve então suportar sem sussurros o jugo do constrangimento para manter a concórdia na família pela sua submissão e seu exemplo. (VIREY, séc. XIX)

Política

Um ministério da condição feminina? Por que não uma sub-secretaria do tricô? (General DE GAULLE, séc. XX)

Resistência 1

Sim, eu sou uma defensora do amor livre. Eu tenho um direito inalienável, constitucional e natural de amar quem eu quero, de amar tão longa ou brevemente quanto posso, de mudar este amor todo dia se me agrada; e com este direito não você, nem qualquer lei que você possa forjar, tem o direito de interferir. (VICTORIA WOODFULL, USA, séc. XIX, feminista)

Resistência 2

O homem aí diz que as mulheres precisam ser ajudadas para subir nas carruagens e carregadas para passar regos, e para ter o melhor lugar em todos os cantos. Ninguém nunca me ajudou nas carruagens ou em cima de lamaçais ou para me dar o melhor lugar - e não sou uma mulher? Olha meu braço! Eu lavei e plantei e recolhi em celeiros e nenhum homem pode me comandar - e não sou uma mulher? Pude trabalhar e comer tanto quanto um homem - quando tive a oportunidade - e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Tive treze filhos e vi a maioria vendida à escravidão, e quando chorei com minha dor de mãe, ninguém senão Jesus me ouviu - e não sou uma mulher? (TRUTH, Sojourner, ex-escrava, liderança abolicionista norte-americana, séc. XIX)

Sexo 1

Se os órgãos sexuais da mulher são internos, isso se deve à imbecilidade de sua natureza que não pode expelir e lançar fora as ditas partes, como o homem. (PARÉ, Ambroise, séc. XVI)

Sexo 2

As partes naturais da mulher (...) são a causa da maioria dos nossos pesares, tanto quanto dos nossos prazeres, e, se assim posso dizer, quase todas as desordens que aconteceram no mundo e que ocorrem ainda, todos os dias, provêm destas mesmas partes. (VENETTE, médico, França, séc. XVII)

SEXO 3

(Como) esse animal divino cheio de razão e de juízo que chamam homem pode ser atraído por essas partes obscenas da mulher, maculadas de humores e situadas vergonhosamente na parte baixa do tronco? (*DES LAURENS, médico, França, XVIII*)

TRABALHO 1

São as mulheres que serão empregadas para descarregar, à noite, as beterrabas nas refinarias porque elas são mais hábeis e mais flexíveis que os homens e porque elas resistem melhor à lama e ao frio. (*Em uma das circulares patronais das refinarias açucareiras da França, 1860*)

TRABALHO 2

Na Inglaterra, ainda é de costume, ao longo dos canais, se servir de mulheres em lugar de cavalos para rebocagem, já que os custos dos cavalos e das máquinas são quantias dadas matematicamente, enquanto as das mulheres jogadas na ralé, escapam a qualquer cálculo. (*MARX, Karl*)

TRABALHO 3

Pela estrutura e pelas funções biológicas, o papel do macho é, evidentemente, de perseguir este trabalho de destruição, de conquista, de arrumação sem o qual nossa existência seria logo impossível; caçar, pescar, mandar, construir, transportar, é o trabalho do homem. (*ALAIN, séc. XX*)

TRABALHO 4

Dentre as operárias, há mulheres que são ocupadas de seis horas da manhã até meia-noite, durante várias semanas seguidas, com poucos dias de descanso, com duas horas para comer, assim que para cinco dias da semana e vinte e quatro horas do dia, só restam seis horas para ir em casa, repousar e voltar. (*MARX, Karl*)

TRABALHO 5

Não somos nós que arrancamos a mulher do lar; é a exploração capitalista que tira não somente a mulher, mas também a criança para concorrerem com o homem. Para tornar os lares quentes e a humanidade feliz, temos que suprimir a exploração capitalista, não tem outro jeito. E durante o tempo que discutimos se a mulher deve ou não deve trabalhar, tem milhares de operárias que estão trabalhando e que morrem na tarefa. (*MINK, Paule*)

TRABALHO 6

O trabalho das mulheres nas fábricas leva à “destruição da moral, a verdadeira religião do operário”. Mesmo reconhecendo o direito ao trabalho da mulher, gostaríamos que ela fosse nada fora do lar. (*No Congresso Operário de Paris, 1876.*)

VERGONHA

Toda mulher deveria ser arrasada de vergonha ao simples pensar de que ela é mulher. (*CLÉMENT D'ALEXANDRIA, Séc. V*)

Modelos de Quadros para Respostas

Depois da leitura e discussão das cartelas, preecham os quadros abaixo:

Título da Cartela	Idéias do passado	Consequências para a vida de mulheres e homens

Houve mudança no presente?	Como? Por que?	Consequências para a vida de mulheres e homens

17. Expectativas, Receios e Desejos

Tipo de Dinâmica: Integração

Objetivos

Negociar coletivamente os interesses individuais que poderão ser satisfeitos pela atividade, tal como está programada.

Acordar as atitudes que deverão ser assumidas pelos/as participantes e pela coordenação para que a atividade seja bem sucedida.

Material:

Pincéis atômicos, fita crepe ou adesiva, tarjetas de cartolina ou cartelas de papel ofício, canetas.

Material de Apoio:

Cartaz contendo os objetivos

Modelo de cartazes para "Expectativas", "Receios" e "O que queremos aprender"

Modelo de cartaz para "Compromissos"

Orientações:

1. Apresente o cartaz com o objetivo da oficina ou curso e lance as seguintes questões para o grupo:

A. *Expectativas, receios e desejos:*

1. Quais as suas expectativas com relação a esta atividade?
2. Quais os seus receios com relação a esta atividade?
3. O que você gostaria de aprender nesta atividade?

2. Distribua tarjetas em branco e canetas para cada participante. Individualmente, as pessoas escrevem as suas respostas nos cartões, uma em cada cartão, identificando-as pelo número da questão. Os cartões são devolvidos a você.

3. Neste momento, você precisará de um tempo para montar os cartazes, cerca de 30 minutos. Este tempo pode ser obtido de várias maneiras: se houver auxiliar de sala, ela pode ficar com o grupo discutindo a programação geral da atividade ou realizando alguma dinâmica de aquecimento. Se não houver auxiliar, pode-se pedir que os/as próprios/as participantes coordenem alguma atividade. Se nada disso for possível, dá-se um intervalo ou programa-se uma atividade de leitura relacionada ao tema da atividade.

4. Prepare três cartazes com as respostas às três perguntas, colando os cartões dos/as participantes no papel madeira. Sugerimos que sejam dispostos por blocos temáticos. Comente cada bloco de expectativas, receios e desejos, articulando-os com o objetivo da oficina e esclarecendo para o grupo quais expectativas e desejos poderão ser alcançados durante a atividade. O que não for possível de ser alcançado durante a atividade deve ser retirado do cartaz e colado em outro lugar também visível. Quanto aos receios, discuta com o grupo que atitudes individuais e coletivas podem evitá-los ou minorá-los.

5. Uma vez tendo-se obtido o consenso com relação a esta primeira parte, lance as seguintes questões:

B. *Para que a nossa oficina alcance um bom resultado:*

1. Que atitudes você e o grupo devem ter durante a atividade?
2. Que atitudes a coordenação deve ter durante a atividade?

17. Expectativas, Receios e Desejos

3. Faça uma rodada, pedindo para que cada pessoa indique as atitudes desejáveis para o bom funcionamento da oficina, para o cumprimento das expectativas e desejos e para reduzir os receios.
4. Faça um quarto cartaz, com o título "Compromissos" ou "Contrato de Convivência", com duas colunas - uma para o grupo e outra para a coordenação - e anote as respostas dos/as participantes. Comente as respostas uma a uma, verificando se cada um dos compromissos é passível de ser cumprido, tanto pelo grupo, quanto por você. Risque aqueles que não poderão ser cumpridos e deixe o cartaz na parede até o final da oficina.

Tempo:

1 hora e 30 minutos

Nº de participantes:

Máximo de 50 pessoas.

Comentários:

1. Este é um exercício básico que deve sempre ser realizado no começo de qualquer oficina.
2. É muito importante que se compatibilize as expectativas e os receios dos/as participantes com o objetivo do curso, demonstrando e debatendo claramente aqueles que serão e não serão cumpridos durante a oficina e explicando as razões para isso. Este é o primeiro compromisso que se deve estabelecer.
3. É muito comum que os receios apontem, entre outras coisas, para elementos relativos à dinâmica do grupo (atrasos, conversas, desmotivação, monotonia, centralização das falas etc). Assim sendo, é importante que você esclareça e reforce tais elementos, bem como que o grupo como um todo, firme compromissos claros que possam superar estes receios.

18. Gênero e Família

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação
Introdução de Novos Conteúdos

Objetivos:

Produzir uma base empírica sobre a diversidade de arranjos familiares presentes no grupo e sistematizar conhecimento empírico sobre família e relações de gênero.

Trabalhar o tema gênero e família.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de várias cores, fita adesiva ou fita crepe, canetas.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho "Tipos de Família"

Modelo de cartaz para apresentação dos resultados

Texto para trabalho em grupo (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 14 Relações de Gênero e Família)

Orientações:

1. Comente brevemente o tema do exercício, indicando a importância de se discutir as relações de gênero no interior da família.
2. Peça para que se formem pequenos grupos (de 5 a 8 pessoas) e distribua uma ficha de trabalho e um modelo de cartaz para cada grupo.
3. Durante mais ou menos 15 minutos as pessoas conversam um pouco sobre as suas famílias: quantas pessoas fazem parte da família, se são todos parentes, quem é o/a chefe da família, idade dos membros da família etc. Um/a dos/as participantes é então escolhido/a para ter a sua família trabalhada no exercício. Você deve auxiliar nesta escolha tentando garantir a diversidade entre os tipos de família escolhidos por cada grupo.
4. O grupo preenche a ficha de trabalho e prepara um cartaz para a apresentação dos resultados no grande grupo.
5. Comenta a diversidade dos arranjos familiares apresentados, chamando a atenção para as questões de gênero (onde estão as mulheres, se há crianças pequenas, quem é o/a chefe etc.).
6. Peça para que retornem aos pequenos grupos e distribua o texto "Família", para que leiam e respondam as questões indicadas no texto. As respostas são anotadas em cartazes e apresentadas ao grande grupo.
7. Comente as respostas e faça uma breve exposição sobre Relações de Gênero na Família, com ênfase na localização de homens e mulheres nos campos da produção e reprodução e nas esferas pública e privada e nas consequências deste arranjo para a vida cotidiana de mulheres e homens.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

25 pessoas é o número ideal, mas pode-se trabalhar com o máximo de 50 pessoas e, neste caso, o tempo de trabalho aumenta.

Comentários:

1. Explique a primeira parte do exercício com muito cuidado, tendo a certeza de que as pessoas compreenderam exatamente o que deve ser feito. De modo geral, as pessoas se confundem na hora de selecionar e descrever uma única família do grupo. Por isso, é importante que você verifique o andamento dos trabalhos nos grupos, um a um.
2. Ao acompanhar os grupos, oriente para que as escolhas da família garantam diversidade nos arranjos familiares, de modo a enriquecer o debate e a exposição. Assim, deve-se evitar que todos os grupos, ou a maioria dos grupos, selecionem um mesmo tipo de arranjo familiar, como a nuclear, por exemplo. Essa orientação deve ser dada de modo gentil, sem qualquer tipo de imposição. Se o grupo não aceitar a sugestão, não se deve insistir.

Ficha de trabalho “Tipos de Família”

1. Conversem livremente sobre suas famílias: se é grande ou pequena, se tem mais homens ou mulheres, crianças ou adultos, quem é o/a chefe etc.
2. Entre as famílias descritas, qual a que vocês acham mais interessante para apresentar para o grande grupo? Justifiquem a escolha.
3. Preenchem o quadro abaixo com as informações sobre a família escolhida e depois preparem um cartaz para apresentar os resultados do trabalho, de acordo com o modelo da página 2.

Grupo nº: _____

Participantes do grupo: _____

Caracterização da Família Escolhida

Município/localidade de residência: _____

Nº de membros da família: _____

Nome	Parentesco	Idade	Sexo	Profissão	Renda
------	------------	-------	------	-----------	-------

Modelo de cartaz para apresentação dos resultados sobre tipos de família

Grupo nº: _____ Localidade: _____ Nº de membros da família: _____

Caracterização

Parentesco	Idade	Sexo	Profissão	Renda
------------	-------	------	-----------	-------

19. Gênero e Instituições Sociais

Tipo de Dinâmica: Produção de Informações

Objetivo:

Elaborar uma análise de gênero sobre a estrutura e o funcionamento de instituições sociais, como o sistema de saúde, o sistema judiciário etc.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe

Material de Apoio:

Roteiro para o diagnóstico.

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos e distribua o roteiro de questões. Você pode trabalhar de três maneiras: a) todos os grupos discutem sobre uma mesma instituição e respondem os cinco blocos de questões; b) todos os grupos discutem sobre uma mesma instituição, mas cada um responde a um dos blocos de questões; c) cada grupo discute sobre uma instituição diferente, respondendo aos cinco blocos de questões. Em quaisquer dos casos, cartazes com os resultados das discussões devem ser preparados, sempre um bloco de questões por cartaz.
2. Os resultados são apresentados ao grupo e você anima o debate, colocando novas questões e estimulando o olhar de gênero sobre a situação descrita.
3. Em seguida faça uma exposição sobre a situação descrita. Você pode utilizar, para isso, a análise de Joan Scott sobre as quatro dimensões constituintes do conceito de gênero, que está resumida no texto “O Que é Gênero”, de Taciana Gouveia e Silvia Camurça.

Tempo:

14 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas.

Comentários:

1. Este é um exercício intermediário nos processos de formação. Recomendamos a sua utilização em grupos que já passaram pela etapa de introdução ao tema e onde a sensibilização já foi alcançada.
2. Os grupos necessitam ter um conhecimento razoável da instituição a ser analisada.
3. A formação dos grupos deve ter o máximo de homogeneidade possível em relação às instituições que serão alvo da análise.

Roteiro para Diagnóstico

A. Atividades:

1. Quais as principais atividades desta instituição?
2. Quais são realizadas por homens?
3. Quais são realizadas por mulheres?
4. Quais os benefícios materiais e simbólicos obtidos pelos homens e mulheres na realização destas atividades?

B. Regras:

1. Quais são as principais regras e normas (oficiais e não oficiais) desta instituição?
2. Como elas atuam (facilitando ou constringendo) sobre os homens e mulheres que fazem parte da instituição? E sobre as mulheres e homens de seu público-alvo?

C. Recursos:

1. Quais os recursos (materiais e simbólicos) utilizados pela instituição?
2. Como eles estão distribuídos entre os homens e as mulheres?

D. Pessoas:

1. Traça um perfil das pessoas que compõem esta instituição em termos de sexo, classe, raça/etnia e faixa etária.

E. Poder

1. Quais as formas de autoridade e controle desta instituição?
2. Quais as formas de autoridade e controle que os homens exercem?
3. Quais as formas de autoridade e controle exercido pelas mulheres?

20. Imagens de Homens e Mulheres na Comunicação

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão
Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo

Identificar e refletir sobre representações e estereótipos de gênero.

Material:

Fita crepe, cartelas para numerar os materiais expostos, papel ofício, canetas, folhas grandes de papel madeira ou papel ofício, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Cartazes ou propagandas impressas

Roteiro de questões

Modelo de quadro para anotação das respostas

Orientações:

1. Selecione previamente um conjunto de peças de comunicação à sua escolha: propagandas impressas, trechos de filmes ou novelas, propagandas de televisão gravadas, folhetos de publicidade etc. Materiais impressos podem ser plastificados ou colados em cartolina de modo a facilitar o manuseio. Não esqueça de identificar a fonte de onde foi retirado cada material.
2. Prepare a sala antes das pessoas chegarem. Se você for trabalhar com cartazes, coloque-os nas paredes, numerando-os. Se for trabalhar com propagandas impressas você pode arrumá-las em uma mesa, colocando também uma numeração.
3. Peça para que as pessoas olhem o material durante cinco minutos e façam uma seleção do mesmo, de acordo com o roteiro de questões.
4. Peça para que respondam às questões do roteiro e apresentem suas respostas para o grande grupo.
5. Anote as respostas no quadro ou no flipchart e, em seguida, faça uma breve exposição sobre estereótipos de gênero e suas consequências na vida das mulheres e homens.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Este tipo de exercício permite que se trabalhe com uma grande diversidade de materiais: vídeos com peças publicitárias, filmes, trechos de novelas, publicidade impressa, notícias de jornais ou revistas, livros, textos, músicas, materiais de campanhas publicitárias etc. O uso de material impresso facilita o manuseio pelo grupo e economiza tempo.
2. É um exercício simples que pode ser desenvolvido com grupos grandes e em sensibilizações com tempo reduzido, pois as questões que surgem abrem um bom campo de análises e debates.
3. Para que a dinâmica seja bem sucedida é necessário que haja identidade entre o grupo e o material apresentado.

20. Imagens de Homens e Mulheres na Comunicação

Roteiro de Trabalho

1. Qual o material que mais lhe agradou?
2. Neste material, o que é que mais lhe agradou? Por que?
3. Qual a imagem de homem e/ou mulher construída por este material?
4. Qual o material que mais lhe desagradou?
5. Neste material, o que é que mais lhe desagradou? Por que?
6. Qual a imagem de homem e/ou mulher construída por este material?

Para todas as questões, construa argumentos que justifiquem as suas respostas.

Modelo de quadros para a anotação das respostas

Nº do material	Gostou	Argumento	Não gostou	Argumento

Nº do material	Imagem de Mulher	Justificativa	Imagem de Homem	Justificativa

21. Imagens de Mulheres e Homens

Objetivos:

Trabalhar os atributos e valores que a sociedade produz para homens e mulheres.

Produzir elementos para a compreensão da identidade social.

Debater sobre os estereótipos e preconceitos e as consequências dos mesmos na vida das pessoas.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, jornais, revistas, folhetos, cartazes diversos, tinta a dedo, cola, tesouras.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (em torno de 5 pessoas), distribua revistas e jornais para cada um e peça para que as pessoas procurem imagens de mulheres e homens ou frases que se refiram a mulheres e homens, enfocando as diversas dimensões da vida social (sexo, raça, religião, idade, áreas rural e urbana, escolaridade etc). As fotos e frases deverão ser recortadas e coladas de modo a formar um painel. Cada grupo deverá construir argumentos que expliquem as fotos e mensagens e porque foram escolhidas.
2. Os cartazes são apresentados e debatidos no grande grupo. Comente os painéis, chamando a atenção para os valores, preconceitos, estereótipos e atributos de gênero presentes nas imagens e frases.
3. Peça para que as pessoas retornem aos pequenos grupos e distribua o roteiro de trabalho, para que respondam as questões e construam um cartaz com os resultados para apresentar ao grande grupo.
4. Comente os resultados e faça uma breve exposição sobre o tema da sessão.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Este tipo de exercício permite que se trabalhe com uma grande diversidade de materiais: vídeos com peças publicitárias, filmes, trechos de novelas, publicidade impressa, notícias de jornais ou revistas, livros, textos, músicas, materiais de campanhas publicitárias etc. O uso de material impresso facilita o manuseio pelo grupo e economiza tempo.
2. É um exercício simples que pode ser desenvolvido com grupos grandes e em sensibilizações com tempo reduzido, pois as questões que surgem abrem um bom campo de análises e debates.
3. Para que a dinâmica seja bem sucedida é necessário que haja identidade entre o grupo e o material apresentado.

Roteiro de Trabalho

Baseando-se na discussão anterior e no cartaz que foi construído pelo grupo, respondam as seguintes questões:

1. Em que os atributos e valores identificados ajudam a vida das pessoas?
2. Em que prejudicam?
3. Quais os principais preconceitos com relação às mulheres?
4. Quais os principais preconceitos com relação aos homens?
5. Quais os principais preconceitos com relação aos negros e às negras?
6. Quais os principais preconceitos com relação às pessoas idosas?
7. Quais os principais preconceitos com relação às pessoas que moram na zona rural?
8. Quais os principais preconceitos com relação às pessoas que moram na cidade?
9. Vocês já viveram, ou conhecem, alguma história de pessoas que sofreram preconceitos? Se sim, escolham uma delas para contar ao grupo.

22. Incorporação da Abordagem de Gênero em Projetos

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Identificar projetos e/ou grupos de atividades em curso nas ONGs nos quais a abordagem de gênero poderá ser incorporada

Reformular os mesmos de acordo com a abordagem de gênero

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Projeto previamente selecionado

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos, separados por ONGs ou por temas (agricultura, geração de renda, formação etc.) e distribua cópias de projetos nos quais a abordagem de gênero poderia ser incorporada, junto com o roteiro de trabalho.
2. As pessoas lêem e debatem o projeto considerando as orientações do roteiro de trabalho. O projeto reelaborado é transcrito em um cartaz para apresentação no grande grupo.
3. Os resultados são apresentados e debatidos no grande grupo. Comente os resultados, indicando eventuais lacunas e deficiências, bem como as proposições que lhe parecem bem-sucedidas.

Tempo:

08 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas ou até 03 equipes de ONGs, projetos e/ou movimentos.

Comentários:

1. Este exercício aplica-se a organizações ou movimentos que pretendem incorporar a abordagem de gênero em seus programas e projetos. Deve ser utilizado na fase final da formação quando os conteúdos teóricos e políticos do tema gênero já tiverem sido trabalhados, bem como já tenha sido feita uma análise detalhada da situação do grupo (estrutura, funcionamento, programas e projetos, deficiências e necessidades).
2. Não se deve, no entanto, compreender esta atividade como resultado final do processo. Ela funciona apenas como uma forma de exercitar a elaboração de projetos e programas no campo de gênero e desenvolvimento. Você deve deixar bastante claro que o processo de incorporação institucional da abordagem de gênero é muito mais amplo, envolve a instituição como um todo e, por isso, não pode ser realizado em uma oficina.

Roteiro de Trabalho

Reformulação de projeto de trabalho para incorporação da perspectiva de gênero

O projeto ou atividade selecionada previamente será o objeto de trabalho da equipe nesta atividade.

A partir da leitura atenta e da discussão do projeto, vocês deverão reformulá-lo de modo a incorporar a perspectiva de gênero, levando em conta as questões abaixo.

Transcrevam os resultados do trabalho para um cartaz, para ser apresentado ao grande grupo.

Questões orientadoras:

1. Neste projeto, o que seria uma abordagem de gênero?
2. Qual o objetivo do projeto quanto à transformação das relações de gênero?
3. É necessário realizar alguma atividade anterior à incorporação de gênero, como diagnósticos, levantamentos ou pesquisas, por exemplo?
4. Como incluir o tema?
5. Qual a metodologia mais adequada para isso?
6. Como articular gênero aos temas específicos trabalhados no projeto ou atividade?
7. As mulheres serão envolvidas no projeto? Como?

23. Já Trabalho com Mulheres e/ou com Gênero. E Daí?

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação
Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivo:

Oferecer subsídios, de forma socializada, para a construção de ações institucionais no campo de gênero.

Material:

Pincéis atômicos, folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Orientações:

1. Peça para que as pessoas se reúnam em pequenos grupos, separados por ONG, projetos ou movimentos, e descrevam a(s) atividade(s) que as equipes já realizam com mulheres e/ou aqueles que já incorporam ou tentam incorporar a perspectiva de gênero, de acordo com o roteiro de trabalho. Peça para que coloquem os resultados em um cartaz para apresentar para o grande grupo.
2. Comente os resultados e estimule o debate de modo a se indicar coletivamente as questões mais importantes para o grupo trabalhar em sua organização ou movimento.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas.

Comentários:

1. Esta dinâmica aplica-se àquelas organizações ou ONGs que pretendem incorporar a perspectiva de gênero em seus programas e projetos. Através dela recupera-se experiências anteriores e atuais com o tema e/ou público, construindo-se um diagnóstico bastante detalhado da situação que auxilia na definição de estratégias de formação.

Roteiro de Trabalho para os Pequenos Grupos

A. Atividades específicas com mulheres:

1. Que atividades específicas com mulheres a sua ONG desenvolve? Descreva as atividades, incluindo os temas trabalhados.
2. Estas atividades fazem parte de que projetos?

Para cada grupo de atividades, especifique:

3. Quando este trabalho começou?
4. Por que este trabalho começou?
5. Quem são as mulheres beneficiárias?
6. Quantas mulheres são beneficiadas atualmente?
7. Qual o orçamento total de cada um dos grupos de atividades?
8. Quantas pessoas da ONG realizam este trabalho? Especifique por sexo.
9. Qual o objetivo deste trabalho?
10. Como estes objetivos se articulam com os objetivos institucionais? De que modo auxiliam ou dificultam a realização da missão institucional?
11. De que maneira as mulheres beneficiárias participaram e participam do planejamento, monitoramento e avaliação destas atividades?
12. Quais são os principais resultados destas atividades?
13. Quais são os principais problemas que a equipe tem identificado neste trabalho?
14. Quais são as possíveis soluções para estes problemas?
15. Quais são as perspectivas futuras para estas atividades?

B. Atividades que envolvem a abordagem de gênero:

1. Que atividades a sua ONG desenvolve no campo de gênero e desenvolvimento? Descreva as atividades, incluindo os temas trabalhados.
2. Estas atividades fazem parte de que projetos?

Para cada grupo de atividades, especifique:

3. Quando este trabalho começou?
4. Por que este trabalho começou?
5. Quem é o público beneficiário? Especifique por sexo, se for possível.
6. Quantifique o público beneficiário, por sexo. Pode trabalhar com aproximações e percentuais.
7. Qual o orçamento total de cada um dos grupos de atividades?
8. Quantas pessoas da ONG realizam este trabalho? Especifique por sexo.
9. Qual o objetivo deste trabalho?
10. Como estes objetivos se articulam com os objetivos institucionais? De que modo auxiliam ou dificultam a realização da missão institucional?
11. De que maneira o público beneficiário participou e participa do planejamento, monitoramento e avaliação destas atividades?
12. Quais são os principais resultados destas atividades?
13. Quais são os principais problemas que a equipe tem identificado neste trabalho?
14. Quais são as possíveis soluções para estes problemas?
15. Quais são as perspectivas futuras para estas atividades?

24. Liberação x Repressão:

Por Onde Caminha a Sexualidade?

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão
Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivo

Discutir a construção social das relações de gênero e da sexualidade.

Material:

Flipchart e papel branco, ou folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, no caso de não se ter flipchart

Material de Apoio:

Ficha de trabalho com depoimentos de mulheres e homens

Orientações:

Variante 1:

1. Dê a cada participante uma ficha com os depoimentos de mulheres e homens, com o sexo dos/as depoentes identificado.
2. Faça uma leitura em voz alta dos depoimentos de modo a esclarecer eventuais dúvidas quanto ao conteúdo dos mesmos.
3. Peça para que cada participante dê a sua opinião sobre cada um dos depoimentos, justificando a sua posição.
4. Anote no flipchart os principais pontos de cada apresentação e, em seguida, faça uma exposição articulando as posições do grupo com o tema da sessão.

Variante 2:

1. Dê a cada participante uma ficha com os depoimentos de mulheres e homens, misturados, sem identificar o sexo dos/as depoentes.
2. Faça uma leitura em voz alta dos depoimentos de modo a esclarecer eventuais dúvidas quanto ao conteúdo dos mesmos.
3. Peça para que cada participante identifique o sexo dos/as depoentes, dê a sua opinião sobre cada um deles e justifique a sua posição.
4. Anote no flipchart os principais pontos de cada apresentação e, em seguida, faça uma exposição articulando as posições do grupo com o tema da sessão e chamando a atenção para os estereótipos de gênero no campo da sexualidade.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas

24. Liberação x Repressão: Por Onde Caminha a Sexualidade?

Comentários:

1. É recomendado para grupos adultos, podendo ser utilizados com adolescentes desde que as afirmações sejam adaptadas para a realidade dos/as mesmos/as.
2. É preciso atenção para que o exercício não traga constrangimentos às pessoas. Se alguém não quiser se manifestar deve-se respeitar a opinião e não fazer comentários sobre o fato.
3. É possível, caso você sinta-se capaz, realizar uma exposição mais aprofundada sobre sexualidade. Contudo, é fundamental que se trabalhe o tema articulando-o com a abordagem das relações de gênero, tanto a partir dos próprios depoimentos quanto das observações dos/as participantes.

Ficha de Trabalho com Depoimentos de Mulheres e Homens²⁵

Variante 1:

Depoimentos de homens:

- A) "Imagino que um bom amante seja um homem carinhoso, que tenha experiência, seja cuidadoso e bom observador, para descobrir os pontos mais sensíveis da mulher. É o cara que pensa em namorar primeiro e comer depois."
- B) "O ato sexual é muito mais que a penetração, a sexualidade se manifesta de milhares de jeitos, mil práticas, mil fantasias; a penetração é uma delas. Claro que é algo muito gostoso; seria o âmago da questão. Mas tudo é importante desde a sedução até o carinho depois do orgasmo. Sexo bom é sexo sem pressa, sem ansiedade, sem angústia. É zen."
- C) "Quando se tem uma relação contínua, o orgasmo nem sempre é importante. Pode virar uma obsessão burra. Já senti bastante prazer em transar com uma pessoa sem ter orgasmo da primeira vez, da segunda, da terceira e na quarta ter um múltiplo. É uma posição muito machista, de *latin lover*, transar com uma mulher e levá-la ao orgasmo na primeira vez, com a sensação de missão cumprida. Apesar de ser super-latino prefiro a paciência oriental."
- D) "O principal numa relação é o homem ser capaz de levar a parceira ao orgasmo. A maioria das mulheres não consegue por culpa do homem. Falta paciência. Mas ele tem obrigação, nem que tenha que utilizar artifícios extras, como fantasias. Quando um homem não faz a mulher ter orgasmo, significa que ele fracassou."

Depoimentos de mulheres:

- E) "Meus parceiros sempre foram criativos. Hoje, por exemplo, faço cada estipúlia na cama com o meu marido, que não é brincadeira. No outro dia estou quebrada."
- F) "Não sei se é pretensão, mas todas as vezes que me empenhei em ser uma boa mulher na cama tive bons amantes."
- G) "Os latinos se parecem muito. São machões, preconceituosos. Mas são bons amantes. Talvez mais preocupados com sua imagem do que com a mulher propriamente. De qualquer forma a gente sai lucrando com isso."
- H) "Um bom amante não é sinônimo de homem que tem conhecimentos fartos em técnicas sexuais; aí estaríamos falando de um profissional do sexo. Técnicas não bastam. A emoção é fundamental."

²⁵Fonte: Revista Marie Claire, 1994, Nº 39.

Ficha de Trabalho com Depoimentos de Mulheres e Homens²⁶

Variante 2:

- A) "Imagino que um/a bom/boa amante seja carinhoso/a, que tenha experiência, seja cuidadoso/a e bem observador/a, para descobrir os pontos mais sensíveis do corpo. É a pessoa que pensa em namorar primeiro e comer depois."
- B) "Meus/minhas parceiros/as sempre foram criativos/as. Hoje, por exmplo, faço cada estripulia na cama, que não é brincadeira. No outro dia estou quebrado/a."
- C) "Quando se tem uma realação contínua, o orgasmo nem sempre é importante. Pode virar uma obsessão burra. Já senti bastante prazer em transar com uma pessoa sem ter orgasmo da primeira vez, da segunda, da terceira e na quarta ter um múltiplo. É uma posição muito machista, de *latin lover*, transar com alguém e levá-lo/a ao orgasmo na primeira vez, com a sensação de missão cumprida. Prefiro a paciência oriental."
- D) "Não sei se é pretensão, mas todas as vezes que me empenhei em ser bom/boa na cama tive bons/bons amantes."
- E) "O principal numa relação é o homem ser capaz de levar a parceira ao orgasmo. A maioria das mulheres não consegue por culpa do homem. Falta paciência. Mas ele tem obrigação, nem que tenha que utilizar artifícios extras, como fantasias. Quando um homem não faz a mulher ter orgasmo, significa que ele fracassou."
- F) "Os latinos se parecem muito. São machões, preconceituosos. Mas são bons amantes. Talvez mais preocupados com sua imagem do que com a mulher propriamente. De qualquer forma pode-se sair lucrando com isso."
- G) "O ato sexual é muito mais que a penetração, a sexualidade se manifesta de milhares de jeitos, mil práticas, mil fantasias; a penetração é uma delas. Claro que é algo muito gostoso; seria o âmago da questão. Mas tudo é importante desde a sedução até o carinho depois do orgasmo. Sexo bom é sexo sem pressa, sem ansiedade, sem angústia. É zen."
- H) "Um bom amante não é sinônimo de homem que tem conhecimentos fartos em técnicas sexuais; aí estaríamos falando de um profissional do sexo. Técnicas não bastam. A emoção é fundamental."

²⁶Fonte: Revista Marie Claire, 1994

25. Linha da Vida Institucional

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivo:

Socializar a trajetória política e institucional das organizações e pessoas integrantes do grupo.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos, divididos por instituição ou movimento social. Os/as participantes devem descrever a história da instituição ou movimento ao longo do tempo, indicando o ano de fundação e os principais momentos de sua história, de acordo com o roteiro de trabalho.
2. Esta história é colocada no papel segundo uma linha do tempo, ao longo da qual cada membro do grupo deve indicar o momento em que se juntou à instituição ou movimento e que experiências prévias trouxe para ela.
3. Os quadros são afixados na parede, a linha é apresentada e debatida pelo grande grupo. Comente as semelhanças e diferenças entre as organizações e movimentos, chamando a atenção para o seu papel de sujeitos da sociedade civil organizada.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Até 3 organizações, não importando o número de pessoas.

Comentários:

1. Este exercício é particularmente adequado para organizações que pretendem adotar a abordagem de gênero em seus programas e projetos. Com ele, possibilita-se a visualização da história, estrutura e funcionamento das organizações de modo articulado à ação dos indivíduos na e sobre a organização.
2. Você deve estar atento/a às semelhanças presentes na trajetória de cada organização, chamando a atenção para o modo como estas organizações se constituem enquanto sociedade civil e o seu papel nos processos de desenvolvimento político e econômico na região. É importante enfatizar nesta discussão o papel de sujeito político destas organizações e de seus/suas integrantes.
3. Este exercício cumpre ainda o papel de aprofundar a integração do grupo. Sugerimos, por isso, que ele seja utilizado nos momentos iniciais da oficina, logo após as apresentações individuais ou de dinâmicas introdutórias.
4. Quanto maior o número de organizações presentes, mais cansativo se tornará o trabalho, pelo tempo que se gasta, tanto nos grupos, quanto nas apresentações.
5. É importante, ainda, que se tenha pelo menos 3 pessoas de cada organização, de modo a dinamizar a atividade.
6. Como qualquer dinâmica de produção de informação, é fundamental que você esteja muito atento/a às exposições dos grupos anotando os elementos de conexão entre elas e aspectos importantes para a discussão sobre incorporação da abordagem de gênero em organizações e/ou movimentos sociais.

Roteiro de Trabalho

Em um cartaz, construam uma linha do tempo (no meio do papel e na horizontal) indicando, do lado esquerdo, o ano de fundação de sua organização ou movimento social e, na extremidade direita, o ano atual. Identifiquem, ao longo desta linha, na parte superior do quadro, os principais momentos da vida de sua organização, como, por exemplo:

- Principais projetos
- Início e fim de atividades importantes
- Estabelecimento de parcerias
- Abertura de novos campos de atuação
- Mudanças institucionais
- Mudanças políticas etc.

Em seguida, identifiquem o momento em que cada um de vocês se juntou à organização, colocando em que ano isto aconteceu. Deste ano para trás, até o ano da fundação da organização, indiquem momentos importantes de suas vidas que, de alguma maneira, lhes levaram até a organização. Deste ano para frente, até o momento atual, indique momentos importantes de sua atuação na organização. Utilizem cores diferentes para cada participante.

26. Linha da Vida Política

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivos:

Descrever e analisar a trajetória e os processos de movimentos sociais, grupos e instituições, considerando o sexo de seus integrantes e as questões de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos coloridos, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Não é necessário.

Orientações:

1. Em um lugar visível para todo o grupo, coloque na parede os papéis grandes de modo a construir um mural de cerca de 3m x 1,50m. Trace uma linha horizontal em toda a extensão do papel, dividindo-o ao meio. A parte de cima deverá ser ocupada pelas informações sobre o movimento, grupo ou instituição em que os/as participantes atuam ou atuaram. A parte de baixo será preenchida com as informações sobre o contexto político mais geral com o qual se deseja articular e comparar a trajetória do grupo (por exemplo: conjuntura política nacional, movimento de mulheres, movimento feminista, movimento nacional dos sem-terra etc.).
2. O exercício é feito no grande grupo, com a participação de todas as pessoas através de perguntas que você faz ao grupo. É um exercício de memória, em que as pessoas irão se lembrar de momentos significativos da trajetória política do grupo ou movimento.
3. A pergunta inicial para o grupo é: "quem tem a lembrança mais antiga da história do movimento, grupo ou instituição? em que ano isso aconteceu?". Anote esta informação no início da linha (do lado esquerdo) junto com o ano que foi indicado pelo grupo. Na ponta oposta, coloque o ano atual.
4. Prosiga perguntando ao grupo sobre outros momentos importantes e coloque-os no cartaz. Paralelamente, anote, na parte de baixo do cartaz, os fatos significativos do contexto geral que aconteciam no momento indicado pelo grupo.
5. No final, comente o quadro, chamando a atenção para o modo de construção do movimento em questão e para as articulações existentes entre este movimento e o contexto geral, analisando-as.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Se o grupo for homogêneo (todos de um mesmo movimento, grupo ou instituição): até 30 pessoas.

Para grupos heterogêneos: até 15 pessoas.

Comentários:

1. Como qualquer linha da vida ou linha do tempo esta dinâmica permite a visualização da trajetória dos/as participantes que, vistas em conjunto, possibilitam a construção de uma identidade de grupo e a compreensão da inserção individual em processos coletivos. Para o trabalho com mulheres, este tipo de atividade é particularmente importante porque ajuda a romper o isolamento em que vivem e valoriza sua história pessoal.

27. Meninos e Meninas²⁷

Tipo de Dinâmica: Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo:

Introduzir o tema da articulação entre sexo e idade numa perspetiva de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores e/ou lápis-cera colorido e/ou tinta a dedo, cola, tesoura, sucata, fita adesiva ou fita crepe, revistas, jornais, cartazes velhos.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero. - Taciana Gouveia e Sílvia Camurça)

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos, separados por sexo e distribua o roteiro de trabalho. Peça para que cada um/a reflita sobre as vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher, durante a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, a partir das questões do roteiro de trabalho. Oriente para que os homens reflitam sobre ser homens e as mulheres sobre ser mulheres.
2. Distribua para cada grupo cola, sucata, tesoura, revistas, jornais, tintas etc. Cada grupo escolhe a melhor forma de apresentar seus resultados no grande grupo: por escrito, em cartazes; colagens; desenhos; pinturas; poesia; música; encenação teatral etc.
3. Comente os resultados e faça uma breve exposição sobre o tema da sessão.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Esta dinâmica é ideal para grupos mistos, mas é possível adaptá-la para grupos só de mulheres ou só de homens. Neste caso, quando da apresentação dos resultados dos grupos, procure levantar as opiniões do grupo com relação ao sexo oposto.
2. Em grupos mistos é fundamental que você pontue as diferenças e semelhanças entre as visões de homens e mulheres, com ênfase especial na questão geracional.
3. As comparações entre as mulheres e os homens devem ser trabalhadas de modo dinâmico, ressaltando-se, quando necessário, as mudanças sócio-temporais, ou seja, enfatizando as informações e trazendo dados sobre, por exemplo, como é ser menina hoje em dia quando se está trabalhando com um grupo adulto, ou como era no passado, se se está trabalhando com um grupo de adolescentes. Isto evita as cristalizações dos modos de ser mulher e ser homem, facilitando também a introdução do conceito de relações de gênero.
4. Para grupos com pouca escolaridade pode-se adaptar o roteiro de trabalho do seguinte modo: as questões são apresentadas oralmente e os grupos respondem de forma visual, com desenhos ou colagens. Quando da apresentação você comenta com as questões de 1 a 4 de modo mais detalhado e compreensivo.

²⁷ Adaptado de URDANG, Stephanie. Gender and Development Training Workshop. Training Section, UNDP. s.d.

Roteiro de Trabalho

Conversem sobre as dificuldades e facilidades de ser homem ou mulher (de acordo com o seu grupo), durante os seguintes períodos da vida:

Infância
Adolescência
Vida adulta
Velhice

Tomem as questões abaixo como orientação:

1. De que forma a sociedade espera que os homens e as mulheres sejam em cada uma destas fases da vida?
2. Quais são as aspirações de homens e mulheres em cada uma destas fases?
3. Quais são as suas expectativas?
4. Vocês acham que a sociedade e a família os tratam diferentemente por serem homens ou mulheres? Construam argumentos para justificar suas respostas.

Escolham de que modo vocês querem apresentar os resultados da discussão. Vocês podem utilizar as seguintes formas:

Cartazes com as respostas escritas
Desenhos ou pinturas
Colagens
Encenação teatral
Músicas
Poesias
Ou qualquer outra forma que inventarem

28. Mulheres e Homens na Minha Comunidade

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação

Objetivo:

Desenvolver a aplicação do conceito de gênero em espaços comunitários de projetos.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de diagnóstico

Roteiro de trabalho

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 05: Cidade, Cidadania - Taciana Gouveia)

Jogo de transparências com dados sobre mulheres e homens (ver na sessão **Transparências**, o jogo de nº 01: Dados sobre Mulheres e Homens nas Comunidades)

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (de 4 a 7 pessoas) e entregue o roteiro de diagnóstico, pedindo para que as pessoas imaginem e descrevam uma comunidade a partir das questões do roteiro. Explique que as informações podem ser baseadas no trabalho técnico e político que cada um/a desenvolve em comunidades.
2. Os resultados são anotados em cartazes e apresentados ao grande grupo.
3. Comente os resultados, ressaltando semelhanças e diferenças entre os grupos.
4. As descrições são trocadas (de um grupo para outro) e cada grupo trabalha os problemas de homens e mulheres na comunidade descrita por outro grupo, a partir do roteiro de trabalho.
5. Os resultados são apresentados ao grande grupo. Comente os resultados e faça uma breve exposição sobre o tema da sessão, apoiada nas transparências e no texto de apoio.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas, o ideal são 15 pessoas.

Comentários:

1. Este exercício funciona adequadamente com grupos que tenham um contato direto com as comunidades. Muitos dos dados pedidos no questionário não precisam ser exatos, porém devem ser baseados na experiência real com o universo que está sendo analisado.
2. Caso o grupo seja heterogêneo (pessoas que têm contato com uma comunidade real e outras sem esta experiência) recomendamos que se formem pequenos grupos misturando as pessoas.
3. É um exercício mais adequado para comunidades urbanas, contudo, pode-se realizar adaptações no roteiro para melhor uso em outros tipos de comunidades.
4. Pode-se usar uma versão compacta do exercício trabalhando-se apenas o roteiro II. Recomendamos este formato nas seguintes situações: a) Oficinas com carga horária reduzida; b) Em grupos que tenham dificuldade no domínio das informações necessárias para o roteiro I; c) Quando o objetivo central é iniciar o debate sobre relações de gênero e seus impactos na vida cotidiana de mulheres e homens.

Roteiro de Diagnóstico da Comunidade

1. Onde se localiza esta comunidade?
2. Em que tipo de terreno ela está situada?
3. Há quanto tempo esta área é ocupada por esta população?
4. Qual a situação jurídica da área?
5. Qual o número de pessoas residindo na comunidade?
6. Qual o percentual de homens e mulheres na população total?
7. Qual o número de domicílios desta comunidade?
8. Qual o percentual de famílias chefiadas por mulheres na comunidade?
9. Qual(is) o(s) tipo(s) de habitação(ões) mais presente(s) na comunidade?
10. Qual a situação de emprego na comunidade: a maioria da população está no mercado formal ou informal? Fazendo o quê? Qual a distribuição de homens e mulheres nestes mercados?
11. Há muito desemprego? Qual a distribuição de homens e mulheres desempregados/as?
12. Qual a renda familiar média na comunidade?
13. Qual a renda individual média de homens e mulheres?
14. Existe iluminação pública na área? Qual a cobertura?
15. Existe água encanada? Qual a cobertura?
16. Qual o tipo e cobertura do esgotamento sanitário?
17. Existem linhas de transporte coletivo que servem a área? Quantas? Qual a frequência dos ônibus? Quantos pontos de ônibus existem na área?
18. Existe transporte alternativo na área? De que tipo e com que frequência?
19. Há posto de saúde na comunidade?
20. Há escola? Quantas e de que níveis?
21. Há creches? Quantas? Públicas ou particulares?
22. Há policiamento na área? De que tipo e com que frequência?
23. Há posto policial na comunidade?
24. Existem áreas de lazer? Quantas e de que tipo?
25. Quais os dados sobre violência na área, incluindo violência doméstica?
26. Qual o tipo de organização política existente na comunidade (associação, clube de mães, núcleo de partido etc.)? Qual a composição das direções (mulheres e homens)?
27. A comunidade está representada em alguma instância do poder executivo (conselhos municipais, prefeitura nos bairros etc.)? Quem representa: homens ou mulheres?

Roteiro de Trabalho

A sua equipe vai iniciar um trabalho com esta comunidade, dentro da sua área específica de atuação. A partir de sua experiência de trabalho com comunidades, indique:

1. Quais os principais problemas desta comunidade?
2. Quais os principais problemas para os homens?
3. Quais os principais problemas para as mulheres?

29. Na Boca do Povo²⁸

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivo:

Analisar idéias sobre homens e mulheres presentes no senso comum.

Material:

Sucata, cola, tesouras, revistas.

Material de Apoio:

Jogo de cartelas com frases do senso comum.

Orientações:

1. Em pequenos grupos, distribua o material de sucata e as cartelas, um tema para cada grupo.
2. Os grupos lêem e debatem o conteúdo das cartelas e preparam uma dramatização com as conclusões do debate, utilizando a sucata.
3. Cada grupo apresenta os seus resultados. Estimule o debate e, em seguida, faça uma breve exposição sobre relações de gênero e estereótipos de gênero.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Grupos grandes (50 a 100 pessoas)

Comentários:

1. O jogo de cartelas deve ser montado da seguinte maneira: reproduza as cartelas em papel colorido, recorte-as e plastifique-as de modo que o manuseio seja fácil. Caso isso não seja possível, sugerimos que as cartelas sejam feitas a mão, em cartolinas coloridas com pincéis atômicos.
2. Este é um exercício divertido, que provoca a identificação das pessoas com o tema, facilitando bastante a introdução das questões teóricas e políticas.
3. Por utilizar dramatização, pode demorar muito. Por isso, é importante que você acompanhe o trabalho dos grupos de modo a garantir um bom uso do tempo.
4. Pode ser utilizada com grupos pouco escolarizados ou mesmo não alfabetizados, desde que haja uma pessoa em cada grupo para ler as cartelas em voz alta.
5. Estimule os grupos a utilizarem tanto as falas conformistas, quanto as que expressam a resistência das mulheres.

²⁸Esta dinâmica foi criada, em 1992, em conjunto com trabalhadoras rurais e assessoras ligadas ao Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste-MMTR/NE, assessoras da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco-FETAPE e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura-CONTAG. Agradecemos a elas por esta compilação divertida de frases do senso comum que são de grande utilidade para o trabalho com gênero. Infelizmente, por não termos registro do nome de todas as pessoas que estiveram presentes no momento de elaboração da dinâmica, preferimos deixar o crédito e o nosso agradecimento em nome das instituições.

Jogo de Cartelas

CASA

Na casa que mulher manda, até o galo canta fino.

CASA

A mulher manda na casa, mas quem manda nela é o homem.

CASA

Se a mulher ficar em casa nunca vai se libertar.

CASA

Cozinha é lugar só de mulher.

CASA

Lugar de mulher é na cozinha.

CASA

Mulher só sabe dirigir fogão.

CASA

Os filhos são filhos da mãe.

CASA

Mulher é estragada (gastadeira).

CASA

Mulher de verdade sofre e aguenta tudo calada.

CASA

A mulher tem que estar sempre pronta para agradar o marido quando ele quiser.

POLÍTICA

A mulher tem direito a voz e vez: ela também é cidadã.

POLÍTICA

Mulher ou homem, não nascemos para ser escravos ou senhores, mas para sermos iguais.

POLÍTICA

Política é coisa de homem.

POLÍTICA

Para mudar a sociedade do jeito que a gente quer, só participando sem medo de ser mulher.

POLÍTICA

A mulher tem o direito de expressar seu pensamento em casa, no Sindicato e na rua.

RUA

Mulher casada que anda sozinha é andorinha.

RUA

A casa é da mulher e o chapéu é do homem.

RUA

Espaço da mulher é em casa e do homem é na rua.

RUA

Não é justo o homem poder sair livremente, se divertir, chegar em casa tarde e a mulher ter de ficar sempre esperando por ele em casa.

RUA

Se o homem trai a mulher é macho; se a mulher trai o homem, é puta.

RUA

Se o homem tem muitas mulheres é galã e bonitão, se a mulher pensar em outro homem é safada e doente.

RUA

Mulher dos outros é que é bonita de olhar.

RUA

A sociedade tem normas de vida diferentes para homem e para mulher: ao homem permite tudo; para a mulher reprime tudo.

SINDICATO

Se o marido é associado ao Sindicato, a mulher não precisa se associar.

SINDICATO

Mulher diretora de Sindicato? Parece que nesse Sindicato não tem homem.

SINDICATO

Não precisa nem perguntar a profissão... Profissão de mulher é doméstica.

SINDICATO

Quando mulher e homem participam juntos, a luta fica mais forte.

TRABALHO

A mulher sabe negociar tanto quanto o homem e, às vezes, economiza até mais!

TRABALHO

Mulher não sabe fazer negócios.

TRABALHO

Quem já viu mulher ganhar igual a homem? Isso é desmoralização!

TRABALHO

Mulher independente só sabe "botar galha" no marido.

TRABALHO

Mulher que trabalha fora deixa os filhos abandonados.

TRABALHO

Trabalhar fora abre novos horizontes e ajuda na educação dos filhos.

TRABALHO

Eu tenho direito de ganhar igual, quando faço trabalho igual.

TRABALHO

Trabalhar em casa e na roça esgota mais a força da mulher. É um jeito explorador de organizar a vida.

TRABALHO

Não precisa se preocupar com o título de terra: mulher é dependente do marido.

30. O Jogo do Censo

Tipo de Dinâmica: Integração

Objetivo:

Promover a integração do grupo através da construção do seu perfil por sexo.

Material:

Pincéis atômicos, fita crepe ou adesiva

Material de apoio:

Lista de questões adaptadas a cada grupo

Cartaz para tabulação das respostas do grupo

Orientações:

1. Afaste as cadeiras da sala e escolha, junto com o grupo, um lugar de referência para o qual as pessoas deverão se dirigir quando responderem as questões do censo. Coloque o cartaz de tabulação em um lugar visível para todo o grupo.
2. Faça as perguntas da lista, uma a uma, e peça para que as pessoas que se identificam com a resposta dirijam-se para o lugar de referência.
3. Anote no cartaz o número de pessoas que se identificou com cada questão.
4. Apresente o quadro final, comente as diferenças entre homens e mulheres e estimule o debate sobre as razões de tais diferenças.

Tempo:

1 hora

Nº de participantes:

Adequado para grandes grupos, a partir de 20 pessoas.

Comentários:

1. Este é um jogo muito divertido, que contribui muito para a integração do grupo.
2. A lista de questões deve ser adaptada para cada tipo de grupo ou pelo tema que se está trabalhando, pode focar, por exemplo, apenas o perfil de saúde ou perfil político do grupo.
3. O cartaz final é um excelente material para se trabalhar diferenças de sexo e gênero.

Exemplo de Folha de Questões

1. Quem é mulher?
2. Quem é homem?
3. Quem mora na roça?
4. Quem mora na cidade?
5. Quem tem menos de vinte anos?
6. Quem tem menos de trinta anos?
7. Quem tem mais de trinta anos?
8. Quem tem mais de quarenta anos?
9. Quem tem mais de cinquenta anos?
10. Quem tem mais de sessenta anos?
11. Quem é casado/a?
12. Quem é solteiro/a?
13. Quem é separado/a?
14. Quem gosta de estar casado/a?
15. Quem gosta de não estar casado/a?
16. Quem quer casar?
17. Quem não quer casar?
18. Quem tem filhos?
19. Quem quer ter filhos?
20. Quem não quer ter filhos?
21. Quem casou mais de uma vez?
22. Quem tem cargo no movimento?
23. Quem é que trabalha em casa?
24. Quem trabalha fora de casa?
25. Quem ganha dinheiro no trabalho?
26. Quem já estudou?
27. Quem nunca estudou?
28. Quem é que ainda estuda?
29. Quem é que ainda quer estudar?
30. Quem gosta de passear?
31. Quem gosta de namorar?
32. Quem gosta de futebol?
33. Quem gosta de festa?
34. E de televisão?
35. E de cerveja ou cachaça?
36. E de ler?
37. Quem tem religião?
38. Quem pratica a religião?
39. Quem sabe o que é gênero?
40. Quem já fez trabalho com mulheres?

Cartaz para as Respostas

Questões	Mulheres	Homens
Rocha		
Cidade		
- de 20		
- de 30		
+ de 30		
+ de 40		
+ de 50		
+ de 60		
Casado/a		
Solteiro/a		
Separado/a		
Gosta de estar casado/a		
Gosta de não estar casado/a		
Quer casar		
Não quer casar		
Tem filhos		
Quer ter filhos		
Não quer ter filhos		
Casou mais de uma vez		
Tem cargo		
Trabalha em casa		
Trabalha fora de casa		
Ganha dinheiro		
Já estudou		
Nunca estudou		
Quer estudar		
Ainda estuda		
Gosta de passear		
Gosta de namorar		
Gosta de futebol		
Gosta de TV		
Gosta de festa		
Gosta de ler		
Gosta de cerveja/cachaça		
Tem religião		
Não tem religião		
Sabe o que é gênero		
Já fez trabalho com mulheres		

31. O Jogo do Compromisso²⁹

Tipo de Dinâmica: Aplicação de novos conteúdos

Objetivo:

Estabelecer compromissos para a transformação de situações e superação dos desafios identificados pelo grupo no campo das relações de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho 1

Roteiro de trabalho 2

Exemplo de negociação

Orientações:

Parte 1:

1. Forme dois grupos: um só de homens e outro só de mulheres.
2. Explique o que deve ser feito e distribua o Roteiro de Trabalho 1, um exemplar para cada grupo. Diga que durante a oficina muitos problemas foram levantados e discutidos e que, agora, as pessoas têm a tarefa de indicar quais os principais problemas para homens e mulheres no campo da produção, da reprodução e da vida política. As respostas devem ser colocadas em cartazes para apresentação no grande grupo.
3. Durante a apresentação não há discussão, apenas se esclarece eventuais dúvidas sobre os problemas colocados.

Parte 2:

1. Distribua o Roteiro de Trabalho 2 e explique que neste momento as pessoas deverão pensar sobre o que pode ser feito para solucionar os problemas levantados. Reforce a idéia de que as pessoas presentes à oficina são agentes de mudança e que o jogo objetiva indicar compromissos individuais e coletivos possíveis de serem cumpridos. Não vale, portanto, indicar compromissos que dependem da ação de sujeitos que não estão presentes na oficina.
2. Os grupos, ainda divididos por sexo, respondem as questões do roteiro, colocando as respostas em cartazes separados, um por questão.
3. Os grupos voltam para a plenária, mas permanecem divididos por sexo: homens de um lado, mulheres de outro. Exponha as respostas dos grupos, começando pelos compromissos indicados para você, enquanto assessora, indo depois para os compromissos das organizações das quais as pessoas participam e, finalmente, para os compromissos pessoais.

²⁹ Agradecemos a Maria Goretti Vasconcelos de Aquino, assessora da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco-FETAPE por nos ter apresentado este exercício durante uma oficina de sensibilização realizada com trabalhadoras rurais da Paraíba, em 1992.

31. O Jogo do Compromisso

Parte 3

1. Cada compromisso é negociado individualmente e por grupo de compromisso, da seguinte forma: leia o compromisso do grupo 1 em voz alta. O grupo 1 confirma se o compromisso está correto ou não. Pergunte ao grupo 2 se há alguma dúvida. Se houver, o grupo 1 explica. Uma vez esclarecidas as dúvidas, pergunte ao grupo 2 se ele assume aquele compromisso. Se houver consenso para que se assuma, o compromisso é firmado diante de todos/as e passa-se para o compromisso seguinte. Se não houver consenso, o compromisso não é assumido e passa-se para o seguinte.
2. Repita este procedimento para cada um dos compromissos até o final, quando você então lê os compromissos assumidos e os não assumidos por cada grupo. Estes resultados ficam como o documento final da atividade.

Tempo:

08 horas

Nº de Participantes:

Até 50 pessoas.

Comentários:

1. Este jogo deve ser realizado como atividade final de oficinas de sensibilização sobre gênero. Como o próprio nome indica, é um jogo que procura firmar compromissos a partir dos temas já debatidos durante os dias anteriores.
2. Só funciona em grupos mistos, permitindo a emergência dos interesses diferenciados de homens e mulheres, o que consolida de modo prático os ensinamentos realizados durante a oficina.
3. É particularmente adequado para lideranças que têm poder de intervenção e decisão nas suas organizações e movimentos.
4. Se não for bem conduzido, com as regras do jogo bastante claras para todo o grupo, pode resultar em confrontos que desqualifiquem toda a aprendizagem anterior. Por isso, você deve estar atento/a para evitar uma “guerra dos sexos”, trazendo o debate para o campo das relações de gênero e da negociação entre sujeitos políticos.
5. Por ser uma atividade de negociação, você funciona como mediador/a, sendo-lhe necessário ter habilidade de controlar o grupo, sem autoritarismo.
6. A lista de compromissos acordados pelo grupo deve funcionar como uma orientação para o trabalho dos/as participantes nas organizações ou movimentos de que participam.

Exemplo de Negociação

- Facilitador/a (dirigindo-se às mulheres): Os homens querem que vocês se comprometam a “deixar de considerar os homens como machos, e considerá-los como companheiros”.
- Mulheres: Como assim? Não entendi!
- Facilitador/a: Algum homem pode explicar melhor o que é que esse compromisso quer dizer?
- Homens: É que muitas vezes as mulheres não tratam a gente como iguais, acham sempre que a gente está querendo explorar, que quer tirar vantagem e não nos consideram como companheiros, que está junto na mesma luta.
- Facilitador/a: Ficou claro?
- Mulheres: Sim.
- Facilitador/a: Podem assumir este compromisso?
- Mulheres: Sim.

O/a facilitador/a relê o compromisso em voz alta e destaca-o como compromisso assumido, passando ao compromisso seguinte.

Roteiro de Trabalho 1

Conversem um pouco no grupo e identifiquem no seu contexto de atuação política:

1. Quais são os principais problemas e desafios que existem nas relações sociais entre homens e mulheres no campo da produção (do trabalho)?
2. Quais são os principais problemas e desafios que existem nas relações sociais entre homens e mulheres no campo da reprodução?
3. Quais são os principais problemas e desafios que existem nas relações sociais entre homens e mulheres no campo da ação política?

Coloquem as suas conclusões em cartazes, um para cada questão, para apresentar no grande grupo.

Roteiro de Trabalho 2

Na discussão e exposição anterior, vimos que são muitos os problemas existentes nas relações entre homens e mulheres. Há atitudes e situações que podem dificultar ou facilitar a solução destes problemas. No entanto, todos vocês são ativistas políticos/as e têm uma grande capacidade de transformação dos seus contextos de atuação. Pensem agora no que cada um/a de nós poderá fazer para transformar a situação das mulheres.

1. O que os homens devem fazer para mudar esta situação?
2. O que as mulheres devem fazer para mudar esta situação?
3. O que a sua organização deve fazer para mudar esta situação?
4. O que os/as facilitadores/as e/ou assessorias devem fazer para mudar esta situação?

32. O Jogo do Diamante³⁰

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão
Introdução e Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Introduzir a discussão sobre as diferentes abordagens de gênero em projetos de desenvolvimento.
Desenvolver a aplicação das teorias de gênero na definição de políticas de intervenção social.

Material:

Pincéis atômicos de diferentes cores, folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe, retroprojektor.

Material de Apoio:

Jogos de cartelas com afirmações sobre gênero e desenvolvimento

Diagrama do diamante

Ficha de trabalho

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº12: Os Diferentes Enfoques em Políticas para Mulheres de Baixa Renda e o de nº 04: Aspectos das Principais Abordagens: Conceitos e Ferramentas Utilizados em Diagnósticos de Gênero).

Orientações:

1. Peça para que se formem grupos de 4 a 6 pessoas e distribua, para cada um, um jogo de cartelas. Leia todas as cartelas em voz alta para que o grupo esclareça eventuais dúvidas e explique que todas as afirmativas são verdadeiras.
2. Explique que as pessoas deverão ler as cartelas e, com elas, formar a figura de um diamante (losango) de modo que a afirmação com a qual mais concordem fique no topo do diamante e aquela com a qual mais discordem fique na base da figura (ver modelo de diagrama do diamante). Uma alternativa ao diagrama é separar as cartelas de acordo com o grau de concordância e discordância (ver ficha de trabalho). Cada grupo monta um cartaz com seu diamante e apresenta para a plenária.
3. Debate-se os resultados até se chegar a um diagrama ou classificação comum das cartelas.
4. Faça uma exposição sobre o tema, utilizando as transparências.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas. O número ideal é de 15 pessoas.

Comentários:

1. Este é um exercício para grupos que já tenham algum conhecimento das questões debatidas. Não é indicado para introdução do conceito de relações de gênero.
2. Alguns grupos sentem dificuldades em perceber as diferenças entre os níveis intermediários (concorda pouco, indiferente e discorda pouco). É importante deixar claro que estas categorias

³⁰ Reproduzido e adaptado de Suzanne Williams (com Janet Seed e Adelina Mwau), *The Oxfam Gender Training Manual*, Oxford: Oxfam, 1995. Seu título original é *Statements and Policy Approaches*.

se referem a princípios que têm menor grau de confronto com as proposições teórico-políticas das participantes do grupo. Dito de outro modo, indica as afirmativas sobre as quais se pode abrir mão num momento de negociação sem que o projeto do grupo perca o seu sentido.

3. Caso os grupos sintam muita dificuldade para montar o diagrama, você pode orientar para que se inicie a montagem exatamente pelas categorias intermediárias.
4. É bastante frequente que os grupos consigam chegar a um consenso, formando um diamante comum para todo o grupo. Contudo, em determinados processos há dificuldades e por vezes impossibilidade em se conseguir este consenso. Quando isto acontece você deve observar se estas dificuldades se originam de divergências políticas reais (o que pode ocorrer em grupos muito heterogêneos) ou se é a própria dinâmica grupal que está atrapalhando. Por exemplo, pessoas que têm dificuldades em ceder ou mudar suas posições sem que haja uma divergência real e relativa ao exercício (isto é mais comum em grupos homogêneos).
5. Para o primeiro caso, recomendamos que não se force o consenso e aproveite-se a oportunidade para realizar um debate, ressaltando as semelhanças, divergências e suas possíveis causas. Com relação às dificuldades oriundas da dinâmica grupal, você poderá - caso sinta-se capaz - trabalhar as resistências, ressaltando as semelhanças e proximidades entre os vários grupos e reforçando sempre a idéia de que não se trata de competição, mas sim de uma construção coletiva.
6. É importante que você observe as possíveis incoerências e contradições que aparecerem na montagem dos diamantes. Isto não quer dizer que haja um diagrama certo ou errado, mas sim que é fundamental que os/as participantes possam perceber claramente as consequências ou desdobramentos de suas escolhas.
7. Recomendamos ainda que você evite manifestar suas opiniões com relação ao conjunto montado pelo grupo, principalmente em situações de conflitos. Após a conclusão do exercício, se o grupo solicitar ou você considerar conveniente, monte rapidamente o seu diagrama do diamante.

Jogo de Cartelas

A

Um bom projeto de desenvolvimento deve beneficiar a comunidade como um todo, na qual as mulheres estão automaticamente incluídas.

B

Nós temos o objetivo de ajudar os mais pobres entre os pobres. As mulheres pobres são particularmente vulneráveis, por isso elas devem ser especialmente atendidas.

C

Eu concordo que as mulheres pobres vivem em uma situação particularmente difícil, mas não depende de nós transformar sua cultura.

D

As mulheres (em qualquer sociedade) frequentemente acham difícil falar na companhia dos homens. Por isso é importante encontrar formas de fazer com que suas vozes sejam ouvidas.

E

Deve haver sempre algum aspecto de geração de renda em todos os projetos voltados para as mulheres. O objetivo deve ser que tais projetos sejam auto-financeáveis.

F

Um verdadeiro desenvolvimento para as mulheres deve capacitá-las para ter o poder de realizar escolhas significativas e mudanças em suas vidas.

G

A política e a prática da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens das ONGs do hemisfério norte são diretamente relevantes para os países do hemisfério sul e, por isso, devem oferecer orientações para projetos nestes países.

H

Quando a situação é séria nós não podemos perder tempo pensando nas questões de gênero.

I

As mulheres, como esposas e mães, são responsáveis pela saúde e pelo bem-estar de toda família. Portanto, nós devemos ajudá-las a ajudar toda a família.

J

Todos os aspectos do desenvolvimento afetaram diferentemente mulheres e homens. Portanto, nós devemos olhar para todos estes aspectos a partir dos seus diferentes impactos sobre homens e mulheres.

K

Em todas as culturas as mulheres são subordinadas aos homens. Nosso objetivo deve ser eliminar esta desigualdade e subordinação.

L

Se as mulheres têm mais educação elas podem se igualar aos homens e tornarem-se economicamente auto-suficientes.

M

O mais importante é ajudar as pessoas mais necessitadas e não apenas as mulheres.

N

As mulheres realizam as principais atividades agrícolas. Portanto, as mulheres devem ser envolvidas em qualquer projeto agrícola existente.

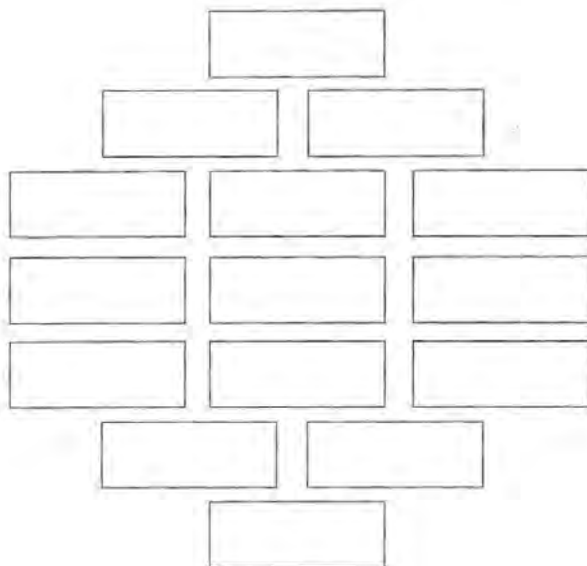
O

Se uma comunidade está envolvida numa luta para a libertação nacional ou em conflitos de classe isso deve ser a prioridade tanto para os homens como para as mulheres. Enfocar as necessidades específicas das mulheres é divisionismo, além de ser desagregador.

Diagrama do Diamante

Leia atentamente cada uma das cartelas, dicutam o seu conteúdo e, depois de obtido o consenso, construam um diagrama - tal como exemplificado abaixo - onde a cartela superior é aquela com que vocês concordam completamente, as duas seguintes vocês concordam em parte, as três seguintes concordam um pouco, as da fileira do meio lhes são indiferentes. As outras três vocês discordam um pouco, as duas últimas discordam em parte e a última discordam completamente. Construam argumentos que justifiquem as escolhas.

Reproduzam o diagrama em um cartaz, indicando as letras das cartelas, para apresentação no grande grupo.



Ficha de Trabalho

Leiam atentamente cada uma das cartelas, discutam o seu conteúdo e, depois de obtido o consenso preencham o quadro abaixo, construindo argumentos que justifiquem cada escolha:

Grau de concordância/discordância	Nº de cartelas	Cartelas escolhidas pelo grupo
Concordamos totalmente	01	
Concordamos em parte	02	
Concordamos pouco	03	
Indiferente	03	
Discordamos pouco	03	
Discordamos em parte	02	
Discordamos totalmente	01	

33. O Jogo do Empoderamento

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão
Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Refletir sobre a complexidade da solução de conflitos de gênero vividos no cotidiano de organizações de mulheres.

Identificar e debater relações de poder e a ação das mulheres - enquanto sujeitos políticos - na sua construção e perpetuação.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco ou flipchart, canetas, pincéis atômicos, fita crepe ou adesiva no caso de não se ter flipchart.

Material de apoio:

Jogo de cartelas com frases

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** os de nº 12: Os Diferentes Enfoques em Políticas para Mulheres de Baixa Renda; nº 11: O Empoderamento das Mulheres e o de nº 3: As Mulheres como Sujeitos Políticos).

Jogo de transparências (ver na sessão **Transparências** o jogo nº 02: Diferentes enfoques em políticas para mulheres do Terceiro Mundo).

Orientações:

1. Brevemente, explique o que é empoderamento individual e coletivo e porque se está trabalhando este tema na atividade. Divida a turma em pequenos grupos e distribua um jogo de cartelas para cada um.
2. Peça para que cada grupo organize as cartelas num *continuum*, partindo das situações que não empoderam as mulheres para as situações que mais empoderam as mulheres e tomando por base tanto a ação coletiva quanto a ação individual. Peça ainda que cada grupo construa pequenas argumentações que justifiquem sua ordenação.
3. Em seguida, cada grupo apresenta os resultados do seu trabalho e, no grande grupo, forma-se um diagrama comum. Estimule o debate sobre os temas das cartelas.

Tempo:

04 horas

Nº de participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Esta dinâmica aplica-se particularmente a grupos de mulheres ou equipes mistas que pretendem trabalhar ou já trabalham especificamente com mulheres.
2. Você deve estar bastante familiarizado/a com o enfoque do empoderamento de modo a argumentar com os/as participantes durante a construção do diagrama.
3. Como qualquer dinâmica que utilize as categorias de “concordo” e “não concordo”, nuances de opinião e dúvidas com relação à localização das cartelas são frequentes. Esta dinâmica não exige, no entanto, certezas absolutas. O mais importante é a utilização das situações para a reflexão pessoal e política do grupo.

33. O Jogo do Empoderamento

4. Não existe um diagrama correto, por isso você deve ser cuidadoso/a ao emitir sua opinião sobre as cartelas.
5. Você pode acrescentar ao final da dinâmica uma exposição sobre o enfoque do empoderamento (ver textos de apoio).

Jogo de Cartelas

1

O projeto montou uma fábrica de macarrão com 15 mulheres. A fábrica não venceu uma concorrência pública e, por isso, encerrou suas atividades. Entretanto, seis destas mulheres iniciaram, individualmente, a fabricação caseira de massas e estão sendo bem sucedidas com esta atividade.

2

O movimento de mulheres trabalhadoras rurais trabalhou durante dois anos organizando a sua participação no Congresso Nacional da CONTAG. Graças a este trabalho, a participação das mulheres no Congresso apresentou um aumento de 30% com relação ao congresso anterior. Além disso, as mulheres tiveram a maioria de suas propostas aprovada. No entanto, conseguiram ocupar apenas um cargo na nova diretoria, o que corresponde a 1/5 do que ocupavam na direção anterior.

3

Uma mulher fez todo o seu ciclo de formação política no movimento de trabalhadoras domésticas e tornou-se dirigente do sindicato. Depois de três anos como secretária do Sindicato, decidiu ter um filho. Hoje é doméstica, tem sua própria casa e sustenta seu filho. Mas não milita no movimento.

4

Um grupo de mulheres presta assistência legal em casos da Vara de Família. Mas, nos casos de pensão, tem como política só assistir o que se refere à pensão para os/as filhos/as. Não apoia as solicitações de pensão para mulheres.

5

Uma professora vem sendo assediada sexualmente pelo diretor da escola há cerca de três anos e sempre recusou suas propostas. Durante o processo de seleção da nova coordenadora pedagógica, o diretor tem o poder de indicar cinco candidatas à seleção que será feita pela Secretaria de Educação. A professora aceita uma das propostas "íntimas" do diretor de modo a garantir a sua indicação.

6

Há muitos anos, uma mulher já não tem interesse sexual pelo seu marido, embora goste dele e o admire como pai e profissional. Nos últimos sete anos, ele só transa com ela enquanto ela está dormindo. Geralmente ela acorda e dorme novamente.

7

O cartaz do grupo é para estimular as mulheres a sair de situações de violência. Traz uma foto de uma mulher espancada e a seguinte frase: "*Mulher, não aceite mais esta situação! O silêncio é cúmplice da violência. Denuncie!*"

33. O Jogo do Empoderamento

8

O cartaz do grupo é para estimular as mulheres a sair de situações de violência. Traz uma foto de uma mulher espancada e a seguinte frase: *"Quando você estiver pronta para enfrentar esta situação, nós estaremos aqui para apoiá-la."* Grupo Contra a Violência Doméstica. Telefone: 5678900.

9

Em um casal, o homem não aceita fazer contracepção porque acha anti-natural. A mulher toma pílula escondido há cinco anos.

10

Uma mulher trabalha em campanhas de prevenção de AIDS entre mulheres desde o início da epidemia. Mas não usa preservativos com o seu atual companheiro.

11

Um grupo de mulheres tem como foco central do seu trabalho a saúde e os direitos reprodutivos. Mas se recusa a participar de campanhas pela legalização do aborto, embora se mantenha ligado ao movimento de mulheres.

12

Uma organização de mulheres teve um projeto parcialmente aprovado por uma agência de cooperação. Durante a negociação, os financiadores disseram que os recursos só seriam liberados se as atividades de geração de renda fossem mantidas, em detrimento das atividades de formação. O grupo aceitou.

13

Um grupo de mulheres apresentou o seu projeto institucional para cinco anos, ao seu único financiador, que aprovou o projeto com a condição de que retirassem do mesmo todas as atividades referentes a aborto. O grupo não aceitou.

14

Um grupo recebeu financiamento para realizar atividades de geração de renda com 35 mulheres da periferia de uma capital do Nordeste. Optou pela formação de uma cooperativa de confecção de panos de prato. Cada uma recebe R\$ 50,00 por mês e o projeto já existe há cinco anos.

15

O Sindicato das Domésticas tem recebido mais demandas de patroas do que de empregadas e não lhes recusa informações sobre as relações trabalhistas.

34. O Jogo do Sexo e do Gênero³¹

Tipo de Dinâmica: Introdução de Novos Conteúdos

Objetivo:

Introduzir o conceito de relações de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, cartelas.

Material de Apoio:

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero - Taciana Gouveia e Sílvia Camurça)

Modelo do quadro Características e Atributos

Jogo de transparências (ver na sessão **Transparências** o jogo nº 04: Sexo e Gênero)

Orientações:

1. Desenhe no quadro ou no flipchart um quadro com duas colunas, uma com o título "Mulheres" e outra com o título "Homens". Peça para que o grupo indique rapidamente quais as características que identificam homens e mulheres, estimulando diferentes tipos de características: físicas, emocionais, comportamentais etc. Anote cada característica na coluna respectiva.
2. Depois de esgotadas as respostas, troque os títulos das colunas. Se estiver trabalhando com quadro, apague os títulos e escreva a palavra "mulher" no lugar da palavra "homem" e "homem" no lugar de "mulher". Se estiver trabalhando com cartazes cole uma cartela com a palavra "homem" em cima do título "mulher" e vice-versa.
3. Pergunte ao grupo, palavra por palavra, se a característica ainda permanece naquela coluna, como atributo específico de ser homem ou mulher. Você pode utilizar uma pergunta do tipo: existe homem sensível? Se a resposta for afirmativa - e deve ser - você apaga ou risca esta característica. Você verá que a maioria das características podem ficar nas duas colunas, ou seja, podem ser transferidas de uma coluna a outra. Aquelas características que não podem ser transferidas, que são apenas de homem ou de mulher, são as características relacionadas ao sexo (nas mulheres: vulva, vagina, útero, ovário, trompas, seios, gravidez, parto e amamentação; nos homens: pênis, testículos, próstata, ejaculação, ereção, pelos no peito, barba e bigode). As demais relacionam-se com gênero.
4. O grupo comenta o exercício e você faz uma breve exposição sobre o tema, apoiada nas transparências.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 50 pessoas.

³¹ Este jogo é muito utilizado em treinamentos de gênero, em todo o mundo. Não conseguimos localizar a sua referência original, mas indicamos algumas organizações que o registraram em seus documentos, nem sempre com o mesmo título que usamos aqui: Novih (agência não governamental de de cooperação holandesa), Fnuap (Fundo de População das Nações Unidas), G&DTC (Gender and Development Training Centre, Holanda) e IWID (Initiatives: Women in Development).

Comentários:

1. Este exercício facilita e agiliza processos de sensibilização, podendo ser utilizado em grupos dos mais variados tamanhos e inserções sociais.
2. Funciona muito bem com adolescentes e é especialmente indicado para grupos grandes.
3. Em grupos muito reduzidos (até 5 pessoas) torna-se impróduo por correr o risco de ficar muito monótono.
4. Sua aplicação não é recomendada para grupos que já dominem informações básicas sobre o conceito de gênero.
5. Pode-se utilizar o exercício sem a exposição sobre os conceitos de sexo e gênero. Neste caso, o tempo de aplicação reduz-se a 1 hora. Sugerimos que só se exclua a exposição nos casos em que você domine muito bem os conceitos, de modo a introduzi-los durante o debate provocado pelo exercício, ou quando o exercício for parte de uma oficina maior, onde os conceitos serão melhor trabalhados em outras atividades.
6. Uma variação deste exercício trabalha com características do homem ideal e da mulher ideal: pede-se às mulheres que citem características do homem ideal e aos homens que citem características da mulher ideal. Em seguida, segue-se o modelo original, trocando-se o sexo das colunas e iniciando o debate. Neste formato, o exercício permite debater outros conteúdos de gênero, como os estereótipos, o feminismo, o machismo, o trabalho doméstico, garantindo maior profundidade à discussão. Mas, atenção: esta variação só deve ser utilizada com grupos que já têm contato com o tema gênero.

35. Os Quatro Elementos

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Apresentar e analisar a dinâmica e os elementos constituintes das relações de gênero em contextos sócio-culturais específicos.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, fita adesiva ou fita crepe, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Vídeo "Acorda, Raimundo, acorda..."

Vídeo "Retratos de Mulher"

Texto de trabalho (págs. 22 a 24 de O Que é Gênero - Taciana Gouveia e Sílvia Camurça)

Fichas de trabalho 1 e 2

Orientações:

1. Apresente o vídeo "Acorda, Raimundo, acorda..."
2. Peça para que se formem pequenos grupos e distribua a ficha de trabalho 1 para que as pessoas discutam as questões ali colocadas. As respostas são anotadas em cartazes e apresentadas ao grande grupo.
3. Comente os resultados, estimulando a participação do grupo.
4. Peça para que retornem aos grupos para a leitura do texto de trabalho e preenchimento da ficha de trabalho 2. Os resultados do preenchimento das fichas são apresentados ao grande grupo.
5. Comente os resultados, articulando-os com o conteúdo do texto.
6. Apresente o vídeo "Retratos de Mulher" e estimule as pessoas a comentarem livremente o vídeo.

Tempo:

07 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas

Comentários:

1. O mais importante nesta dinâmica é que as pessoas compreendam bem o significado e a diferença entre os quatro elementos constituintes das relações de gênero. Para isso é necessário não apenas uma boa discussão a respeito do texto de apoio como o acompanhamento às discussões nos pequenos grupos.
2. Os resultados dos grupos provocam discussões bastante interessantes, especialmente se forem articuladas a experiências pessoais dos/as participantes. Mas, por isso mesmo, é preciso que você tenha uma boa capacidade de coordenação de modo a garantir o bom uso do tempo e a permanência da discussão no tema proposto.

Ficha de Trabalho 1: (para o vídeo Acorda, Raimundo, acorda.)

Depois de assistir ao vídeo, respondam as seguintes questões:

1. O que vocês acharam mais interessante no vídeo?
2. Vocês acham que esta situação é possível?
3. Por que Raimundo fica aliviado quando descobre que foi um pesadelo?

Ficha de Trabalho 2: (para o texto O Que é Gênero)

Preencham os quadros abaixo, de acordo com o que vocês compreenderam do texto:

Indique alguns símbolos que vocês conhecem, referentes a mulheres e a homens, antigamente e hoje em dia. Vocês acham que houve mudança de antigamente para hoje? Coloque na terceira coluna porque vocês acham que estas mudanças aconteceram.

Antigamente		Hoje em dia		Por que mudou?	
Homem	Mulher	Mulher	Homem	Mulher	Homem

Indique algumas normas que vocês conhecem, referentes a mulheres e a homens, antigamente e hoje em dia. Vocês acham que houve mudança de antigamente para hoje? Coloque na terceira coluna porque vocês acham que estas mudanças aconteceram.

Antigamente		Hoje em dia		Por que mudou?	
Homem	Mulher	Mulher	Homem	Mulher	Homem

Indique algumas instituições e/ou organizações que vocês conhecem, referentes a mulheres e a homens, antigamente e hoje em dia. Vocês acham que houve mudança de antigamente para hoje? Coloque na terceira coluna porque vocês acham que estas mudanças aconteceram.

Antigamente		Hoje em dia		Por que mudou?	
Homem	Mulher	Mulher	Homem	Mulher	Homem

36. Para Não Dizer que Não Falamos das Flores... e dos Espinhos!³²

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivo:

Avaliar os processos e dinâmicas grupais.

Material:

Pincéis atômicos, lápis cera, canetas hidrográficas e/ou tinta a dedo, fita adesiva ou fita crepe, cola, tesoura, sucata, folhas grandes de papel madeira ou papel branco, revistas, jornais, cartazes e folhetos diversos

Material de Apoio:

Roteiro de avaliação

Orientações:

1. Peça para que as pessoas, reunidas em pequenos grupos, preparem uma avaliação criativa sobre a oficina, podendo usar teatro, música, poema, dança, colagem etc., a partir das orientações do roteiro de avaliação.
2. Os resultados são apresentados e debatidos brevemente no grande grupo.

Tempo:

03 horas

Nº de Participantes:

Até 50 pessoas.

Comentários:

1. Deve ser realizado em articulação com os exercícios nº 49 e 50 e preferencialmente como o último momento de um processo avaliativo.
2. Você também deve participar dessa atividade, realizando sua própria avaliação com base no mesmo roteiro de questões.

³²Reproduzido e adaptado de Suzanne Williams (com Janet Seed e Adeline Mwau), *The Oxfam Gender Training Manual*, Oxford, Oxfam, 1995. Seu título original é *Creative Evaluation*.

Roteiro de Avaliação

Conversem sobre os seguintes pontos, avaliando como aconteceram na nossa atividade:

- a) Quais foram os melhores e os piores momentos da atividade?
- b) Quais foram as principais lições aprendidas?
- c) Avaliem as dinâmicas utilizadas e o ambiente de trabalho.

Preparem uma apresentação criativa com os materiais que foram distribuídos. As apresentações devem ter, no máximo, 15 minutos.

37. Participação Política das Mulheres

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão

Objetivos:

Legitimar a participação política das mulheres em diferentes movimentos sociais e instituições políticas.
Identificar e analisar dados estatísticos e fatos que demonstrem a participação política das mulheres.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos coloridos, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Exemplos de dados estatísticos sobre participação política das mulheres

Modelos de cartazes para apresentação dos dados estatísticos

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 01: A Participação das Mulheres no Sindicalismo Rural e o de nº 06: Comentários sobre a Trajetória das Mulheres no Sindicalismo Rural).

Orientações:

A. Para um único grupo:

1. Coloque os cartazes com dados estatísticos em um lugar visível para todo o grupo.
2. Apresente cuidadosamente cada um dos cartazes, assegurando-se que as pessoas compreendem o significado dos números.
3. Peça para que as pessoas comentem livremente o que viram, avaliando as diferenças entre a participação política de mulheres e homens.
4. Faça uma breve exposição sobre o tema e estimule o debate.

B. Trabalhando com pequenos grupos:

1. Peça para que se formem pequenos grupos (de 4 a 7 pessoas) e distribua para cada grupo um quadro com dados estatísticos (sob a forma de cartaz ou em folha de ofício).
2. Peça para que as pessoas comentem livremente o que viram, avaliando as diferenças entre a participação política de mulheres e homens. O grupo anota as suas conclusões em um cartaz e apresenta-o ao grande grupo.
3. Comente os resultados dos grupos e faça uma breve exposição sobre o tema, estimulando o debate.

Tempo:

Para um único grupo: 02 horas

Em pequenos grupos: 03 horas

Nº de Participantes:

Para um único grupo: até 50 pessoas.

Em pequenos grupos: até 25 pessoas.

Comentários:

1. Um estudo prévio (coleta de dados, análise e leituras) sobre a participação das mulheres no movimento ao qual o grupo está vinculado é fundamental para o sucesso deste exercício.

Dados sobre a Participação Política das Mulheres

Percentual de Prefeitas eleitas nas duas últimas eleições segundo Brasil e Grandes Regiões

1993*

Brasil e Gdes.Regões	nº de municípios**	% de prefeitas eleitas
Brasil	4.972	3,4%
Norte	398	4,8%
Nordeste	1.558	5,9%
Sudeste	1.553	2,4%
Sul	1.058	1,0%
Centro Oeste	427	2,8%

* Exceto os seguintes estados: PA, MA, ES, SC, MS, MT, GO não fornecidos pelos TREs locais

** Excluídos Distrito Federal e Fernando de Noronha

1996

Brasil e Gdes. Regiões	nº de municípios	% de prefeitas eleitas
Brasil	5.506*	5,4%
Norte	449	6,2%
Nordeste	1.787	8,5%
Sudeste	1.666	3,8%
Sul	1.159	2,5%
Centro Oeste	445	6,8%

* Exceto os seguintes: PA, MA, ES, SC, MS, MT, GO não fornecidos pelos TREs locais

Aumento percentual do número de mulheres eleitas prefeitas entre 1993/96 segundo Brasil e Grandes Regiões

Brasil e Grandes Regiões	% de crescimento 93-96
Brasil	43,3%
Norte	32,1%
Nordeste	39,9%
Sudeste	40,1%
Sul	63,3%
Centro Oeste	59,2%

Obs: Estes cálculos são feitos a partir dos números absolutos, sem relativizar o aumento do número de municípios. Contudo, nos parecem bastante significativos na medida em que o percentual de aumento de municípios foi bastante inferior, como pode ser constatado a seguir:

Brasil: 9,7%; Norte: 11,3%; Nordeste: 12,8%; Sudeste: 6,8%; Sul: 8,7%; Centro-Oeste: 4,0 %.

38. Pessoas que admiro³³

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão

Objetivo:

Introduzir a dimensão das relações de gênero através da análise de estereótipos

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, papel ofício, canetas.

Material de Apoio:

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero. - Taciana Gouveia e Sílvia Camurça)

Orientações:

1. Peça para que cada participante escreva sobre um homem e uma mulher que admira (personalidades de domínio público) enfatizando as qualidades da pessoa escolhida. Vale também personagens de romances, filmes, novelas etc.
2. Em seguida, faça o levantamento para o grande grupo, anotando num quadro (ou folha de papel grande) os homens admirados e sua descrição de um lado e as mulheres admiradas e sua descrição do outro.
3. Estimule o debate sobre as qualidades indicadas e faça uma breve exposição sobre o tema.
4. Debate aberto.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas

Comentários:

1. Este exercício é adequado para grupos que, mesmo não possuindo conhecimento sobre as várias dimensões das relações de gênero, apresentam comportamentos ou discursos "modernos" e que, portanto, tenderiam a dar respostas muito racionalizadas a outros tipos de exercícios. Por trabalhar com o campo da idealidade possibilita o rastreamento dos vínculos individuais com os estereótipos de homens e mulheres, bem como mapear os pontos de conflito, as mudanças de comportamento e a criação de novos estereótipos.
2. Facilita ainda, em trabalhos com tempo reduzido, a exposição sobre as quatro dimensões das relações de gênero.
3. É adequado para o trabalho com jovens e adolescentes.

³³ Reproduzido e adaptado de Suzanne Williams (com Janet Seed e Adelina Mwau), The Oxfam Gender Training Manual, Oxford, Oxfam, 1995. Seu título original é Admiring the Opposite Sex.

Modelo de Quadro de Apuração

Mulheres admiradas	Justificativa	Homens admirados	Justificativa

39. Por Onde Começar um Trabalho com Mulheres?

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação
Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivo:

Desenvolver a aplicabilidade do conceito de gênero para a definição de políticas no trabalho com mulheres e/ou com abordagem de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho 1

Roteiro de trabalho 2

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 02: **Análise Institucional numa Perspectiva de Gênero**).

Orientações:

1. No grande grupo, peça para que as pessoas identifiquem os principais campos ou lugares em que as mulheres estão presentes na região em que elas atuam e que, de algum modo, se articulam com o trabalho da equipe. Exemplos de campo de ação: movimento sindical, associações comunitárias, movimentos religiosos, comunidades, grupos autônomos etc.
2. Peça para que se forme um grupo para cada campo ou lugar identificado previamente e distribua o roteiro de trabalho 1. O resultado da discussão é colocado em cartazes e apresentado ao grande grupo.
3. Comente os resultados e estimule os grupos a corrigirem ou aperfeiçoarem as informações contidas nos cartazes uns dos outros.
4. Anime o debate aberto a partir da seguinte questão: considerando os objetivos, as linhas de ação e o perfil da equipe, que conjunto de mulheres descrito apresenta as maiores possibilidades de sucesso no trabalho? O roteiro de trabalho 2 contém as questões que orientam esta discussão. Deve-se chegar a conclusões claras, indicando-se as razões para a escolha de tal ou qual grupo. Esta escolha deve servir de orientação para o planejamento do trabalho com mulheres e/ou com abordagem de gênero.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas

Comentários:

1. Este é um exercício que só deve ser realizado quando o ciclo de formação está concluído e inicia-se o momento da implementação das ações com abordagem de gênero.
2. Só se aplica a equipes de ONGs ou de projetos, não sendo possível trabalhar com mais de uma equipe ao mesmo tempo.
3. Requer dos/as participantes um alto nível de informações sobre a realidade nos campos em que se dará a intervenção. Por isso, é fundamental que os dados sejam os mais exatos possíveis.

Roteiro de Trabalho 1

Para cada campo ou lugar selecionado, respondam as questões abaixo, baseando-se na sua experiência prévia na região ou em informações anteriores (mesmo que sejam de terceiros).

1. Onde estão estas mulheres? Indiquem instituições, estabelecimentos, cargos, movimentos ou, se não tiverem participação política, indiquem onde vivem. Procurem dar o máximo de detalhes com relação a esta localização.
2. Qual o seu perfil sócio-econômico e político-cultural?
3. Qual a sua importância numérica diante do conjunto do campo de ação da equipe? Por exemplo: a equipe trabalha com sindicalismo rural, mas o número de mulheres atuando neste campo é insignificante.
4. Que atividades políticas desenvolvem?
5. Que atividades produtivas desenvolvem?
6. Qual o seu projeto político?
7. Em torno de que temas se organizam?
8. Há quanto tempo se organizam?
9. Quem são seus parceiros?
10. Quem são seus opositores?
11. Quais os seus principais problemas?
12. De que modo e desde quando dialogam com a sua equipe?

Roteiro de Trabalho 2

A partir do que identificamos anteriormente:

- a) Quais as possibilidades de trabalho com mulheres que existem na região?
- b) Que desafios precisam ser superados para que estas possibilidades se concretizem?
- c) Que estratégias podem ser utilizadas para a superação destes desafios?
- d) Quais as necessidades e as possibilidades de contribuição da sua equipe para com estas mulheres?

40. Princípios e Atividades Político-Educativas

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos.

Objetivo:

Desenvolver a habilidade de planejar atividades político-educativas baseadas em princípios teórico-metodológicos claros.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de várias cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho "Princípios que orientam..."

Texto de apoio para o/a facilitador/a (**Introdução** deste Manual)

Jogo de transparências (ver na sessão **Transparências** o jogo nº 03: Princípios que orientam a prática educativa com abordagem de gênero).

Orientações:

1. Faça uma exposição sobre os fundamentos da educação feminista, de acordo com o texto inicial deste Manual.
2. Leia em voz alta os "Princípios" para o grande grupo, um a um. Esclareça eventuais dúvidas antes de iniciar o trabalho propriamente dito.
3. Peça para que se formem pequenos grupos (4 a 6 pessoas) e distribua uma ficha de trabalho para cada grupo.
4. Peça para que as pessoas discutam os princípios e indiquem, para cada um deles, um ou mais tipos de atividades educativas que, na opinião do grupo, realizam aquele princípio na prática. Os resultados são escritos em cartazes e apresentados ao grande grupo.
5. Comente os resultados e realize uma exposição sobre o tema, com base nas transparências.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. É indicado para grupos que já desenvolvem atividades educativas.
2. Recomendamos que você leia cuidadosamente a **Introdução** deste manual.
3. As pessoas têm muita dificuldade em associar princípios à sua prática, por isso é importante que você acompanhe a discussão nos grupos e que seja muito claro/a na exposição final.

Ficha de Trabalho “Princípios que Orientam...”

Leiam com atenção cada um dos princípios abaixo e indiquem um ou mais tipos de atividades educativas que podem realizar cada destes princípios:

Princípios Teórico-Metodológicos	Atividades
1. A ação educativa é também política, porque objetiva mudar as relações de injustiça presentes na vida das mulheres e reduzir as desigualdades sociais.	
2. A ação político-educativa é um processo, que não se inicia nem se encerra com uma atividade específica.	
3. O processo político-educativo parte da realidade dos sujeitos, o que inclui as relações de subordinação em que estão inseridos.	
4. Os/as educandos/as não são uma página em branco, pois já têm conhecimento e experiência acumulada. Todas as pessoas têm uma história pessoal e coletiva e um conhecimento sobre a sua realidade que é muito maior do que o dos/as educadores/as.	
5. Os/as educadores/as também possuem conhecimento acumulado.	
6. As ações político-educativas devem possibilitar o acesso dos grupos ao conhecimento acumulado e sistematizado nos diversos campos temáticos.	
7. O processo político-educativo é um processo de troca entre diferentes saberes e experiências.	
8. No processo político-educativo sempre estão em jogo relações de poder, algumas das quais baseadas em relações sociais.	
9. A aprendizagem envolve os sujeitos por inteiro e não apenas intelectualmente.	

41. Prioridades de Gênero e Mulheres³⁴

Tipo de Dinâmica: Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivo:

Identificar, analisar e comparar interesses de homens e mulheres no desenvolvimento de projetos.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Roteiro de trabalho

Modelos de cartazes

Descrição de comunidades

Textos de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 12: Os Diferentes Enfoques em Políticas para Mulheres de Baixa Renda e o de nº 04: Aspectos das Principais Abordagens: Conceitos e Ferramentas Utilizados em Diagnósticos de Gênero).

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos e distribua a ficha de trabalho, os modelos de cartazes e descrições de comunidades que sejam similares àquelas que os/as participantes desenvolvem atividades. Peça para que as pessoas imaginem que são moradores/as de um município e que souberam da existência de fundos disponíveis para desenvolver um certo tipo de projeto na comunidade. Explique que, a partir da análise da comunidade, as pessoas devem definir um projeto para a mesma, justificando a sua escolha. Neste projeto os/as moradores/as deverão estar envolvidos/as na elaboração, planejamento e implementação do projeto. Mencione que eles/as tanto podem colocar as suas próprias opiniões, quanto as opiniões que eles/as pensam que outros homens e mulheres devem ter. Os/as relatores/as escrevem as respostas nos cartazes e apresentam ao grande grupo.
2. Em seguida, faça uma exposição sobre o tema gênero e projetos de desenvolvimento, baseando-se nas idéias de Caroline Moser (ver texto de apoio).

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 20 pessoas.

Comentários:

1. Em grupos mistos é interessante trabalhar com grupos de mulheres e homens separados, possibilitando assim, comparações mais ricas.
2. É importante estar atento/a ao(s) tipo(s) de atividade que os/as participantes desenvolvem, se atuam mais ligados/as à área rural ou urbana, para uma melhor adequação ao exercício. Em grupos muito heterogêneos você pode usar as duas descrições.
3. É um exercício intermediário, portanto recomendamos o seu uso para grupos ou processos de formação onde o nível de sensibilização e aproximação com o tema já tenha sido alcançado.

³⁴Adaptado de Module Two: Gender and Development and Project Management. UNDP, A.d.

Roteiro de Trabalho

Leiam e discutam o projeto que vocês receberam e respondam às questões abaixo, preenchendo os cartazes com as respostas:

1. Prioridades das Mulheres

O que uma moradora mais gostaria que acontecesse e fosse suprido por este projeto?

Quais seriam os seus principais interesses e preocupações?

Como ela gostaria que o projeto fosse organizado?

2. Envolvimento das Mulheres

Como ela gostaria de ser consultada sobre o projeto?

Como ela gostaria de estar envolvida e como gostaria que as outras mulheres estivessem envolvidas?

Em que tipo de decisões ela gostaria de participar?

3. Prioridades dos Homens

O que um morador mais gostaria que acontecesse e fosse suprido por este projeto?

Quais seriam os seus principais interesses e preocupações?

Como ele gostaria que o projeto fosse organizado?

4. Envolvimento dos Homens

Como ele gostaria de ser consultado sobre o projeto?

Em que tipo de decisões ele gostaria de participar?

Modelos de Cartazes

Prioridades das Mulheres	Prioridades dos Homens
Envolvimento das Mulheres	Envolvimento dos Homens

Descrições de Comunidades

A) Urbana

A Flor do Quêrer é uma área de ocupação que está situada na periferia de uma grande região metropolitana, distante do centro da cidade-núcleo em quase duas horas de ônibus. Em Flor do Quêrer a maioria da população não tem emprego fixo e a escolarização dos adultos é muito baixa. Os homens geralmente fazem bicos nas praças ou em bairros vizinhos (tomar conta de carros, comprar e revender jornais velhos, capinar calçadas, fazer faxinas etc.). As mulheres são lavadeiras, manicures, faxineiras, fabricam e vendem doces e salgados na comunidade. As crianças fazem pequenos mandados, catam latas para reciclagem e muitas delas não frequentam a escola. A infra-estrutura da comunidade é extremamente precária, falta saneamento básico, creches, escolas, posto médico.

B) Rural

A Estrela do Norte é uma comunidade rural, situada numa das regiões mais pobres do Brasil, com baixas taxas de alfabetização e altas taxas de mortalidade infantil. Nesta comunidade, os homens se dedicam ao plantio e colheita, além da comercialização. Como é uma área muito seca, o fornecimento de água para a plantação fica a cargo dos homens que também participam da política sindical. As mulheres têm responsabilidade quase completa pela criação dos/as filhos/as, a cozinha, a limpeza e outras tarefas da casa. As mulheres também dirigem uma variedade de pequenos negócios, como costura e bordado, fazem a capinagem, buscam a água e a lenha, trabalham no plantio e na colheita, levam a comida para os homens na plantação e fazem o beneficiamento de alguns produtos (leite, queijo, geléia, doces etc.). Além disso, cuidam dos pequenos animais (galinhas, porcos e cabras) e da horta. As crianças ajudam a buscar a água para as necessidades domésticas e também na recolha da lenha. A cidade mais próxima está a 10km da comunidade.

42. Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão
Aplicação de Novos Conteúdos

Objetivos:

Identificar se, e de que modo, as mulheres são contempladas em proposições políticas contidas em documentos de movimentos sociais e sindicais, plataformas de governo, textos de projetos etc.

Desenvolver a capacidade de crítica a proposições políticas numa perspectiva de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de várias cores, fita adesiva ou fita crepe, canetas.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho

Lista de proposições políticas

Texto de apoio para o/a facilitador/a (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 12: Os Diferentes Enfoques em Políticas para Mulheres de Baixa Renda; nº 04: Aspectos das Principais Abordagens: Conceitos e Ferramentas Utilizados em Diagnósticos de Gênero e nº 02: Análise Institucional numa Perspectiva de Gênero).

Orientações:

1. Faça uma breve exposição sobre a presença e o trabalho das mulheres nos campos da produção, da reprodução e da vida política (tanto comunitária, quanto partidária e político-administrativa). Explique que o exercício trata de identificar, em proposições políticas diversas, que campos da vida das mulheres são mais enfatizados e quais as consequências disto.
2. Peça para que as pessoas reunam-se em pequenos grupos (de 4 a 8 pessoas) e distribua para cada grupo uma ficha de trabalho e uma lista de proposições, solicitando que leiam atentamente o material e esclareçam eventuais dúvidas.
3. Os grupos respondem as questões, preenchem as fichas e preparam um cartaz para apresentar os resultados ao grande grupo.
4. Comente os resultados e faça uma exposição sobre o tema, chamando a atenção para a importância de se verificar, na redação e aprovação de proposições políticas, de que modo os problemas das mulheres estão contemplados.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. É necessário que você prepare, previamente, uma seleção com, no máximo, 10 proposições políticas para distribuir aos grupos. Estas proposições podem ser retiradas de plataformas de partidos, acordos salariais de sindicatos, textos de políticas municipais, documentos de congressos ou encontros. Sugerimos que você misture proposições gerais, como por exemplo, reivindicações por reforma agrária ou aumento de salário, como proposições que envolvem as mulheres de

42. Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?

modo mais direto, como por exemplo, reivindicação por salário igual ou pela garantia da licença maternidade.

2. É um exercício intermediário em processos formativos mais longos. Por isso, só funciona em grupos que já tenham conhecimento sobre o conceito de gênero.
3. As proposições utilizadas devem ser próximas da realidade vivenciada pelo grupo. Por exemplo, no caso de grupos de sindicalistas, deve-se buscar proposições de acordos salariais ou plataformas de congressos. No caso de participantes de conselhos municipais, textos de políticas municipais.
4. Em grupos mistos, pode-se utilizar uma divisão em pequenos grupos por sexo, possibilitando-se assim uma análise comparativa das visões de homens e mulheres.
5. É importante que você tenha segurança sobre a análise destas proposições de modo a deixar claro para o grupo como os interesses das mulheres podem ser incorporados em proposições políticas e quais as consequências da não-incorporação para a vida das mulheres.

Ficha de Trabalho

Leiam atentamente a lista de proposições em anexo e discutam, a partir das seguintes questões:

1. Vocês acham que estas proposições dirigem-se às mulheres? Por que?
2. Vocês acham que as proposições levaram em consideração e incorporaram, na sua formulação, os interesses, as necessidades e os projetos das mulheres? Por que?
3. Que campos da vida das mulheres (produtivo, reprodutivo e político) são enfatizados por cada uma das proposições?
4. Na sua opinião, quais as consequências desta ênfase na vida prática das mulheres? Justifiquem.

Preencham o quadro abaixo, para facilitar a apresentação dos resultados no grande grupo:

Proposição	Campo da vida das mulheres mais enfatizado		
	Produção	Reprodução	Política
1.			
2.			
3.			
4.			

43. Que Diferença da Mulher o Homem Tem?

Tipo de Dinâmica: Introdução de Novos Conteúdos
Produção de Reflexão

Objetivo:

Introduzir o conceito de relações de gênero.

Material:

Não é necessário.

Material de Apoio:

Ficha de trabalho com afirmações

Gabarito com resposta às afirmações

Texto para trabalho em grupo: A História do Arco-Íris

Jogo de transparências (ver sessão **Transparências** o jogo nº 04: Sexo e Gênero)

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero - Taciana Gouveia e Sílvia Camurça)

Orientações:

1. Distribua para os/as participantes uma ficha de trabalho, com afirmações sobre diferenças biológicas entre mulheres e homens. Cada pessoa deve preencher os espaços em branco usando as palavras homem ou mulher, menino ou menina.
2. As pessoas colocam para o grande grupo as suas respostas, ao mesmo tempo em que você indica as respostas corretas. Não há necessidade de muitos debates, mas apenas que as pessoas justifiquem suas respostas.
3. Interrogue o grupo sobre qual seria o nível de influência das diferenças físicas na vida de homens e mulheres.
4. Distribua o texto "A História do Arco-Íris", faça uma leitura em voz alta do mesmo e abra a discussão com o grupo, articulando com os pontos de tensões que possam ter surgido no debate anterior.
5. Faça uma breve exposição sobre o tema da sessão, apoiada nas transparências.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Este é um exercício indicado para "aquecimento" de grupos inciantes no tema.
2. Em alguns grupos é comum surgir o debate sobre natureza e cultura. O texto "A História do Arco-Íris" funciona como um ponto de partida para organizar esta discussão.
3. É importante que você faça a discussão sobre natureza e cultura, já articulando com o conteúdo seguinte, ou seja, o conceito de relações de gênero.

Gabarito com Afirmações Corretas

1. As **meninas** geralmente andam aos 10 meses, dois antes **dos meninos**; as **meninas** também começam a falar primeiro.
2. Os **homens** têm um milhão de células sanguíneas a mais do que **as mulheres**.

43. Que Diferença da Mulher o Homem Tem?

3. **As mulheres** têm melhor olfato do que **os homens**.
4. Estudos mostram que **os homens** têm um nariz maior do que **as mulheres**, mas os lábios **delas** são mais carnudos.
5. As cordas vocais **dos homens** são mais longas e têm a laringe até 30% maior do que a **das mulheres**.
6. A distância do umbigo aos órgãos genitais é maior **nas mulheres** do que **nos homens**.
7. **Os homens** começam a ouvir menos por volta dos 32 anos, enquanto que **nas mulheres** isso acontece por volta dos 37 anos.
8. **Os homens** acendem o fósforo riscando-o para dentro e **as mulheres** para fora.
9. **As mulheres** gostam menos de sabores muito doces, muito picantes ou muito salgados.

Ficha de Trabalho³⁵

Preencha os espaços livres indicando, de acordo com sua opinião, se está se falando de mulheres ou meninas, homens ou meninos.

1.s geralmente andam aos 10 meses, dois antes d....s;....s.... também começam a falar primeiro.
2.s têm um milhão de células sanguíneas a mais do que....s.
3.s têm melhor olfato do que....s.
4. Estudos mostram que....s têm um nariz maior do que....s, mas os lábios d....s são mais carnudos.
5. As cordas vocais d....s são mais longas e têm a laringe até 30% maior do que a d....s.
6. A distância do umbigo aos órgãos genitais é maior n....s do que n....s.
7.s começam a ouvir menos por volta dos 32 anos, enquanto que....s isso acontece por volta dos 37 anos.
8.s acendem o fósforo riscando-o para dentro e....s para fora.
9.s gostam menos de sabores muito doces, muito picantes ou muito salgados.

³⁵Fonte: "A Verdadeira Diferença entre Homens e Mulheres" in Revista Nova, Editora Abril, abril de 1994.

Texto para Trabalho em Grupo

A História do Arco-Iris³⁶

“Uma cultura compreende o sistema linguístico, o sistema indumental (como as pessoas se vestem), o sistema alimentar, a culinária toda, o que comem, quando comem, como comem, essas coisas, com que talheres, se há talheres; compreende também os mitos, as técnicas, que são, entre outros, os sistemas mais à vista de uma cultura. As culturas são muitas nesse mundo, só as culturas indígenas no Brasil atual são 137, muito diferentes umas das outras. As culturas são modos peculiares que agrupamentos humanos inventaram de povoar o cosmo de objetos, porque o universo é basicamente um grande *continuum*, ele não está a priori dividido em objetos. Nós, seres humanos, é que criamos estes objetos e depois encucamos nas crianças que tal fenômeno ou realidade também contém aqueles objetos. Assim fomos ensinados, quase todos aqui, que o arco-íris tem sete objetos, sete cores, isso fica tão marcado em nós que pensamos que tem mesmo. De fato, o arco-íris é também ele um *continuum* e os objetos são os homens que criam. Há um grupo, ao norte do Japão, que vê catorze cores no arco-íris. Nós vemos sete, mais modestamente. Há um grupo na África que vê quatro só e, aliás, não são bem quatro, porque a primeira e a última são o mesmo *sipswuka*, que é o fulvo; o *citena* é o grupo dos azuis; *cissena*, o grupo dos alaranjados; e, finalmente, o *sipswuka* outra vez, no finzinho do arco-íris.

A gente acha pouco, mas se a gente desce para Zâmbia, aí a redução é maior, para o pessoal da Zâmbia o arco-íris se divide em duas partes, do começo ao meio é *hui*, o bloco ciânico, azul; e do meio para o fim é *zizu*, o bloco xântico. Isso nos assusta muito, por que só duas cores para o arco-íris? Porque foi assim que eles repartiram o real. Cada cultura reparte o real à sua singular maneira e, se você quer saber qual foi a motivação secundária disso, você pode investigar que na Zâmbia, por exemplo, eles têm todos um conhecimento fantástico de botânica, fundamental para sua sobrevivência. Eles são nômades, então eles vão para muitas regiões novas, a todo instante conhecem todas as plantas. À primeira vista logo dizem: “essas são nutritivas, estas podem ser medicinais, essas aqui só podem ser nutritivas depois de certo desenvolvimento”. E assim por aí vai. Eles têm um grande conhecimento de botânica e quem estudou botânica ocidental, essa gente que como nós acha que o arco-íris tem sete cores, sabe que as cores decisivas em botânica são duas. As propriedades da planta são conforme sua cor: as plantas ciânicas têm tais propriedades, as plantas xânticas têm tais outras. Então essa é a importância do ciânico oposto ao xântico. E isso ficou na cabeça do pessoal da Zâmbia, e levou-os, motivou-os assim a distribuir os objetos do arco-íris”.

³⁶ Extraído de De Giorgi, Flávio. Os Caminhos do Desejo in Novas: A (org.) O Desejo, São Paulo, Cui. dos Lems, 1990.

44. Quem Eu Queria Ser Quando Crescesse?

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão

Objetivos:

Trabalhar a construção da identidade pessoal e a dinâmica das relações de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos, lápis cera e/ou canetas hidrográficas de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, cola, tesoura, revistas, jornais, folhetos, cartazes diversos.

Material de Apoio:

Texto de apoio para o/a facilitador/a (O Que é Gênero - Sílvia Camurça e Taciana Gouveia)

Orientações:

1. Peça para que cada pessoa, individualmente, selecione três palavras ou imagens que expressem o que ela é e construa um cartaz com estas palavras ou imagens. Em seguida, cada pessoa recorda alguém que admirava quando criança - ou ainda admira - e com quem gostaria de se parecer, explicando as razões deste desejo e o que atualmente existe de diferente e semelhante entre ela e a pessoa que admirava. Estas informações são colocadas em um outro cartaz, com palavras ou imagens.
2. Os cartazes são apresentados ao grande grupo e você estimula o debate analisando separadamente as imagens ou referências de mulheres e homens. Enfatize os processos de identificação articulados com as relações de gênero.

Tempo:

04 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas.

Comentários:

1. Os resultados desta dinâmica oferecem subsídios importantes para se analisar o modo como a identidade de gênero se constitui e se transforma ao longo da história de vida. Esta informação pessoal é uma importante base para se iniciar a discussão sobre a dinâmica das relações de gênero.

45. Quem Falou?

Tipo de Dinâmica: Produção de Reflexão

Objetivo

Trabalhar representações sociais, estereótipos e preconceitos de gênero.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe.

Material de Apoio:

Ficha de depoimentos

Gabarito com respostas, para o/a facilitador/a

Modelo de cartaz para respostas do grupo

Texto de apoio para o/a facilitador/a: (ver na sessão **Textos de Apoio** o de nº 09: Gênero e Cotidiano)

Orientações:

1. Distribua para o grupo a ficha de depoimentos, de onde foram suprimidas todas as referências gramaticais que indicam o sexo dos/as depoentes. Diga que os depoimentos são verdadeiros e suas fontes são textos de livros, pesquisas ou reportagens.
2. Peça para que cada participante atribua um sexo a cada fala e construa argumentos para justificar suas respostas. O exercício é, nesta etapa, individual. É importante indicar que as pessoas devem se guiar por sua primeira percepção, evitando racionalizações que dificultem a realização do exercício.
3. Monte um quadro a partir das respostas do grupo e revele a autoria dos depoimentos do modo que você achar melhor: questão por questão, deixar todas para o final ou fazer por blocos temáticos.
4. Faça uma breve exposição sobre o tema da atividade.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas.

Comentários:

1. Este exercício procura demonstrar como as relações e os atributos de gênero são criações histórico-culturais, além de propiciar uma reflexão sobre as representações que temos sobre homens e mulheres e o quanto o nosso olhar é moldado pela estrutura das relações de gênero.
2. Dependendo do grupo com que se está trabalhando, pode ser também o exercício que introduz a análise das quatro dimensões constituintes das relações de gênero, como também pode ser utilizado para discussões específicas sobre identidade.
3. No formato atual, só se aplica a grupos urbanos, formados por pessoas adultas com escolaridade de nível médio ou superior. Mas pode-se montar listas de depoimentos adaptados a outros tipos de públicos.
4. Muitas vezes as pessoas apresentam alguma resistência para realizar o exercício sob o argumento de que tanto pode ser um homem ou uma mulher o/a autor/a dos depoimentos. Nestas situações o/a facilitador/a deve realinhar que esta é exatamente a lógica do exercício, que o importan-

45. Quem Falou?

se não é acertar, mas sim trabalhar a partir da primeira imagem que surge para cada um/a quando lê os depoimentos

5. Funciona bem tanto em grupos mistos como em grupos só de mulheres.
6. Esta metodologia pode ser adaptada para outras situações, desde que se harmonize os depoimentos com o perfil e as temáticas dos grupos a serem trabalhados, pois a identificação com os depoimentos é fundamental para a dinâmica do exercício.

Gabarito com Respostas Corretas

Questão	Sexo do/a depoente	Questão	Sexo do/a depoente
01	Homem	06	Homem
02	Mulher	07	Homem
03	Homem	08	Mulher
04	Mulher	09	Mulher
05	Mulher	10	Mulher

Modelo de Cartaz para Respostas do Grupo

Questão	Respostas		Argumentos	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				

Ficha de Depoimentos

1. "Eu sai do Recife (onde morava com meus pais) porque queria me libertar desse processo familiar e achava difícil trabalhar o meu desenvolvimento, minha própria história se continuasse lá. Quando cheguei aqui fiz até algumas concessões, casei, apesar disso ser uma agressão à minha cabeça e às minhas concepções das coisas. Mas na gravidez e no parto, que eram coisas que tinham muito a ver comigo, eu batalhei e assumi todas as brigas. Eu batalhei como uma galinha, protegendo o meu ovo e o meu lugar."
2. "Eu via a família como um polvo com tentáculos. Era uma visão mais minha. Na época da gravidez minha relação com os meus pais piorou muito e eu sinto ter usado a gravidez de uma forma agressiva contra eles: 'eu tenho minha família, não preciso mais de vocês, estou construindo outro núcleo'."
3. "Depois que o neném nasceu começou um período difícil porque tudo era feito por nós dois, a gente passava a noite se revezando. Então nunca podíamos estar sozinhos os dois, nunca falávamos enquanto casal. Deixamos de ser um casal para ser pai e mãe. É claro que isso perturbou a nossa relação."
4. "Nos últimos quatro meses da gravidez a gente se afastou de todo mundo, das pessoas e ficamos só por conta dos preparativos do neném. Na época eu entrei nessa e não medi as consequências dessa atitude. Mas hoje sinto que foi uma coisa que pesou demais para mim, porque eu deixei de suprir uma série de necessidades minhas. Eu sinto que hoje falta pique na nossa relação."
5. "Serenidade não é exatamente uma característica desse período. Sempre há muitos conflitos, problemas práticos a serem resolvidos, medos e preocupações. Viver o mais serenamente possível durante o período da gravidez equivale a administrar a crise."
6. "Amor é um sentimento que vai se construindo. Tem a ver com o tempo. É claro que precisa haver atração, desejo. Há também uma espécie de amizade. É diferente do que vivi quando me apaixonei. Foi intenso, era o paraíso. Era um entendimento, uma vontade de estar junto. Não precisava nem falar. Não sei explicar como acabou. Um dia acabou. Perdeu o encanto. Na segunda vez que me apaixonei quase enlouqueci. Sofri, me descabelei, fiz até escândalo. Cometi vários vexames, minha vida virou um inferno. Pensei em me separar, na prática me separei. Mas depois de vários choques e decepções, entrei numa depressão daquelas. Ai foi passando. Passou. Até hoje me incomoda um pouco, quando penso, quando vejo."
7. "Hoje eu sei a diferença entre ter 13 anos e ter 33 anos. Aos 13 eu queria um grande amor para me proteger. Aos 33 eu quero me proteger de um grande amor."
8. "Ter chefe mulher, uma mulher que assumiu esse mundo masculino, é uma barra! Elas se transformam num travesti de homem, talvez assumam as piores coisas que um homem tem."
9. "Acho mulher muito cheia de fofquinha. Acho, na verdade, que são muito inconscientes do seu ser individual e social. Também tenho amigas mulheres, mas acho homem mais legal quando ele é amigo de verdade. Me ligo em mulher batalhadora."
10. "Você transou, tipo no fim de uma festa, e no outro dia você fala: que merda! Mas eu tenho necessidade de trepar, sabe? Eu gosto prá caralho de trepar."

46. Quem Somos Nós?

Tipo de Dinâmica: Integração e Produção de Informação

Objetivo:

Introduzir o tema das relações de gênero através da apresentação e integração dos/as participantes

Material:

Pincéis atômicos, fita crepe ou adesiva.

Material de apoio:

Modelo de fichas de inscrição

Modelo de cartaz para perfil

Orientações:

1. Previamente, preencha o cartaz "Perfil" com o total dos dados provenientes das fichas de inscrição. Com isso se tem a caracterização do perfil sócio-demográfico do grupo, classificado por sexo. Coloque o cartaz na parede principal da sala, onde permanecerá até o final do curso
2. Apresente e comente os dados, chamando a atenção para as diferenças entre homens e mulheres especialmente no que se refere ao estado civil, número de filhos, renda individual e cargo que ocupam nas suas organizações.

Tempo:

30 a 60 minutos

Nº de participantes:

Adequado para grandes grupos, a partir de 30 pessoas.

Comentários:

1. Requer que a ficha de inscrição seja previamente preenchida pelos/as participantes.
2. Funciona como um exercício de apresentação para grupos grandes e com tempo reduzido.
3. É possível adaptá-lo para trabalhos em pequenos grupos. Neste formato, além do cartaz, necessita-se de cópias com o perfil para o trabalho dos grupos, pois serão eles que irão analisar os dados e elaborar algumas conclusões sobre os mesmos. Em seguida os resultados são apresentados em plenária e você coordena o debate e faz seus comentários.
4. Este exercício pode ser feito em seguida ao exercício nº 13 (Credenciamento Coletivo).

Modelo de Ficha de Inscrição

Nome:	
Sexo:	Raça/cor:
Idade:	Estado Civil:
Escolaridade:	
Profissão:	
Estado de origem:	
Município/Localidade de residência:	
Organização a que pertence:	
Cargo que ocupa na sua organização:	
Nº de Filhos: _____ Homens _____ Mulheres	
Renda Familiar: R\$	
Renda Individual: R\$	

Modelo do Cartaz "Perfil"

Características	Mulheres	Homens
Sexo		
Qual a nossa raça/cor?		
Negra		
Branca		
Amarela		
Outra		
Qual a nossa idade?		
Até 19 anos		
20 a 40 anos		
40 a 50 anos		
mais de 50 anos		
Qual o nosso estado civil?		
solteiros/as		
casados/as		
separados/as		
viúvos/as		
Qual a nossa escolaridade?		
analfabetos/as		
1º grau		
2º grau		
superior		
Que profissões exercemos?		
agricultores/as		
domésticas/os		
comerciários/as		
Somos de que estados?		
PE		
BA		
CE		
Onde residimos?		
Serra Talhada		
Juazeiro		
Patos		
Quais são as nossas organizações?		
STRs		
Grupos religiosos		
ONGs		
Que cargos ocupamos em nossas organizações?		
Diretores/as		
Empregados/as		
Participantes		
Quantos filhos temos?		
Nenhum		
de 01 a 03 filhos		
de 04 a 07 filhos		
mais de 07 filhos		
Nossos filhos são...		
filhas		
filhos		
Nossa renda individual é...		
sem renda		
até 1/2 SM		
de 1/2 a 1 SM		
de 1 a 3 SM		
mais de 3 SM		
Nossa renda familiar é...		
sem renda		
até 1/2 SM		
de 1/2 a 1 SM		
de 1 a 3 SM		
mais de 3 SM		

47. Quem Sou Eu e Quem São Elas?

Tipo de Dinâmica: Produção de Informação
Produção de Reflexão

Objetivos:

Identificar e criticar estereótipos de gênero e classe.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco, pincéis atômicos e lápis cera de diferentes cores, fita adesiva ou fita crepe, cola, tesoura, jornais, revistas, cartazes, folhetos diversos.

Material de Apoio:

Roteiros de trabalho 1 e 2

Orientações:

1. Peça para que se formem pequenos grupos e distribua o roteiro de trabalho 1, que trata do perfil do grupo participante da oficina ou atividade educativa. Os resultados da discussão são colocados em cartazes, junto com desenhos ou colagens que representem o perfil do grupo.
2. Os resultados são apresentados e debatidos no grande grupo, de modo a se chegar a um consenso com relação ao perfil do grupo. Você deve estimular o debate apontando contradições, incongruências e semelhanças entre os resultados de diferentes grupos. A partir desta discussão você constrói, junto com o grupo, o cartaz que representa o consenso com relação ao perfil do grupo.
3. Peça para que retornem aos grupos para responder as questões do roteiro de trabalho 2, sobre o perfil do grupo de mulheres com quem os participantes trabalham ou desejam trabalhar. Os resultados da discussão são colocados em cartazes, junto com desenhos ou colagens que representem o perfil destas mulheres.
4. Os resultados são apresentados e debatidos no grande grupo, comparando-se os dois perfis. Você deve chamar a atenção para os estereótipos de gênero e classe presentes nas descrições. Em seguida, faça uma breve exposição sobre o tema da sessão, explicando que, assim como o grupo tem uma certa imagem a respeito das mulheres, muitas vezes baseada em preconceitos e estereótipos, as mulheres também têm uma certa imagem a respeito do grupo. Problematize a construção destas imagens de modo a se indicar o que deve ser transformado nestas imagens e a respeito de que o grupo necessita de mais informações sobre as mulheres. Chame a atenção para a necessidade de escutar as mulheres e de criticar nossos próprios preconceitos.

Tempo:

06 horas

Nº de Participantes:

Até 15 pessoas.

Comentários:

1. Recomenda-se que seja utilizado em organizações e/ou movimentos que estejam em processo de incorporação da abordagem de gênero em seus programas e projetos.
2. Você deve reforçar a idéia de que não se trata de visões falsas ou verdadeiras, mas sim de que a identificação dos estereótipos é fundamental para a superação dos obstáculos presentes no trabalho que a equipe desenvolve.

Roteiro de Trabalho 1

Descrevam a si mesmos, enquanto grupo, mas a partir dos indivíduos que o compõem, tendo como base os seguintes aspectos:

- Físicos: corpo, postura, saúde etc.
- Comportamentais: humor, empatia, simpatia, agressividade etc.
- Hábitos e gostos: o que gostam e costumam fazer no cotidiano.
- Ideário e valores: idéias em que acreditam e que defendem no cotidiano e no trabalho, valores que orientam a sua vida.
- Cara pública: de que modo vocês imaginam que são vistos pela população em geral?
- Tipos de relacionamentos públicos que estabelecem: com que instituições e grupos sociais se relacionam? de que forma se relacionam?
- Tipos de relacionamentos privados que estabelecem: como são as relações familiares, afetivas, sexuais?
- Perfil sócio-econômico e cultural: escolaridade, profissão, rendimentos, propriedades, diversões, tipo de moradia, religião etc.
- Perfil político: esquerda, direita, centro, moderados ou agressivos, militantes, simpatizantes etc.

Coloquem as respostas em uma folha grande de papel e façam um cartaz-síntese deste perfil, com desenhos e colagens que representem o seu grupo.

Roteiro de Trabalho 2

Descrevam agora as mulheres com quem vocês trabalham ou desejam trabalhar, tendo como base os mesmos aspectos do roteiro anterior:

- Físicos: corpo, postura, saúde etc.
- Comportamentais: humor, empatia, simpatia, agressividade etc.
- Hábitos e gostos: o que gostam e costumam fazer no cotidiano.
- Ideário e valores: idéias em que acreditam e que defendem no cotidiano e no trabalho, valores que orientam a sua vida.
- Cara pública: de que modo vocês imaginam que são vistos pela população em geral?
- Tipos de relacionamentos públicos que estabelecem: com que instituições e grupos sociais se relacionam? de que forma se relacionam?
- Tipos de relacionamentos privados que estabelecem: como são as relações familiares, afetivas, sexuais?
- Perfil sócio-econômico e cultural: escolaridade, profissão, rendimentos, propriedades, diversões, tipo de moradia, religião etc.
- Perfil político: esquerda, direita, centro, moderados ou agressivos, militantes, simpatizantes etc.

Coloquem as respostas em uma folha grande de papel e façam um cartaz-síntese deste perfil, com desenhos e colagens que representem o seu grupo.

48. Roteiro de Leitura

Tipo de Dinâmica: Esta não é uma dinâmica propriamente dita, mas um recurso que pode ser utilizado em qualquer oficina ou dinâmica que inclua leitura de textos.

Objetivo

Desenvolver a habilidade de analisar textos técnicos e teóricos.

Material:

Folhas grandes de papel madeira ou papel branco ou flipchart, pincéis atômicos, fita crepe ou adesivo no caso de não se ter flipchart.

Material de apoio:

Cópias individuais do texto que se deseja trabalhar.

Roteiro de questões

Orientações:

1. Peça para que, em pequenos grupos, as pessoas façam a leitura do texto indicado, orientada pelo roteiro de questões. Cada grupo prepara uma apresentação para o grande grupo, também de acordo com roteiro.
2. Comente os resultados das apresentações e estimule o debate no grande grupo sobre as questões levantadas na apresentação.

Tempo:

08 horas para textos complexos. Textos simples podem ser trabalhados em períodos de 2 a 4 horas.

Nº de participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. A escolha dos textos a serem trabalhados deve seguir alguns critérios: tratar de temas próximos a área de atuação do grupo; possibilitar uma análise de gênero e ser adequados ao perfil do grupo em termos de sua complexidade.
2. Devem ser textos com os quais você tenha muita familiaridade.
3. Você pode trabalhar com um mesmo texto para todos os grupos. Neste caso, não é necessário que o grupo faça uma explanação geral sobre o conteúdo do texto. Isso só se torna necessário quando se trabalha com textos diferentes para cada grupo ou com partes de um mesmo texto para cada grupo.

Roteiro para Leitura e Apresentação

1. Leiam o texto em voz alta, interrompendo a leitura e debatendo dúvidas e divergências sempre que o grupo achar necessário.
2. Identifiquem no texto as seguintes questões:
 - O que não é novidade para o grupo?
 - Onde estas questões já foram debatidas?
 - O que é novidade para o grupo? Por que?
 - Que questões ou aspectos do texto parecem mais interessantes e importantes para o grupo? Justifiquem.
 - De que maneira as informações e análises contidas no texto se articulam com o seu trabalho?
3. Organizem a apresentação para o grande grupo obedecendo à seguinte ordem:
 - Explicação geral sobre o conteúdo do texto.
 - Resultados do debate no pequeno grupo.
 - Questões importantes para debater com o grande grupo.

49. Subindo a Cordilheira³⁷

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivos:

Avaliar em que medida os objetivos da atividade foram alcançados.

Indicar necessidades e desejos de desdobramentos para as atividades.

Material:

Fita adesiva ou fita crepe, tarjetas de cartolina de cores diferentes, pincéis atômicos de diferentes cores.

Material de Apoio:

Não há.

Orientações:

1. Cole na parede um quadro grande com uma cordilheira desenhada, com uma montanha para cada objetivo de sua oficina. Coloque um objetivo no sopé de cada montanha e construa, a partir daí, um caminho que leva até o topo das montanhas. O topo das montanhas significa o pleno alcance dos objetivos e quanto mais próximo se estiver da base das montanhas menos se alcançou os objetivos da formação. Pode-se incluir nuvens acima das montanhas para que o grupo indique os desdobramentos desejados para a formação.
2. Distribua tarjetas para os participantes e peça-lhes que escrevam seu nome e coloquem no quadro no lugar em que acreditam que estão com relação a cada um dos objetivos (mais próximo da base, no meio ou no topo).
3. Ao terminarem, peça para que as pessoas observem e comentem o quadro.
4. Em seguida, peça para que cada participante indique desdobramentos desejáveis e/ou necessários para as atividades, escrevendo-os nas tarjetas e colocando-os sobre as nuvens.
5. Repita o passo 3 e conclua a avaliação com um comentário geral sobre o alcance dos objetivos.

Tempo:

03 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Este exercício é recomendado para processos formativos de longa duração e é interessante que seja articulado com outras atividades de avaliação de processo e conteúdo.
2. Em grupos heterogêneos, vindos de mais de uma instituição ou movimento, esta avaliação possibilita, além da análise individual, uma apreciação do processo em cada uma das instituições ou movimentos presentes.
3. É importante que você explore mais detidamente as questões relativas ao não alcance dos objetivos, bem como as necessidades e desejos levantados para o seguimento do processo de formação.

Reproduzido e adaptado de Suzanne Williams, com Janet Seed e Adelina Mwau, de The Oxfam Gender Training Manual, Oxford, Oxfam, 1995. Seu título original é Mountain Monitoring and Evaluation.

50 Trinca de Ás³⁸

Tipo de Dinâmica: Avaliação

Objetivos:

Avaliar os conteúdos trabalhados durante a atividade

Identificar aspectos dos conteúdos que ainda precisam ser tratados

Relembrar os conteúdos trabalhados

Material:

Tarjetas de papel ou cartolina

Pincéis atômicos de diferentes cores

Fita adesiva ou fita crepe

Material de Apoio:

Roteiro de avaliação

Orientações:

1. Peça para que, em grupos de 3, as pessoas respondam ao roteiro de questões da seguinte maneira: a primeira pessoa tem até 1 minuto para responder a primeira questão e, em seguida, as outras completam a resposta com o que falta.
2. Peça para que escrevam cada resposta em uma tarjeta, numerando-as de acordo com cada questão.
3. Coloque as tarjetas na parede e estimule o debate no grande grupo, corrigindo eventuais erros de conteúdo.
4. Comente o resultado geral da avaliação.

Tempo:

02 horas

Nº de Participantes:

Até 25 pessoas.

Comentários:

1. Recomendamos que este exercício seja feito em articulação com outros exercícios avaliativos.
2. Não estimule a competição entre os trios, mas enfatize o modo como as questões foram compreendidas por cada um.
3. Comente as respostas, reforçando os conteúdos e acrescentando informações importantes que estiverem ausentes.
4. roteiro de trabalho se adequa a processos formativos longos e mais aprofundados.
5. É possível adaptar o roteiro para uma avaliação de meio-termo, que permita identificar quais os conteúdos que precisam de reforço, com vistas a um melhor desenvolvimento da formação.

³⁸Reproduzido e adaptado de Suzanne Williams, com Janet Seed e Adelina Mwiru, de *The Oxfam Gender Training Manual*, Oxford, Oxfam, 1995. Seu título original é Trio Evaluation.

Exemplo de Roteiro para a Avaliação da Aprendizagem

1. Qual a diferença entre sexo e gênero?
2. Por que é importante considerar gênero nos trabalhos das ONGs?
3. Como os estereótipos de gênero afetam o seu próprio trabalho?
4. Por que a idéia de que "todos os chefes de família são homens" é um mito perigoso para os processos de desenvolvimento?
5. Por que os dados estatísticos desagregados por sexo são importantes para as atividades das ONGs?
6. O que é empoderamento?
7. Qual a importância de se trabalhar na perspectiva do empoderamento das mulheres?
8. Por que os processos político-educativos devem partir da realidade dos sujeitos?
9. Por que, nos processos político-educativos, devemos considerar as diferenças sexuais, etárias, raciais, de classe etc. presentes no grupo?
10. Por que devemos trabalhar as dimensões individual e coletiva nas oficinas?



TEXTOS DE APOIO

Para o exercício nº 37: A participação Política das Mulheres

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO SINDICALISMO RURAL

Ana Paula Portella e Silvia Camurça

Estes quadros nos servem para revelar um pouco a situação de participação sindical das trabalhadoras rurais. Se observarmos bem os números, veremos que o percentual de mulheres sindicalizadas é superior ao percentual de participação das mulheres em diretorias sindicais. Nos nossos exemplos, isso significa que as mulheres sindicalizadas não estão devidamente representadas, ao menos numericamente, nas diretorias.

É preciso, contudo, considerar que estes nossos quadros servem apenas de exemplos. Para que tivéssemos quadros reais desta situação era preciso que a pesquisa fosse feita em todos os Estados e em todos os sindicatos. Ou, pelo menos, em alguns sindicatos que representassem cada estado do país. Mas é bom que estes dados nos fiquem como um alerta, junto com aquele outro que nos diz que a maioria das diretorias é suplente ou está em cargos de pouco peso político.

Já o último quadro nos mostra a grande variedade de ações que as mulheres levam a cabo: elas estão desde a organização comunitária até os partidos políticos. Participam de órgãos municipais e estaduais, organizam hortas, fazem programas de comunicação, participam da regularização fundiária, organizam encontros e muito mais. E discutem de tudo: desde a política agrícola até os seus problemas específicos, como, por exemplo, vida de mulher. Diante de tanta atividade e de tanta participação, podemos até perguntar: será que as mulheres não têm dupla jornada até mesmo na ação política?

Mudanças Provocadas pela Participação das Mulheres no Sindicalismo Rural

Agora vamos expor o que algumas estudiosas pensam a respeito da participação das mulheres no sindicalismo rural. Segundo elas, as mulheres denunciam a situação de opressão que vivem no interior da família. Esta opressão é tão grande que chega mesmo a esconder a atividade produtiva das mulheres, como é o caso da pequena produtora rural. Ao mesmo tempo, as mulheres questionam as relações de opressão indiretas, diferentes da opressão do/a trabalhador/a pelo patrão. Opressão indireta é o caso da opressão da esposa pelo marido, da filha pelo pai, do/a paciente pelo/a médico/a, do/a aluno/a pelo/a professor/a, do/a fiel pelo sacerdote. Ao fazerem isto, as mulheres reduzem a distância entre a luta contra a exploração (do/a trabalhador/a pelo patrão) e a luta contra a opressão. E com isso quebram aquela idéia de que existe uma questão maior (de classe) e uma menor (das mulheres). Na verdade, as duas caminham juntas.

Por outro lado, as mulheres denunciam a discriminação que sofrem, já que, muitas vezes, não conseguem emprego porque têm filhos/as, têm que apresentar atestados de esterilização ou de virgindade para poder trabalhar. Ou seja, as mulheres não gozam dos mesmos direitos que os homens, já que os homens não perdem o emprego se tiverem filhos/as. Um bom exemplo disso é toda a discussão sobre o direito da trabalhadora rural se sindicalizar: se ela é trabalhadora por que é que não pode? É só porque é mulher? Na verdade, quando as mulheres exigem os seus direitos elas estão renovando e aprofundando a própria idéia de direito que, antes, só incluía os homens e agora passa a incluir as

mulheres. Assim elas ampliam a própria ação sindical que se amplia de uma luta apenas econômica para uma luta por direitos sociais e políticos.

E quando as mulheres conseguem conquistar algumas das suas reivindicações como, por exemplo, uma creche no município, uma escola etc., elas estão contribuindo para elevar as condições de vida da classe trabalhadora como um todo. Com os/as filhos/as na creche, nem a mãe nem o pai precisam se preocupar com a sua segurança. Por outro lado, a mãe fica livre para trabalhar e é mais dinheiro que entra em casa, o que é bom para todo mundo.

Dentro das organizações sindicais, a presença politicamente organizada das mulheres também modifica algumas coisas. Quando elas chegam já questionam as relações de opressão dentro do sindicato. Antes se pensava que só havia relação de opressão do patrão para o/a trabalhador/a, mas agora todo mundo pode ver que trabalhadores também oprimem outros trabalhadores: as mulheres. Isso leva os sindicalistas a repensarem as suas práticas.

Ao mesmo tempo, elas trazem para o movimento novas práticas políticas de resistência e de solidariedade, renovando a ação sindical. Juntam-se aos homens na contestação ao assistencialismo e aumentam as fileiras daqueles que lutam por um sindicalismo autêntico. Ao lutarem pela sindicalização e participação nas diretorias, as mulheres estão em busca de uma maior democratização das estruturas de representação sindical.

De alguns anos para cá, os sindicatos passaram a ser também avaliados pelo fato de oferecerem um espaço para a discussão sobre as relações entre mulheres e homens e de permitirem a participação das mulheres. É muito comum ouvirmos comentários como este: ah, aquele sindicato é muito atrasado, não tem nenhuma mulher na diretoria e eles não deixam as mulheres participarem de nada. Ou então: ah, aquele sindicato é bom, tem muitas mulheres na diretoria, a comissão de mulheres é bem atuante e por dentro do sindicato.

Com tudo isso, o movimento de mulheres trabalhadoras rurais está apontando para a construção de novas relações entre homens e mulheres no sindicalismo.

Texto de Apoio Nº 02

Para os exercícios nº 39: Por Onde Começar um Trabalho com Mulheres?
nº 42: Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?

ANÁLISE INSTITUCIONAL NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO³⁹

As noções aqui apresentadas têm por base a Abordagem das Relações Sociais, elaborada por Naila Kabeer⁴⁰ como um instrumento para analisar as desigualdades de gênero em todas as dimensões da vida, com ênfase especial na questão do poder, o que possibilita a criação de projetos e programas que capacitem as mulheres enquanto sujeitos do seu próprio desenvolvimento. Destacaremos aqui os aspectos atinentes à análise institucional.

A autora toma como pressuposto o fato de que as causas das desigualdades de gênero não podem ser compreendidas como radicadas apenas nas estruturas e dinâmicas interpessoais, mas que também são produzidas e reproduzidas através das instituições sociais, que são definidas como "quadros de regras distintas para fazer coisas, sendo as organizações as formas estruturais específicas que as instituições tomam"⁴¹. O Estado, o mercado, a família, a sociedade, a religião, a comunidade internacional, entre outras, são exemplos de instituições.

Estas instituições não são estruturas estanques, separadas umas das outras, mas estão totalmente imbricadas entre si e uma intervenção num dado campo terá necessariamente reflexos nos outros. Isto significa, por exemplo, que uma ONG não pode estabelecer uma política sem levar em consideração a totalidade das interrelações presentes.

Apesar de serem entre si bastante diferentes e sofrerem modificações sócio- temporais, as instituições apresentam alguns elementos em comum. Para Kabeer, todas as instituições possuem cinco dimensões distintas - porém interrelacionadas - de relações sociais que são significativas para análise da desigualdade em geral e da desigualdade de gênero em particular. São elas:

Regras: *O modo como são feitas as coisas.* Estas regras podem ser oficiais e descritas em documentos diversos ou não oficiais, expressas através de normas, valores, tradições, leis e costumes. O sentido das regras é *facilitar* ou *impedir* o que é feito, *como é feito, por quem é feito e indicar quem será beneficiado.*

"As regras permitem tomar decisões diárias com um esforço menor. A sua desvantagem é que defendem as maneiras de fazer as coisas até o ponto de lhes dar uma aparência natural ou imutável."⁴²

Atividades: *O que é feito.* Todas as instituições têm objetivos e metas que se realizam através de atividades que podem ser produtivas, distributivas e reguladoras. Aqui faz-se necessário observar *quem faz o quê, quem obtém o quê, quem pode reivindicar o quê.*

³⁹ Este texto foi adaptado por Taciana Gouveia, de March, Candida. Um Painel de Instrumentos. Conceitos e Quadros para Planejamento de Gênero, OXFAM - UK Ireland, Gender and Learning Team, julho 1996.

⁴⁰ Kabeer, N. *Reversed Realities: Gender Hierarchies in Development Thought*, Verso, Londres, 1994.

⁴¹ March, Candida, *opus cit.*

⁴² March, Candida, *opus cit.*

As regras asseguram o desenvolvimento rotineiro das atividades de forma que determinadas tarefas fiquem vinculadas a certos grupos sociais de tal modo que parece que só estes grupos são capazes de realizá-las.

As recompensas, por sua vez, são determinadas pelas atividades e variam de acordo com quem faz o quê. A valorização diferencial que se atribui a determinadas atividades - como, por exemplo, as tarefas domésticas que são tidas como menos importantes do que desenvolver atividades comerciais - gera hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres, já que a elas cabe, tradicionalmente a realização das tarefas reprodutivas.

Este processo de rotinização das atividades cria um círculo vicioso na medida em que aptidões são desenvolvidas e no mesmo movimento naturalizadas, ou seja, "os atributos que dão às mulheres uma vantagem em certos trabalhos e ocupações - aptidões para nutrição, paciência 'dedos ágeis', gestão de orçamentos - são adquiridos através de suas obrigações culturais para estes tipos de tarefas e responsabilidades dentro das quais estas características provavelmente são desenvolvidas".⁴³

Recursos: *O que é utilizado, o que é produzido.* Toda instituição mobiliza e distribui recursos e estes podem ser tanto humanos (mão-de-obra, educação, aptidões) quanto materiais (alimentos, bens, terras, dinheiro) e simbólicos (informação, poder político, auto-estima, prestígio).

Pessoas: *Quem faz parte, quem não faz parte, quem faz o quê.* As instituições atuam sobre as pessoas e são seletivas sobre quem admitem e quem excluem; a quem são designados os diferentes recursos, tarefas e responsabilidades e qual a posição de quem na hierarquia.

Poder: *Quem decide e no interesse de quem a decisão é tomada.* Sendo as instituições constituídas fundamentalmente por relações de poder, conseqüentemente elas incorporam relações de autoridade e controle. "A distribuição desigual de recursos e de responsabilidades, juntamente com as regras oficiais e não oficiais que promovem e legitimam essa distribuição, assegura que alguns atores institucionais tenham autoridade e controle sobre os outros atores e promovam práticas que reforçam sua posição privilegiada"⁴⁴. A observação atenta da constelação de poderes é fundamental na análise institucional, na medida em que quem detém o poder tem maior probabilidade de resistir às mudanças.

Estas dimensões que compõem as instituições possibilitam que se forme um mapa dos lugares, atividades, recursos, privilégios, controle e poder de homens e mulheres, as perdas e ganhos de cada um e as formas de intervenção que possibilitem a transformação das desigualdades de gênero.

⁴³March, Candida, *opus cit.*

⁴⁴March, Candida *opus cit.*

Texto de Apoio Nº 03

Para os exercícios nº 02: A Primeira Opressão a Gente Nunca Esquece
nº 33: O Jogo do Empoderamento.

AS MULHERES COMO SUJEITOS POLÍTICOS

Taciana Gouveia

A primeira coisa que podemos assinalar quando tratamos deste tema é que, em verdade, a luta das mulheres se traduz em um processo que tenta visibilizar a metade da humanidade: as mulheres, como sujeitos e pessoas capazes de existir por si mesmas.

Não há como negar que a nossa sociedade, pensando-a aqui de forma mais genérica enquanto civilização ocidental, se funda a partir do masculino. Os exemplos são vários, podemos aqui destacar apenas dois: o mito bíblico de Adão e Eva, onde a mulher surge a partir de uma parte do corpo do homem (a costela) e para lhe fazer companhia. O outro exemplo é o fato de que, durante muito tempo, a palavra homem significava o genérico - a humanidade - e o particular - o sexo masculino.

Poderia se objetar que tais afirmações tenderiam a confirmar que o masculino, o homem, desde os tempos imemoriais ocupa um lugar de maior prestígio e poder e se sempre foi assim é porque sempre será, pois está na natureza das coisas. Contudo, a idéia de natureza é também uma construção cultural e, portanto, humana. O que distingue os seres humanos dos animais é exatamente a capacidade de instituir a linguagem, o sentido das coisas. Sendo assim, todas as explicações fundantes, os mitos e significados são socialmente construídos. Com isto não estou querendo dizer que a elaboração dos mitos seja a causa da dominação masculina, mas sim que eles se instituem com a finalidade de dar um sentido, uma justificação a esta dominação.

É por demais conhecido que as raízes da subordinação das mulheres estão fundadas, embora não exclusivamente, na divisão sexual do trabalho, que organiza e distribui as tarefas produtivas e reprodutivas (aqui entendida não apenas em sua dimensão biológica, mas também social - os cuidados com alimentação, saúde e educação das pessoas que habitam o mesmo espaço) entre homens e mulheres, identificando as atividades produtivas como masculinas e as atividades reprodutivas como femininas. Podemos elencar uma série de fatores para explicar a lógica desta divisão, contudo, me parece importante questionarmos a razão pela qual esta divisão gera valores diferentes para cada atividade e, consequentemente, valoriza também diferentemente aqueles(as) que as praticam.

Em todas as sociedades complexas - e com a nossa não é diferente - uma série de valores e representações sociais são edificados e consolidados ao longo do tempo e terminam por "aprisionar" os indivíduos, demarcando limites rígidos de conduta social e identificando como diferente, estranho ou marginal os que questionam ou procuram ir além destes limites.

Ora, se as mulheres foram secularmente designadas como as realizadoras das atividades reprodutivas, qual é a imagem básica na qual elas devem se espelhar? A de mãe, é claro. Este é o limite primeiro e último da vida das mulheres. É neste espaço, formado e limitado pela figura da mãe, que outras atividades podem ser exercidas, outras escolhas podem ser feitas, até mesmo a escolha de não ser mãe. Mas o feminino é definido, em nossa cultura, pela relação com a maternidade.

Neste sentido, qual foi e ainda é o sentido da crítica feminista? Como afirma Françoise Collin, o feminismo "foi a crítica do enclausuramento no qual as mulheres foram mantidas pela estrutura sócio-econômica e pelos sistemas de representações impostos, crítica de sua colocação sob tutela, de sua infantilização forçada"⁴⁵.

Ao iniciar o movimento para romper esse enclausuramento, a frase emblemática só poderia ser: "O meu corpo me pertence", já que foi pelas marcas do corpo que os limites estreitos se forjaram e, mais que isso, o corpo é a sede, o lugar onde cada um é, o ponto máximo e mínimo de toda individualidade. O corpo é o definidor de meu lugar no mundo. E o que no corpo das mulheres era, e ainda é aprisionado? Seu desejo, seus projetos e seu direito de ser sujeito. Um corpo que era silenciado, até na possibilidade de existência de uma sexualidade autônoma.

É na aproximação entre as esferas pública e privada (que, no cotidiano, as mulheres não a experienciam como sendo separadas) que se visibiliza e viabiliza historicamente as mulheres como sujeitos políticos. Pois, como afirma Jelin (1994), "reconhecer e nomear [o invisível] confere existência social e a existência é requisito para a auto-valorização e reivindicação. Para levar esta tarefa adiante fazia-se necessário um exercício de valorização do cotidiano, do anti-heróico, da trama social que o sustenta e reproduz"⁴⁶. Ou seja, ao trazerem para a cena pública temas que sempre foram tidos como privados ou particulares, as mulheres instituíram um novo projeto e, conseqüentemente, um novo sentido para a ação política o que, por sua vez, implicou numa outra compreensão de sociedade.

Não são apenas as autoras feministas que chamam a atenção para este processo. Alain Touraine (1989)⁴⁷, analisando os movimentos sociais latino-americanos observa que "a participação feminina nos movimentos de democratização não se limita aos movimentos propriamente feministas e alcançou uma influência que permite rejeitar a imagem clássica demais do tradicionalismo cultural latino-americano. A ação das mulheres penetrou largamente nos meios de comunicação de massa, que apoiaram mais que frearam a transformação dos papéis femininos. Em especial a televisão brasileira - uma das mais importantes do mundo - contribuiu para a evolução das atitudes e dos costumes, mostrando situações que outrora teriam sido consideradas escandalosas: não somente o aborto, mas relações homossexuais ou ainda relações heterossexuais entre parceiros de idades muito diferentes. A ação das mulheres se inscreve numa ação mais geral de democratização modernizadora."

Se para muitos estas transformações se originam e refletem questões muito mais ligadas à vida das mulheres de classe média - posição com a qual não concordamos inteiramente, já que em muitos casos este argumento serve apenas para tentar invalidar a importância do movimento de mulheres "desqualificando-o" como "coisas de burguesas" - a ação das mulheres das classes populares confirma, em outro nível, o conteúdo inovador e ampliado da ação política das mulheres.

Já é bastante conhecido o fato de que as mulheres das comunidades mais pobres das cidades têm não só uma participação ativa na luta pela melhoria de seus bairros, como também são elas que criam e mantêm toda uma estrutura de ações e serviços que deveriam ser realizados pelo Estado. Das reivindicações por equipamentos de consumo coletivo à construção de creches, farmácias de remédios caseiros e cursos profissionalizantes, as mulheres politizam o cotidiano.

⁴⁵COLLIN, Françoise. *Práxis da Diferença. Notas sobre o Trágico do Sujeito*, Recife, SOS CORPO, 1991.

⁴⁶JELIN, Elizabeth. *Ante, De, En: Y? Mujeres. Derechos Humanos*. Lima, Red Entre Mujeres, 1994.

⁴⁷TOURAINE, Alain. *Palavra e Sangue*. São Paulo, Trajetória Cultural, 1989.

Essa politização leva à construção e à uma experiência de cidadania, que vai além de realizações como votar e ser votado, ter direito à escola, saúde e condições dignas de moradia, mas sim que a compreende e a exerce "como uma prática conflituosa vinculada ao poder, que reflete as lutas sobre quem poderá dizer o quê, ao definir quais são os problemas comuns e como serão tratados" (Jelin, 1994)⁴⁸.

Mas, nem tudo são flores e frequentemente não há o reconhecimento por parte da sociedade em geral, e das organizações governamentais e não-governamentais em particular, da dimensão política da ação das mulheres, tomando-as em seus programas e projetos como meras extensões do seu trabalho como executoras das tarefas domésticas. Esta postura, além de ser eticamente indefensável, leva a que, em muitas situações, os resultados esperados por estas organizações sejam na realidade bastante ineficazes, quando não prejudiciais, para a vida das mulheres. Neste sentido, o primeiro passo para que a dimensão de gênero seja realmente incorporada em trabalhos e projetos é o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos, cidadãs ativas com direito, portanto, de discutir e negociar seus projetos na construção de uma vida democrática e com qualidade.

⁴⁸TOURAINE, Alain. *Palavra e Sangue*. São Paulo, Trajetória Cultural, 1989.

Para os exercícios nº 32: O Jogo do Diamante
nº 41: Prioridades de Gênero e Mulheres
nº 42: Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?

ASPECTOS GERAIS DAS PRINCIPAIS ABORDAGENS: CONCEITOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS EM DIAGNÓSTICOS DE GÊNERO

Caroline Moser⁴⁹

Gênero e Sexo

O sexo identifica as diferenças biológicas entre homens e mulheres. O gênero identifica as relações sociais entre homens e mulheres. Por isso, se refere não só a homens e mulheres como também às relações sociais entre eles e à maneira como elas se constroem socialmente. As relações de gênero são contextualmente específicas e frequentemente se modificam em resposta às alterações econômicas.

O Planejamento de Gênero

É um enfoque de planejamento - em programas, projetos e políticas - que reconhece que mulheres e homens desempenham diferentes papéis na sociedade e têm frequentemente distintas necessidades.

Os Papéis de Gênero

O planejamento de gênero reconhece que na maioria das sociedades as mulheres de baixa renda têm um triplo papel: realizam atividades reprodutivas, produtivas e de gestão comunitária, enquanto que os homens empreendem sobretudo atividades produtivas e política comunitária.

- **Papel Reprodutivo:** São as responsabilidades de gestação e criação dos filhos e as tarefas domésticas realizadas por mulheres, necessárias para assegurar a manutenção e a reprodução da força de trabalho. Não só inclui a reprodução biológica como também o cuidado e a manutenção da força de trabalho (marido/companheiro e filhos trabalhadores) e a futura força de trabalho (crianças e meninos em idade escolar).
- **Papel Produtivo:** É o trabalho feito pelo homem e pela mulher em troca de uma remuneração. Inclui a produção comercial como um valor de troca e a produção de subsistência/doméstica como um valor de uso real e um valor de troca potencial.
- **Papel na Gestão Comunitária:** São as atividades empreendidas, sobretudo pelas mulheres, no âmbito comunitário, como uma extensão do seu papel reprodutivo, para assegurar a provisão e a

⁴⁹MOSER, Caroline O. N. Planificación de Género y Desarrollo, Teoría, Práctica & Capacitación. Lima, Entre Mujeres/Flora Tróscini, 1995. Adaptado e traduzido livremente do espanhol por Taciara Gouvêia.

manutenção dos escassos recursos de consumo coletivo como a água, a saúde e a educação. Este é um trabalho voluntário não remunerado, realizado no "tempo livre" das mulheres.

- **Papel na Política Comunitária:** São as atividades empreendidas principalmente pelos homens no âmbito comunitário, organizado no nível da política formal e frequentemente dentro do marco das políticas nacionais. Este pode ser considerado um trabalho remunerado, seja direta ou indiretamente, através do status e do poder.

Necessidades de Gênero

As mulheres têm necessidades particulares que diferem das dos homens, não só pelo seu triplo papel, como também pela sua posição subordinada em relação aos homens. É útil distinguir dois tipos de necessidades:

- **Necessidades Práticas de Gênero (NPG):** São as necessidades que as mulheres identificam em seus papéis socialmente aceitos. As NPG são uma resposta às necessidades imediatas, identificadas dentro de um contexto específico. São de natureza prática e frequentemente se relacionam com as deficiências nas condições de vida, como o abastecimento d' água, a saúde e o emprego.
- **Necessidades Estratégicas de Gênero (NEG):** São aquelas que as mulheres identificam em função de sua posição subordinada na sociedade. Variam segundo os contextos particulares relacionados com as divisões do trabalho por gênero, com o poder e o controle sobre recursos e benefícios, e podem incluir assuntos como direitos legais, a violência doméstica, a igualdade de remunerações e o controle da mulher sobre o seu próprio corpo. Atender às necessidades estratégicas de gênero ajuda a mulher a conseguir uma maior igualdade e transformar os papéis existentes e, assim sendo, desafia a posição subordinada da mulher.

Questões Conceituais: De Sexo ou Gênero a MED ou GED

Década da Mulher (1975 - 1985): Momento chave em que se põe em relevo o importante, mas até então invisível, papel da mulher no desenvolvimento social e econômico nos países e comunidades do terceiro mundo.

Expressão Mulher e Desenvolvimento (MED): Foi cunhada no início dos anos 70 pelo Comitê da Mulher do Capítulo de Washington D.C. da Society for International Development, uma rede de mulheres influenciadas pelo trabalho de Ester Boserup sobre o desenvolvimento no terceiro mundo. A expressão foi rapidamente adotada pela USAID (United Agency for International Development) em seu modelo MED (Mulher e Desenvolvimento), cuja lógica subjacente era a de que a mulher constitui um recurso não aproveitado, mas capaz de integrar os processos de desenvolvimento econômico. A USAID e o Harvard Institute of International Development produziram uma metodologia baseada em estudos de caso para identificar como a mulher tem sido marginalizada no processo de desenvolvimento, tendo por base a idéia de que as mulheres são atores chaves no desenvolvimento econômico, mas sua ausência nestes processos tem mantido inaproveitável um recurso potencialmente grande.

Na década de 80, a partir de alguns estudos feministas, começou a se reconhecer os limites de uma abordagem que trata a mulher de forma isolada, como é o caso do MED, surgindo daí as bases para a elaboração de um novo modelo: **Gênero e Desenvolvimento (GED)**. O deslocamento para as relações de gênero tem por base a preocupação com o fato de que os problemas das mulheres eram percebidos e tratados em função do seu sexo - em outras palavras, a partir das diferenças biológicas

sua relação ao corpo do homem - ao invés de seu gênero, ou seja, as relações sociais entre mulheres e homens na qual as mulheres têm sido sistematicamente subordinadas. Desta forma, os enfoques dos temas relacionados com a mulher nos países em desenvolvimento passaram a preocupar-se com a maneira como o gênero e outras relações paralelas eram socialmente construídas.

Há uma maior clareza crítica no que se refere à distinção sexo/gênero, contudo o mesmo não ocorre com a distinção entre MED e GED que, frequentemente, são utilizadas como sinônimos, apesar de seu significado original implicar em posições teóricas muito diferentes no que se refere aos problemas do terceiro mundo.

A abordagem MED, apesar de inicialmente ter se concentrado na equidade, atualmente tem como princípio a eficiência (ver Enfoques, a seguir) e sua lógica subjacente é a de que o processo de desenvolvimento avançaria muito melhor se as mulheres estivessem plenamente incorporadas a ele, ao invés de deixar que percam seu tempo com suas atividades "improdutivas". Se concentra sobretudo na mulher isolada, promovendo medidas como o acesso ao crédito e ao emprego como meios que permitiriam as mulheres ingressarem de modo mais eficaz no processo de desenvolvimento.

Por seu turno, o modelo GED sustenta que centrar-se na mulher isolada equivale a ignorar o verdadeiro problema, que é a posição subordinada das mulheres com relação aos homens. Ao insistir que as mulheres não podem ser vistas isoladamente, o desenho de projetos e programas deve tomar como base fundamental a estrutura e a dinâmica das relações de gênero.

Texto de Apoio Nº 05

Para o exercício nº 28: Mulheres e Homens na Minha Comunidade

CIDADE CIDADANIA. UM OLHAR A PARTIR DAS MULHERES⁵⁰

Taciana Gouveia e Silvia Camurça

Este trabalho tem como base a Região Metropolitana do Recife, área que possui um dos mais altos índices de pobreza urbana no Brasil. Nossa análise se pauta em alguns princípios teórico-políticos que orientam não só a construção deste texto como também a nossa ação.

Inicialmente, consideramos que a cidade é um espaço dinâmico, marcado por conflitos oriundos dos vários sujeitos que fazem o seu cotidiano. Tais sujeitos não se opõem apenas pelas diferenças, desigualdades e exclusões geradas pelas relações de classe. A teia que forma a cena da cidade é muito mais complexa e nela o sexo, a raça e a idade também produzem desigualdades e injustiças profundas e radicais. Assim sendo, para nós é fundamental que a estrutura desigual das relações de gênero seja desvelada e incluída nas análises e processos de organização das cidades.

Mas o que são as relações de gênero? De modo sintético, podemos afirmar, como faz Scott (1991)⁵¹, que “gênero é um elemento constituinte das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Ou seja, as relações de gênero são relações de poder que criam desigualdades, subordinações, posições e valores diferenciados para mulheres e homens numa dada organização social. Tais relações são construídas e vividas no cotidiano, expressando assim a forma como cada sociedade estabelece os lugares de mulheres e homens, desde a vida doméstica até a formulação de políticas sociais.

Trabalhamos também com a idéia de que cidadania significa não só a realização de ações como votar e ser votado, ou ter direito à escola, saúde, trabalho e condições dignas de moradia. Tudo isto é fundamental e imprescindível, mas cidadania também é uma “prática conflituosa vinculada ao poder, que reflete as lutas sobre quem poderá dizer o quê ao definir quais os problemas comuns e como serão tratados” (Jelin, 1994)⁵². Ou seja, a conquista dos direitos passa necessariamente pelo reconhecimento e ação dos sujeitos políticos e seus projetos, é o “direito de ter direitos” (Arendt, apud Jelin, 1994)⁵³.

É assim que compreendemos a ação política das mulheres nas cidades, como uma busca constante de construção e consolidação de velhos e novos direitos, ampliando e redimensionando cotidianamente a noção de cidadania.

Por fim, consideramos que é fundamental que o Estado transforme a sua maneira tradicional de formular e implementar políticas sociais, no sentido de superar a duplicidade que tem marcado suas

⁵⁰Esta é uma versão reduzida do livro *Cidade.Cidadania. Um Olhar A Partir das Mulheres*, (SOS CORPO, Recife, 1995), publicada em *Asentamientos Humanos, Pobreza y Género*, América Latina hacia Habitat II, Santiago, Ministerio de Vivienda y Urbanismo/GTZ/PGU, 1996.

⁵¹SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Recife, SOS CORPO, 1994.

⁵²JELIN, Elizabeth. Construir a Cidadania: Uma Visão desde Baixo. in *Lua Nova* nº 33. São Paulo, CEDEC, 1994.

⁵³JELIN, op. cit.

ações pois, como afirma Nunes (1993)²⁴, "existe a condição cidadã dos que vivem bem situados no mercado de trabalho e no espaço urbano e que dispõem das obras e serviços estatais sem outra contrapartida que o imposto, e existe também a situação dos outros, de cuja boa vontade depende a realização de políticas sociais". Sem uma real transformação neste estado de coisas é impossível a construção de uma cidade realmente democrática, onde cidadãos e cidadãs tenham uma vida com qualidade e dignidade.

É nos anos 80, no contexto da redemocratização brasileira, que surge a maior parte das organizações populares de mulheres da Região Metropolitana do Recife, articulando assim dois dos principais movimentos sociais: o feminista e o de bairro. Estas organizações se caracterizam fundamentalmente pela introdução de novas formas de ação, onde a vida cotidiana é tomada como base para o reconhecimento da sua situação de exclusão e para a criação e o alargamento dos direitos e da cidadania. Através dos clubes de mães, dos grupos de mulheres e das associações de moradores, as mulheres buscaram - e ainda continuam a fazê-lo - romper com a exclusão social, política e econômica a que estão submetidas no dia-a-dia das cidades.

Neste sentido, as ações destes grupos se estruturam em dois campos: as lutas para a melhoria da comunidade em geral (habitação, saneamento, luz, equipamentos de consumo coletivo) e ações voltadas especificamente para as mulheres (formação profissional, geração de renda, educação e saúde, com especial atenção às mães e crianças). É importante observar que estas atividades são geralmente financiadas através de recursos da própria comunidade, e o Estado - que, em muitos casos, era quem deveria estar desenvolvendo tais ações - contribui minimamente para a realização das mesmas.

A amplitude das ações desenvolvidas pelas mulheres em suas comunidades confirma as inúmeras dificuldades enfrentadas por elas cotidianamente, bem como o peso das atividades reprodutivas, tanto nos aspectos biológico como social, já que a ela cabe gerir e organizar, com o mínimo de recursos disponíveis e com maior eficácia possível, a vida familiar e comunitária.

Para a transformação deste quadro, as mulheres, além de estarem sempre presentes nas lutas urbanas - seja através de mutirões para a realização de melhorias na comunidade, organização de atos públicos, pressão e reivindicação junto aos órgãos municipais - buscam também soluções criativas, como farmácia coletiva de remédios caseiros, creches comunitárias, oficinas de artesanato, entre outras, que, se não possibilitam o estabelecimento de uma vida realmente com qualidade, ao menos amenizam um cotidiano geralmente difícil e precário. Como afirmam Caló e Lopes, "envolvidas com a sobrevivência da família, acabam se convertendo em gestoras da configuração urbana (...). Organizadas, reivindicam-se autoras e produtoras de seu entorno físico, social e ambiental. Trazem para a ordem do dia a importância das políticas que incorporem suas necessidades cotidianas e sua participação na tomada de decisões, tanto na construção democrática do bairro quanto na da cidade" (apud Lavinas, 1994)²⁵.

Contudo, apesar das ações das mulheres envolverem níveis muito mais extensos que a vida familiar ou privada, geralmente elas não são consideradas como ações políticas, mas sim como uma simples expansão das tarefas domésticas para o bairro ou uma "gerência comunitária". É bastante comum que apenas as atividades desenvolvidas pelas associações de bairro ou conselho de moradores tenham

²⁴NUNES, Edson. Organizações Populares, ONGs e Poder Local: Avanços, Limites e Perspectivas. in ONGs e Poder Local. Recife, ETAPAS, 1994.

²⁵LAVINAS, Lena. Gênero, Cidade e Políticas Públicas. in RIBEIRO, Luiz Cesar e JUNIOR, Orlando (Ed.). Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana. O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.

o status de ação política, entretanto, nestes locais o número de mulheres que ocupam cargos diretivos é ainda muito pequeno. Por exemplo, na cidade do Recife apenas 25% das associações de moradores têm mulheres na sua direção.

Neste sentido, pensamos que um dos elementos fundamentais na transformação das desigualdades de gênero é exatamente o reconhecimento de que as mulheres, ao lutarem pela melhoria das condições concretas de suas vidas, estão exercendo cotidianamente sua cidadania, estão atuando na esfera política e mais ainda, construindo, através destas ações, uma ponte entre o público e o privado, mesmo que muitos ainda teimem em não percebê-la.

Apesar de ser em menor número, as mulheres também atuam para além do bairro. Por exemplo, nos conselhos municipais da cidade do Recife, elas são 44% da representação da sociedade civil. Este é um dado importante, mas quando analisamos a composição de titulares e suplentes destes conselhos verificamos que 58% das mulheres ocupam a suplência dos cargos, ao mesmo tempo em que elas são maioria apenas nos conselhos de saúde e da criança e adolescente. Enquanto isto, nos conselhos de desenvolvimento urbano e meio ambiente elas representam 25% e 13%, respectivamente. Ou seja, parece que em todos os âmbitos da ação política se reproduzem as visões estreitas e dicotomizadas, espaços e temas masculinos e femininos, revelando que em questões fundamentais para a vida das mulheres, como desenvolvimento urbano e meio ambiente, a cidade é pensada pelo e no masculino.

E as mulheres? Como elas vem e vivem esta cidade? Em pesquisa por nós realizada com algumas lideranças de mulheres da cidade do Recife lhes propomos três questões: Qual o principal problema da cidade? Qual o principal problema da cidade para as mulheres? Qual o principal problema da cidade para os homens?

Quando pensam na cidade, em geral, as mulheres consideram o saneamento básico como o seu principal problema (36% das respostas). De acordo com pesquisa recente sobre saneamento na Região Metropolitana do Recife "a distribuição de água apresenta um déficit de ligações da ordem de 12%, o esgotamento sanitário tem uma abrangência pequena por vias convencionais de apenas 27% dos domicílios; 56% utilizam formas inadequadas de escoamento de seus dejetos" (1996). Além disso, as mulheres sabem cotidianamente que saneamento não é apenas uma questão de água nas torneiras ou instalações sanitárias, mas sim de qualidade de vida, onde estão incluídos o direito à saúde e o acesso a uma moradia adequada e digna.

Com o mesmo percentual de respostas, 24%, aparecem em seguida o desemprego e a segurança como sendo problemas para a cidade. Tais problemas estão profundamente interligados às características do processo de urbanização brasileiro, onde as cidades cresceram e se estruturaram de forma desorganizada no contexto de um sistema econômico extremamente concentrador de renda.

Quando analisamos os problemas considerados como mais graves para a vida das mulheres e dos homens na cidade do Recife pudemos inicialmente destacar que se, por um lado, a dificuldade para os homens, na visão das entrevistadas, se resume basicamente à questão do desemprego, com 82% das respostas, por outro, quando elas pensam em si próprias há uma diversidade muito maior de problemas a serem enfrentados (desemprego, discriminação/preconceito, violência/segurança, ausência de equipamentos de consumo coletivo, entre outros).

Isto reflete, o nosso ver, a dinâmica da vida nas cidades, onde as mulheres têm que lidar com questões da ordem da produção e da reprodução, reveladas nas duplas ou triplas jornadas de trabalho, enquanto que aos homens cabe apenas arrumar os meios de prover o sustento da sua família. Ainda com relação ao desemprego uma outra diferença pode ser assinalada: é o fato de que, para as mulheres

que responderem a esta pesquisa, este parece ser um problema maior para os homens do que para as mulheres, já que o percentual de respostas desemprego para homens é quase o dobro do percentual das mulheres (42%).

Isto não quer dizer que na Região Metropolitana do Recife as mulheres tenham menos problemas de emprego do que os homens, mas sim que a estrutura das relações de gênero faz com que o trabalho das mulheres feito fora de casa seja visto como complementar e conjuntural, até mesmo por elas próprias. Ou, como afirma Lavinás (1994)⁵⁰, "as mulheres pobres seriam trabalhadoras sobretudo em épocas de crise, o que não lhes daria condições de o serem nas mesmas condições que os homens, eles trabalhadores, elas trabalhadoras secundárias, ocasionais etc. Esta interpretação continua por negar o direito à individualidade e autonomia das mulheres, pois as coloca numa relação de complementariedade com os homens, através da família, reafirmando sua dependência, seu lugar subordinado, e não sua liberdade".

Um outro elemento muito importante que se depreende das respostas dadas nesta pesquisa é a importância dos valores e normas sociais na vivência da cidade, pois a discriminação e o preconceito foram assinalados como o segundo maior problema para as mulheres (15%), ao mesmo tempo em que o machismo, apesar do pequeno percentual (13%) apresentado, foi considerado uma dificuldade para os homens. Isso demonstra que, diferentemente da imagem que muitos/as têm das mulheres das camadas populares como se preocupando apenas com as questões da sobrevivência econômica, e apesar de ser este um dado crucial na realidade de muitas mulheres na Região Metropolitana do Recife, o seu pensar, questionar e agir não se restringe apenas a esta dimensão de suas vidas.

Elas sabem, a partir de suas experiências cotidianas, que transformar a difícil situação de vida das mulheres passa também por mudar os valores e as normas sociais que provocam o preconceito, a discriminação, a violência, a injustiça e a exclusão. As mulheres sabem que construir uma cidadania ativa não significa somente ter uma creche na comunidade, mas também tratamento, oportunidade e escolhas igualitárias para mulheres e homens.

As questões da violência e da falta de segurança também são um espelho das desigualdades entre homens e mulheres na dinâmica da cidade, na medida em que foram considerados apenas problemas das mulheres (8%). Podemos analisar este fato a partir de duas vertentes. A primeira é que, como a rua, o espaço público não é percebido como sendo também um espaço das e para as mulheres, não são pensados instrumentos que tornem a cidade mais segura. Por outro lado, as mulheres que estão transitando nas ruas são percebidas como alvos mais fáceis para ações violentas, tanto por se considerar que elas são mais frágeis, no caso dos assaltos e furtos, como também porque muitos ainda pensam que as mulheres são objetos e, portanto, sem nenhum direito a ter a posse de seu próprio corpo, como nos casos de violência sexual.

Por outro lado, é sabido que o percentual de homens que morrem em função de violência é muito maior do que o percentual de mulheres no mesmo tipo de situação. Na realidade, por viverem mais na rua eles estão mais expostos à violência que aí ocorre. Contudo, a nossa sociedade parece ter naturalizado a agressão e a violência dela decorrente como sendo coisas de homem, de machos, fazendo, inclusive, com que muitas vezes não cheguemos sequer a pensar a violência como sendo também um grave problema para os homens, pois pensar assim seria até, em muitos casos, considerado como um desmerecimento da virilidade e uma negação de sua honra.

⁵⁰LAVINÁS, Lena. Gênero, Cidade e Políticas Públicas. in: RIBEIRO, Luiz Cesas e JUNIOR, Orlando (Ed.). Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana. O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.

No que se refere ao fato das mulheres entrevistadas afirmarem que a ausência ou deficiência nos serviços de consumo coletivo prejudicam as suas vidas, podem ser feitas também duas observações. A primeira delas é que isto não é relacionado como sendo uma dificuldade que afeta a vida dos homens, demonstrando que muitas mulheres ainda não atribuem aos homens as mesmas responsabilidades que elas próprias têm com a reprodução social. Contudo, ao considerarem as deficiências nos equipamentos de consumo coletivo como sendo um problema para as suas vidas, estão reconhecendo que tal responsabilidade não é exclusiva das mulheres. O Estado, representado na figura da administração municipal, também tem obrigações nesta área, confirmando desta forma que elas já não estão, nem pretendem estar, apenas no espaço doméstico, seu campo de ação e movimento é muito mais ampliado.

Se a ação das mulheres abrange todos os aspectos da vida na cidade na busca de transformar as difíceis condições de discriminação e exclusão, ela também modifica a maneira como as mulheres vêem a si e ao mundo, tornando-se sujeitos políticos, capazes de dizer por si mesmas o que pensam e desejam para a cidade através da construção cotidiana de um projeto de vida que as coloca em condições de negociar e administrar os conflitos e encontrar soluções para os mesmos.

Por outro lado, sabemos que para construirmos uma cidade realmente democrática é fundamental que todos/as tenham uma participação plena na discussão e deliberação dos problemas e soluções que lhes afligem. Neste âmbito, a informação ocupa um lugar central, na medida em que só é possível interferir de maneira positiva numa realidade que se conhece.

Desta forma, é fundamental que as administrações municipais construam bancos de dados com informações relativas à dinâmica cotidiana de uma cidade e tendo por base o princípio de que sua população não é homogênea, vivendo em situações diferentes e, sobretudo, desiguais. Assim sendo, o levantamento e a análise dos dados tem que considerar a estrutura das relações de gênero, pois esta é a fonte das situações de subordinação e exclusão em que vivem as mulheres.

Desta forma, as administrações municipais têm condições de planejar e executar políticas sociais que realmente incidam de maneira eficaz na resolução dos problemas urbanos. Num quadro onde os recursos para a realização de tais ações geralmente são escassos, a informação adequada e atualizada é fundamental para que se determinem prioridades, evitando assim o agravamento de problemas antigos ou o surgimento de novas dificuldades.

Por outro lado, é importante também que as informações sejam divulgadas e de fácil acesso para a sociedade. O uso indiscriminado de termos técnicos, estatísticas complexas e formato pouco prático impedem, muitas vezes, que a informação seja veículo de conhecimento e ponto de partida para a ação política.

Para os grupos de mulheres, ter acesso às informações é fundamental para uma maior efetividade nas ações que desenvolvem nas comunidades, como também para a participação, deliberação e negociação com as instâncias municipais, permitindo assim o controle social das políticas e programas que lhes são dirigidos. Além disso, propicia o reconhecimento de que a situação em que vive cada grupo não é única e exclusiva, possibilitando desta forma a troca de experiência entre os grupos e a construção de parcerias.

Muitos/as podem objetar que a esfera de ação do município tem limites e que, portanto, não pode solucionar todos os problemas que atingem as mulheres, já que alguns deles, como a segurança pública e o abastecimento de água, são, no caso do Brasil, de responsabilidade estadual, enquanto que questões como o desemprego se ligam ao conjunto mais amplo das políticas econômicas do país. Claro que

estes limites são reais, mas eles não necessariamente funcionam como entraves definitivos para a melhoria da qualidade de vida, afinal, algumas administrações municipais através de seus programas e os grupos de mulheres têm buscado alternativas para a mudança deste quadro. Além disso, a cidade é onde se desenvolve a vida das mulheres, tanto no que se refere ao seu cotidiano como à sua ação política sendo, portanto, a esfera municipal o espaço que pode propiciar soluções mais eficazes para o atendimento imediato de alguns dos principais interesses das mulheres.

Por exemplo, na questão da segurança pública, um maior cuidado com a iluminação de praças e ruas, a poda constante das árvores, a mudança no trajeto dos ônibus e a promoção de atividades de lazer durante a noite nos bairros, são algumas ações simples e pouco dispendiosas que podem proporcionar uma cidade mais tranquila para as mulheres. A este tipo de iniciativa agrega-se ainda políticas e serviços voltados exclusivamente para apoiar as mulheres em situações como a violência doméstica e nas ruas, o assédio sexual nos locais de trabalho, direitos legais no caso de separação, entre outras.

Isto nos leva a considerar que as administrações municipais necessitam revalorizar as atividades de planejamento como instrumentos que garantam maior eficácia em suas ações, bem como permitem visibilizar e, portanto, atuar com todos os sujeitos envolvidos nos processos. Com isto queremos dizer que a política de ocupação e uso do solo, por exemplo, não diz respeito apenas aos técnicos das prefeituras, empresas imobiliárias, comércio ou indústria. Ela é fundamental na vida e movimento das mulheres na cidade, já que é a partir de tal planejamento que a dinâmica urbana se estrutura.

Para nós a visibilização das desigualdades entre homens e mulheres e a exclusão a que elas estão submetidas, juntamente com o enfrentamento destes desafios, através da formulação de políticas e ações que possibilitem a transformação da atual estrutura das relações de gênero, é o que irá garantir o reconhecimento das mulheres como cidadãs ativas com direito, portanto, de falar em seu próprio nome, discutir e negociar seus projetos no sentido da construção de uma cidade realmente democrática e com qualidade de vida.

Para o exercício nº 37: A Participação Política das Mulheres

COMENTÁRIOS SOBRE A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO SINDICALISMO RURAL

Ana Paula Portella e Sílvia Camurça

No final dos anos 70, quando se iniciam as primeiras discussões sobre o direito da trabalhadora rural se sindicalizar, estávamos ainda no período de transição do regime militar para a democracia. Como todos aqui podem lembrar, ainda havia um general no poder, mas já havia sido aprovada a Lei da Anistia aos Presos Políticos. Muitos destes presos estavam em cadeias aqui mesmo no Brasil, mas outros tiveram que fugir do país e moraram muito tempo em outros países. Entre eles, havia muitas mulheres e, no tempo em que estiveram fora, elas tiveram a oportunidade de tomar contato com o movimento feminista europeu e norte-americano que, naquele momento, estava muito forte. Ao retornarem para o Brasil, estas mulheres tentaram manter a articulação política que havia lá fora e fundaram muitos grupos feministas, com o objetivo de discutir a opressão das mulheres e criar solidariedade entre as mulheres para que, juntas, pudessem transformar esta situação injusta.

Mas as mulheres não estavam sozinhas. É neste mesmo período que acontecem as primeiras grandes greves no país: metalúrgicos do ABC, professores, trabalhadores rurais, enfim, toda a sociedade se agitava, exigindo seus direitos e caminhando rumo à democratização. A legislação partidária é reformulada e, aos poucos, surgem muitos partidos, entre eles, muitos de esquerda: o PT, PCB, PC do B etc. Em todos estes lugares, as mulheres estavam presentes. As idéias sobre a libertação das mulheres circularam muito rapidamente e era muito comum em muitos partidos, sindicatos, categorias profissionais, as mulheres organizarem grupos para discutirem seus problemas específicos. As trabalhadoras rurais foram mais um grupo que se juntou a estes. Não podemos esquecer aqui a luta de Elizabeth e de tantas outras que até hoje são homenageadas pela sua coragem e determinação política.

Em 1982, realizam-se eleições para governadores, o que é mais um passo para a consolidação da democracia e há muitas mulheres candidatas a deputadas, vereadoras e prefeitas. É também neste ano que são fundadas a CUT e a CONCLAT. No movimento de mulheres, as coisas também vão se fortalecendo: aumenta o número de grupos, são fundadas as Federações de Mulheres, começam as comemorações do Dia Internacional da Mulher (8 de março). Neste período, as mulheres lutam pela conscientização da mulher, pela libertação sexual, por salário igual para trabalho igual, pela legalização do aborto.

A maioria dos grupos entendia que as mulheres viviam uma situação bastante diferente da dos homens e que, por isso, tinham problemas específicos que mereciam ser discutidos separadamente. Estes problemas, contudo, não eram menos importantes do que os gerais: luta de classes, reforma agrária, por exemplo. Mas, por conta disso, iniciou-se uma grande discussão dentro do movimento sindical, dos partidos e dos movimentos sociais: As questões específicas das mulheres dividem o movimento? Elas enfraquecem a luta geral? Até hoje, muita gente pensa que sim. Mas muitos outros já pensam diferente, e o movimento sindical rural é disso um exemplo: a luta das mulheres, na verdade, fortalece a luta geral.

Em 1982, ainda, acontece algo muito importante: é elaborado e aprovado o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher. É um programa do governo federal que prevê a assistência à saúde da mulher em todos os níveis e em todas as idades. Este programa foi feito por algumas feministas que

trabalhavam no Ministério da Saúde, alguns funcionários públicos simpáticos ao feminismo e foi discutido com muitas ativistas do movimento de mulheres. Infelizmente, não se conseguiu implantar completamente o programa e, por isso, até hoje ele é uma das lutas do movimento de mulheres.

Em 1985, forma-se o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, órgão federal que foi importantíssimo para articular a luta das mulheres a nível nacional e para fazer aprovar as propostas das mulheres na Constituinte. As delegacias de mulheres são criadas em muitos estados e realizam-se vários encontros feministas regionais e nacionais neste período.

Entre as trabalhadoras rurais, as coisas também vão se organizando mais: surgem as comissões de mulheres, há um movimento pela sindicalização das mulheres e o movimento se alarga para muitos estados do Brasil. No 4º Congresso da CONTAG, em 1985, as mulheres são 1% das participantes e levam suas próprias propostas para serem aprovadas em plenária. Em Pernambuco, já há uma mulher na direção da Federação. Em 1987, forma-se a Comissão Nacional Provisória. O movimento agora conta com o apoio de grupos feministas, como o SOS CORPO, a Rede Mulher, o CECUP. E realiza-se o 1º Seminário Nacional da Mulher Trabalhadora Rural, depois de vários encontros regionais e estaduais. E surgem mais mulheres nas direções sindicais.

Forma-se a Comissão de Mulheres da CUT e inicia-se a mobilização das mulheres para a Constituinte com a campanha do Conselho Nacional: Constituinte Pra Valer Tem Que Ter Palavra de Mulher. Em Garanhuns, Pernambuco, realiza-se o Encontro Nacional Feminista, do qual participaram trabalhadoras rurais.

Em 1989, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher é dissolvido em função da interferência do governo federal que queria indicar pessoas para compô-lo, o que tirava a sua autonomia. E na CONTAG, a primeira mulher é eleita para a sua diretoria. Já são muitas as mulheres nas prefeituras, câmaras de vereadores e assembleias legislativas estaduais e federal. Em 1990, as comissões de mulheres passam a participar das reuniões do Conselho da CONTAG.

Deste período para cá, o movimento de mulheres vem se organizando através de articulações que chamamos de Redes. Existem as Redes nacionais de saúde, violência, educação. Existem as Redes de trabalhadoras domésticas e de mulheres católicas. Existem redes continentais e internacionais. Estas redes funcionam como os lugares onde os diferentes grupos podem trocar experiências e articular campanhas para fazer valer os direitos das mulheres e melhorar as suas condições de vida.

Entre as trabalhadoras rurais, foram muitas as conquistas: hoje, há quatro diretoras na CONTAG, 10% dos participantes do 5º Congresso da CONTAG eram mulheres, existem ainda outras organizações de trabalhadoras rurais por fora da organização sindical. São muitos os seminários e encontros e são muitos os grupos de base que se reúnem para discutir os problemas específicos das trabalhadoras rurais. E este curso é apenas um exemplo do avanço das mulheres trabalhadoras rurais.

Texto de Apoio Nº 07

Para o exercício nº 12: Cotidiano

COMENTÁRIOS SOBRE TAREFAS PRODUTIVAS E REPRODUTIVAS NA ÁREA RURAL

Ana Paula Portella e Sílvia Camurça

Que conclusões podemos tirar deste exercício?

"Em todo lugar, o homem teve mais lazer do que a mulher."

"Aí está provado que o homem trabalha menos do que a mulher."

"A gente ri com esta situação, que é a das famílias dos dirigentes sindicais, mas se fizermos uma entrevista com os homens e mulheres da roça, a realidade é ainda pior."

"Este quadro é apenas uma amostra, a situação é ainda mais cruel. O algodão, a farinha, a rapadura, são atividades em que as mulheres trabalham à noite."

"E quando, depois desse dia cansativo, os maridos ainda insistem e muitas vezes obrigam as esposas a terem relações sexuais? Isso não é mais trabalho?"

Sem dúvida, o exercício deixou clara a forma como estão organizadas as relações sociais entre homens e mulheres na família: para a mulher, fica a sobrecarga do trabalho doméstico, que é feito sem parceria, ou com a ajuda das filhas.

O trabalho doméstico é uma tarefa reprodutiva, ou seja, é um trabalho que é feito com o objetivo de produzir as condições para que as pessoas nasçam e permaneçam com saúde: alimentação, dormida confortável, roupa limpa e confortável, cuidados com os doentes, amamentação. Tudo isto está ligado à reprodução da vida das pessoas.

Normalmente é tratado como coisa natural. Mas a gente viu que é trabalho: tem horários certos para ser realizado e tem um ritmo próprio. Por exemplo, se observarmos bem, vamos ver que o trabalho reprodutivo se concentra em algumas horas do dia: logo cedo de manhã, perto do almoço e à noite. Nos outros horários, as trabalhadoras rurais estão na produção agrícola. Assim, vemos que as mulheres organizam o seu dia de modo a dar conta de duas tarefas: a produção agrícola e a reprodução.

Esta é uma situação de exploração, porque o trabalho reprodutivo é necessário para a vida de todas as pessoas, mas ele só é feito pelas mulheres, sejam elas adultas ou crianças. Os homens e os meninos têm mais conforto no seu dia-a-dia, graças ao trabalho das mulheres. E as mulheres trabalham mais por conta do conforto dos homens e meninos. Têm menos descanso, menos diversão, menor participação política.

E por que será que é assim? Ao que parece, as mulheres ficam responsáveis pela reprodução porque ficam grávidas e depois amamentam e depois cuidam das crianças e depois cabe a elas ficar cuidando da casa, dos doentes, dos mais velhos, da educação dos filhos, da cozinha. E estas tarefas parecem ser naturalmente das mulheres.

Mas a gente sabe que não é assim. As mulheres não ficam grávidas sozinhas. Os homens podem e sabem cuidar de crianças, sabem cozinhar quando querem, podem aprender a cuidar dos doentes, podem até fazer partos (os ginecologistas fazem, não é?). Mas nas relações de gênero esta divisão é mantida. As mulheres cuidam principalmente da reprodução e ficam com o espaço da casa, o espaço privado. Os homens cuidam apenas do trabalho produtivo e ficam com o espaço público: o sindicato, a política, a rua, a diversão.

As consequências disto a gente já conhece: mais trabalho para as mulheres, exclusão da vida pública, dependência financeira e muitas outras coisas, contra as quais as trabalhadoras rurais vêm lutando.

É tudo em nome desta separação entre produção e reprodução que, ao fim de tudo, é uma falsa divisão, pois são duas áreas que se complementam e uma não pode acontecer sem a outra. Não adianta produzir os alimentos na roça se não tem ninguém para prepará-los e cozinhá-los, se não tem ninguém que sirva a comida... Pensar a produção sem pensar na vida das pessoas é uma coisa muito ruim para as mulheres, por conta de todas estas consequências. Mas as mulheres e, principalmente, os homens, pensam sempre nestas coisas de forma separada.

"Eu só ouço os companheiros dizerem que sentem falta das mulheres em casa ou na roça. É uma pena que os companheiros não sintam falta das mulheres nos STR, nas lutas, nas manifestações."

"O que nós estamos assistindo é uma necessidade de refletirmos sobre as relações sociais entre homens e mulheres. Somos produto de uma formação e, por isso, é necessário um grande esforço no sentido de mudarmos esta situação."

"Acho que (nós homens) admitimos (a situação de exploração da mulher). Mas temos que refletir. Nós somos resultado de uma cultura e participando deste curso mostramos que precisamos mudar. Nós não somos tão culpados."

"Por isso se faz necessário esta reflexão, porque esta situação é injusta. Muito embora nós, homens e mulheres, não sejamos responsáveis diretos por este quadro. Mas seremos responsáveis se não fizermos alguma coisa para mudá-lo."

A mudança das relações sociais entre homens e mulheres na família só vai mudar se mulheres e homens começarem a fazer esta mudança no dia-a-dia. Não depende do governo nem do sindicato. Depende das mulheres e dos homens de cada família.

As Mudanças no Campo e suas Consequências para a Vida das Mulheres

O Brasil é uma sociedade com alta concentração de riquezas. Temos aqui um dos maiores níveis de concentração de renda do planeta e elevada concentração de terra. Esta estrutura torna muito difícil a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Mas, a partir dos últimos vinte anos houveram muitas modificações no campo e na organização do trabalho que pioraram ainda mais esta situação:

- Aumentou a concentração de terra, as grandes propriedades aumentaram em tamanho e as pequenas dividiram-se em propriedades cada vez menores;
- Entre os anos 70 e 80, 16 milhões de pessoas deixaram a área rural para a cidade e para as pontas de rua;
- A terra ganhou em condição de valor;
- Os recursos públicos beneficiaram principalmente médios e grandes estabelecimentos;
- Diminuiu cada vez mais o acesso à terra. Em Pernambuco, por exemplo, um quarto dos trabalhadores da área da cana já teve acesso à terra e hoje não tem mais.

A forma de organizar a produção agrícola também se modificou. A agricultura passou a ser dependente da indústria. Aumentou o trabalho de processamento de alimentos. Hoje, 75% dos alimentos que comemos já passou por alguma indústria. Além disto:

- A indústria produz máquinas para a agricultura e a pecuária;
- A fertilização se faz por meio da indústria química;
- A produção agrícola está mais voltada para o mercado que para a subsistência. Cresce a exportação industrial em prejuízo da pequena produção familiar.

Hoje, um empresário que tenha dinheiro pode comprar terra, máquinas e tecnologia e se tornar um produtor agrícola, sem nunca ter vivido no campo.

Em todo o Brasil, exceto no Rio Grande do Sul, cresce o número de assalariados/as, principalmente volantes, bóias-frias e temporários. Estes/as trabalhadores/as conhecem cada vez menos as técnicas de produção. Um exemplo é a área da agro-indústria canavieira:

- Os/as trabalhadores/as desconhecem muitos dos aspectos técnicos das máquinas que foram introduzidas;
- Desconhecem o porquê da introdução de novas espécies de cana, seus nomes e suas características;
- Conhecem as pragas, mas desconhecem o veneno.

Criou-se uma diferença entre produtores (que dominam o conhecimento de novas técnicas de produção) e trabalhadores/as (que apenas executam as tarefas).

Este tipo de modernização tende a excluir cada vez mais mão-de-obra. O uso do herbicida, por exemplo, reduz o período da safra da cana, emprega menos gente, isto porque a limpeza é mais rápida e pode ser feita com menos gente.

A sazonalidade do trabalho agrícola, coisa que sempre existiu, aumenta cada vez mais, com momentos de contratação de muita gente e momento onde não se contrata ninguém.

Aumenta a migração para pontas de rua e cidades em busca do emprego temporário.

Na área da cana, por exemplo:

- O período de safra dura 30% menos do que em 1960;
- As despesas com mão-de-obra diminuíram de 78% em 1960 para 40% em 1980;
- A mão-de-obra permanente era de 0,67 trabalhadores por hectare em 64, e em 1980 era de 0,44 trabalhadores para cada hectare.

O privilégio da produção agroexportadora e agroindustrial e a chamada modernização da agricultura afetam diretamente a produção familiar que, em geral, inclui o trabalho das mulheres. Ao trabalho da pequena produção familiar se associam diversas formas de assalariamento. A organização da família varia e se adapta às regras da modernização:

- A zona da mata canavieira nordestina fez da agricultura familiar um suporte da produção canavieira e dos produtores familiares um recurso utilizável conforme as necessidades desta produção;
- Em áreas de pecuária intensiva, em várias partes do país, foi estimulado o estabelecimento de unidades de produção familiar nas vizinhanças das fazendas como um meio de reter, a baixo

- custo, a força de trabalho necessária à criação de animais. A agricultura familiar não existiu com o objetivo de produzir alimentos, mas para permitir o desenvolvimento da pecuária;
- Graças ao fornecimento de arroz e feijão, por parte da produção familiar, São Paulo pode expandir em ritmo acelerado as culturas da soja, da cana e da laranja.

Para enfrentar estas mudanças, muitos pequenos produtores associam-se em cooperativas e procuram modernizar-se também, a exemplo do que acontece no Sul do país. Esta é uma das poucas áreas onde a pequena produção cresce em produtividade.

E COMO FICAM AS MULHERES NISTO TUDO?

Para pensar a situação das mulheres precisamos lembrar que elas nunca desempenham só o trabalho produtivo. As mulheres fazem, às vezes com a ajuda das filhas e outros parentes, todo o trabalho da área de reprodução: cuidar dos filhos e velhos da família, cuidar da saúde dos que ficam doentes, cuidar da casa, da roupa etc. Elas têm sempre que conciliar tudo isto. E normalmente já trabalham mais horas que os homens.

MAS O QUE ACONTECE COM ELAS POR CONTA DAS MUDANÇAS NO CAMPO?

As mulheres sempre trabalharam mais na pequena produção. Com a terra perto de casa a pequena produção permite a mulher conciliar a produção e os cuidados com a casa. Entretanto, hoje o local de trabalho está cada vez mais distante do local de moradia. Este é o caso, por exemplo, das bóias-frias. Isto cria uma dificuldade a mais, pois nem sempre as mulheres podem se deslocar para tão longe quanto os homens. O trabalho assalariado no campo torna mais difícil para as mulheres a dupla jornada:

- Aumenta a migração de mulheres jovens e dos homens, que podem sair de casa mais facilmente. Fica em casa a mulher como chefe-de-família, com crianças pequenas e as pessoas mais velhas. Alguns autores acham que por isto é tão grande o número de crianças e velhos em certas atividades agorindustriais;
- As mulheres pegam os contratos de trabalho mais curtos, recebendo por produção e é maior o número de mulheres clandestinas;
- Além disto, o seu pagamento é sempre menor que o dos homens.

As mulheres precisam ganhar mais no menor espaço de tempo. Elas têm que ficar o menor tempo possível fora de casa para poder cuidar dos meninos, não deixar ir para a rua etc. Por isso, se sujeitam a muitos trabalhos ruins como a aplicação de herbicidas, tarefa rápida mas perigosa, que emprega muitas mulheres.

A mecanização também não favorece as mulheres. As máquinas introduzidas no campo normalmente são operadas pelos homens. Isto não ajuda a qualificar sua mão-de-obra. As mulheres deixam de participar do ciclo agrícola na medida em que alguma atividade está mecanizada, como no caso do processamento do arroz, feito pelas mulheres no pilão, ou pelos homens com a trilhadeira. Apenas em algumas áreas do Sul, em atividades de pequena produção familiar, as mulheres também trabalham com as máquinas sem que isto signifique sua exclusão.

Mas na área da pequena produção também há problemas. A modernização tirou muitas atividades econômicas da mão das mulheres. No passado, as mulheres eram as principais responsáveis pela criação de animais, produção de banha animal, linguiças e muitos produtos da pequena produção. Hoje, grande parte deles está na mão das indústrias, como é o caso da avicultura e da suinocultura. E a margarina, o óleo, os enlatados, substituíram os alimentos mais simples de antes. Assim, com o

avanço do capitalismo no campo, diminui a possibilidade das mulheres ganharem dinheiro na pequena produção, com o trabalho feito em casa.

As agrovilas são outro exemplo desastroso para a vida das mulheres. Separa as mulheres do local de trabalho e o quintal é tão pequeno que não dá para fazer qualquer cultivo. Impossibilitadas de saírem de casa por muito tempo, algumas mulheres deixam de ser produtoras rurais para se tornarem donas de casa, sem direito a renda própria.

O acesso à terra traz para as mulheres a possibilidade de conciliar a dupla jornada. Mas há muitos impedimentos para uma mulher ser pequena produtora:

- Impedimentos jurídicos: ter direito a lote, ficar com o lote se o marido vai embora, é uma dificuldade para as mulheres. O INCRA, por exemplo: o fato de não ter um homem impede a mulher de receber lote sob a alegação de que a família não possui força de trabalho suficiente para produzir;
- Dificuldades de acesso a crédito: normalmente é mais fácil para os homens, as agências bancárias continuam a dar prioridade aos homens;
- Dificuldades de acesso à tecnologia: muitos cursos são feitos para os homens e a maioria das tarefas feitas pelas mulheres não são mecanizadas, elas ficam com as tarefas manuais. Em alguns projetos da CODEVASF, por exemplo, as mulheres foram excluídas dos treinamentos feitos para capacitar os colonos nas novas tecnologias de irrigação.
- Além disto, há a mentalidade machista: que sempre vê no homem o chefe da casa, onde as mulheres são subordinadas. Por exemplo, no agreste pernambucano as mulheres podem dispor dos animais que criam, com exceção dos porcos que, pela sua importância econômica, passam a ser controlados pelo pai de família.

As condições sociais no campo também atrapalham muito a vida das mulheres: sem água, esgoto etc, são as mulheres que têm que:

- Buscar lenha, por mais longe que for;
- Buscar água, por mais longe que for;
- Cuidar do lixo e dos dejetos.

Isto aumenta muito o esforço físico das mulheres.

Assim é que, com a modernização do campo, sem melhoria nas condições sociais, em alguns casos houve até piora, reduz-se a participação da mulher na economia familiar e incrementa-se esta participação nos empregos oferecidos pelas empresas que exploram capitalisticamente a terra. Entretanto, ainda há mais mulheres envolvidas na pequena produção do que trabalhando como assalariadas rurais.

O número de mulheres empregadas pelo setor agrário é muito menor que a quantidade de mulheres em economia de subsistência. A agricultura capitalista, tal como se desenvolve no Brasil, jamais oferecerá às mulheres os níveis de emprego permitidos pela pequena produção.

Por fim, o maior dos problemas enfrentados pelas mulheres: seu trabalho na agricultura é, muitas vezes, invisível nas estatísticas, pouco valorizado pelos homens e pelas próprias mulheres. São sempre pensadas como ajudantes e colaboradoras e nunca consideradas como produtoras. Isso dificulta tudo mais.

Texto de Apoio Nº 08

Para o exercício nº 12: Cotidiano

DOMÉSTICO, PÚBLICO E PRIVADO: ALGUNS ESCLARECIMENTOS CONCEITUAIS⁵⁷

Elizabeth Jellin

O âmbito doméstico, o mundo público e a vida privada

Uma primeira precisão analítica se refere ao termo *reprodução*, que inclui três dimensões ou níveis: a reprodução biológica, que no plano familiar significa ter filhos e no plano social se refere aos aspectos sócio-demográficos da fecundidade; a reprodução cotidiana, ou seja, a manutenção da população existente através das tarefas domésticas de subsistência; e a reprodução social, ou seja, todas as tarefas extraprodutivas dirigidas à manutenção do sistema social.

Uma segunda distinção analítica é entre *grupo residencial*, *família*, *unidade doméstica*, *unidade reprodutiva* e *unidade econômica*. Estas distinções são de suma importância para a América Latina, onde os processos de migração, em primeiro lugar, e as transformações nos padrões de estabilidade das relações matrimoniais, mais recentemente, têm afetado de maneira significativa a relação entre estas dimensões.

Usualmente, a distinção entre o mundo doméstico e o mundo público é visualizada como um corte na realidade social. A distinção entre estes âmbitos tem sido identificada com a diferenciação sexual - os homens responsáveis pelas tarefas públicas e as mulheres responsáveis pelo que é doméstico e privado - como se isto fosse uma constante universal da organização social. A investigação antropológica comparativa recente mostra que o modelo de análise baseado na contraposição entre o *âmbito privado doméstico - as mulheres - a falta de poder* e o *âmbito público - os homens - o poder* é fundamentalmente de natureza cultural e ideológica. Na realidade, a família e o mundo doméstico não são um lugar fechado, mas se constituem na relação com o mundo público: os serviços, a legislação e os mecanismos de controle social. Do mesmo modo, aspectos mais simbólicos como as diferentes visões sobre o âmbito de aplicação da medicina, as imagens sociais prevalecentes sobre a família e a normalidade, as ideologias e instituições educativas, ajudam a definir em cada situação histórico-cultural, o âmbito de ação próprio da família e da domesticidade.

A análise crítica desta visão dualista enfatiza o caráter público e social, real ou potencial, da atividade doméstica que está a cargo das mulheres. Em resumo, o âmbito doméstico inclui basicamente as atividades de produção e consumo cotidiano de alimentos e outros bens e serviços de subsistência, assim como as atividades ligadas à reposição geracional, quer dizer, ter filhos, criá-los e socializá-los. Este âmbito se conforma e se transforma na relação com as demais instituições da sociedade.

A família, por outro lado, tem um substrato biológico ligado à sexualidade e à procriação, constituindo-se na instituição que regula, canaliza e confere significados sociais e culturais a estas necessidades.

⁵⁷Jellin, Elizabeth. Las Familias en América Latina: in Familias Siglo XXI. Santiago, Isis Internacional, 1994. pp. 101-105. Tradução e adaptação livre, para fins didáticos, por Ana Paula Portella.

Além disso, está incluída em uma rede mais ampla de relações de parentesco, guiadas por regras e pautas sociais estabelecidas. A importância social da família, na verdade, vai mais além da normatividade de sexualidade e da filiação, já que constitui a base de recrutamento das unidades domésticas. Empiricamente, a maioria das unidades domésticas está composta por membros aparentados entre si, mas o grau de coincidência entre a unidade doméstica e a família, e mais ainda, a definição social da amplitude (em termos de laços de parentesco) do grupo co-residente, variam notavelmente entre sociedades e ao longo do ciclo de vida de seus membros.

Estudos recentes em antropologia urbana têm enfatizado a importância das redes de parentesco na realização das tarefas ligadas à manutenção cotidiana dos membros das unidades domésticas. No mundo urbano contemporâneo, a composição da unidade doméstica, sempre normatizada pelos laços familiares, é o resultado de diversos processos ao longo do ciclo vital de seus membros. Por um lado, estão os acontecimentos ligados à história da formação da família, incluindo casamentos, separações, nascimentos e mortes, assim como as mudanças, migrações e outros acidentes ou decisões em conjunturas específicas que deixam seus rastros na composição do grupo doméstico futuro. Por outro lado, as mudanças na situação econômica e política - especialmente no que se refere às políticas sociais - em que ocorrem as transições do ciclo de vida influem na forma de organização doméstica em cada momento específico, e esta, por sua vez, influi na sua dinâmica posterior.

Deste modo, ainda que a maioria dos grupos domésticos esteja composta por pessoas que guardam entre si vínculos familiares imediatos, a inclusão ou exclusão de certos membros não está ditada de maneira unívoca pelo vínculo de parentesco nem explica-se unicamente pela situação presente dos membros da unidade doméstica. Pais cujos filhos não vivem com eles, que por sua vez cuidam de filhos de parentes mais ou menos próximos, padrões duplos de residência (filhos de pais separados, por exemplo, ou avós que vivem alternativamente na casa de vários filhos), constituem fenômenos comuns, que devem ser levados em conta na formulação de políticas.

A falta de coincidência entre unidade doméstica e de parentesco, por sua vez, traz à superfície outro problema importante: por definição, os laços de parentesco existentes fora da unidade doméstica são diferentes para seus diversos membros. Cada membro da unidade traz uma rede de parentesco, com seu sistema de relações mútuas, reciprocidades, direitos e deveres. E isto varia segundo o estágio do ciclo vital da pessoa em questão. Mais sistematicamente, os diversos membros de uma unidade doméstica contribuem de maneira diferencial para as tarefas de manutenção cotidiana. Tanto em termos dos recursos monetários como no do tempo pessoal dedicado a estas tarefas, o aporte de cada membro à atividade comum varia segundo o tipo de obrigações e deveres que têm com sua própria rede de parentesco.

Ao mesmo tempo, as unidades domésticas não necessariamente concentram todas as atividades ligadas à manutenção de seus membros. Para algumas áreas de consumo, especialmente as de manutenção cotidiana - comida, higiene, limpeza etc. - o grupo doméstico parece ser a unidade social básica. Mas outras áreas, incluindo a saúde, a moradia e o equipamento doméstico, podem ser levadas a cabo em unidades mais amplas (redes de parentesco, bairro ou comunidade) ou menores (indivíduos isolados) do que a própria unidade doméstica. Na reprodução geracional da população, as relações familiares, coincidam ou não com o grupo doméstico, constituem as relações sociais fundamentais.

Os limites entre a unidade doméstica e a família são bastante permeáveis. O grau de integração e o compromisso com as atividades da unidade doméstica não variam livremente. Existem padrões sociais que diferenciam o compromisso esperado para diversos membros de acordo com a idade, sexo e relação de parentesco com os demais membros da família. O que se espera da filha mulher quando pequena é diferente do que se espera da adolescente e do filho rapaz. E se espera um padrão de

...elemento diferente para a mãe e o pai, para irmãos, tios e avós. Ou seja, ainda que a instituição social carregada de afetividade seja a mesma, a família tem significados e é experimentada de maneira diferenciada por indivíduos de diferentes idades, sexo e classe social.

Realizar as atividades ligadas à satisfação das necessidades requer o acesso aos recursos que as possibilitam. A unidade doméstica deve elaborar mecanismos para sua obtenção ou criação, para sua defesa, para sua recriação ou reprodução contínua e para sua administração. As atividades de consumo e reprodução da unidade doméstica não se limitam às tarefas de transformação dos bens produzidos e comercializados através do mercado. A provisão de bens e serviços de natureza coletiva é um insumo muito significativo para a mesma. A provisão de serviços por parte do Estado - quais serviços, para quem, quando e a que custo - constitui historicamente uma frente de luta pela incorporação de setores sociais aos benefícios e direitos que definem a cidadania social. O acesso diferencial (e a necessidade diferencial de ter acesso) a estes serviços tem se convertido historicamente em um elemento definidor das classes sociais.

Os recursos podem provir de distintas fontes - o trabalho e o esforço direto dos membros da unidade doméstica, as transferências formais de instituições reconhecidas para este fim (especialmente o Estado) e as transferências informais baseadas em redes de intercâmbio e ajuda mútua. Por sua vez, os recursos podem ser monetários ou podem ser bens e serviços diretos. Combinando ambos os critérios:

As atividades do âmbito doméstico são de dois grandes tipos: as tarefas de produção, que requerem a organização da divisão do trabalho, e as de consumo, ou seja, a organização da distribuição dos bens e serviços para satisfazer as necessidades. As decisões sobre a divisão do trabalho estão centradas em quando e quanto pode e deve trabalhar cada pessoa, quer dizer, quem e em que momento vai contribuir para o conjunto de atividades de manutenção do grupo. As mudanças nos papéis domésticos estão ligadas às transições nos ciclos de vida: em que momento um menino (ou mais frequentemente uma menina) deve ajudar nas tarefas domésticas ou sair para trabalhar com remuneração; quando um velho ou velha deixa de trabalhar - em tarefas extra-domésticas ou domésticas.

Quanto ao consumo, a questão é como organizar o gasto ou o orçamento familiar: O que se gasta? Quais são as prioridades? Quem controla e decide? Existe a necessidade de organização, controle e disciplina internas. Estas tarefas são tradicionalmente realizadas pela mulher dona de casa, ainda que esta responsabilidade pela organização doméstica nem sempre lhe outorgue autoridade e poder.

A unidade doméstica se distingue de outras organizações nos incentivos utilizados para motivar os seus membros para realizar as tarefas que lhes foram determinadas, colocando em jogo os afetos e as solidariedades. Com efeito, para convencer as pessoas a contribuir com o trabalho comum, incorporando ao orçamento comum os recursos monetários obtidos e/ou participando do trabalho doméstico, o cálculo utilitário individual dos custos e benefícios monetários da convivência não é o critério básico. Fazem-se necessárias apelações predominantemente morais, dirigidas às diferentes pessoas segundo sua localização na estrutura da unidade doméstica. De fato, a tipificação dos papéis sexuais (o homem-chefe-de-família provedor de recursos e a mulher que cuida do lar e dos filhos) e o sistema, de deveres e obrigações entre pais e filhos constituem os pilares ideológicos sobre os quais se apóia esta operação de convencimento moral: a abnegação da mãe, a responsabilidade do pai, a obediência do filho, são valores tradicionais sobre os quais se assenta o sistema de incentivos. Estes valores tradicionais, fundados em um processo ideológico de "naturalização" da divisão do trabalho entre os sexos e gerações, entram em crise na família moderna, na qual os valores democráticos e igualitários vão deixando sua marca e reclamam uma transformação, que sempre estará carregada de profundos afetos e desejos corporificados em relações sociais altamente personalizadas.

Fonte de Obtenção	Tipo de Recurso	
	Monetário	Não monetário
Trabalho dos membros da unidade doméstica	Participação na força de trabalho	Produção doméstica
Transferências formais	Pensões, aposentadorias	Acesso a serviços públicos, obras sociais, subsídios indiretos
Transferências informais de parentes e vizinhos	Ajuda mútua baseada na reciprocidade	

Texto de Apoio Nº 09

Para os exercícios nº 10: Conhecendo a Nossa Identidade
nº 45: Quem Falou?

GÊNERO E COTIDIANO

Taciana Gouveia

Alguns Elementos do Conceito de Cotidiano.

Este conceito começa a ser utilizado com maior frequência nos últimos anos, principalmente nas análises sobre movimentos sociais e processos comunicativos. De forma geral, podemos dizer que a matriz teórica destas análises está em algumas produções da filosofia marxista, em especial nas idéias de Agnes Heller. Para ela, a cotidianidade "é a vida do homem inteiro; ou seja, ele participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade"⁹⁸ e, ainda, "a vida cotidiana é em grande medida heterogênea; e isto sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação"⁹⁹.

Contudo, consideramos que os estudos atuais colocam uma ênfase diferente ao trabalharem com a cotidianidade, na medida em que a concebem como o lugar por excelência da produção, circulação e apropriação de significados sociais. Ou seja, o cotidiano é também a esfera do reconhecimento social e, portanto, da formação de identidades, pois é na vida cotidiana que as relações sociais são experimentadas e aprendidas. Em função destes aspectos consideramos que a análise desta dimensão é fundamental na compreensão e transformação da estrutura das relações de gênero. É importante fazermos dois esclarecimentos de ordem teórico-analítica:

1. Ao trabalharmos com o conceito de cotidiano não consideramos que ele seja um substituto das noções de público e privado. Na realidade, pensamos que eles se referem a dimensões diferentes de vida e de análise. De forma esquemática, público e privado dão conta da organização política da vida em sociedade, das relações entre indivíduo e sociedade enquanto demarcação de espaços, direitos, tomada de decisões etc. Tais noções se articulam diretamente com a temática da cidadania. Claro que todas as esferas de ação estão intimamente relacionadas, influenciando-se mutuamente. Contudo, como afirma Heller⁹⁰, uma das características da cotidianidade é a espontaneidade, o que faz com que as ações não possam ser frequentemente objetos de reflexões, digamos que, profundas ou críticas, "pois se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo da verdade material ou formal de cada uma de nossas atividades não poderíamos realizar sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis e assim tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida humana. Em consequência, na vida cotidiana é possível se falar de uma unidade imediata entre pensamento e ação. Tal unidade implica na inexistência de diferenças entre o correto e o verdadeiro. Na cotidianidade o correto é também o verdadeiro. A atividade

⁹⁸ Heller, Agnes. *O Cotidiano e a História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª edição, 1989.

⁹⁹ *Ibid.*

⁹⁰ *Ibid.*

cotidiana é, por conseguinte, pragmática”. Isto marca uma diferença analítica importante, pois permite compreender determinadas ações e contextos que a utilização dos conceitos de público e privado não possibilita.

2. Neste texto também não trabalhamos com o conceito de *ideologia*. Não porque o consideramos inútil ou ultrapassado, mas sim porque, também em termos analíticos, consideramos que ele se reporta a uma outra dimensão que não a da cotidianidade, apesar de manter com ela um relação constante e também de mão dupla. De forma sintética, tomamos a *ideologia* como o conjunto de princípios, conhecimentos, valores e normas que estruturam a organização sócio- política de uma sociedade em função de um dado projeto que busca a hegemonia. A nosso ver, as produções ideológicas são vivenciadas no cotidiano, em função das características que assinalamos anteriormente, como conhecimento, verdade, esquemas de pensamento, informações que são utilizadas enquanto instrumentos que auxiliam as ações no dia-a-dia, expressando-se também através das representações sociais.

A Construção da Identidade: Laços entre Gênero e Cotidiano

Dos muitos aspectos que a análise da vida cotidiana propicia, escolhemos aqui trabalhar com a questão da identidade e para isto iniciaremos pela análise das suas dimensões.

Dimensões da Identidade

- A. *Identidade Pessoal*: é a identidade subjetiva, o sentimento de que “eu sou”, o que nos dá a idéia de unicidade e particularidade - afinal ela é mesmo única - apesar de não ser essência nem imutabilidade.
- B. *Identidade Social*: é um atributo dos indivíduos ou grupos em suas relações com a sociedade, o que tem por consequência o fato de que não existe apenas uma identidade social, mas sim múltiplas, conforme o tipo e a quantidade de relações estabelecidas. Elas se remetem constantemente ao grupo, na medida em que o indivíduo se identifica com uma ou mais características de um determinado grupo e a partir de então sente-se pertencente a ele, pautando suas condutas e gerando expectativas em função destes atributos. Para algumas correntes teóricas a identidade social é o mesmo que papel, contudo, ao nosso ver, a noção de papel não permite apreender as dimensões subjetivas que a idéia de identidade comporta. Isto fica claro quando pensamos a identidade social na perspectiva da estrutura e dinâmica das relações de gênero.
- C. *Identidade Coletiva*: o que a diferencia da identidade social é o grande espaço ocupado pela criatividade, pelo “nós” enquanto instituição de si mesmo. A identidade coletiva é, na nossa perspectiva, uma criação de grupos e movimentos sociais. Sua esfera de constituição é ação política, na medida em que ela se estabelece como uma resposta concreta a uma dada necessidade. Ou seja, a identidade coletiva se institui na e pela ação. Em consequência, a construção desta identidade se articula a um determinado projeto que se elabora e tem suas raízes (mas não uma determinação exclusiva e finalista) em condicionantes objetivos implicando, portanto, em processos de transformação que, por sua vez, têm por objetivo modificar ou abolir a situação inicial que deu origem a própria identidade.

Aqui analisaremos mais detidamente os aspectos da identidade pessoal e social na medida em que elas se constituem primordialmente na esfera do cotidiano e onde a estrutura e dinâmica das relações de gênero fornecem os elementos fundantes destas identidades.

De modo geral, consideramos que a constituição da identidade é basicamente um processo de construção, apropriação e negociação de significados e sentidos, pois são as palavras, seus significados e valores que definem radicalmente a nossa inserção na sociedade. Desta forma, nos aproximamos da filosofia pragmática que define a função da linguagem como a criação de laços discursivos entre os sujeitos e/ou entre eles e as coisas e os estados de coisas ao seu redor, de modo a estruturar um universo de sentidos minimamente compatível com a sociedade dos humanos.

Isto traz uma consequência fundamental para a própria transformação das relações de gênero, na medida em que nos possibilita atribuir à linguagem um poder performativo, ou seja, o de ser capaz de alterar estados anteriores ou reter as redes de crenças e desejos que constituem os sujeitos. Com isto não estamos querendo afirmar que as palavras, por um simples ato de vontade, conseguem transformar a realidade. Na verdade, quando nós referimos à linguagem estamos tratando de criação e circulação de significados, bem como dos valores e diferenças que eles constituem e dos conflitos e negociações daí advindos.

Como afirmamos anteriormente, o sentimento de identidade é uma sensação subjetiva de que “eu sou”, que existo e que há algo permanente que está na base dos diversos momentos de minha existência dando sentido e encadeando a minha experiência temporal. Além disso, a identidade, para se constituir como tal, necessita do sentimento de constância - no sentido de que apesar das mudanças ainda sou a mesma de dez anos atrás - bem como do estabelecimento e reconhecimento da diferença. Para que a identidade, o sentimento de que “eu sou”, possa se estabelecer, a linguagem cria suportes para a fixação das identidades e suas várias dimensões. Um destes suportes primordiais é a estrutura das relações de gênero, na medida em que ser menina ou menino, receber um nome feminino ou masculino é um dos primeiros referenciais através do qual organizo o meu estar no mundo.

Se pensarmos bem, a sexuação ou “generificação” das pessoas é anterior à própria presença concreta delas no mundo. Quando do momento de uma gravidez todos/as que dela compartilham já começam a desejar e significar sexos para os futuros bebês através de nomes, cores, brinquedos, personalidade e até mesmo a futura profissão! Em verdade, esse processo parece se dar em inúmeras etapas de nossa vida, até mesmo quando estamos cronologicamente mais próximos dos bebês, ou seja, nas nossas brincadeiras infantis.

Em que tais observações resultam importantes na compreensão da identidade? Além de termos de caber nessas estruturas e desejos em função das características da cotidianidade (espontaneidade, pragmatismo) e também do profundo peso das relações afetivas, a formação da identidade pressupõe a existência de modelos com os quais desejamos nos identificar, não só em função da necessidade que se tem de partilhar as semelhanças, como também para que sirva de suporte na construção do futuro, da idealidade, do dever e querer ser. Os modelos parentais funcionam como um sim e como um não, a semelhança funcionando geralmente como o vetor da identificação, enquanto a diferença é o motor da dinâmica do desejo.

Para muitos autores, incluindo-se alguns psicanalistas, a conformação da identidade de gênero é o esquema ídeo-afetivo mais primitivo, sendo, inclusive, a organizadora da sexualidade. Além disso os elementos biológicos funcionam apenas como reforçadores ou perturbadores da identidade de gênero. Esta se estrutura fundamentalmente a partir das nomeações e significações que inauguram o estar no mundo.

Por outro lado, não podemos esquecer que a organização das relações de gênero também gratifica as mulheres ao se identificarem plenamente com o seu gênero, assumindo as identidades sociais de mãe, esposa, dona de casa e, mais recentemente, profissional (podendo ser agregados ainda os atributos da

...idade e da feminilidade). A grande gratificação talvez seja, no plano da economia do imaginário-afetivo, a proximidade de ser A Mulher, o destino que se cumpriu, o ser plenamente. No cotidiano das mulheres a maternidade ainda é o articulador fundamental, mesmo quando vivemos numa sociedade em que a maternidade já se conforma como uma opção para determinados grupos sociais, não é incomum ouvirmos perguntas como: "você não quis ser mãe?" Quando ainda é um pouco raro se ouvir: "você não quer ser pai?"

Por outro lado, não podemos deixar de pontuar, como faz Parker⁴¹, que as definições de homem/mulher não se dão apenas pela oposição direta destes pares, mas que se constituem "como referência a uma variedade de figuras adicionais que incorporam uma ordem de possibilidades tanto positivas quanto negativas de macho e fêmea. Um entendimento do homem não é constituído meramente em oposição à mulher, mas ao mesmo tempo através de sua relação com figuras como o macho, o corno, a bicha ou viado. E a mulher, como o homem, precisa ser apreendida não apenas na oposição a ele, mas através de figuras como a virgem, a piranha, a sapatão".

Estando a formação das identidades profundamente entrelaçadas com a estrutura das relações de gênero e não sendo esta fixa ao longo da história, sua dinâmica pode gerar processos de resistências tanto no âmbito individual quanto coletivo. O reconhecimento dos custos e resistências à mudança é fundamental para uma compreensão mais acurada das relações de gênero e dos caminhos para sua transformação.

⁴¹Parker, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões. Cultura Sexual Brasileira*. São Paulo, Best Seller, 1992.

Texto de Apoio Nº 10

Para o exercício nº 12: Cotidiano

GÊNERO E FAMÍLIA

Cristina Bruschini e Cynthia Sartl⁶²

De uma maneira ou de outra, todos os indivíduos vivem em alguma forma de relação familiar. Como as pessoas sempre pensam na família como algo natural, preocupam-se pouco em definir o que ela é e conhecer as formas que ela vem tomando ao longo da História, em sociedades culturalmente diferentes e em classes desiguais na mesma sociedade. É importante discutir o tema família porque, se todos os indivíduos têm como referência suas ligações com este grupo, no caso da mulher, a família é sua referência básica e vital.

O que difere as mulheres dos homens é sua capacidade biológica de procriar. Em cima dessa diferença desenvolveu-se, histórica e socialmente, uma desigualdade, uma hierarquia. Uma vez que a mulher pode parir, definiu-se que a ela cabem todas as atividades de alguma forma associadas com a função de mãe: cuidar, alimentar, limpar, educar, dar assistência aos outros e à casa em geral.

A mulher passa a ser responsável pela família e por todos os seus membros. A família é seu ponto de partida para se relacionar com o mundo lá de fora. Por outro lado, se compreendemos a família de uma forma limitada e rígida, como acontece com a maior parte das pessoas que vivem em nossa sociedade, vamos fazer uma identificação entre casa e família, que leva as mulheres a assumirem o trabalho de casa como se fosse para a família.

Afinal, o que é família? Ela pode ser definida de várias maneiras. Laços de sangue, parentesco e afinidade (através do casamento) são os traços lembrados em primeiro lugar. Neste caso, faria parte da família toda a rede de parentesco, com graus variados de convivência e de proximidade, desde o pai e a mãe até sobrinhos, tios e primos.

Frequentemente, porém, se diz que família é aquela que mora na mesma casa. Neste caso, a família é definida como o grupo de pessoas que mora na mesma casa e que dividem um orçamento comum. Esta definição tem sido muito usada porque facilita pesquisas como as dos recenseamentos, que procuram entrevistar as pessoas em suas casas. Mas ela também não é muito correta, porque tanto pode incluir pessoas que não são da família, mas que moram na mesma casa, quanto deixar de fora pessoas da família que moram fora, como um filho que migrou para o Sul, procurando trabalho.

COMO VOCÊ DESCREVERIA SUA FAMÍLIA?

QUAIS AS PESSOAS QUE, PARA VOCÊ, FAZEM PARTE DELA?

O importante é que a definição mais usada de família apóia-se naquilo que chamamos de modelo conjugal, formada pelo marido/pai, pela mulher/mãe e pelos filhos. Este modelo é muito forte em algumas sociedades e grupos sociais, mas não é a única forma possível de família. A influência deste

⁶²Texto adaptado, por Ana Paula Portella (SOS CORPO Gênero e Cidadania). O original está no relatório do encontro Gênero e Gestão de Renda, promovido pela UNICEF/FENAPE, em 1992.

modelo conjugal de família é tão grande que as pessoas costumam pensar na família pai/mãe/filhos como se fosse a família certa ou a única forma possível de viver em família.

Quando estudamos a História e a Antropologia, vemos que as coisas não são bem assim. De um lado, porque as formas de família têm variado ao longo do tempo. Este padrão de família que conhecemos, atualmente, faz parte do mundo moderno, urbano e industrializado. De outro lado, porque em outras sociedades, em outras culturas, as pessoas podem agregar-se em grupos muito diferentes, como no caso dos indígenas e de sociedades que adotam a poligamia, por exemplo.

Mesmo na nossa sociedade, a família já foi muito diferente, dependendo do tempo e do lugar. Por exemplo, há muitos anos atrás era comum a gente encontrar família com mais de dez filhos, muitos agregados, sobrinhos, avós, todos morando na mesma casa. Hoje em dia, especialmente nas cidades, as famílias são muito menores. Em outros países, existem as famílias poligâmicas: onde os homens podem ter mais de uma esposa e sustentam todas elas, numa mesma casa ou em casas diferentes.

POR QUÊ É QUE AS FAMÍLIAS MUDAM TANTO DE FORMA?

POR QUE ALGUNS LUGARES TÊM FAMÍLIAS DE UM JEITO E OUTROS LUGARES TÊM DE UM JEITO DIFERENTE?

Um grupo composto de vários parentes ou de um só dos cônjuges (marido ou mulher) com seus filhos constitui, igualmente, um grupo familiar. As famílias chefiadas por mulheres são um bom exemplo disso: representam mais de 15% das unidades familiares no Brasil e são muito mais frequentes em certas regiões do país e nas camadas mais pobres da sociedade. Podem ser compostas por mulheres solteiras, separadas ou viúvas que assumem sozinhas os seus filhos. Quase sempre elas têm outros parentes que colaboram ou no trabalho doméstico ou em alguma atividade remunerada que permita aumentar a renda familiar.

VOCÊ É CHEFE DE FAMÍLIA?

DAS MULHERES QUE PARTICIPAM DO SEU MOVIMENTO MUITAS ESTÃO NESTE CASO?

QUÊ IMPLICAÇÕES ISTO TEM PARA A SUA VIDA COTIDIANA?

Dentro da família são realizadas atividades que recebem o nome de trabalho doméstico ou afazeres domésticos. Estas atividades - que vão desde limpar a casa, lavar a roupa etc... e que são bastante diferentes a depender da classe social - consomem tempo e energia das mulheres, principalmente quando elas são donas de casa e mães. A vida cotidiana de todas as mulheres, de uma maneira ou de outra, é definida a partir de sua posição na família e das responsabilidades dela decorrentes. A mulher será sempre uma filha, uma esposa, uma dona de casa, uma mãe, uma avó inserida em algum tipo de unidade familiar. Ela pode ser ou não a chefe da família: mas para cada lugar destes que ela ocupa - mãe, avó ou filha - correspondem determinados encargos ou responsabilidades para com os outros membros da família.

A identidade básica das mulheres define-se a partir destes papéis: mãe, filha, esposa, avó. Toda a sociedade encarrega-se de fazê-la assumir essas responsabilidades como suas. Assim, ou ela mesma faz as atividades, ou ela passa as atividades para alguma pessoa que a substitui ou ajuda, mas a responsabilidade de que a tarefa seja feita está na sua cabeça. É ela que ficará preocupada em verificar se a tarefa foi ou não realizada, quando, de que maneira etc. O sentimento de culpa, quando alguma coisa sai errada e era de sua responsabilidade, será provavelmente sentido por ela, e muito menos por qualquer pessoa que seja apenas uma ajudante.

A partir desta identidade é que a mulher define seus outros papéis sociais: como pessoa, como trabalhadora, como cidadã. Assim, se for casada e mãe de filhos pequenos, é provável que seja difícil para

ela ter um trabalho remunerado fora de casa por mais que o deseje. Para isso, precisaria ter alguém que a substituisse no trabalho doméstico e no cuidado dos filhos. Uma das soluções mais utilizadas em todas as classes sociais são as avós - em geral mães das mães - que vêm tomar conta dos netos na casa deles ou a que os netos são levados para que cuidem deles.

Outra possibilidade, em países como o nosso onde há grandes desigualdades sociais, é pagar a uma outra mulher para fazer o serviço. Mas, isso só é possível quando a mulher e a sua família têm recursos para essa despesa. Por isso é que esta costuma ser uma solução muito utilizada quando a mulher é de classe mais alta, tem estudo e um bom emprego. Ganhando melhor, é compensador para ela sair para trabalhar e passar para outra pessoa as responsabilidades domésticas.

Mesmo assim, não vamos nos iludir. Sobra ainda muita coisa para administrar, gerenciar e fazer, sempre que esse arranjo não funciona. Para as mães solteiras e mesmo as casadas que ainda não tiveram filhos, essas decisões podem ser mais fáceis. Mas há outras questões a considerar. Em primeiro lugar, o fato de que a família não é uma coisa parada, eternamente igual, mas justamente o contrário: é um grupo que se modifica o tempo todo, que se forma, cresce, amadurece e depois envelhece. É só pensar no casamento, na chegada dos filhos, no crescimento deles, enfim, em todas essas etapas da vida pelas quais passamos.

O importante é saber que, em cada uma dessas fases, o grupo tem necessidades e recursos bem diferentes. Crianças muito pequenas precisam de cuidados e, quando crescem, esses cuidados incluem a escola. Pessoas mais velhas, em geral, estão aposentadas e ganham pouco. Adultos estão mais aptos para ganhar o sustento do grupo; mas os do sexo feminino têm que se dividir entre esses dois mundos: trabalhando em casa e ganhando dinheiro fora. Em cada uma destas fases, portanto, a família organiza-se de maneira a procurar o melhor equilíbrio possível entre os dependentes - que não podem trabalhar - e os provedores - os que podem trabalhar -, a fim de garantir que a família seja sustentada.

Mas, o que determina mesmo as possibilidades concretas de se adaptar a cada fase do ciclo de vida familiar é a situação econômica da família. Nas classes mais altas os homens adultos têm empregos melhores que lhes permitem sustentar a esposa e os filhos. A esposa pode trabalhar fora para complementar a renda e pagar alguém para ajudar no serviço de casa. Nas camadas mais pobres, essa opção é impossível e ela só pode sair de casa para trabalhar se contar com a ajuda de outros parentes ou quando os filhos crescerem. Mas muitas vezes a pressão econômica é tão forte que qualquer arranjo, mesmo precário, tem que ser enfrentado para garantir um mínimo de renda: vizinhos e amigos que olham as crianças; crianças que ficam sozinhas enquanto as mães - que frequentemente nem contam com a ajuda de um companheiro - vão trabalhar.

O QUE VOCÊ PENSA DISSO? VOCÊ ESTÁ EM ALGUM DESTES CASOS?

Já vimos até aqui que a família desempenha várias funções. Uma delas é a função econômica. As famílias costumam organizar-se em torno de um orçamento doméstico, que é composto pela soma dos rendimentos que vêm de qualquer trabalho remunerado, aposentadoria, aluguéis ou outras formas de ganhar dinheiro. O trabalho doméstico é uma parte muito importante deste orçamento, embora ele não gere dinheiro diretamente. Mas se ele não fosse feito em casa, teria que ser providenciado de alguma outra maneira, já que é indispensável para a vida das pessoas.

A organização das compras - comida, roupas, objetos - também é um item importante do orçamento doméstico. As decisões sobre o consumo muitas vezes são tomadas em conjunto na família, pois, como o orçamento quase sempre é apertado, o dinheiro não dá para satisfazer as vontades de todos.

Várias pesquisas têm mostrado que, principalmente nas famílias pobres, a dona de casa costuma concentrar em suas mãos a administração de todo o dinheiro recebido pela família, decidindo sobre o destino do dinheiro de cada um. O que o homem ganha é normalmente utilizado para garantir teto e alimentação para todo o grupo familiar, enquanto o dinheiro que a mulher ganha é com coisas consideradas menos essenciais e cuja necessidade varia de acordo com o estágio de vida da família, tais como coisas para a cozinha, roupas etc.

É preciso lembrar que a família é um conjunto de pessoas de idades e sexos diferentes, que se relacionam numa constante troca de relações afetivas. Nas relações entre os cônjuges e entre pais e filhos há um jogo de solidariedade e de conflitos de amor e de raiva. A família espera do jovem que trabalhe fora, por exemplo, que por solidariedade contribua para o orçamento familiar, principalmente se, naquele momento, a família precisa de mais dinheiro, como por exemplo, para comprar casa própria. Mas, o jovem pode estar mais interessado em ter outras coisas que lhe dêem prazer pessoal ou contribuam para ver realizado seu projeto individual: vai então usar seu salário para comprar uma roupa nova, pagar seus estudos ou para se preparar para casar. Os conflitos que se estabelecem entre os indivíduos e o grupo acabam sendo inevitáveis e devem ser renegociados a cada etapa do ciclo de vida da família.

Uma das funções mais importantes da família é a educação ou socialização. É na vida cotidiana familiar que os filhos vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores dos demais membros. É por isso que se diz que a família reproduz os valores culturais, porque os ensinamentos são transmitidos de uma geração para outra. É nesse momento, por exemplo, que se transmitem os estereótipos sexuais: as meninas são educadas para serem calmas e obedientes e os meninos para serem agressivos e machos. Às vezes a educação é tão forte que não deixa espaço para a livre manifestação das capacidades e inclinações individuais.

É preciso lembrar que a educação não é um processo pronto e acabado. Ela se renova sempre. Na dinâmica do dia-a-dia os adultos também se reeducam, se renovam e podem rever seus valores e comportamentos. A convivência com os amigos e vizinhos, assim como o lazer, contribuem bastante neste processo.

**VOCÊ ACIA QUE É POSSÍVEL MUDAR COMPORTAMENTOS
MUITO ARRAIGADOS NA FAMÍLIA?**

Texto de Apoio Nº 11

Para o exercício nº 33: O Jogo do Empoderamento

O EMPODERAMENTO DAS MULHERES - PONTOS PARA A REFLEXÃO NO JOGO DO EMPODERAMENTO

Sílvia Camurça

1. O PODER E SEUS SIGNIFICADOS PARA AS MULHERES BRASILEIRAS

a) Primeira inspiração:

No Aurélio, dicionário de língua portuguesa, PODER É:

- ter força para...
- ter calma e confiança para...
- ter razão e motivo de...
- ter vigor, robustez, saúde ou capacidade para suspender, agüentar, suportar...
- ter possibilidade de...
- dispor de força ou autoridade para...
- ter direito de deliberar, agir sobre...

b) Primeira reflexão:

Em nossa sociedade e cultura, as mulheres têm tido pouco poder sobre o seu corpo, a sua sexualidade, a sua formação profissional, sobre a sua casa, sobre a sua cidade e o seu país.

QUE FATOS PODEM ILUSTRAR ESTA AFIRMAÇÃO?

2. RELAÇÕES DE GÊNERO ENQUANTO RELAÇÕES DE PODER

a) Segunda inspiração:

De acordo com Joan Scott, historiadora feminista inglesa, as **RELAÇÕES DE GÊNERO**

- são relações de poder e se expressam nas normas, instituições, símbolos e subjetividade das pessoas; as mulheres são o pólo mais fraco desta relação de poder.

b) Segunda reflexão:

Que situações de exploração objetiva ou opressão subjetiva as mulheres enfrentam?

Que dificuldades e desafios isto traz para as mulheres?

Quais os custos de mudar sem que as relações de gênero ainda não tenham mudado?

DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES?

a) Terceira inspiração:

A partir dos nossos debates no movimento de mulheres, temos que diferenciar as mulheres como pessoas e como sujeitos políticos, sujeitos feministas:

As PESSOAS

- procuram agir pragmaticamente no cotidiano diante das diferentes expectativas que recaí sobre elas e dos seus desejos e necessidades práticas. Para isto tomam decisões todo o tempo.

Os SUJEITOS POLÍTICOS

- refletem no dia-a-dia sobre as ações das pessoas - e sobre as suas próprias ações enquanto pessoas
- avaliam até que ponto repetem ou transformam padrões de relações de gênero
- projetam mudanças para o futuro
- constroem no presente discursos explicativos da realidade e propostas de intervenção social para mudar
 - padrões culturais e
 - comportamentais
 - construir direitos
 - legitimar temas de debates públicos
 - formular políticas governamentais e
 - políticas de ação coletiva.

b) Terceira reflexão:

O que é empoderar uma mulher enquanto pessoa?

O que é empoderar feministas e organizações de mulheres enquanto sujeitos políticos (coletivos e individuais)?

Para os exercícios nº 32: O Jogo do Diamante
nº 33: O Jogo do Empoderamento
nº 41: Prioridades de Gênero e Mulheres
nº 42: Proposições Políticas: Onde Estão as Mulheres?

OS DIFERENTES ENFOQUES EM POLÍTICAS PARA MULHERES DE BAIXA RENDA

Caroline Moser⁶³

Enfoque do Bem-estar

É o mais antigo e o mais popular entre governos e agências de cooperação internacional. Suas origens estão ligadas ao modelo residual do bem-estar social, introduzido inicialmente pelas autoridades coloniais em muitos países do Sul. Nos seus momentos iniciais, a preocupação central com a lei e a ordem e a manutenção de condições estáveis para o comércio e a expansão agrícola e mineira, deixava o bem-estar social como uma prioridade menor. A melhor imagem deste primeiro modelo são as Leis Europeias para os Pobres do século XIX, cujo pressuposto implícito era o de que as necessidades sociais deviam ser satisfeitas através do esforço individual no campo do mercado, enquanto que as administrações públicas deviam lidar majoritariamente com o crime, a delinquência, a prostituição e outras formas de conduta “desviadas”. Por outro lado, as instituições de caridade assumiam uma parte importante da carga de bem-estar social. Devido à compatibilidade deste modelo com os paradigmas de modernização então prevalentes, muitos governos continuaram com esta política mesmo depois da independência. Baseados na ideia de que “as instituições de bem-estar social só deviam entrar em jogo quando a estrutura normal de abastecimento - a família e o mercado - não funcionasse”, os ministérios de bem-estar social criados para a implementação destas medidas residuais para “grupos vulneráveis” eram invariavelmente débeis e subfinanciados.

Foram os programas de bem-estar do Primeiro Mundo, dirigidos especificamente aos grupos vulneráveis, os primeiros a identificar as mulheres como beneficiárias principais. Estes programas de ajuda de emergência se difundiram amplamente na Europa depois da II Guerra Mundial, acompanhando as medidas de ajuda econômica para a reconstrução dos países atingidos pela guerra. A ajuda foi dirigida diretamente às mulheres de baixa renda que, em seus papéis de esposas e mães, eram consideradas as principais interessadas no bem-estar da família. A distribuição dos recursos foi assumida por agências privadas e dependia do trabalho não pago de mulheres voluntárias de classe média para uma implementação afetiva e barata.

A criação de dois enfoques paralelos de ajuda ao desenvolvimento - ajuda econômica para o crescimento e ajuda para os grupos socialmente vulneráveis - foi replicada na política de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo. Isto teve implicações críticas para as mulheres destes países, pois a ajuda econômica internacional, que priorizava o apoio governamental à produção industrial e agrícola de capital intensivo para acelerar o crescimento, se centrava no fortalecimento da capacidade produ-

⁶³MOSER, Caroline O. N. *La Planificación de Género en el Tercer Mundo: Enfrentando las Necesidades Prácticas y Estratégicas de Género*. in GUZMAN, V.; PORTOCARRERO, P. & VARGAS, V. *Una Nueva Lectura: Género en el Desarrollo*. Lima, Entre Mujeres/Flora Tristán, 1991. pp. 55-124. Excertos traduzidos do espanhol e adaptados brevemente por Ann Paula Portella.

trava da força de trabalho masculina. A ajuda para o bem-estar da família se dirigia às mulheres identificadas com os desvalidos e enfermos enquanto grupo "vulnerável" e era responsabilidade dos ministérios de bem-estar social, então marginalizados. As organizações não-governamentais participaram deste processo - e com ações orientadas por este enfoque - através da criação dos clubes de mães e as agências de cooperação com mandatos específicos para mulheres e crianças - como a UNICEF - através da criação de políticas específicas.

O enfoque do bem-estar se baseia em três pressupostos: 1. As mulheres são receptoras passivas do desenvolvimento; 2. A maternidade é o papel mais importante das mulheres na sociedade; 3. A criação das crianças é o seu papel mais efetivo em todos os aspectos do processo de desenvolvimento econômico. O método principal para a implementação dos projetos é a entrega direta de bens e quando se inclui capacitação é apenas levando em conta as habilidades consideradas adequadas para as donas de casa e mães que não trabalham fora de casa. A primeira e mais importante preocupação destes programas é a sobrevivência física da família mediante a provisão direta de ajuda alimentar a grupos vulneráveis.

Um segundo tipo importante de programa de bem-estar é o esforço internacional para combater a desnutrição no Terceiro Mundo - através não apenas de alimentos mas também de educação nutricional - dirigido a crianças menores de cinco anos, mães gestantes e que estão amamentando. Desde a década de 60, os Programas de Saúde Materno-Infantil têm distribuído alimentos e realizado educação nutricional. Ao vincular o alimento adicional para as crianças com a educação nutricional para as mães, os Programas de Saúde Materno-Infantil enfocam a diade mãe-filho e o papel reprodutivo das mulheres, assumindo que estas provisões adicionais lhes fará melhores mães.

A partir dos anos 70, a política do bem-estar social foi ampliada de modo a incluir o controle populacional através dos programas de planejamento familiar. Assim, de modo a responder ao "problema" da população mundial, as agências de desenvolvimento identificaram as mulheres, em seu papel reprodutivo, como as responsáveis primárias pela limitação do tamanho de suas famílias. Os primeiros programas assumiram que se poderia reduzir a pobreza simplesmente limitando a fecundidade através da difusão ampla de informação e tecnologia contraceptiva para as mulheres. Só o fracasso óbvio deste enfoque levou os "populacionistas" a reconhecer que variáveis relacionadas ao status das mulheres, tais como educação e participação na força de trabalho, podiam afetar os índices diferenciais de fertilidade e, conseqüentemente, deviam ser tomados em consideração.

Intrinsecamente, os programas de bem-estar identificam as mulheres, mais do que a falta de recursos, como o problema a ser tratado e colocam a solução para o bem-estar da família em suas mãos, sem questionar seu papel "natural". Ainda que a natureza destes programas - de cima para baixo e de provisão direta de bens - tenda a criar dependência mais do que favorecer a independência das mulheres, eles seguem sendo muito populares precisamente porque são politicamente tradicionais, por não questionarem o papel da mulher tradicionalmente aceito dentro da divisão sexual do trabalho. Estes pressupostos têm como resultado a exclusão das mulheres dos programas da maioria das agências de desenvolvimento, que provêm uma proporção significativa de recursos.

Ainda nos anos 70, este enfoque foi criticado por parte, principalmente, de três grupos. 1. De um grupo de pesquisadores dos Estados Unidos, integrado principalmente por mulheres, preocupado com a crescente evidência de que os projetos de desenvolvimento para o Terceiro Mundo estava afetando negativamente as mulheres. 2. Economistas e planejadores de desenvolvimento preocupados com o fracasso da teoria da modernização no Terceiro Mundo. 3. As mulheres reunidas na Conferência Anual Internacional de Mulheres que, formalmente, colocaram as mulheres na agenda e levaram a

que a ONU considerasse o período 75-85 como a Década da Mulher. Foi a partir destas críticas, geralmente identificadas como a abordagem MED, que os outros enfoques foram elaborados.

Enfoque da Equidade

Nos anos 70, alguns estudos mostravam que ainda que as mulheres fossem frequentemente as principais responsáveis pela produtividade básica de suas comunidades, não se fazia referência à sua contribuição econômica nas estatísticas nacionais nem no planejamento e implementação dos projetos de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, novos projetos de modernização, com novos métodos agrícolas e tecnologia sofisticada, afetavam negativamente as mulheres, retirando-lhes suas funções produtivas tradicionais e reduzindo seus salários, status e poder que tinham nas relações tradicionais.

Com base nestas evidências, o grupo de investigadores/as norte-americanos/as (MED) desafiou o pressuposto predominante de que a modernização traria a crescente igualdade de gênero, afirmando que os modelos de desenvolvimento capitalista dos países do Terceiro Mundo haviam exacerbado as desigualdades entre mulheres e homens. Este grupo teve uma grande influência na definição das políticas da USAID que, através da Emenda Percy à Ata de Ajuda Estrangeira dos Estados Unidos, exige que os países que receberem ajuda americana devem impulsionar a participação das mulheres nas economias nacionais de modo a melhorar seu status e contribuir para o processo de desenvolvimento.

O enfoque original de MED foi o enfoque da equidade, que reconhece que as mulheres, através de seus papéis produtivo e reprodutivo, são participantes ativas no processo de desenvolvimento e proporcionam uma contribuição muito importante, geralmente não reconhecida, ao crescimento econômico. Este enfoque parte do pressuposto básico de que as estratégias econômicas têm tido com frequência um impacto negativo sobre as mulheres e reconhecem que estas devem ser "incorporadas" ao processo de desenvolvimento mundial através do acesso ao emprego e ao mercado. Portanto, reconhece sua necessidade básica de gênero de se auto-sustentar financeiramente. Além disso, este enfoque se relaciona com os temas fundamentais da igualdade que transcendem o campo do desenvolvimento. Sua preocupação primária está ligada à relação entre mulheres e homens nas esferas pública e privada em todos os grupos sócio-econômicos. Identifica as origens da subordinação das mulheres, não apenas no contexto da família, mas também nas relações entre mulheres e homens no mercado.

Ao centrar-se na redução da desigualdade entre mulheres e homens, especialmente na divisão sexual do trabalho, o enfoque da equidade satisfaz uma importante necessidade estratégica de gênero. Este enfoque unifica as noções de desenvolvimento e igualdade e a sua lógica implícita é a de que as mulheres beneficiárias perderam terreno com relação aos homens no processo de desenvolvimento. Por isso, um novo processo de redistribuição teria que ser colocado em prática, de modo que as mulheres de todas as classes sociais saiam ganhando e os homens de todas as classes sociais saiam perdendo, através de políticas de discriminação positiva, cuja consequência lógica seria uma maior igualdade, acompanhada de um incremento no crescimento econômico.

A seleção do tema da Conferência do Ano Internacional da Mulher (1975), mostrou que o enfoque da equidade, apesar de sua identificação como "desenvolvimentista" refletia muito mais as preocupações feministas do Primeiro Mundo sobre a igualdade. Ainda que as delegações do Sul reconhecessem os problemas das mulheres, identificavam o desenvolvimento como a sua maior preocupação, argumentando que isso melhoraria o seu status. As delegadas dos países socialistas, por sua vez, mais preocupadas com a paz, indicavam o militarismo dos países capitalistas como responsável pelos problemas das mulheres. A articulação destas três preocupações resultou no grande tema da Igualdade, Desenvolvimento e Paz. O Plano de Ação desta conferência faz um chamado para a igualdade entre ho-

mens e mulheres, para a participação justa das mulheres nos benefícios do desenvolvimento e para o reconhecimento da necessidade de transformação no papel tradicional de homens e mulheres. Este plano fixou a agenda para a ação futura de governos e agências de desenvolvimento com a meta comum de integrar as mulheres ao desenvolvimento.

Apesar da retórica, os programas de equidade enfrentaram problemas desde o seu início. Metodologicamente, a falta de um indicador unificado do status social ou progresso das mulheres e de informações básicas sobre seu status social, econômico e político, significava que não havia parâmetros com relação aos quais se pudesse medir os êxitos. Politicamente, muitas agências de desenvolvimento se mostravam hostis aos programas de equidade, precisamente pela intenção destes programas de satisfazer as necessidades estratégicas de gênero, cujo êxito dependia de uma redistribuição do poder. Do ponto de vista das agências isto foi identificado como uma interferência inaceitável nas tradições de cada país. Os governos do Terceiro Mundo, por sua vez, demonstravam igual antipatia por este enfoque, legitimada pela crença de que o feminismo exportado do ocidente era irrelevante para as mulheres do Terceiro Mundo.

Diante deste clima de antagonismo, o enfoque da equidade foi efetivamente deixado de lado por muitas agências de desenvolvimento. No entanto, sua aprovação oficial em 1975, assegurou aos governos um marco importante para melhorar o status das mulheres através de legislação oficial. A meta da igualdade legal das mulheres - direito ao divórcio, custódia dos filhos, propriedade, crédito, voto e outros direitos de cidadania - tem sido aceita como uma base mínima consensual para se começar a discussão sobre temas mais controversos.

No entanto, modificar a legislação não indica que necessidades reais das mulheres sejam satisfeitas, já que não há garantias de implementação. As transformações práticas dependem basicamente da força política de grupos de mulheres organizadas. Finalmente, o enfoque da equidade foi construído para satisfazer as necessidades estratégicas através de medidas legislativas "de cima para baixo", sem considerar a necessidade de pressão política das mulheres no sentido inverso.

Enfoque Anti-Pobreza

É o segundo enfoque MED, no qual a desigualdade econômica entre mulheres e homens não está ligada à subordinação, mas à pobreza, transferindo assim a ênfase da redução da desigualdade entre mulheres e homens para a redução da desigualdade de rendimentos. Aqui, o problema da mulher está separado do problema da igualdade e ligado à preocupação particular da maioria das mulheres do Terceiro Mundo, em sua condição de "mais pobres entre os pobres". Esta é uma versão moderada do enfoque da equidade, construída de modo a enfrentar a resistência das agências de desenvolvimento em interferir na forma como se constroem as relações entre mulheres e homens em uma dada sociedade. Esta mudança coincide com o fim da Primeira Década de Desenvolvimento, que resultou infrutífera, e com a formulação de modelos alternativos de economia e desenvolvimento social do Terceiro Mundo.

No início dos anos 70, reconhecia-se que a teoria da modernização, com sua estratégia de crescimento acelerado baseada na maximização do PIB, havia fracassado tanto na redistribuição dos recursos quanto na solução dos problemas de pobreza e desemprego no Terceiro Mundo. Contra todas as previsões sobre os efeitos positivos do rápido crescimento econômico sobre o bem-estar social, os benefícios financeiros não foram "drenados" para os pobres. Uma das primeiras iniciativas "corretoras" deste fracasso foi o programa de emprego, a nível mundial, da OIT (Organização Internacional do Trabalho), no qual o emprego passa a ser um objetivo principal da política. Os trabalhadores pobres foram identificados como o grupo alvo que requeria atenção especial e o setor informal, com sua

Augusta capacidade autônoma de gerar emprego, como a solução. Em 1972, o Banco Mundial modificou oficialmente a sua preocupação por um crescimento econômico para a erradicação da pobreza absoluta e a promoção da redistribuição com crescimento. Aqui, o essencial era a estratégia das necessidades básicas, como comida, vestuário, habitação e combustíveis, assim como necessidades sociais, tais como educação, direitos humanos e a participação na vida social através do emprego e da inclusão política. As mulheres de baixa renda foram identificadas como um grupo meta para evitar a privação absoluta: primeiro, porque o fracasso da "drenagem" foi atribuído ao fato de que as mulheres foram ignoradas nos planos de desenvolvimento anteriores e, segundo, graças à tradicional importância das mulheres na satisfação de muitas das necessidades básicas da família.

O enfoque anti-pobreza se centra no papel produtivo das mulheres, assumindo que a redução da pobreza e a promoção de um crescimento econômico equilibrado requer uma maior produtividade das mulheres nos lares de baixa renda. Presente aqui está o pressuposto de que as origens da pobreza das mulheres e sua desigualdade com relação aos homens são atribuídas à sua falta de acesso à propriedade privada de terra e capital e à discriminação sexual no mercado de trabalho. Assim, basta aumentar as opções de emprego e a geração de renda para as mulheres pobres, através de um melhor acesso aos recursos produtivos.

Uma das principais críticas aos programas de emprego para mulheres é que eles teriam que modificar a divisão sexual do trabalho dentro de casa, o que implica em mudanças no equilíbrio de poder entre homens e mulheres dentro da família. Esta redistribuição é bastante reduzida nestes programas, já que estão centrados especificamente em mulheres de baixa renda e porque apresentam a tendência de estimular projetos em ocupações "femininas" ou projetos dirigidos particularmente para mulheres chefes-de-família.

Os projetos de geração de renda para mulheres têm proliferado desde a década de 70, mas geralmente são projetos de pequena escala, desenvolvidos por ONGs totalmente integradas por mulheres, que recebem doações mais do que financiamentos de agências de desenvolvimento. Em geral, buscam incrementar a produtividade em atividades tradicionalmente assumidas por mulheres mais do que introduzi-las em novas áreas e optam por projetos de produção rural mais do que projetos de serviços e distribuição, muito mais difundidos nas áreas urbanas de muitos países em desenvolvimento.

A capacidade de geração de renda destes projetos varia consideravelmente. Geralmente, no próprio desenho do projeto, são ignoradas as condições fundamentais para assegurar a sua viabilidade, incluindo o acesso à matéria-prima, garantia de mercados e capacidade de produção em pequena escala. Apesar do amplo reconhecimento das limitações do setor informal para gerar empregos e crescimento de forma evolutiva ou independente, os projetos de geração de renda para mulheres continuam sendo feitos como se as pequenas e micro empresas tivessem uma capacidade de crescimento autônomo.

Além disso, são frequentemente ignoradas as limitações particulares das mulheres trazidas pelas relações de gênero, como, por exemplo, a percepção da separação entre trabalho produtivo e reprodutivo e o equilíbrio entre o trabalho produtivo e as responsabilidades domésticas e de cuidados com as crianças. Em muitos contextos, limitações culturais restringem a capacidade das mulheres de se movimentarem livremente fora do terreno doméstico e, portanto, de competir em condições de igualdade com os homens que administram empresas similares. Nos casos em que os homens controlam as finanças da família, as mulheres não podem utilizar estes recursos a não ser que se lhes proporcione condições especiais. Finalmente, a tendência de distinguir entre projetos de micro empresas para homens e projetos de geração de renda para mulheres indica a atitude predominante de considerar o trabalho produtivo das mulheres como menos importante, assumindo-o como gerador secundário de renda ou para gastos pessoais.

Os projetos anti-pobreza podem proporcionar emprego às mulheres e, assim, satisfazer as suas necessidades práticas de aumentar a sua renda. Mas, a menos que o emprego conduza a uma maior autonomia, não satisfazem as necessidades estratégicas de gênero. Além disso, a ênfase no papel produtivo leva a que, frequentemente, estes projetos ignorem o papel reprodutivo das mulheres. Os projetos de geração de renda que assumem que a mulher tem muito tempo livre só fazem estender a jornada de trabalho da mulher e aumentar a sua tripla carga. A menos que também aliviem as mulheres da carga de trabalho doméstico e de cuidados com os filhos, através, por exemplo, de creches, é possível que estes projetos nem sequer consigam atingir a necessidade prática de conseguir um salário.

Enfoque da Eficiência

Este é o enfoque predominante entre aqueles que trabalham com a perspectiva MED. Aqui, a ênfase se desloca das *mulheres* para o *desenvolvimento*, sob o pressuposto de que uma maior participação econômica das mulheres está automaticamente vinculada a uma maior equidade. De acordo com a USAID, o Banco Mundial e a OCDE⁶⁴, por exemplo, o aumento da participação econômica das mulheres no desenvolvimento une a eficiência com a equidade.

Esta idéia tem sido amplamente criticada, juntamente com a identificação de problemas tais como falta de educação e tecnologias subprodutivas como as principais limitações para a participação das mulheres. A mudança da equidade para eficiência reflete o reconhecimento de que metade dos recursos humanos (e, portanto, econômicos) disponíveis para o desenvolvimento estavam sendo desperdiçados ou subutilizados. Apesar do fato de que a assim chamada "indústria do desenvolvimento" tenha tomado consciência de que as mulheres eram essenciais para o êxito dos esforços de desenvolvimento em seu conjunto, daí não derivou necessariamente a convicção de que o desenvolvimento devesse melhorar as condições de vida para as mulheres.

Este deslocamento para a eficiência coincidiu com uma marcada deterioração da economia mundial a partir de meados dos anos 70, especialmente na América Latina e na África, onde os problemas da recessão foram agravados pela queda dos preços de exportação, pelo protecionismo e pela crescente carga da dívida externa. Para aliviar a situação, um número crescente de governos nacionais implementaram políticas de estabilização econômica e ajuste elaboradas pelo Fundo Monetário Internacional-FMI e pelo Banco Mundial. Essas políticas, através do controle da demanda e da expansão da oferta, conduzem à recuperação de recursos para a restauração do equilíbrio da balança de pagamentos, ao incremento das exportações e a uma restauração nos índices de crescimento.

Com o incremento da produtividade e da eficiência, dos principais objetivos das políticas de ajuste estrutural, não é casual que a eficiência seja o enfoque que está ganhando maior popularidade na atualidade, tanto no nível das agências internacionais quanto entre os governos nacionais. Na realidade, este enfoque frequentemente significa apenas um deslocamento dos custos da economia remunerada para a não-remunerada, através do uso do tempo não pago das mulheres. Ainda que se coloque a ênfase na maior participação econômica das mulheres, isto traz implicações para os seus papéis reprodutivo e de gestão comunitária. Um exemplo disto são os projetos de construção de lugares coletivos, serviços e melhoramento com componentes de auto-gestão no setor de habitação, que agora incluem regularmente as mulheres em sua fase de implementação. Isto é resultado da necessidade de uma maior eficiência: não apenas são as mulheres, como mães, mais confiáveis que os homens no pagamento dos empréstimos para construção e tão capazes quanto eles na própria construção, como também enquanto gestoras comunitárias têm demonstrado um maior compromisso para assegurar a manutenção dos serviços.

⁶⁴Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico.

As políticas de ajuste estrutural definem as economias apenas em termos de bens e serviços de mercado e produção de efetivos para a subsistência, excluindo o trabalho reprodutivo das mulheres. Isso permite a estas políticas assumir que o trabalho não pago das mulheres pode ser estendido para atividades diversas tais como o cuidado das crianças, o abastecimento de combustível, o processamento de alimentos, a preparação de comida e a assistência aos enfermos. O não investimento em recursos humanos, em nome de uma maior eficiência nas políticas do FMI e do Banco Mundial, tem resultado em uma queda nos níveis salariais, em cortes severos nos gastos sociais com educação e saúde e cortes nos subsídios alimentares. Assume-se que estes cortes são amortecidos pela "elasticidade" do tempo e do tipo de trabalho das mulheres para incrementar a auto-produção de alimentos e alterar os hábitos de compra e os padrões de consumo.

Até pouco tempo, o ajuste estrutural era considerado um assunto econômico, apenas avaliado em termos econômicos. Apesar de seus custos sociais ainda estarem pouco sistematizados, os programas de ajuste estrutural revelam uma séria deterioração nas condições de vida das populações de baixa renda como resultado de uma queda nos níveis de renda. É também evidente a existência de um impacto diferenciado por gênero na distribuição de recursos no interior das famílias, com efeitos particularmente prejudiciais para a vida das mulheres e das crianças. A redução do acesso à saúde e à educação com frequência atinge mais as meninas do que os meninos. Do mesmo modo, a capacidade das famílias de carregar sobre os ombros a carga do ajuste pode ter efeitos prejudiciais para as relações humanas, expressos em uma maior violência doméstica, desordens na saúde mental e em um número crescente de mulheres chefes-de-família, como resultado da quebra da estrutura da família nuclear.

Boa parte dos programas baseados neste enfoque - mesmo aqueles que se baseiam na "política de custo humano", sugerida pelas agências do sistema ONU - se sustentam no tempo de trabalho não pago das mulheres de baixa renda. Este é o caso dos programas de intervenção nutricional e alimentação direta para os mais vulneráveis, em que as mulheres, como gestoras comunitárias, se responsabilizam pela distribuição eficiente dos serviços. Outros exemplos são os programas de distribuição de leite e os restaurantes populares. Estes casos ilustram como o enfoque da eficiência depende, em grande medida, a elasticidade - em termos de tempo e de diversidade de atividades - do trabalho das mulheres em seus papéis reprodutivo e de gestora comunitária e só satisfaz as necessidades práticas de gênero às custas de mais horas de trabalho e da elevação do trabalho não pago. Além disso, devido à redução de recursos, este enfoque tem como resultado uma séria redução no número de necessidades práticas de gênero satisfeitas.

Enfoque do Empoderamento

Este enfoque ainda não é amplamente reconhecido como um enfoque nem está documentado como tal, ainda que suas origens não sejam recentes. Superficialmente, ele poderia parecer com o enfoque da equidade e frequentemente se faz referência a um enfoque combinado de equidade-empoderamento. O enfoque do empoderamento se desenvolveu, em muitos aspectos, a partir da insatisfação com o enfoque original da equidade, a partir da abordagem MED, devido à sua conhecida apropriação dos enfoques anti-pobreza e eficiência. No entanto, o enfoque do empoderamento difere do da equidade não apenas em suas origens, como também na identificação das causas, dinâmicas e estruturas de opressão da mulher, e nas estratégias propostas para transformar a condição das mulheres.

As origens do enfoque do empoderamento estão nos escritos feministas e na experiência das organizações de base de mulheres do Terceiro Mundo. Reconhece que o feminismo não é simplesmente uma importação ocidental urbana de classe média recente, nem tampouco é uma imposição das Nações Unidas. Pelo contrário, o feminismo e o movimento de mulheres nestas regiões têm uma história

independente. Desde os finais do século XIX, o feminismo do Terceiro Mundo tem sido uma força importante de transformação, mas com uma participação maior das mulheres nas lutas nacionalistas e patrióticas, nas agitações da classe trabalhadora e rebeliões camponesas, do que na formação das organizações autônomas de mulheres.

O enfoque do empoderamento reconhece as desigualdades entre mulheres e homens e situa suas origens na família, mas também enfatiza o fato de que as mulheres experimentam a opressão de maneira diferente de acordo com sua raça, classe, história e posição atual na ordem econômica internacional. Por isso, sugere que as mulheres devem enfrentar simultaneamente estruturas e situações opressivas em diferentes níveis.

O enfoque do empoderamento questiona um dos pressupostos fundamentais relacionados com a interrelação entre poder e desenvolvimento, implícito nos enfoques anteriores. Apesar de reconhecer a importância das mulheres aumentarem o seu poder na sociedade, identifica este poder menos em termos de dominação sobre os outros (com o pressuposto implícito de que um ganho para as mulheres implica em uma perda para os homens) e mais em termos da capacidade das mulheres de incrementar a sua própria auto-confiança na vida e interferir na direção da mudança, através da habilidade de obter controle sobre recursos materiais e não-materiais fundamentais. Comparado com o enfoque da equidade, coloca menos ênfase em elevar o status das mulheres com relação aos homens, mas procura dar poder às mulheres através da redistribuição do poder entre sociedades e no interior de cada uma delas. Também questiona os dois pressupostos subjacentes ao enfoque da equidade: primeiro, que o desenvolvimento necessariamente ajuda a todos os homens e, segundo, que as mulheres querem ser "integradas" à corrente principal do desenho ocidental do desenvolvimento, na qual não têm oportunidade de definir o tipo de sociedade que desejam.

A seguir, apresentamos uma breve descrição do enfoque do empoderamento, formulada pela articulação internacional de mulheres DAWN (Alternativas de Desenvolvimento com Mulheres para uma Nova Era), em 1985:

"Queremos um mundo onde não exista desigualdades baseadas em classe, raça e gênero em nenhum país nem na relação entre os países. Queremos um mundo onde as necessidades básicas se convertam em direitos básicos e onde a pobreza e todas as formas de violência sejam eliminadas. Cada pessoa terá a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial e criatividade e os valores femininos de nutrição e solidariedade caracterizem as relações humanas. Em um mundo como esse, o papel reprodutivo das mulheres será redefinido: o cuidado com as crianças será compartilhado com os homens, as mulheres e a sociedade em geral... Apenas aprofundando os vínculos entre a igualdade, o desenvolvimento e a paz podemos mostrar a intrínca relação que existe entre os direitos básicos dos pobres e as transformações das instituições que subordinam as mulheres; o que só pode ser alcançado através do auto-empoderamento das mulheres".

Usando o tempo como parâmetro básico para a transformação, DAWN distingue entre estratégias de longo e curto prazo. São necessárias estratégias de longo prazo para quebrar as estruturas da desigualdade de gênero, classe e raça. Entre os requisitos fundamentais para este processo estão a libertação nacional da dominação colonial e neocolonial, uma mudança nas estratégias de exportação agrícola e um maior controle sobre as atividades das multinacionais. As estratégias de curto prazo incluem a criação de meios para responder às crises atuais que ajudem as mulheres na produção de alimentos, através da promoção de uma base agrícola e do emprego nos setores formal e informal.

As estratégias de curto prazo correspondem às necessidades práticas de gênero e as de longo prazo contêm uma agenda muito mais ampla que as necessidades estratégicas de gênero. Esta nova era

também requer a transformação das estruturas de subordinação das mulheres. São essenciais mudanças na lei, nos códigos civis, nos sistemas de direito à propriedade, controle sobre o corpo das mulheres, códigos trabalhistas e instituições sociais legais que garantem o controle e o privilégio masculino, para que as mulheres alcancem a justiça social. Estas necessidades são semelhantes àquelas identificadas pelo enfoque da equidade. Os meios de chegar até elas é que diferem radicalmente de um enfoque para o outro. No empoderamento, há o reconhecimento de que suas estratégias não serão implementadas sem o esforço sustentado e sistemático das organizações de mulheres e grupos similares, que podem utilizar não apenas as mudanças legais, como também a mobilização política, a conscientização e a educação popular. Aqui, se reconhece o triplo papel das mulheres e busca-se, através das organizações de mulheres de baixo para cima, conscientizar as mulheres para que desafiem a subordinação. Apesar de reconhecer a valiosa contribuição de diferentes tipos de organizações de mulheres, o enfoque do empoderamento busca atingir as organizações mais tradicionais divulgando fortemente a agenda feminista.

Obter o poder através da organização tem sido um lento processo impulsionado pela Década da Mulher, no qual têm se desenvolvido diversas organizações, movimentos, redes e alianças de mulheres, que cobrem uma multitudine de temas e propósitos, com interesses comuns que vão desde o desenvolvimento internacional até a transformação de legislações nacionais. Todas compartilham o compromisso similar com o empoderamento das mulheres e uma preocupação em rejeitar as estruturas burocráticas rígidas em favor de outras abertas e não hierárquicas, ainda que não sejam formas mais eficientes de organização. A natureza potencialmente desafiante do empoderamento tem levado a que iniciativas baseadas neste enfoque permaneçam sem apoio, seja por parte dos governos ou das agências de desenvolvimento. Apesar da grande difusão dos grupos e organizações, estes se mantêm subfinanciados, apoiados no trabalho voluntário das feministas e dependente dos recursos de ONGs e governos do Primeiro Mundo.

Texto de Apoio Nº 13

Para os exercícios nº 22: Incorporação da Abordagem de Gênero em Projetos
nº 23: Já Trabalho com Mulheres e Gênero. E Daí?
nº 28: Mulheres e Homens na Minha Comunidade
nº 39: Por Onde Começar um Trabalho com Mulheres?

PLANEJAMENTO E ANÁLISE DE GÊNERO: A MATRIZ DE CAROLINE MOSER

Cândida March⁶⁵

Existem várias matrizes de análise e planejamento em gênero e todas possuem conceitos e instrumentos que indicam um determinado modo de entender a realidade. Elas têm várias finalidades, dentre as quais podemos destacar:

- Ser um instrumento analítico que examina as dinâmicas de uma dada situação ou grupo;
- Ser um instrumento para planejamento e visualização de processos, auxiliando desta forma a tomada de decisão;
- Ser instrumento de monitoramento e avaliação.

Das várias matrizes e abordagens para o planejamento em gênero iremos apresentar aqui a Matriz de Caroline Moser, em função de seus pressupostos políticos e também da amplitude de sua utilização, já que se adequa tanto para planejamentos macros (de programas) como de projetos. Segundo Moser, “a meta do planejamento em gênero é a emancipação das mulheres de sua subordinação e levá-las a alcançar a igualdade, a justiça e o empoderamento”⁶⁶. De modo sintético podemos trabalhar essa matriz a partir dos seguintes instrumentos:

Instrumento 1: Identificação dos papéis de gênero

Objetiva construir um quadro demonstrativo da divisão sexual do trabalho, ou seja, “quem faz o quê”. São conceitos centrais para o desenvolvimento deste quadro:

Papel reprodutivo: São as responsabilidades de gestação e criação dos/as filhos/as e as tarefas domésticas - na grande maioria das vezes realizadas por mulheres - necessárias para assegurar a manutenção e a reprodução da força de trabalho. Não só inclui a reprodução biológica como também a manutenção da força de trabalho (marido/companheiro e filhos/as trabalhadores/as) e a futura força de trabalho (crianças e meninos/as em idade escolar).

Papel Produtivo: É o trabalho feito pelo homem e pela mulher e que produz bens ou serviços, geralmente em troca de uma remuneração⁶⁷. Inclui a produção comercial como um valor de troca e a produção de subsistência/doméstica como um valor de uso real e um valor de troca potencial.

⁶⁵ Adaptado por Taciana Gouveia, para fins didáticos, de March, Cândida. Um Paineel de Instrumentos e Conceitos para análise e Planejamento de Gênero. OXFAM-UK Ireland Gender and Learning Team, 1996.

⁶⁶ Moser, Caroline. Planificación de Género y Desarrollo. Teoría e Práctica. Lima, Flora Tristan, 1995.

⁶⁷ Há trabalhos produtivos e não remunerados, como, por exemplo, muitas atividades agrícolas realizadas pelas trabalhadoras rurais, como o beneficiamento de produtos (leite, frutas, mel etc) que são consumidos pela família.

Papel na Gestão Comunitária: São as atividades empreendidas, sobretudo pelas mulheres, no âmbito comunitário, como uma extensão do seu papel reprodutivo, para assegurar a provisão e a manutenção dos escassos recursos de consumo coletivo como a água, a saúde e a educação. Este é um trabalho voluntário não remunerado, realizado no "tempo livre" das mulheres.

Papel na Política Comunitária: São as atividades empreendidas principalmente pelos homens no âmbito comunitário, organizado no nível da política formal e frequentemente dentro do marco das políticas nacionais. Este pode ser considerado um trabalho remunerado, seja direta ou indiretamente, através do status e do poder

Mulheres e homens se envolvem, em maior ou menor grau nas três áreas de trabalho. Na maioria das vezes, os homens não desenvolvem trabalhos reprodutivos, que ficam quase em sua totalidade a cargo das mulheres. Estas, por sua vez, em quase todas as sociedades realizam também trabalhos produtivos.

A partir de tal constatação, Moser desenvolveu o conceito de triplo papel querendo com ele referir-se às ações das mulheres nas esferas produtiva, reprodutiva e de gestão comunitária. Este conceito pode ter como consequência a visibilização de que a carga de trabalho das mulheres pode ser um fator que dificulte a participação delas no desenvolvimento de projetos.

O Perfil de Atividades⁶⁸ pode ser um instrumento útil para a identificação dos papéis e funções de mulheres e homens numa dada comunidade (as informações contidas no quadro são exemplos e devem ser adaptadas à realidade que se pretende atuar):

Tipos de Atividades	Mulheres	Homens
Atividades produtivas		
plantar		
colher		
hortas domésticas		
artesanato e venda		
reflorestação		
criação de animais		
cavar		
adubar		
outros		
Atividades reprodutivas		
cozinhar		
lavar		
passar		
levar as crianças à escola		
recolher lenha		
buscar água		
cuidar dos doentes		
arrumar casa		
ensinar as crianças		
outras		
Atividades sócio políticas		
reunião de sindicato		
distribuição do tiquete do leite		
reunião da associação de moradores		
festas		
ir à igreja		
mutirão de construção de muro de arrimo		
reunião da escola		
outros		

⁶⁸ Este instrumento faz parte do Marco Analítico de Harvard, que é diferente do de Caroline Moser, mas pode a ele ser agregado. Para obter mais informações sobre marcos analíticos de gênero, ver Suzanne Williams (com Janet Seed e Adelina Mwau). The Oxfam Gender Training Manual. Oxford, Oxfam, 1995.

Instrumento 2: Diagnóstico das necessidades de Gênero

Objetivo: identificar as necessidades de mulheres e homens e como podem ser afetadas por um determinado projeto. Moser desenvolveu o seguinte esquema analítico-conceitual:

Necessidades de Gênero: As mulheres têm necessidades particulares que diferem das dos homens, não só pelo seu triplo papel, como também pela sua posição subordinada em relação aos homens. É útil distinguir dois tipos de necessidades:

Necessidades Práticas de Gênero (NPG): São as necessidades que as mulheres identificam em seus papéis socialmente aceitos. As NPG são uma resposta às necessidades imediatas, identificadas dentro de um contexto específico. São de natureza prática e frequentemente se relacionam com as deficiências nas condições de vida, como o abastecimento d' água, a saúde e o emprego.

Necessidades Estratégicas de Gênero (NEG): São aquelas que as mulheres identificam em função de sua posição subordinada na sociedade. Variam segundo os contextos particulares relacionados com as divisões do trabalho por gênero, o poder e o controle, e podem incluir assuntos como direitos legais, a violência doméstica, a igualdade de remunerações e o controle da mulher sobre o seu próprio corpo. Atender às necessidades estratégicas de gênero ajuda a mulher a conseguir uma maior igualdade e transformar os papéis existentes e, assim sendo, desafia a posição subordinada da mulher.

Instrumento 3: Dados específicos no plano da unidade familiar

Objetiva conhecer e analisar a distribuição de recursos dentro da unidade familiar, quem os controla e como são tomadas as decisões. Pode-se utilizar aqui o Perfil de Acesso e Controle de Recursos e Benefícios⁹⁹.

	Acesso		Controle	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
A. Recursos				
terra				
equipamento				
mão-de-obra				
dinheiro				
educação				
capacitação				
outros				
B. Benefícios				
rendimentos externos				
bens próprios				
necessidades básicas (alimentação, vestuário, moradia)				
educação				
poder político				
prestígio				
outros				

⁹⁹ Este instrumento faz parte do Marco Analítico de Harvard, que possibilita análise de projetos e contextos sobre as mulheres e o desenvolvimento. Ver nota anterior.

Os conteúdos desta tabela são apenas ilustrativos, cada situação específica define os seus próprios elementos. As colunas mostram quais recursos e benefícios são acessados e controlados por homens, mulheres ou por ambos. Ter acesso significa apenas o potencial de utilizá-lo, enquanto que quem tem o controle é aquele/a que tem poder de decisão sobre o seu uso; como, quando, por quem, para que resultado será utilizado.

***Instrumento 4: Enfoques Políticos para as análises Mulher e Desenvolvimento e Género e Desenvolvimento*¹⁰**

Após conhecer a realidade e necessidades de mulheres é importante que se identifique também os diferentes tipos de abordagens políticas que estão pressupostas nos projetos de desenvolvimento. Isto permite reconhecer se tais projetos possibilitam a transformação da posição de subordinação das mulheres e se atendem ou não às suas necessidades práticas e estratégicas. Como afirma March “é um instrumento de avaliação para examinar qual é a abordagem mais favorável num projeto, programa ou política existentes e pode ser usado para ponderar sobre o que seria mais adequado numa situação futura. Examinar as abordagens da política pode ajudar a antecipar algumas fraquezas, limitações e possíveis enganos”¹¹. Os enfoques trabalhados por Moser são os seguintes:

Bem-Estar: Desenvolvido e majoritário no período de 1950-1970. O seu propósito é o de integrar as mulheres ao desenvolvimento aprimorando o seu papel de mães. As mulheres são vistas como receptoras passivas da ajuda. O papel reprodutivo é enfatizado e procura satisfazer as necessidades práticas de género relativas a este papel através de apoio e ajuda alimentar, medidas contra a subnutrição e planeamento familiar. Não traz nenhuma ameaça ou desafio, sendo por isto extremamente popular.

Equidade: Foi desenvolvido e utilizado mais frequentemente entre 1976-1985. O seu objetivo é conseguir justiça para as mulheres, que aqui são vistas como participantes ativas do processo de desenvolvimento. Reconhece o triplo papel das mulheres e procura satisfazer as necessidades práticas de género através de uma intervenção estatal direta, dando às mulheres autonomia política e económica, reduzindo assim a desigualdade com relação aos homens. É criticado por alguns como feminismo ocidental e considerado ameaçador e impopular junto aos governos.

Anti-Pobreza: É uma versão moderada do enfoque da equidade e é utilizada desde 1970 até os dias de hoje. Seu objetivo é tornar as mulheres pobres mais produtivas, na medida em que a condição de pobreza em que vivem é vista como um problema do subdesenvolvimento e não da subordinação das mulheres aos homens. Busca atuar em relação ao papel produtivo das mulheres geralmente através de ações ou projetos de geração de renda em pequena escala. Muitas ONGS adotam este enfoque.

Eficiência: É o enfoque que predomina nos dias atuais, principalmente a partir das crises da dívida externa durante os anos 80. O seu objetivo é garantir um desenvolvimento mais eficiente e efetivo através da contribuição económica das mulheres. Procura satisfazer as necessidades práticas de género atuando sobre o triplo papel das mulheres. Estas são vistas em termos de sua capacidade de compensar o declínio das políticas e serviços sociais através do alargamento de seu dia de trabalho.

Empoderamento: É o enfoque mais recente e foi elaborado pelo movimento de mulheres do terceiro mundo. O seu objetivo é o empoderamento das mulheres. Considera que a causa da subordinação das mulheres se dá não apenas em função da opressão masculina, mas também devido à opressão colonial

¹⁰Esta é uma versão resumida. Para maiores informações ver texto 12.

¹¹March, Candida. Um Painel de Instrumentos: Conceitos e Quadros para Análise e Planeamento de Género. OXFAM UK - Ireland gender and Learning Team, 1996.

e neo-colonial. Destaca ainda que a opressão das mulheres é perpassada também pelas questões de classe, raça/etnia e idade, sendo, portanto, necessário realizar ações que trabalhem com todos estes níveis. A questão do poder é central neste enfoque, ou seja, é fundamental interferir na desigualdade de poder existente entre mulheres e homens. Reconhece o triplo papel desempenhado pelas mulheres e trabalha na perspectiva da satisfação das necessidades estratégicas de gênero, tendo a mobilização e organização das mulheres com uma condição básica para o alcance de seus objetivos.

Texto de Apoio Nº 14

Para os exercícios nº 12: Cotidiano
nº 18: Gênero e Família

RELAÇÕES DE GÊNERO E FAMÍLIA

Ana Paula Portella

Introdução

De acordo com os trabalhos que vocês fizeram nos pequenos grupos, nós pudemos ver que existem diferentes tipos de família. Apenas neste nosso curso, nós temos família de três membros - pai, mãe e filha - bastante semelhante ao padrão urbano de família; e uma família com 17 membros - o que lembra o padrão tradicional rural. Temos ainda uma família em que duas mulheres são chefes-de-família e que ainda são responsáveis pela manutenção de uma outra residência. Estes exemplos nos indicam que as formas de família são muito variadas. Na verdade, esta situação é assim desde o início da vida humana e está sempre relacionada com as duas atividades sem as quais nenhum grupo humano é capaz de sobreviver: a reprodução - fazer nascer pessoas para substituir as que morrem - e a produção de alimentos para fazer crescer e continuar vivendo aquelas que nasceram. Agora vamos dar alguns exemplos de como a família pode se organizar.

Quando Não Há Família

Há muitos e muitos anos atrás, os grupos humanos viviam de uma maneira muito diferente da nossa. Chamamos esse tempo do tempo das sociedades "primitivas". Os homens e as mulheres andavam juntos, em grandes grupos. Não havia cidades e nem mesmo casas. As pessoas viviam quase como animais: procurando lugares onde existisse água e comida, abrigos contra o frio e o calor e se defendendo das ameaças à sua sobrevivência - animais selvagens, tempestades, secas etc. Para comer, estes grupos se utilizavam de duas atividades: a caça e a pesca e a coleta de frutos. Assim, encontravam lugares onde havia abundância de uma certa fruta ou de certos animais: ali se deixavam ficar até que as frutas e os animais acabassem. E então iam embora procurar outro lugar onde houvesse alimento. Por conta dessas idas e vindas, desse nunca parar em lugar nenhum, é que chamamos esses povos de nômades. Ainda hoje existem muitos grupos humanos que vivem dessa forma, aqui na América Latina, na Ásia, na África e na Austrália.

Nesse período, a vida era muito dura e muita gente morria por causa disso. Era um tempo em que o mais forte sobrevivia e o mais fraco era deixado de lado. E o importante era fazer com que o grupo como um todo sobrevivesse. Todos tinham que fazer o mesmo esforço pela sobrevivência coletiva e, por isso, as atividades eram divididas de acordo com a capacidade física de cada um: os mais fortes caçavam os animais mais ferozes, outros se encarregavam da pesca, as crianças participavam de todas as atividades de uma maneira mais leve e os velhos eram responsáveis pelo cuidado com os pequenos. As mulheres, se não estivessem amamentando, também exerciam atividades de acordo com a sua força física individual. Em um mundo onde as pessoas morriam com facilidade e onde era preciso lutar tanto para sobreviver, a família não podia ter muita importância. Primeiro, porque não podia se saber direito quem era o pai de que filho. Depois, não havia casamento: as uniões eram livres e duravam tanto tempo quanto durasse o interesse de um pelo outro. E, por fim, todo o grupo cuidava de todas as crianças. E assim, podemos dizer que nesse tipo de organização social não existe família.

Porque não existe divisão entre o trabalho produtivo - a coleta, a caça e a pesca - e o reprodutivo - cuidar com as crianças, com os velhos, com o alimento, a roupa, a moradia. Todos faziam um pouco de tudo, em nome do bem de todo mundo.

As Primeiras Formas de Organização Familiar

Mas, aos poucos, alguns grupos humanos sentiram a necessidade de criar melhores condições para a sua própria sobrevivência. A partir da observação da natureza, homens e mulheres puderam perceber que as plantas tinham sementes e que, uma vez colocadas na terra e tratadas de maneira adequada, elas podiam crescer e dar os frutos para a sua alimentação. Essa foi a descoberta que permitiu a criação da agricultura - que talvez seja a invenção mais importante da humanidade. Plantar e colher foram as atividades que levaram homens e mulheres a se estabelecerem em um lugar fixo e, portanto, deixarem de ser nômades. Agora, já não era preciso sair correndo em busca dos lugares onde havia alimentos; agora, o alimento podia ser plantado e a sua produção podia ser controlada. Agora, nós podemos dizer que estes grupos realmente produziam.

Alguns estudiosos dizem que foram as mulheres as responsáveis pela criação da agricultura. Já que muitas delas ficavam muito tempo junto com as crianças, paradas em um mesmo lugar, à espera que os outros voltassem da caça, elas tiveram mais tempo para observar os processos naturais e experimentar novas atividades. Foram elas também que começaram a produzir os primeiros recipientes para guardar os alimentos e, assim, inventaram a cerâmica. A cerâmica é também uma invenção fundamental para a humanidade, pois foi ela que permitiu que as pessoas armazenassem os alimentos que sobravam da colheita para que pudessem alimentar o grupo nos períodos em que não havia alimento. E, assim, também ajudou as pessoas a se fixarem num lugar.

É nestas sociedades que, pela primeira vez, podemos falar em organização familiar. Acredita-se que o fato de se morar em um mesmo lugar por muitos e muitos anos foi dando às pessoas um sentimento de coletividade bem diferente daquele dos nômades. Os grupos puderam, então, se colocar nomes, criar uma história passada para si mesmos e, cada vez mais, se compreender como sendo diferentes de outros grupos. E aí passou a ser importante dizer que se pertencia a esse ou aquele grupo, ou seja, quem era filho de que grupo. E então aparecem as primeiras famílias, que são ainda muito diferentes das nossas. São grandes famílias, onde não se sabe exatamente quem é o pai das crianças, mas apenas quem é a mãe. E muitas destas famílias são formadas, portanto, por mulheres e muitos filhos e o homem da casa pode ser um irmão da mulher. Os cuidados com as crianças, com os velhos, com a alimentação são um pouco mais divididos agora. Como as mulheres cuidam da agricultura e a roça é perto de casa, elas vão, pouco a pouco, assumindo a responsabilidade com estas coisas.

O Que Muda Quando Surgem as Cidades

Mas é com a organização das primeiras cidades que estas tarefas vão ser realmente divididas. Nas cidades, o próprio espaço onde as pessoas vivem passa a ser também dividido. Assim, existem as casas onde moram as famílias, existem as roças onde se planta, existem os lugares onde se realizam cultos religiosos, os lugares onde algumas pessoas se reúnem para decidir sobre a administração da coletividade, os lugares onde se armazenam e comercializam alimentos etc. A vida vai se tornando mais complexa, o grupo social vai se ampliando também devido à melhoria das condições de vida. As pessoas passam a viver um pouco mais, porque agora moram em casas e podem se proteger melhor do frio e do calor. Já é possível também controlar melhor a fome através do armazenamento de alimentos. E passa-se a produzir outras coisas fora de casa, como roupas, calçados, a própria cerâmica, tijolos etc.

Em muitas destas primeiras cidades, contudo, existia a escravidão. Não eram, portanto, sociedades igualitárias. E o que acontecia com a família em sociedades como estas? Nas famílias livres, cada vez mais foi se separando o lugar da casa e o lugar do trabalho na rua. E cada vez mais as mulheres foram ficando em casa para cuidar das crianças pequenas e se responsabilizaram mais e mais pela administração doméstica. Os homens agora podiam trabalhar em coisas diferentes: além da roça, havia coisas como a administração pública, os ofícios religiosos, o comércio. E então eles foram cada vez mais tendo que sair de casa para trabalhar, passando mais tempo fora e, aos poucos, já não tinham relação com o trabalho doméstico. A casa era da mulher, a rua era do homem. Na casa, se fazia o trabalho reprodutivo e na rua, o produtivo.

Na casa as mulheres cozinhavam, arrumavam, lavavam as roupas, passavam, costuravam, cuidavam das crianças e dos velhos; faziam tudo aquilo que os homens precisavam para poder trabalhar e que não podiam fazer justamente porque passavam o dia inteiro fora, trabalhando. Mas, além disso, as mulheres muitas vezes tinham uma roça no fundo do quintal ou faziam panelas e vasos de cerâmica ou tapetes, colchas, lençóis etc. Praticavam a agricultura, faziam cerâmica e artesanato.

Na rua, os homens trabalhavam, mas também administravam a cidade, faziam política, cuidavam do dinheiro coletivo através do comércio, oficiavam os cultos religiosos. Foram, com isso, adquirindo maior poder do que as mulheres. Porque, nestes lugares, eles podiam tomar decisões sobre o destino da coletividade e, em casa, as mulheres trabalhavam isoladas umas das outras e não poderiam, portanto, fazer o mesmo. E o poder que o homem exercia na rua, passou a exercer em casa também, passou a dar as ordens para a mulher, para os filhos, para as pessoas mais velhas, para os empregados ou escravos, se houvesse. Em Roma, por exemplo, é nessa época que se institui aquilo que chamamos do Pai de Família, ou seja, aquele que é o pai de toda a família e que, portanto, é responsável por todos os seus membros, tendo o dever de decidir em nome de todos.

Mas entre os escravos a situação era completamente diferente. O escravo é aquela pessoa que pertence a outra pessoa e que, logo, não tem vontade própria. E como ele não tem vontade própria e não é dono de si mesmo, não importa de onde ele veio ou para onde ele vai. O seu dono lhe arranca de sua família original, lhe coloca para trabalhar em sua casa ou em grandes plantações e lhe dá para morar um lugar onde vivem outras pessoas que também foram retiradas de seus lugares de origem. E se os escravos constituem família entre si, ela pode também ser destruída a qualquer momento: basta o dono querer vender cada pessoa para um lugar diferente. Assim, podemos dizer que entre os escravos não há família ou, devido às condições em que vivem, não é possível organizar uma família.

O Mundo Público e o Mundo Privado

Essa situação se complexifica mais ainda com o surgimento das fábricas. Agora, o lugar do trabalho é mesmo fora de casa e as cidades estão cada vez maiores. Por outro lado, já existe o Estado e já se faz política de um jeito diferente: o Estado é o lugar que administra a vida da coletividade e, como ela está cada vez mais complexa, é preciso que algumas pessoas se dediquem exclusivamente a isto. Assim, forma-se a arena política. Da mesma forma, o comércio se amplia e podemos, então, dizer que forma-se um grande mercado. O mercado e política, juntos, vão constituir aquilo que chamamos de espaço público ou esfera pública. É o mundo da rua, o mundo da produção, o mundo onde o nosso comportamento é regido por uma lei que é igual para todos. Ou para quase todos, porque mesmo nesta esfera pública há diferenças: existem os ricos e os pobres, os negros e os brancos, os patrões e os trabalhadores e... os homens e as mulheres.

E onde estão as mulheres? Elas estão em casa, é verdade, e continuam a fazer tudo aquilo que já vinham fazendo antes. Mas estão no mundo do mercado também: elas continuam a trabalhar na

agricultura, como sempre fizeram, e agora são também operárias. Mas não estão na política, a elas não foi dado o direito de participar das decisões que orientam a vida coletiva. E no mercado estão nos postos inferiores, não são patroas, mas simples trabalhadoras. E por que isto? É muito difícil encontrar uma única razão para esta situação. Esta é uma situação que foi se configurando aos poucos, muito lentamente, ao longo de muitos séculos. Mas podemos dizer que, ao mesmo tempo que a esfera pública ia se formando, uma outra esfera também ia se construindo: a esfera privada. Este é o mundo da casa, o mundo doméstico, o mundo da reprodução, onde não há lei que oriente o comportamento das pessoas, a não ser a lei do chefe da casa: o homem. E a mulher vai ser vista como alguém que pertence principalmente à esfera privada, embora trabalhe fora. É ela quem cuida das crianças, é quem engravida, é ela quem tem os bebês, quem amamenta, quem faz a comida, a roupa etc. É ela quem se responsabiliza por todas as coisas que permitem as pessoas trabalharem, ela cria as condições para os seres humanos se reproduzirem: acordarem de manhã e poderem comer, por uma roupa limpa, chegar em casa e ter uma cama forrada para dormir. Sem isso, as pessoas não poderiam trabalhar no dia seguinte e produzir o alimento que todos necessitam. É como se esse fosse o mundo dela, e como esse é o seu mundo ela nem precisa se preocupar nem participar do outro mundo, o público.

E a família vai ficando cada vez menor. A vida está mais difícil: as pessoas precisam trabalhar muitas horas para ganhar o suficiente para sobreviver, então não se pode ter muitos filhos. E já não se pode morar muitas famílias numa casa só, a despesa é maior. Os adultos têm que ficar muitas horas fora de casa e fica difícil cuidar de muitas crianças pequenas. Assim, forma-se a partir deste momento, aquilo que chamamos de família nuclear: um homem, uma mulher, os filhos, dentro de uma casa em uma cidade.

E no Brasil?

Mas este é apenas um tipo de família. Se olharmos para o Brasil, por exemplo, o que encontramos? Entre os índios, existem muitas formas de família, dependendo da tribo. Entre os antigos escravos, a família era desagregada. Entre os antigos colonizadores, os portugueses, era comum as famílias muito grandes, já que havia muita terra para colonizar e se precisava de gente para fazer isto.

Atualmente, a diversidade das formas de organização familiar é ainda maior. Existem, é claro, as famílias nucleares, que vivem principalmente nas cidades. Mas existem ainda as grandes famílias, como as dos portugueses, especialmente no campo, como pudemos ver no quadro do grupo 7. Há aquelas em que as chefes são mulheres, como a família do grupo 1. Hoje em dia, muitos casais se separam e depois os homens e mulheres casam novamente e aí aparece uma nova família: uma mãe com seus filhos casa com um homem que também tem filhos e, depois de algum tempo, os dois resolvem ter mais filhos. Existem homens que moram sozinhos com seus filhos. E existem ainda os casais de homossexuais - mulheres e homens - que vivem com os seus próprios filhos de casamentos anteriores ou adotam crianças.

Isto é um reflexo da diversificação da nossa sociedade, onde cada vez mais existem grupos diferenciados, que pensam diferente uns dos outros, que vivem em contextos diferentes e que, portanto, vivem de forma diferente. Mas, mesmo com toda essa variedade de famílias, ainda é a mulher quem tem se responsabilizado principalmente pelo trabalho doméstico. Ela ainda é vista como pertencendo ao mundo privado, embora, como em todas as épocas, ela esteja todo o tempo no mundo público: trabalha, faz política, se diverte, participa de grupos religiosos etc. Mas a nossa sociedade ainda acredita que o mundo público é masculino e o mundo privado é feminino; que o mundo da produção - o trabalho e a política - é masculino e que o mundo da reprodução - as tarefas domésticas e de cuidados com os outros - é feminino.

Jogo de Transparências nº 01

Para o exercício nº 28: Mulheres e Homens na Minha Comunidade

DADOS SOBRE MULHERES E HOMENS NAS COMUNIDADES⁷²

Contexto Urbano

Quadro 1- Principais Problemas da Cidade

Saneamento básico	36%
Desemprego	24%
Violência/Segurança	24%
Outros	16%

Quadro 2 - Principais Problemas da Cidade para as Mulheres

Desemprego	42%
Discriminação/preconceito	15%
Violência/segurança	08%
Ausência de equipamentos de consumo coletivo	08%
Outros	27%

Quadro 3 - Principais Problemas da Cidade para os Homens

Desemprego	82%
Machismo	13%
Outros	05%

⁷²Camurça, Sílvia & Gouvêa, Taciana Cidade Cidadania. Um Olhar a partir das Mulheres, Recife, SOS CORPO, 1995. Os dados são baseados em respostas de mulheres da cidade do Recife sobre a

Contexto Rural

Lista 1 - Principais Problemas da Comunidade Produtiva

Acesso à terra e moradia
Falta de cumprimento das leis trabalhistas
Baixa remuneração
Transporte e estradas
Política agrícola

Lista 2 - Principais Problemas Enfrentados pelas Mulheres

Tripla jornada de trabalho
Falta de identidade como trabalhadora rural
Violência no trabalho (física e moral)
Discriminação social e salarial

Lista 3 - Principais Problemas Enfrentados pelos Homens

Posse da terra
Falta de trabalho
Pouco conhecimento dos aspectos técnicos do cultivo e da pecuária
Iniciação precoce na força de trabalho

Jogo de Transparências nº 02

Para os exercícios nº 32: O Jogo do Diamante
nº 33: O Jogo do Empoderamento

QUADRO SINÓPTICO I: OS DIFERENTES ENFOQUES DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES NO TERCEIRO MUNDO⁷³

Temas	Bem-Estar	Equidade	Anti-Pobreza	Eficiência	Empoderamento
ORIGENS	1º enfoque: - Modelo residual do bem-estar social da submissão colonial - Modernização e modelo de crescimento econômico acadêmico	Enfoque de MED original: - Fracasso da política de modernização - Influência das feministas do 1º Mundo sobre as resoluções da ONU sobre a dívida da mulher	2º enfoque de MED: - Moderação da equidade devido às críticas - Vinculação à redistribuição com crescimento e necessidades básicas	3º enfoque de MED: (predominante) - Deterioração da economia mundial - Política de estabilização e ajuste dependente da contribuição económica dos países ricos	Enfoque mais recente: - Surgido do fracasso do enfoque da equidade - Escritas feministas e organizações populares do 3º Mundo
PERÍODO MAIS POPULAR	1950-70, ainda é popular	1975-85	De 1975 em diante, com popularidade limitada	Depois dos anos 80, hoje é o mais popular	De 1970 em diante, acelerado durante os anos 80, continua com popularidade limitada
OBJETIVO	Participação das mulheres no desenvolvimento como mulheres reais; este é considerado o seu papel mais importante no desenvolvimento	Obter maior equidade para a mulher no processo de desenvolvimento; a mulher é vista como participante ativa no desenvolvimento	Asegurar que as mulheres pobres intensifiquem a sua produtividade; a pobreza da mulher é vista como um problema do subdesenvolvimento e não de subordinação	Asegurar que o desenvolvimento seja mais eficiente e mais efetivo; a participação económica da mulher está associada à equidade	Empoderar a mulher através de uma maior autoconfiança; a subordinação da mulher não é só um problema de opressão dos homens, mas também de opressão colonial e neocolonial
NECESSIDADES SATISFEITAS E PAPEIS RECONHECIDOS DA MULHER	Satisfazer as necessidades práticas no papel reprodutivo, principalmente no que se refere à ajuda alimentar, mineração e planeamento familiar	Satisfazer as necessidades estratégicas em termos do triplo papel, através da inovação, do diálogo, da ação para baixo, por parte do Estado, dando autonomia política e económica através da redução da desigualdade entre homens e mulheres	Satisfazer as necessidades práticas no papel produtivo, ganhar salário, principalmente em pequenos projetos de geração de renda	Satisfazer as necessidades práticas em contextos em que os serviços sociais ficam reduzidos através da dependência dos três papéis das mulheres e da elasticidade do seu tempo	Alcançar as necessidades estratégicas em termos do triplo papel de modo indireto, através da mobilização de baixo para cima em torno das necessidades práticas como um meio de enfrentar a opressão
COMENTÁRIOS	A mulher é vista como beneficiária passiva do desenvolvimento. O enfoque é no seu papel reprodutivo. Não é ameaçador, por isso é muito popular entre governos e ONGs tradicionais	Identifica a posição subordinada da mulher na sua relação com os homens; enfoque desafiante; criticado como feminismo ocidental, considerado como ameaça e não é popular entre governos	A mulher pobre é isolada como uma categoria à parte, com a tendência de reconhecer apenas o seu papel produtivo. Há resistência dos governos em dar ajuda específica para as mulheres, mas ainda tem popularidade entre ONGs	A mulher é vista intrinsicamente em termos de sua capacidade de engravidar e de sua habilidade de estender o dia de trabalho; é o enfoque mais popular entre os governos e os organismos multilaterais	É desafiante, com ênfase no 3º Mundo e na autoconfiança da mulher; governos não é apoiado por governos e organismos, o que implica em um crescimento lento, mas significativo, de organizações feministas institucionalizadas

⁷³MOSER, Caroline O. N. Planificación de Género y Desarrollo. Teoría, Práctica & Capacitación. Lima, Red Entre Mujeres/Flora Tristán, 1995. pp. 94-95. Tradução livre por Ana Paula Portella.

QUADRO SINÓPTICO II: DIFERENTES ENFOQUES DE GÊNERO⁷⁴

Causa do problema	Bem-estar	Anti-pobreza	Eficiência	Equidade	Empoderamento
	Circunstâncias que estão além do nosso controle	Falta de recursos que provoca um baixo padrão de vida	Fracasso dos agentes do desenvolvimento em reconhecer o papel central das mulheres na produção e a necessidade de envolver as mulheres no desenvolvimento	Patriarcado, exploração, subordinação e opressão das mulheres pelos homens	Subordinação das mulheres, não apenas pelos homens, mas como um aspecto da opressão colonial e neo-colonial
Objetivos	Apoiar a maternidade como o mais importante papel das mulheres em nossa sociedade	Incentivar a produção e garantir que as mulheres aumentem a sua produtividade. Integrar as mulheres no desenvolvimento	Assegurar que o desenvolvimento seja mais eficiente e mais efetivo. Alimentar a nação	Garantir equidade para as mulheres no desenvolvimento incluindo gênero no processo de desenvolvimento	Empoderar as mulheres através da autoconfiança. Construir novas estruturas sociais, políticas e econômicas. Desafiar e superar as estruturas de dominação
Programas e serviços	Nutrição; planejamento familiar; saúde da família, saúde da criança através dos cuidados maternos. Atender necessidades práticas.	Treinar as mulheres em habilidades técnicas. Atividades de geração de renda em pequena escala para atingir as necessidades básicas (práticas)	Atingir as necessidades práticas num contexto de declínio dos serviços sociais. Ênfase nos três papéis das mulheres e na elasticidade do seu tempo	Reformas estruturais. Atingir necessidades estratégicas em termos do triplo papel	Atingir as necessidades estratégicas através do triplo papel, de baixo para cima e em torno das necessidades práticas para enfrentar a opressão
Tipo de mudança	Funcional	Funcional	Funcional	Estrutural	Estrutural
Tipo de liderança	Ênfase na autoridade - modelo residual do bem-estar social com ideologia da modernização	Consultiva - reprodução ideológica dos valores que reforçam o patriarcalismo e a subordinação das mulheres	Autoritária e consultiva	Participação em reformas estruturais. Intervenção do estado para reduzir desigualdade	Capacitação, participação, construção de solidariedade, superação dos receios, de baixo para cima
Tipo de serviço	Assumindo que as mulheres são beneficiárias passivas do desenvolvimento	Integração das mulheres ao desenvolvimento. Mulheres pobres como categoria isolada. Reconhecimento do papel produtivo das mulheres	Políticas de estabilização econômica e ajuste com ênfase no envolvimento das mulheres	Reformas, liberação. Mulheres vistas como participantes ativas do desenvolvimento	Transformação e liberação com autonomia diante de governos e agências.
Período mais popular	1950-70	A partir dos anos 70	Pós anos 80	1975-80	1975 em diante

⁷⁴WILLIAMS, Suzanne (with Janet Seed and Adeline Mwau. The Oxfam Gender Training Manual. UK & Ireland, Oxfam Publication, 1994. p. 226. Adapted by Adeline Ndeto Mwau from C.O.N. Moser 1989. Tradução livre do inglês por Ana Paula Portella.

QUADRO SINÓPTICO MED x GED

Características	Mulheres e Desenvolvimento (MED)	Gênero e Desenvolvimento (GED)
ENFOQUE	Concebe as mulheres como o problema. O marco explicativo se fundamenta na teoria das funções, sem se aprofundar na transformação e constituição das mesmas.	Concebe o ordenamento social como o problema. O marco explicativo se fundamenta na teoria do poder e das relações sociais.
OBJETIVO	As mulheres como categoria isolada.	As relações sociais entre homens e mulheres e a divisão sexual do trabalho.
O PROBLEMA	A exclusão das mulheres (metade dos recursos produtivos) do processo de desenvolvimento em curso.	Desequilíbrio, relações de poder e subordinação, que colocam a mulher em posição de desvantagem.
A META	Igualar a situação e as oportunidades das mulheres às dos homens; obter um desenvolvimento econômico mais eficiente.	Equilíbrio de poder em termos criativos; equidade entre os sexos. Desenvolvimento humano com sustentabilidade. Democracia e participação; homens e mulheres como sujeitos de direitos.
A SOLUÇÃO	Integrar a mulher ao processo de desenvolvimento em curso; incorporá-la ao trabalho remunerado na esfera pública.	Facilitar para as mulheres os processos de autonomia e autodeterminação; reverter as relações de subordinação determinadas pela divisão sexual do trabalho.
ESTRATÉGIAS	Aumentar a produtividade e os rendimentos das mulheres. Projetos para mulheres; o componente mulher nos projetos; projetos integrados. Utilização do tempo da mulher em atividades voluntárias; participação e gestão comunitária.	Ampliar as opções e as oportunidades, e o acesso e controle sobre recursos e benefícios. Participação autônoma das mulheres em decisões que lhes competem. Sensibilização e conscientização públicas; defesa de seus direitos.

Jogo de Transparências nº 03

Para o exercício nº 40: Princípios e Atividades Político-Educativas

PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM A PRÁTICA EDUCATIVA COM ABORDAGEM DE GÊNERO

(Ana Paula Portella & Taciana Gouveia)

Princípio	Decorrência prática	Como fazer?	Quais os riscos, se não fizer?
1. A ação educativa é também política, porque objetiva mudar as relações de injustiça presentes na vida das mulheres e reduzir as desigualdades sociais.	É preciso definir a finalidade política da ação antes de planejar a atividade educativa.	Debate entre a equipe e, de preferência, com representantes dos sujeitos-alvo sobre quais são os interesses de cada um na ação. A discussão sobre empoderamento é fundamental aqui: afinal, com esta ação queremos possibilitar o empoderamento de quem?	Perpetuar e reforçar relações de desigualdade.
2. A ação político-educativa é um processo, que não se inicia nem se encerra com uma atividade específica.	Planejar as atividades considerando a história anterior dos grupos envolvidos, seus objetivos de longo prazo e o conjunto de ações que desenvolvem no momento.	Análise de contexto, diagnósticos, diálogo entre a equipe e o grupo alvo	Comprometer os resultados da aprendizagem, avaliando-se antes da hora e sem considerar todos os fatores envolvidos. Frustração da equipe ao esperar atingir grandes objetivos apenas com atividades político-educativas

Princípio	Decorrencia Prática	Como Fazer?	Quais os riscos, se não fizer?
3. O processo educativo parte da realidade dos sujeitos, o que inclui as relações de subordinação em que estão inseridos.	É preciso conhecer os sujeitos e seus contextos antes de planejar a atividade educativa. Durante o processo educativo, este conhecimento deve ser enriquecido pelos próprios sujeitos. No caso das mulheres, o reforço à autonomia e ao empoderamento é um elemento central do próprio processo educativo.	Através de diagnósticos, levantamentos, estudos, da própria experiência prática com os grupos-alvo e através de processos coletivos de produção de informação, durante as atividades político-educativas (exercícios, diagnósticos participativos, depoimentos, exposições dos/as participantes).	Planejar atividades que não se adequam aos sujeitos e cujos resultados poderão ser inúteis.
4. Os/as educandos/as não são uma página em branco, pois já têm conhecimento e experiência acumulada. Todas as pessoas têm uma história pessoal e coletiva e um conhecimento sobre a sua realidade que é muito maior do que o dos/as educadores/as.	Trabalhar a identidade dos sujeitos, recolher informações que componham o escopo mais geral da atividade, planejar atividades que considerem a fonte de conhecimento que são os próprios sujeitos.	Permitindo a participação dos sujeitos nas atividades e considerando suas informações e experiências como conteúdos da atividade. Exercícios em grupo, debates, depoimentos são algumas das atividades que nos levam a isso.	Estabelecer uma relação de aprendizagem que é de mão única - apenas do/a educador/a para o grupo - cujos resultados são muito mais precários do que a relação de mão dupla, que permite a identificação dos sujeitos com os conteúdos e a apropriação dos conteúdos pelos sujeitos.
5. Os/as educadores/as também possuem conhecimento acumulado,	Estabelecimento da relação pedagógica de modo a permitir a apropriação do conhecimento pelo grupo.	Através de exposições, acompanhamentos, monitorias, assessorias específicas.	Dificultar o acesso do grupo a conteúdos que, por razões sócio-econômicas, dificilmente têm acesso. Como consequência, se reforça situações de desigualdade e subordinação.

Princípio	Decorrência prática	Como fazer?	Quais os riscos, se não fizer?
6. As ações político-educativas devem possibilitar o acesso dos grupos ao conhecimento acumulado e sistematizado nos diversos campos temáticos.	Incluir no planejamento conteúdos informativos e teóricos relacionados aos temas de interesse do sujeito.	Através de exposições, leituras, disponibilização de referências bibliográficas, recursos audio-visuais	Não democratizar o acesso e a apropriação do conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa. Produzir uma aprendizagem parcial, localizada, que termina por manter os sujeitos no mesmo patamar de conhecimento e informação.
7. O processo político-educativo é um processo de troca entre diferentes saberes e experiências.	A condução das atividades deve ser democrática, com espaço para que todos/as se manifestem, opinem e contribuam efetivamente para o processo.	Possibilitando o diálogo entre educadores/as e grupo-alvo, mesclando atividades onde se utilize as duas fontes de informação e reflexão. Os trabalhos em grupo e os debates são importantes aqui.	Empobrecimento dos conteúdos e resultados, com consequências na própria aprendizagem.
8. No processo político-educativo sempre estão em jogo relações de poder, algumas das quais baseadas em relações sociais.	Considerar - e não escamotear ou tentar homogeneizar - diferenças sexuais, de classe, de raça, etárias, na composição da classe e entre educadores/as e educandos/as.	Articular e confrontar diferenças de modo positivo (sem incentivar enfrentamentos) analisando-as constantemente. Mesclar atividades em grupo que juntem e separem, em diferentes momentos, as diferentes identidades presentes no grande grupo. Especial atenção deve ser dada aos grupos em situação de subordinação: mulheres diante de homens, negros diante de brancos ou mestiços, pobres diante de ricos, não escolarizados diante de escolarizados etc.	Empoderar mais o grupo que já é poderoso e, conseqüentemente, perpetuar as relações de desigualdade.

Princípio	Decorrencia prática?	Como Fazer?	Quais os riscos, se não fizer?
9. A aprendizagem envolve os sujeitos por inteiro e não apenas intelectualmente.	A história pessoal, crenças, afetos e desejos também estão presentes e devem ser considerados quando da realização de atividades educativas.	Incluindo atividades que levem à reflexão pessoal ou que trabalhem conteúdos da esfera privada, da vida emocional e subjetiva. Trabalhar os indivíduos nas atividades de preparação, apresentação e avaliações de meio-termo, considerando seus desejos e interesses na condução dos processos e na produção dos resultados.	Dificultar a identificação dos sujeitos com os conteúdos e a apropriação dos conteúdos e resultados pelos sujeitos. No caso de mulheres e negros, especialmente, pode-se com isso excluir os lugares centrais onde a experiência de subordinação e injustiça é vívida: a subjetividade e a vida privada. Com isso, perpetua-se também relações de desigualdade.

Jogo de Transparências nº 04

Para os exercícios nº 34: O Jogo do Sexo e do Gênero
nº 43: Que Diferença da Mulher o Homem Tem?

SEXO E GÊNERO

PRIMEIRAS DEFINIÇÕES

SEXO



CARACTERIZAÇÃO
ANATOMOFISIOLÓGICA
DOS SERES HUMANOS

ATIVIDADE SEXUAL
PROPRIAMENTE DITA

GÊNERO



CONSTRUÇÃO SOCIAL
DO SEXO

PERMITE A DISTINÇÃO
ENTRE AS DIMENSÕES
BIOLÓGICA E SOCIAL

**HÁ MACHOS E FÊMEAS NA ESPÉCIE HUMANA,
MAS O ATRIBUTO DE
SER HOMEM E SER MULHER
É REALIZADO NA CULTURA**

VANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

- O FOCO DESLOCA-SE DAS QUESTÕES DAS MULHERES PARA UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO UM TODO
- ENFOCA OS MECANISMOS DE SUBORDINAÇÃO DAS MULHERES PELOS HOMENS E TAMBÉM PELO MODO DE ORGANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS.
- ALCANÇA A LEGISLAÇÃO, O ESTADO, AS RELAÇÕES DE TRABALHO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CAMPO SIMBÓLICO ETC.
- ATUA SOBRE OS PLANOS MACRO E MICRO-SOCIAL.

QUEM TRABALHA COM O CONCEITO DE GÊNERO HOJE?

- FEMINISTAS
- ONGs DE DESENVOLVIMENTO
- AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL
- PROGRAMAS E POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS
- UNIVERSIDADES E CENTROS DE PESQUISA
- MOVIMENTOS SOCIAIS

O CONCEITO DE GÊNERO SEGUNDO JOAN SCOTT

GÊNERO É UM ELEMENTO CONSTITUTIVO DAS RELAÇÕES SOCIAIS,
BASEADO NAS DIFERENÇAS PERCEBIDAS ENTRE OS SEXOS.
GÊNERO É UMA FORMA PRIMEIRA DE SIGNIFICAR AS RELAÇÕES DE
PODER.

DIMENSÕES QUE CONSTITUEM E MANTÊM A Es- TRUTURA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

1. SIMBÓLICA
2. NORMATIVA
3. ORGANIZACIONAL
4. SUBJETIVA

1. DIMENSÃO SIMBÓLICA

- REFERE-SE AOS SÍMBOLOS CULTURALMENTE DISPONÍVEIS QUE EVOCAM DIFERENTES REPRESENTAÇÕES, MUITAS VEZES CONTRADITÓRIAS, DO MASCULINO E FEMININO.
- POR EXEMPLO, AS IMAGENS DE EVA E MARIA COMO GRANDES ESTEREÓTIPOS DE MULHER CONTIDOS NA BÍBLIA.

2. DIMENSÃO NORMATIVA

- REFERE-SE AOS CONCEITOS NORMATIVOS QUE INTERPRETAM O SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS.
- ESTES CONCEITOS SÃO EXPRESSOS NAS DOCTRINAS RELIGIOSAS, EDUCATIVAS, CIENTÍFICAS E JURÍDICAS E, GERALMENTE, TOMAM A FORMA DE UMA OPOSIÇÃO BINÁRIA QUE AFIRMA O SENTIDO DO MASCULINO E DO FEMININO.

3. DIMENSÃO ORGANIZADA

- REFERE-SE AOS SISTEMAS ECONÔMICOS, EDUCACIONAIS, POLÍTICOS, RELIGIOSOS, DENTRE OUTROS, QUE ESTRUTURAM E PERPETUAM AS RELAÇÕES DE GÊNERO.

4. DIMENSÃO SUBJETIVA

→ REFERE-SE AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL ONDE OS PADRÕES DE GÊNERO ATUAM DE MODO FUNDAMENTAL.

O MODO COMO ESTAS DIMENSÕES OPERAM NÃO OBEDECE REGRAS UNIVERSAIS. SEUS CONTEÚDOS E ELEMENTOS NÃO SÃO ESTÁTICOS, MAS POSSUEM UMA DINÂMICA PRÓPRIA, DADA PELA AÇÃO E INTER-RELAÇÃO DOS VÁRIOS SUJEITOS HISTÓRICOS, EM MOMENTOS HISTÓRICOS E SOCIEDADES ESPECÍFICAS.



BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA

1. AGUIRRE, Rosario & FASSLER, Clara. *Qué Hombres? Qué Mujeres? Qué Familias?* in **Familias Siglo XXI**. Santiago, Isis Internacional, 1994.
2. ÁVILA, Maria Betania & PORTELLA, Ana Paula. **O Valor Social do Trabalho Doméstico**. Recife, Sindicato dos Trabalhadores Domésticos na Área Metropolitana da Cidade do Recife/SOS CORPO, 1997.
3. CORRÊA, Sonia. **Relações Desiguais de Gênero e Pobreza**. Recife, SOS CORPO, 1996. 2ª edição.
4. FOUGEYROLLAS-SCHNEBEL, Dominique. *Formas de Família e Socialização. Novos Desafios*. in **Estudos Feministas**. N° especial, 2º semestre/1994. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, 1994.
5. JELLIN, Elizabeth. *Las Familias en América Latina* in **Familias Siglo XXI**. Santiago, Isis Internacional, 1994.
6. PORTELLA, Ana Paula. **Refletindo a Vida no Sertão**. Recife, SOS CORPO, 1996.
7. PORTELLA, Ana Paula. **Relato de Uma Experiência de Sensibilização com Dirigentes Sindicais Rurais**. Recife, 1995, mimeo.
8. SCOTT, Perry. *O Homem na Matrifocalidade: Gênero, Percepção e Experiências do Domínio Doméstico*. in **Cadernos de Pesquisa**, 73. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, maio/1990.

FEMINISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS

9. ÁVILA, Maria Betania. **Alianças e Parcerias do Movimento de Mulheres**. Comunicação apresentada no VIII Encontro Internacional Mulher e Saúde, Rio de Janeiro, 1997. mimeo.
10. BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
11. CASTRO, Mary Garcia. *O Conceito de Gênero e as Análises sobre Mulher e Trabalho: Notas sobre Impasses Teóricos*. in **Cadernos CRH: Economia Global, Cidadania e Democracia**. n° 17, jul-dez/1992. Salvador, Fator, 1992.
12. COLLIN, Françoise. **Práxis da Diferença. Notas sobre o Trágico do Sujeito**. Recife, SOS CORPO, 1996. 4ª edição.
13. COLLIN, Françoise. **A Mesma e as Diferenças**. Recife, SOS CORPO, 1996. 4ª edição.
14. DEL RE, Alisa. **Práticas Políticas e Binômios Teóricos no Feminismo Contemporâneo**. Recife, SOS CORPO, 1996. 4ª edição.
15. GOUVEIA, Taciana. **Repensando Alguns Conceitos**. Recife, PIMES/UFPE, 1993.
16. JELLIN, Elizabeth. **Ante, De, En, Y? Mujeres, Derechos Humanos**. Lima, Red Entre Mujeres, 1994.
17. JELIN, Elizabeth. *Mulheres e Direitos Humanos*. in **Estudos Feministas**, vol 2, n° 3. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, 1994.
18. JELIN, Elizabeth. *Construir a Cidadania: Uma Visão desde Baixo*. in **Lua Nova**, n° 33, São Paulo, 1994.
19. PAOLI, Maria Celia. *As Ciências Sociais, os Movimentos Sociais e a Questão do Gênero*. in **Novos Estudos**. n° 31. São Paulo, Cebrap, out/1991.
20. SAFFIOTI, Heleieth & MUNOZ-VARGAS (org). **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro, UNICEF/NIPAS/Rosa dos Tempos, 1994.
21. TOURAINE, Alain. **Palavra e Sangue**. São Paulo, Trajetória Cultural, 1989.

GÊNERO: ASPECTOS TEÓRICOS E POLÍTICOS

22. ÁVILA, Maria Betania. *Gênero, Desenvolvimento e Democracia*. Recife, 1996, mimeo.
23. BARRIG, Maruja & WEHKAMP, Andy (ed). *Sin Morir en el Intento Experiencias de Planificación de Género en el Desarrollo*. Lima, NOVIB/Entre Mujeres, 1994.
24. BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. *Autonomia/Submissão do Sujeito e Identidade de Género*. In *Cadernos de Pesquisa*, nº 85. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1993.
25. CAMURÇA, Sílvia e GOUVEIA, Taciana. *O que é Género*. Recife, SOS CORPO, 1997.
26. CORRÊA, Sonia. *Palestra sobre Género*. in *Workshop Relações de Género-ABONG*. Rio de Janeiro, 1997. mimeo.
27. DE BARBIERI, Teresita. *Sobre a Categoria Género: Uma Introdução Teórico-Metodológica*. Recife, SOS CORPO, 1993.
28. GOMARIZ, Enrique. *Los Estudios de Género y sus Fuentes Epistemológicas: Periodización y Perspectivas in Fin de Siglo. Género y Cambio Civilizatorio*. Santiago, Ediciones de las Mujeres, nº 17, Isis Internacional, 1992.
29. HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e Hierarquia. A Costela de Adão Revisitada*. in *Estudos Feministas*, vol 1, nº 1. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, 1993.
30. KOFES, Suely. *Categorias Analíticas e Empíricas: Género e Mulher. Disjunções, Conjunções e Mediações*. in *Cadernos PAGU. De Trajetórias e Sentimentos*. nº 1. Campinas, Unicamp/Núcleo de Estudos de Género, 1993.
31. MEYER, Dagmar. *Do Poder ao Género: Uma Articulação Teórico-Analítica*. In LOPES, MEYER & WALDOW. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
32. MOSER, Caroline. *La Planificación de Género en el Tercero Mundo. Enfrentando las Necesidades Prácticas e Estratégicas de Género*. in GUZMÁN, V.; PORTOCARRERO, P. & VARGAS, V. (ed). *Una Nueva Lectura: Género en el Desarrollo*. Lima, Entre Mujeres, 1991.
33. MOSER, Caroline. *Planificación de Género y Desarrollo. Teoría Práctica y Capacitación*. Lima, Entre Mujeres/Flora Tristán, 1995.
34. PORTELLA, Ana Paula. *Gênero e Classe: Observações Iniciais*. Recife, SOS CORPO, 1992, mimeo.
35. RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex*. in REITER, Rayna (Ed.). *Towards an Anthropology of Women*. Columbia U. P., 1979.
36. SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife, SOS CORPO, 1996. 3ª edição.
37. SUARÉZ, Mireya. *As Categorias "Mulher" e "Negro" no Pensamento Brasileiro*. IV Encontro Nacional da ANPOCS. Caxambu, 1991, mimeo.

GÊNERO E DESENVOLVIMENTO

38. ANDERSON, Jeanine; VARGAS, Virginia; PORTOCARRERO SUAREZ, Patricia; FULLER, Norma et alii. *Estratégias de Desarrollo: Intentando Cambiar la Vida*. Lima, Flora Tristán, 1993.
39. ANDERSON, Jeanine. *Intereses o Justicia. Adonde va la Discusión sobre la Mujer e el Desarrollo*. Lima, Entre Mujeres, 1992.
40. BARRIG, Maruja & WEHKAMP, Andy (Org.) *Sin Morir en el Intento: Experiencias de Planificación de Género en el Desarrollo*. Lima, Novib/Entre Mujeres, 1994.
41. GARCIA CASTRO, Mary. *A Dinâmica entre Classe e Género na América Latina: Apontamentos para uma Teoria Regional do Género*. in *Mulher e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro, IBAM/ENSUR/NEMPP/UNICEF, 1991.

42. PORTOCARRERO, Patricia (Ed.) **Mujer en el Desarrollo. Balance y Propuestas**. Lima, Flora Tristán, 1990.
43. SANTA CRUZ, Adriana; AGUILAR, Estela Suarez; RIVERA, Márcia *et alli*. *Desenvolvimento Social*. in **Especial Mujer/Fempress**. Rio de Janeiro, Rede de Comunicação Alternativa da Mulher ILET, 1994.
44. SEM, Gita & GROWN, Carea. **Desenvolvimento, Crise e Visões Alternativas: Perspectivas das Mulheres do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/DAWN-MUDAR, 1988.

GÊNERO E QUESTÃO URBANA

45. BARRIG, Maruja. *Apontes para una Reflexión sobre la Mujer y los Gobiernos Locales*. in RUIZ, Carmen(ed) **Mujer, Género y Desarrollo Local Urbano**. La Paz, Ediciones Gregoria Apaza, 1993.
46. CALIÓ, Sonia. *Re-ler a Cidade no Feminino: Uma Proposta de Reforma Urbana do Ponto de Vista das Mulheres*. Apresentado na Conferência da Comissão do Desenvolvimento do Terceiro Mundo da UGI, São Paulo, 1991. mimeo.
47. CAMURÇA, Silvia e GOLVEIA, Taciana. **Cidade Cidadania, Um olhar a partir das Mulheres**. Recife, SOS CORPO, 1995.
48. COSTA, Delane & NEVES, M^a das Graças. *Nem Tanto ao Mar nem Tanto a Terra: Uma Perspectiva das Ações Municipais Voltadas para a Mulher*. Apresentado no 1º Encontro Enfoque Feminista e as Tradições Disciplinares na Ciência e na Academia. Desafios e Perspectivas. Niterói, 1994. mimeo.
49. LAVINAS, Lená. *Gênero, Cidades e Políticas Públicas*. In. RIBEIRO, Luiz César & JÚNIOR, Orlando. (ed.) **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.
50. QUEIROZ, Tereza. **Identidad de Género y Poder Local en El Espacio Possible. Mujer en el Poder Local**. Santiago, Isis Internacional, 1993.
51. SCOTT, Perry. *O Homem na Matrifocalidade: Gênero, Percepção e Experiências do Domínio Doméstico*. in **Cadernos de Pesquisa**, 73. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, maio/1990.

GÊNERO E A QUESTÃO RURAL

52. CAMURÇA, Silvia e GOUVEIA, Taciana. **O que é Gênero? Um Novo Desafio para a Ação das Mulheres Trabalhadoras Rurais**. Recife, DED/MMTR/SOS CORPO, 1995.
53. CAPPELIN, Paola. *Trabalhadoras Rurais e Aspirações Feministas: Um Diálogo em Curso*. in CUT/CEDI. **Camuflagem e Transparência: as Mulheres no Sindicalismo**. São Paulo, s.d.
54. FAO/Oficina Regional da América Latina e Caribe. **Mujeres Rurales de America Latina y Caribe: Hacia la Construcción de una Red de Instituciones y Organismos de Apoyo**. Chile, 1993.
55. LAVINAS, Lena & CAPPELIN, Paola. *Gênero e Classe: Mulheres Trabalhadoras Rurais*. in CUT. **Mulheres Trabalhadoras Rurais**. São Paulo, 1991.
56. LAVINAS, Lena. *O Trabalho Feminino na Área Rural*. in CUT. **Não é blá-blá-blá... Mulher Trabalhadora**. São Paulo, 1988.
57. LAVINAS, Lena. *Mulheres Trabalhadoras Rurais: Abrindo Novos Rumos no Sindicalismo*. in CUT. **Mulheres Daqui e de Lá... Diálogo entre Trabalhadoras do Brasil e Quebec**. São Paulo, 1992.
58. PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Sistemas de Produção: Uma Perspectiva de Gênero*. In. **Revista Proposta** nº 71, Rio de Janeiro, FASE, fevereiro de 1997.
59. PORTELLA, Ana Paula. **Refletindo a Vida no Sertão**. Recife, SOS CORPO, 1996.

59. PORTELLA, Ana Paula. **Relato de uma Experiência de Sensibilização com Dirigentes Sindicais Rurais**. Recife, 1995. mimeo.
60. SAFFIOTTI, Heleieth & FERRANTE, Vera B. **A Mulher e as Contradições do Capitalismo Agrário**. VII Encontro da ANPOCS, Águas de São Pedro, 1983. mimeo.
61. SUÁREZ, Miréya & LIBARDONI, Marlene. **Mulheres e Desenvolvimento Agrícola no Brasil: uma Perspectiva de Gênero**. Brasília, IICA, 1992.

METODOLOGIAS COM ABORDAGEM DE GÊNERO

62. CORRÊA, Sônia. **Gênero: Reflexões Conceituais, Pedagógicas e Estratégicas**. Recife, SOS CORPO, 1996. 2ª edição.
63. GÓUEVA, Taciana & PORTELLA, Ana Paula. **Oficinas de Capacitação: Gênero e Desenvolvimento. Módulos I, II e III**. Recife, SOS CORPO, 1997.
64. HARBERMEIER, Kurt. **Como Fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural**. Recife, SACTES/DED/Centro Sabiá, 1995.
65. Institute of Philippine Culture. **Workshops as Fora for Gender Advocacy**. Manila, Ateneo de Manila university, 1992. mimeo.
66. INSTRAW. **Select Guidelines and Checklists for Women in Development**. s.l., 1987. mimeo.
67. MURTHY, Ranjani K. **Issues and Strategies in Gender Training of Men and Women in NGOs**. Paper prepared for Tools for Gender Trainers Workshop, Amsterdam, 1993. mimeo.
68. OVERKHOLT, C.; ANDERSON, M. B.; CLOUD, K. & AUSTIN, J. **A Case Book: Gender Roles in Development Projects**. s.l., s.d., mimeo.
69. OXFAM. **East & South East Asia. Gender and Development Workshop**. Bangkok, Thailand October 1988.
70. PORTELLA, Ana Paula. **Apostila de Metodologia nº 1**. Recife, SOS CORPO, 1996.
71. PORTELLA, Ana Paula. **Orientações Metodológicas: O Processo de Pesquisa**. Recife, SOS CORPO, 1995.
72. VIEZZER, Moema; ZIMMERMANN, Neusa & KUCHEMANN, Berlinda Astrid (org.). **Relações de Gênero no Ciclo de Projetos**. SP/DF, Rede Mulher de Educação, 1996.
73. URDANG, Stephanie. **Gender and Development Training Workshop**. Training Section, UNDP. mimeo.
74. ZUNIC, Liliana. **Building on the Basis of our Own Experience. Gender Workshop of the Andean Region**. Peru, 12th to 14th April 1989.

MULHERES NO BRASIL

75. BRUSCHINI, Cristina (Org.) **Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Marco Zero, 1994.
76. NEVES, Maria da Graça & COSTA, Delaine Martins. **Mulher e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro, IBAM/ENSUR/NEMPP/UNICEF, 1991.
77. PORTELLA, Ana Paula. **Negociando Direitos Reprodutivos. Relatório Preliminar de Pesquisa**. International Reproductive Rights Research Action Group-IRRAG/SOS CORPO. Recife, 1995.
78. SAFFIOTTI, Heleieth & MUÑOZ-VARGAS (org.). **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro, UNICEF-NIPAS/Rosa dos Tempos, 1994.
79. SAFFIOTTI, Heleieth (Org.) **Uma Questão de Gênero**. RJ/SP, Rosa dos Tempos/FCC, 1992.
80. UNICEF/FENAPE. **Gênero e Geração de Renda**. SP, 1990.